**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBI/USP**

Tatiana da Silva Calsavara

A Militância Anarquista Através das Relações Mantidas por João Penteado –
Estratégias de Sobrevivência Pós anos 20

São Paulo
2012

TATIANA DA SILVA CALSAVARA

A Militância Anarquista Através das Relações Mantidas por João Penteado –
Estratégias de Sobrevivência Pós anos 20

Tese de doutorado apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo

Área de Concentração:
História da Educação e Historiografia

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação
Serviço de Documentação da Faculdade de Educação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Calsavara, Tatiana da Silva

A Militância Anarquista Através das Relações Mantidas por João Penteado – Estratégias de Sobrevivência Pós anos 20/ Tatiana da Silva Calsavara/ Orientadora Carmen Sylvia Vidigal Moraes, São Paulo, 2012.

Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, 2012.

1. Educação Libertária. 2. Movimento Operário no Brasil. 3. Militância Anarquista. 4. Correspondência como fonte histórica. 5. Estratégias de sobrevivência da militância anarquista.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A Militância Anarquista Através das Relações Mantidas por João Penteado – Estratégias de Sobrevivência Pós anos 20.**

Tese apresentada à
Faculdade de Educação
da Universidade de São
Paulo para obtenção do
título de Doutor em
Educação

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Doutor: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Doutor: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha filha Clara, com todo o meu amor.

*Um coração
De mel, de melão
De sim e de não
É feito um bichinho*

*No Sol de manhã
Novelo de lã
No ventre da mãe
Bate o coração*

De Clara (...)

Joyce

Agradecimentos

À minha querida orientadora Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes, pela orientação, apoio e estímulo contínuo transmitido durante todo este trabalho, por ter acreditado e confiado em mim.

À querida Profa. Dra. Dóris Accioly e Silva, por suas sugestões, carinho e apoio ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

À querida Profa. Cecília Hanna Mate que também esteve presente em minha vida acadêmica desde o mestrado na Faculdade de Educação.

À querida Profa. Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura que faz parte da minha história acadêmica desde a graduação no curso de História e que agora, no doutorado, me deu valiosas orientações e encaminhamentos para a finalização da tese.

À querida Profa. Zilda Marcia Gricoli Iloki. Com ela iniciei as pesquisas sobre anarquismo durante a graduação em História, com Bolsa de Iniciação Científica pela FAPESP.

À todos os professores convidados para participar da banca, agradeço a presença e as considerações valiosas sobre este trabalho.

Aos amigos e companheiros do Grupo de Pesquisa João Penteadó: Luciana Eliza dos Santos, Ana Paula Martins, Daniel Righi, Débora Pereira, Flávia Andrea Machado Urzua, Fernando Antonio Peres, Iomar Barbosa Zaia e Fernanda Cristina Pedrinelli. Participar do grupo, das discussões, das idas aos arquivos, do levantamento de documentação, dos congressos e de outros eventos foi essencial para a viabilização e elaboração deste trabalho.

Aos companheiros da Biblioteca Terra Livre. Tem sido muito bom poder trocar com vocês o desenvolvimento de nossas pesquisas.

À Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos funcionários dos arquivos consultados: CME, AEL, CEDEM, UEIM, Arquivo do Estado, Torre do Tombo, locais preciosos em que recolhi dados, informações e fontes de pesquisa para este trabalho.

Ao Prof. Dr. Antonio Nóvoa que me recebeu na Universidade de Lisboa para uma conversa e orientações sobre a obra de Adolfo Lima, na Escola Oficina No. 1.

A Profa. Dra. Guadalupe Teresinha Bertussi, da Universidad Pedagógica Nacional, que recebeu a mim e à Profa. Carmen no México quando estivemos em 2010 divulgando dados parciais das pesquisas em duas universidades.

A toda a minha família, meus pais, meus irmãos, sobrinhos, cunhados, tios e primos que em todo o momento me apoiaram, me ajudaram de várias maneiras, sempre presentes e compreensivos nessa minha caminhada.

Aos amigos: Luciana Pontes Rodrigues de Lima, Eliane Crespo, Kátia Cristina Kenez, Airton Eiras, Sandra Torquato Bronzate, Maria Graciete Pinto Carneiro, Laércio Menezes da Silva, Renata Martins, Luciano Felipe dos Santos, Josete Lima dos Santos e Marcelino Carvalho muito obrigado pelo apoio em diferentes momentos desse trabalho.

A Deus pela oportunidade de realizar esse trabalho e concluir o doutorado, por tudo que Ele significa na minha vida, obrigado Senhor!

*A Chama canta, salta e corre,
O velho burgo tomba enfim...
Oh! Quanto abutre cai e morre!
Oh! Quanto abutre em seu festim!
De face a ardear, que a chama cresta!
Ó párias nus, vindes dançar
Que esta fogueira é nossa festa!
A chama a crepita!
Em círculo formai!
Dançai!
Dançai!
De archote aceso o mundo iluminai!*

Neno Vasco

Sumário

RESUMO	12
Abstract	14
INTRODUÇÃO	16
Capítulo 1 – Uma biografia do educador João Penteado.....	28
Capítulo 2 – Concepções anarquistas de educação – da teoria à prática.....	41
2. 1. Escola Moderna de Barcelona.....	70
2.2. A Escola de Iasnaia Poliana	73
2. 3. Orfanato Prévost	80
2. 4. La Ruche	84
2. 5. Escola Oficina No. 1	89
2.6. A Escola Moderna de São Paulo.....	96
2. 7. Educadores libertários, militância e formas de resistência.....	100
Capítulo 3 - Correspondência como fonte histórica	105
3. 1. Elenco de destinatários	105
3. 2. Outros nomes citados na correspondência	109
3. 3. Correspondência de João Penteado.....	114
3.4. As deportações e a repressão ao anarquismo	139
3.5. Resistência – práticas libertárias do Educador João Penteado e de seus companheiros..	146
Capítulo 4 – João Penteado, um Gráfico Libertário e Anticlerical Combativo	160
Considerações finais.....	169
Anexos – Cartas e Artigos de João Penteado	173
Bissau, 7 de agosto de 1921	174
Jaú, 16 de março de 1945	177
Cambuí, 30 de junho, 1951	178
Cambuí, 12 de fevereiro de 1954.....	180

Cambuí 24 -1 -55	181
Cambuí, 8 de janeiro de 1957	182
Cambuí, 25 out 1957	184
Cambuí, 17- 4- 62	185
S. Paulo, 3 de maio de 1949	187
São Paulo, outubro de 1920	189
Poços, 18 de abril de 1950	193
Poços de Caldas, 7 de agosto de 1944	195
Poços de Caldas 30-10-954	196
Poços de Caldas, 25 de outubro de 1955.....	198
S/D – De Adelino de Pinho	199
São Paulo, 15 de maio de 1957	200
1957/1958 De João Penteado para Rodolfo Felipe	201
São Paulo, 20-5-958	202
São Paulo, 9 de outubro de 1958.....	204
São Paulo, 22 de novembro de 1958	205
São Paulo, 8 de outubro de 1958.....	207
São Paulo, 30 de junho de 1959.....	208
S/D De João Penteado para Adelino de Pinho	210
20-2-1950, De Zeferino Oliva para João Penteado	212
Textos de João Penteado publicados na Imprensa Operária e Libertária.....	214
1. Apelo aos gráficos	214
2 - Escola Moderna.....	217
3 - A Escola Moderna ou Racional.....	220
4 - Que comparação!.....	223
5 – 13 de Outubro.	225
7 - Lobo entre Ovelhas	231

8 - Lobo Entre Ovelhas	234
9 - Uma boa idéia – A propósito da organização do proletariado infantil.....	237
A Instrução Pública.....	240
A Doutrina Libertária e Seus Adversários.....	243
CRONOLOGIA	250
REFERÊNCIAS.....	269
Livros:	269
Periódicos:.....	277
Siglas:.....	277
Acervos Consultados:	278
Sites:	278

RESUMO

Calsavara, Tatiana da Silva. **A Militância Anarquista Através das Relações Mantidas por João Penteado – Estratégias de Sobrevivência Pós anos 20.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

Este trabalho¹ tem por objetivo resgatar a militância do educador anarquista João Penteado após o fechamento da Escola Moderna do Belenzinho, em 1919, buscando traços de continuidade das práticas libertárias até então presentes no cotidiano escolar². Fora do ambiente da escola, o professor João Penteado manteve relações de amizade e militância com libertários como Rodolfo Felipe, Edgard Leuenroth, Pedro Catalo, Adelino de Pinho, José Oiticica entre outros, o que pode ser verificado nas correspondências³ trocadas entre eles que, muitas vezes, referem-se à importância de se manter a escola dirigida por João Penteado como parte importante do processo de resistência da militância anarquista em um momento de intensa repressão e vigilância das autoridades e da polícia. As questões colocadas pela militância anarquista a partir do fechamento da Escola Moderna relacionam-se às mudanças vividas pelo operariado no contexto político e social do período (tanto local quanto mundial). Neste momento verifica-se uma significativa produção de obras com conteúdo libertário, ainda que só houvesse “espaço para o estudo das classes

1 Esta tese de doutorado deu continuidade ao trabalho por mim desenvolvido durante o mestrado no programa de História da Educação e Historiografia sob a orientação da Professora Doutora Carmem Sylvia Vidigal de Moraes, defendido na Faculdade de Educação (USP) em maio de 2004. “Práticas da Educação Libertária no Brasil – a experiência da Escola Moderna em São Paulo”.

2 Como explicado na nota anterior, no mestrado estudei as práticas libertárias das duas escolas dirigidas pelo professor João Penteado, no Brás e no Belenzinho, até o seu fechamento pelas autoridades republicanas em 1919. Este projeto procura dar continuidade ao estudo de formas de resistência dessas práticas após esse período.

3 A correspondência citada faz parte do Acervo do Professor João Penteado e se encontra no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Trata-se de documentação inédita, ainda não utilizada em nenhum estudo sobre educação libertária e a continuidade do movimento anarquista no Brasil. Toda a pesquisa realizada através do tema proposto para o meu doutorado parte do conteúdo das cartas em questão.

dominantes”.⁴ Através da trajetória de João Penteado pretendemos identificar, portanto, as formas de resistência de seu grupo nesse período de crise, as questões que os envolveram, e a forma como essa resistência está presente na ideia de educação que eles defendiam.⁵

Palavras-chave: João Penteado. Militância anarquista. Educação libertária. Correspondência. História da educação.

4 Ver *Historiografia Brasileira em Perspectiva* – Editora Contexto. São Paulo, 1998. Batalha, Cláudio H. M. *A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências*. Pág. 145.

5 As cartas citadas fazem parte do acervo do Arquivo Pessoal de João Penteado, localizadas no Centro de Memória da Educação, na FEUSP. A Criação do Centro de Memória está ligada às preocupações com as pesquisas em História da Educação e com a preservação e manutenção de acervos importantes, buscando promover a organização de projetos articulados em torno de eixos temáticos. Ver MORAES, Carmem Sylvia Vidigal et al. *O Centro de Memória da Educação (FEUSP): pesquisas e fontes documentais em História da Educação*.

ABSTRACT

Calsavara, Tatiana da Silva. **The Anarchist Militancy through relations maintained by João Penteado – Survival strategies after 20s.** 2011. Doctoral Thesis (PhD). Faculty of Education of the University of São Paulo, 2011.

This job aims to rescue the militancy of the anarchist educator João Penteado after the closing of Belenzinho Modern School, in 1919 seeking traces of continuity of libertarian practices until then, present in daily life. Outside the school environment, teacher João Penteado maintained friendly relations and militancy with libertarians as Rodolfo Felipe, Edgard Leuenroth, Pedro Catalo, Adelino de Pinho, José Oiticica and others which can be verified in letters exchanged between them that often refer to the importance of maintaining the school run by João Penteado as important part of the process of anarchist militancy resistance at a time of intense repression and surveillance of the authorities and the police. The issues raised by the anarchist militancy from the closing of the modern school relate to changes experienced by workers in the social and political context of the period (either local or worldwide). At the moment there is a significant production of works with libertarian content, even though there were only "space for the study of the dominant classes." Through the course of John Barbour, we intend to identify, therefore, the forms of resistance of their group in this period of crisis, the issues involved, and how this resistance is present in the idea of education that they defended.

Keywords: João Penteado. Anarchist militancy. Libertarian education. Correspondence. History of education.

6 Foto do Educador João Penteadó, No. 09. Imagens Pessoais, do Inventário de Fontes do Acervo João Penteadó, CME.

INTRODUÇÃO

João Penteado e seus alunos (1913)

*A solidariedade humana e a paz internacional, que constituem a suprema aspiração moderna, dependem apenas de uma coisa que é a instrução, não porém dessa instrução que se destina somente aos privilegiados, mas sim da que trás consigo o grande objetivo de iluminar as consciências das classes menos favorecidas da fortuna*⁸.

João Penteado

A escolha por estudar a trajetória de João Penteado, relacionada à militância anarquista no Brasil, tem relações com a minha própria trajetória como historiadora e educadora. Quando, na iniciação científica, estudei a Greve Geral de 1917, descobri o anarquismo e os anarquistas. O movimento anarquista no Brasil, apesar dos inúmeros estudos surgidos nos últimos anos, ainda é desconhecido, mesmo no meio acadêmico.

Considerando que grande parte dos historiadores do movimento operário no Brasil apresentam o anarquismo como movimento “derrotado”, “ultrapassado” e com sistemática perda de influência sobre o operariado a

7 Imagem fornecida pelo Sr. Alvaro Alfaro.

8 Citação de João Penteado, extraída do texto *A Instrução Pública*. Texto extraído dos cadernos de João Penteado, localizados na UEIM, UFSCar.

partir dos anos 20, é relevante observar e destacar o grande temor por parte do Estado republicano no que se referia à sua propagação no Brasil neste período. Os prontuários do DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), por exemplo, revelam a intensa vigilância da polícia sobre os militantes considerados “perigosos” e “subversivos” durante e após os anos vinte.

Dentro deste contexto, Adelaide Gonçalves e Jorge e Silva ressaltam a importância da historiografia marxista sobre o movimento operário:

(...) ao escreverem sobre o anarquismo, esses autores não só contribuíram para divulgar episódios e dados sobre o movimento e seus militantes como nos permitem compreender os pontos de vista dos adversários, a visão das outras correntes de pensamento e as polêmicas que opuseram os libertários a outras correntes dentro do movimento operário e socialista. (Gonçalves, 2001: 8)

Boris Fausto apesar de criticar as “limitações do anarquismo na instância política” em suas tentativas de organização das classes populares, destaca a importância da “ênfase na crítica da cultura e das instituições”, “sua crítica ao sistema educativo e à Igreja, a família burguesa através da igualdade dos sexos, volta-se contra os núcleos básicos de reprodução do sistema e do comportamento autoritários da época”. (Fausto, 1986: P. 80 e 81) Porém, o autor identifica a liderança anarquista como uma das responsáveis pelos “limites estruturais impostos ao movimento operário” no início do século XX.

Do ponto de vista organizatório, a óbvia consequência da recusa da instância política consistiu em não formular o problema do partido como núcleo agregador de interesses. No plano sindical, as concepções espontaneístas tiveram efeito particularmente desorganizador, nas condições de um país que oferecia enormes dificuldades a qualquer tipo de organização. (Fausto, 1986: 247)

Leôncio Basbaum também considera o movimento anarquista imaturo, incapaz de atender às necessidades dos trabalhadores no campo político e ideológico:

Consideravam a política uma invenção burguesa, falavam por demais em tiranos, sem compreender sua origem econômica e significação política. Restringiam sua atividade à luta por reivindicações econômicas, sempre à espera de que um dia uma Revolução pendurasse os padres e capitalistas nos postes, para instaurar o anarquismo, isto é, um hipotético regime social sem governo. (Basbaum. 1975-76: 208)

Já a visão que Dulles têm da história do anarquismo no Brasil pode ser pensada a partir dos títulos que confere aos capítulos e subcapítulos em *Anarquistas e Comunistas no Brasil*: A apreensão de Spartacus conduz à **desordem**; O grande **fracasso** anarquista de outubro de 1919; O **problema** ideológico; A **conversão** de Brandão; A **cisão** prejudica a reorganização trabalhista; **Anarquistas contra** Bolcheviques; Astrojildo **ridiculariza** Fábio Luz; Leuenroth **se afasta** do movimento; Evidência da **debilidade** do anarquismo no Rio de Janeiro; Primeiro de Maio de 1924: revela-se a **desorganização**.

Nesta mesma linha teórica, Hobsbawm em *Revolucionários* aponta o *fracasso dos revolucionários sindicalistas e libertários*.

(...) confirmado em 1918-20, contrastava notoriamente com a vitória dos bolchevistas russos. Na verdade, selava pelo menos nos próximos cinquenta anos o destino do anarquismo como uma importante força independente de esquerda, salvo no caso de alguns poucos países excepcionais. (Hobsbawm. 1985: 71)

Como pode ser observada, a conversão ao comunismo era o caminho considerado como natural. A resistência anarquista era vista como motivo da desordem que se instalava entre o operariado brasileiro. Mas que outras

questões podem ser levantadas através da documentação a respeito desse período de cisão? O que dizem os anarquistas sobre esse momento histórico? Como reagiram? Sumiram do mapa após a fundação do PCB?

Na contramão das análises marxistas sobre o movimento anarquista no Brasil, e mais especificamente na cidade de São Paulo, que desconsideram as atividades da militância pós 1922, nos anos 30 é intensa a preocupação das autoridades com as atividades desenvolvidas pelos libertários. O prontuário de número 1553 do inventário do DEOPS traz informações sobre o jornal anticlerical *A Lanterna*, do qual João Penteado era membro⁹. As atividades relacionadas ao jornal eram constantemente vigiadas e registradas por investigadores. No prontuário há um exemplar de 20 de junho de 1933 junto a um panfleto. Traziam informações sobre o reaparecimento do jornal, assim como um convite para uma conferência a ser proferida por Isabel Cerruti, Gusmão Soler, Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho. Há um convite de 1934 para a comemoração do primeiro ano de sua nova fase e João Penteado é um dos anticlericais que o assina.

Também, através dos prontuários do DEOPS, foram localizadas informações sobre as atividades desenvolvidas por Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth nos anos 30 e 40. Adelino de Pinho aparece como o responsável pela distribuição do jornal *A Plebe* nos anos 30. Assim, a documentação pesquisada e a produção libertária da primeira metade do século XX trazem novos elementos para a compreensão das atividades de uma militância resistente, que sobreviveu à repressão, à fundação do PCB e ao governo Vargas, mas encontrou dificuldades na formação de novos quadros.

Assim, a atuação dos libertários no Brasil nos anos 30, pouco registrada pela historiografia revela-se bastante significativa através da documentação pesquisada: prontuários do DEOPS, Imprensa Libertária e Operária, publicação de livretos e opúsculos, depoimentos de militantes entre outros. O Centro de Cultura Social é criado em 1933 e João Penteado é um de seus fundadores, permanecendo ligado a ele até o momento de sua morte. Também em 1933

⁹ João Penteado era membro da comissão executiva do jornal *A Lanterna*.

são criados o Comitê Antifascista e o Comitê Antiguerreiro. O primeiro tinha à frente libertários como Edgard Leuenroth e José Oiticica, combatia o fascismo, reivindicava o ensino leigo, a separação entre Igreja e Estado, a luta pela liberdade de pensamento e de reunião. O segundo além de combater o integralismo, procurava unir trabalhadores de diferentes correntes ideológicas e posicionava-se contra as guerras imperialistas. É em novembro de 1934 que se dá o embate entre anarquistas e integralistas na Praça da Sé, em São Paulo. Muitos militantes libertários são presos durante a década de 30, momento em que Getúlio Vargas chega ao poder.

Intelectuais como Flávio Luizetto, Marinice Fortunato, Foot Hardman, Silvio Gallo e Paulo Guiraldelli Jr. abordaram a questão da educação racionalista, porém enfatizaram apenas o período que compreende o processo inicial de industrialização no Brasil até o fechamento das escolas modernas, dirigidas por João Penteado, em 1919, no Brás e no Belenzinho. A educação libertária e as atividades anarquistas mantidas após esse período são citadas em poucos trabalhos. Raquel Azevedo, em *A resistência anarquista – uma questão de identidade (1927-1937)* procura demonstrar a sobrevivência dos sindicatos e grupos libertários entre 1927 e 1937 no Brasil, buscando traços de continuidade com sua intensa atividade no início do século XX. Lucia Parra, em *Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP*, também apresenta questões ligadas à resistência anarquista no período, estabelecendo um perfil político e social do movimento, com base na nacionalidade, profissão, raça e religião de seus membros. Dedicar atenção particular ao discurso policial referente aos militantes investigados e fichados pelo DEOPS.

O encerramento da experiência anarquista, enquanto manifestação pública, ocorreu em novembro de 1935, após o Levante Comunista. Houve, porém, tentativas isoladas de manifestação até a instauração do Estado Novo, em 1937 (...). (Azevedo. 2002: 22)

Os dois trabalhos estão fortemente relacionados à questão da perseguição sofrida pelos anarquistas no período, as dificuldades de organização e ação que enfrentaram e as formas de resistência que criaram como forma de preservar a identidade libertária. Alexandre Samis em *Clevelândia – Anarquismo, Sindicalismo e Repressão Política no Brasil* conta a história do campo de prisioneiros políticos construído na Colônia Agrícola da Clevelândia, no Amapá, durante o Governo Artur Bernardes. Rodrigo Rosa da Silva, em *Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e Repressão Política em São Paulo (1930-1945)* demonstra, através da documentação pesquisada, a sobrevivência do anarquismo nos anos 30, suas atividades relacionadas à prática sindical, política e cultural. A documentação, periódicos libertários e prontuários da polícia política, evidenciam a intensa agitação anarquista nos primeiros anos pós Revolução de 30, passando pelas ondas repressivas de 1935 a 1937, chegando a meados da década de 40. Apesar desses trabalhos, o movimento libertário mantido depois dos anos 20 é geralmente abordado pela historiografia de forma indireta, sobretudo em obras que têm como foco central o PCB e a legislação trabalhista. Edgard Carone, por exemplo, apresenta em suas obras a *fraqueza* do anarquismo frente à expansão comunista, desprestigiando-o como movimento social representativo da classe operária. Porém, em uma análise mais atenta da trajetória da militância libertária, dos documentos apreendidos pelo DEOPS, do discurso dos investigadores e das associações que continuaram a se formar no período, pode-se observar que essa posição precisa ser revista, com o objetivo de recuperar o papel histórico, político e social desempenhado por essa militância.

A falta de maturidade do movimento operário, no entanto, obriga-o a insistir no trato de valores menos complexos, girando em torno de processos organizatórios precários e individualizados. (Carone. 1989: 30)

A documentação do acervo pessoal de João Penteado e o cruzamento dessas fontes com as presentes em outros arquivos operários como o AEL e o CEDEM provocaram novos questionamentos e um novo olhar sobre as

atividades de resistência dessa militância, principalmente no campo da educação e da cultura.

A pesquisa percorreu, principalmente, o Arquivo Pessoal do educador, que organizado separadamente, reúne 751 documentos: fotografias, correspondências e produção intelectual de João Penteado, tais como livros, peças de teatro, poemas, discursos e textos didáticos. O Centro de Memória da Educação tem também sob sua guarda parte da biblioteca escolar que estava alocada no prédio do Colégio Saldanha Marinho e foi recolhida em 2008. Constituída por 120 volumes, 14 periódicos e 03 apostilas elaboradas na escola, essa parte da biblioteca inclui obras pedagógicas, de conteúdo didático, técnico (voltado ao ensino comercial e da contabilidade), e outras relacionadas ao campo do espiritualismo, principalmente ao espiritismo (kardecista) e às concepções de Krishnamurti¹⁰.

Desta forma, o Acervo João Penteado – as novas fontes reunidas sobre a Escola Moderna, e a documentação inédita no que diz respeito às outras instituições de ensino, representativas da continuidade da obra deste educador libertário – abre novas possibilidades para se conhecer as pretensões dos anarquistas na área da educação escolar no estado de São Paulo, ainda hoje pouco conhecidas. Em outras palavras, contrariando as interpretações correntes na história da educação que dá por encerrado “o capítulo do ensino libertário ministrado pelas escolas anarquistas”, em 1919, “pelo menos em São Paulo”, com o fechamento das escolas modernas da capital e de São Caetano (Luizetto, 1984), esse conjunto documental permite analisar a continuidade da experiência anarquista brasileira em educação para além dos anos 1920, e, portanto, de prosseguir os estudos realizados e problematizar alguns conceitos e interpretações até agora aceitos na análise histórica e na historiografia educacional¹¹.

João Penteado formou ao longo dos anos uma rica biblioteca que revela sua preocupação com o estudo das práticas educativas e a formação do

¹⁰ Informações presentes no Inventário de Fontes do Acervo João Penteado – CME/FEUSP. No Prelo.

¹¹ Essa questão foi abordada de forma mais profunda no Inventário de Fontes do Acervo João Penteado – CME/FEUSP. No prelo.

indivíduo. Para o militante libertário qualquer texto poderia ter uma função didática, desde que pensado e planejado pelo professor com essa finalidade; por isso, os anarquistas utilizavam muito a literatura clássica, acreditavam que era uma referência importante na formação do indivíduo. Nas apresentações de alunos, divulgadas tanto nos jornais publicados pela Escola Moderna, como nos jornais da imprensa libertária, há referências a saraus, nos quais os alunos apresentavam poesias de autores clássicos ou de produção própria e também leitura de contos e produções pessoais de textos. A Biblioteca de João Penteado possui um acervo significativo de literatura clássica, o que nos leva a crer que esses livros eram utilizados como material didático (Balzac, Alexandre Dumas, L. Tolstoi entre outros). Prática semelhante é descrita no livro *La Escuela de Yasnaia Poliana*, de Tolstoi, localizado na biblioteca do professor.

Em sua biblioteca pessoal podem ser localizadas obras de autores anticlericais, anarquistas, socialistas e obras de educação racional, entre elas: José Oiticica, *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*; Neno Vasco, *Concepção Anarquista de Sindicalismo*; Abade João Meslier, *Abusos e erros do Catolicismo*; Jean Grave, *A sociedade moribunda e a anarquia*; Herbert Spencer, *O que é a moral*; *Da liberdade à escravidão*; *Classificação das Ciências*. Platão, *Apologia de Sócrates*; William Draper, *Conflitos entre la religión e la ciência*; René Descartes, *Regras para a direção do espírito*; Leon Tolstoi, *A Próxima Revolução*; Emanuel Kant, *A paz perpétua*, dentre inúmeros outros.

A pesquisa aponta para a atualidade das questões colocadas pelos libertários na área da educação desde meados do século XIX. São questões ainda muito pertinentes e que podem contribuir de forma significativa para a reflexão em torno das mudanças que tanto almejamos como a maior participação da família e do aluno no processo de ensino e aprendizagem, a visão da escola participativa - não isolada da vida em sociedade, o uso da música, da poesia, do teatro, do cinema, a valorização do livro, da formação de bibliotecas, a formação e atuação dos grêmios estudantis, da produção de jornais pelos alunos, de jogos cooperativos, de estudos do meio, da conversa

entre professor e aluno... Todas essas questões já eram colocadas pelos libertários muito antes de virarem “moda” na educação.

Lily Litvak, em extensa pesquisa sobre a vida cultural do anarquismo espanhol, acompanha as ações libertárias no campo da educação, o autodidatismo, o ensino mútuo, os círculos de leitura e formação de bibliotecas libertárias. Para ela, nunca nenhum movimento outorgou à cultura tanto valor como os anarquistas¹².

Para Antonio Candido, uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis configuram um direito inalienável. (CANDIDO, 1988) Rousseau, também destacando a importância na literatura, acreditava que o meio mais seguro de ensinar a ler era o de suscitar o desejo e o prazer pela leitura. João Penteado era um leitor contumaz e incentivava seus alunos à desenvolver o mesmo hábito.

Ao acompanhar a trajetória do educador anarquista pode-se perceber que a escola não é o único local onde a educação libertária é praticada. Em seus escritos, publicados na imprensa operária, ele deixa claro que havendo dificuldades em implantar tais práticas ainda haveria outros meios como o livro, a imprensa e a palavra. Assim, o pensamento pedagógico e educativo libertário está relacionado ao projeto revolucionário anarquista e extrapola o universo da escola. Educação e revolução devem ser compreendidas como partes de um mesmo processo.

A pesquisa foi enriquecida com a variada documentação: cartas, postais, manuscritos, recortes, jornais, livros, opúsculos, fotografias, filmes, produção literária de João Penteado entre outros documentos. Tudo o que se refere à educação, à forma como os anarquistas compreendiam e compreendem o processo educativo, as experiências com a fundação de escolas, publicações de livros e periódicos, conferências e reflexões e críticas sobre a educação oficial e a influência da igreja são elementos importantes, analisados no

12 Ver Lily, Litvak. *Musa Libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español*. (1880-1913). Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

decorrer da pesquisa. Porém, o principal foco e ponto de partida para a análise da trajetória de João Penteado é o conjunto documental composto pela correspondência – cartas e postais – trocados entre João Penteado e militantes anarquistas como Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe.

Os temas tratados através da correspondência abrem um leque de reflexões acerca da atuação dos anarquistas no Brasil, especificamente de um grupo ao qual João Penteado fazia parte. Entre estes temas são abordados aqui as deportações de anarquistas no governo Epitácio Pessoa, em 1919, as preocupações com a educação e a escola dirigida por João Penteado e os caminhos traçados pelo anarquismo em anos de intensa repressão. A documentação também aponta para a dificuldade que anarquistas da “Velha Guarda” encontraram no processo de formação de novos quadros para a militância.

Para compreender o pensamento educacional libertário foi preciso levantar uma cronologia, contextualizando-a através de fundamentação teórica até as experiências práticas em torno da fundação de escolas relacionando o contexto mundial ao brasileiro.

As cartas e postais estão relacionados à produção de João Penteado na Imprensa Operária e Libertária assim como a de seus companheiros militantes como Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe e outros. Como no episódio das deportações de 1919, tratadas através dos postais de Manuel Gama, podem ser localizadas em jornais operários notícias relacionadas e analisadas a partir do olhar dos anarquistas.

A fundamentação teórica para a formação de escolas pode ser encontrada nas obras que fazem parte do acervo de João Penteado no CME da FE e na UEIM da UFSCar e na própria imprensa operária (AEL e CEDEM). Além dessa documentação levantada nos acervos a pesquisa aborda também o que foi publicado no Brasil e no mundo acerca da Educação Libertária assim como as dissertações e teses de mestrado e doutorado.

Como modelo, para a análise da correspondência pessoal de João Penteado, foram utilizadas as obras de Ângela de Castro Gomes (Escrita de Si,

Escrita da História), Sophia Angelides (Carta e Literatura – Correspondência entre Tchekhov e Gorki), Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti (Correspondência de Euclides da Cunha) e Marcos Antonio Moraes (Correspondência – Mário de Andrade & Manuel Bandeira).

O primeiro capítulo apresenta uma biografia do educador João Penteado, destacando as suas várias áreas de atuação.

O segundo capítulo trata das concepções anarquistas de educação, desde as discussões teóricas acerca da educação integral, coeducação e relação entre educação e revolução, até a formação de escolas como as dirigidas por Adolfo Lima, Tolstoi, Ferrer entre outros. Para visualizar melhor o processo de formação de escolas, que configura experiências práticas de educação libertária foi elaborado um quadro comparativo levantando os nomes de seus fundadores, locais em que ocorreram, publicações entre outras informações.

O terceiro capítulo trata do conteúdo da correspondência - cartas e postais - relacionando-o à imprensa operária como no caso das deportações de 1919. Há postais de Manuel Gama, Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth ao *amigo* João Penteado. A maior parte das cartas data das décadas de 40 e 50, trazendo informações sobre a continuidade das práticas anarquistas neste período.

O quarto capítulo apresenta os artigos selecionados de João Penteado publicados na Imprensa Operária. A análise desses artigos revela a preocupação do educador com a educação em tempos de forte influência da igreja. Após uma curta fase em que a instituição dirigida por João Penteado recebe o nome de Escola Nova, ela passa a ser nomeada como Escola de Comércio Saldanha Marinho. O jornalista e sociólogo Joaquim Saldanha Marinho era maçom e anticlerical. Pesquisa sobre as práticas de ensino das escolas libertárias dirigidas por João Penteado aponta para a importância dos maçons e anticlericais no Comitê Pró-Escola Moderna de São Paulo, que financiou e organizou a fundação da Escola Moderna em São Paulo. Desta

forma, o nome de Saldanha Marinho não é estranho, compreendendo-se o contexto em que se dava a formação de escolas libertárias.

Capítulo 1 – Uma biografia do educador João Penteado

*Homem de idéias livres, anarquista convicto*¹³

João de Camargo Penteado nasceu em Jaú, em 4 de agosto de 1877 e faleceu no bairro do Belenzinho, na cidade de São Paulo em 31 de dezembro de 1965. Pertencia a uma família tradicional da cidade de Jaú, interior de São Paulo onde teve sua primeira experiência ligada à educação dando aulas de alfabetização e militando na imprensa regional. Veio para a capital acompanhado por sua irmã, Sebastiana, que o auxiliou na fundação na Escola Moderna No. 1. Segundo Jacob Penteado e Edgar Rodrigues era autodidata e sempre teve sua militância voltada para a educação. Teve as seguintes obras publicadas: *Pioneiros do Magistério Primário*, com prefácio de Leo Vaz, *Traços Biográficos do Professor Bento Siqueira* e *Esboço Histórico Através do 1º Centenário de Jaú*, que reúne na verdade dois ensaios - o primeiro intitulado “*Digressão Histórica através da Vida de Jaú e de seus Pró-Homens pelo 1º Centenário de sua Fundação*” e “*Esboço Histórico da Epopéia do Hidro-Avião Jaú através do Atlântico Sul*”. O primeiro contém um apêndice sobre a “*Jaú de Outrora – episódios interessantes – A propósito da Doutrina Proudhoniana – Sertanejo Antonio Dutra*”. No seu acervo, que se encontra dividido - uma parte está na Universidade Federal de São Carlos e outra na Universidade de São Paulo - podem ser localizados manuscritos e artigos de sua autoria, assim como também uma série de artigos sobre educação libertária, organização dos trabalhadores e anticlericais assinados pelo professor em diferentes jornais da imprensa operária e libertária. O educador assinava seus artigos como: Penteado, João Petinatto, Camargo, João Penteado ou J. Penteado.

Jacob Penteado, no capítulo sobre *Escolas, em Belenzinho, 1910*, destaca a Escola Moderna Nº. 1 como uma das mais importantes das escolas de seu tempo. Sobre o educador João Penteado:

Homem de ideias livres, anarquista convicto, foi sempre perseguido pelos beaguins, de sua época. Quando eclodia um movimento grevista qualquer, a primeira

¹³ Segundo Jacob Penteado, em *Belenzinho 1910*. Carrenho Editorial, São Paulo, 2003.

peessoa a ser presa, era, invariavelmente, o Professor Penteado, que, na maior parte das vezes, ignorava completamente o fato. Suas ideias provém do grande amor que dedica á Humanidade, a quem deseja ver livre e feliz, sem amos nem opressores. Certo ou errado, ele acredita sinceramente nisso. Espírito boníssimo, incansável trabalhador, criou esse belo monumento educacional, instalado no antigo palacete do capitalista Guedes, que mandou construí-lo sob modelo de um que vira na Europa, numa de suas viagens ao velho continente.¹⁴

Edgar Rodrigues o identifica primeiramente, como professor e anarquista:

Sua atividade esteve praticamente voltada para a educação e o ensino anarquista. Não compreendia uma sociedade nova sem uma educação e uma instrução que despertasse e revelasse nas crianças e nos jovens todas as suas potencialidades intelectuais, artísticas e a solidariedade humana.¹⁵

Foi colaborador da imprensa operária escrevendo artigos em *A Plebe*, *A Vida* e *A Lanterna*. Incentivou a produção de um jornal pelos alunos da Escola Moderna – *O Início* (1914 a 1916) e produziu o *Boletim da Escola Moderna* (1918/1919). Foi diretor da Escola Moderna No. 1 que fundou em 1912 na rua Saldanha Marinho, no bairro do Belém. Depois a escola foi transferida para a Avenida Celso Garcia e fechada em 1919 por ordem judicial. Mais tarde, João Penteado reabriu a escola, porém, devido á perseguição policial seu nome foi modificado. De *Escola Moderna* passou para *Escola Nova de Comércio*, *Academia de Comércio Saldanha Marinho* e finalmente, *Colégio Saldanha*

14 Penteado, Jacob. *Belenzinho*, 1910. Carrenho Editorial, São Paulo, 2003. P. 263

15 Rodrigues, Edgar. *Os Companheiros*. Editora Insular. Florianópolis, 1997. P. 96

Marinho, funcionando até dezembro de 2002 sob a direção de sua sobrinha-neta, Marli Penteado Alfarano. Em fotos da nova escola, reaberta na década de vinte, há na fachada os dizeres: *fundada em 1912*, referência à Escola Moderna No. 1. A Escola, que chegou a ter mais de mil alunos, fechou suas portas em 2002. Ainda existem dois armários que pertenceram às escolas modernas No. 1 e No. 2, que foram doados ao Centro de Memória da Faculdade de Educação. Outros objetos também foram doados ao CME, como animais empalhados, utensílios de laboratório e carteiras.

Jacob Penteado confirma a grande procura que teve o Colégio no passado: “Da pequenina Escola Moderna, o Prof. João Penteado passou à Academia de Comércio Saldanha Marinho, e Ginásio, na rua do mesmo nome, e, daí, para o atual e magnífico prédio, já pequeno para o enorme número de alunos que o procuram (este na Av. Celso Garcia)”.¹⁶ Ainda em vida, João Penteado doou o Colégio aos seus irmãos, que o auxiliavam no trabalho diário junto aos pais, alunos e professores. Segundo informações de sua sobrinha-neta, o professor Penteado, mesmo após idade avançada, não saía da escola, poderia ser visto caminhando entre alunos e professores e acompanhando o trabalho ali realizado. Chegou até mesmo a acompanhar uma turma de alunos á um passeio educativo no planetário, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Para Doris Aciolly e Silva e Luciana Eliza dos Santos:

João Penteado esteve, ao longo de toda sua vida, claramente comprometido com a emancipação das classes trabalhadoras por meio da educação e da cultura. Vinculou-se, em consonância com o ideal anarquista, às práticas de combate e resistência concretizadas nas escolas libertárias. Essa cultura de combate também se realizava na imprensa operária, nos centros de cultura social, no teatro, na poesia e mesmo em obras científicas, como as de Elisée Reclus e Kropotkin. Tais práticas culturais e pedagógicas marcam um raro momento em

16 Penteado, Jacob. *Belenzinho*, 1910. Carrenho Editorial, São Paulo, 2003. P. 263

que as classes trabalhadoras moldaram uma reflexão e um conhecimento próprios, inseparáveis das formas autogestionárias de suas lutas. A fecundidade da educação acrata se expressa privilegiadamente na intensa criação teatral e literária, na imprensa, na proliferação dos centros de cultura, vividos como modos de ser da educação, essenciais à formação dos trabalhadores e anunciadores da futura sociedade anárquica¹⁷.

Edgar Rodrigues relata que até o período que antecede a sua morte, João Penteadó continuou em contato com o Centro de Cultura Social. Seus descendentes, no entanto, não relatam nenhuma relação de João Penteadó com o anarquismo após a década de 40. Na minha dissertação de mestrado apresentei a hipótese de que esse silêncio poderia ser explicado devido a sua decisão de manter uma escola, o Colégio Saldanha Marinho. Devido às perseguições que sofreu e ao episódio que levou ao fechamento da Escola Moderna N^o. 1 ele parece ter se silenciado para evitar novas perseguições. Porém, hoje sabemos que ele não esteve em silêncio, que após o fechamento da escola em 1919 encontrou outras formas de resistência e seu nome aparece

17 Silva, Dóris Accioly e & Santos, Luciana Elisa. *Trajetória e Produção Literária de João Penteadó a partir de seu Arquivo Pessoal*. In *Inventário de Fontes do Arquivo João Penteadó*. No prelo.

18 João Penteadó, à esquerda, e seus irmãos. Foto do acervo JP, CM/FEUSP. Pessoal 06.

ligado á diversas atividades da comunidade libertária. Seus descendentes contam que João Penteado levou para o Colégio Saldanha Marinho muitas das práticas da Escola Moderna N^o. 1: caminhadas até o Rio Tietê, passeios educativos, o teatro educativo, sessões de cinema abertas à comunidade entre outras. Além da continuidade destas práticas, em todas as fotos do Colégio Saldanha Marinho há referencia á sua fundação em 1912, data oficial da fundação da Escola Moderna No. 1.

Sobre a Escola Moderna em São Paulo e o Professor Penteado, escreve Maria Lacerda de Moura em *Renovação*:

Logo depois do fuzilamento de Ferrer, em S. Paulo houve grande entusiasmo pela sua obra e foi organizado o Comite Pró Escola Moderna. Grossoni – socialista italiano fundou uma escola no bairro da Água Branca – (Capital de S. Paulo), hoje fechada tendo sido deportado o seu fundador. Em 1912 o professor João Penteado fundou a Escola Moderna No. 1, da qual ainda é diretor. No Brás funciona a Escola Moderna No. 2 sob a direção do professor Adelino de Pinho. Diversas tentativas para a abertura e funcionamento de outras têm sido frustradas por falta talvez de recursos e de educadores competentes, de abnegação e coragem. Em Candido Rodrigues (povoação do interior de São Paulo) foi criada uma por Angelo Bandoni, dirigida depois por Elvio Nervi e outros; fechou-se. Em Bauru há 3 anos, foi regida uma escola por José Jubert. Também em Campinas houve outra sob a regência do professor Adelino de Pinho. Em São Caetano (povoação), foi criada recentemente a 3^a Escola Moderna sob a direção de José Alves. O Comitê Pró Escola Moderna não existe hoje e as escolas são mantidas por um grupo de boa vontade naturalmente á custa de esforço maravilhoso de perseverança. Não sei se em outros estados do Brasil há movimentos em favor

do ensino racionalista delineado na obra de Ferrer.
(Moura. 1919: 250 - 251)

A escola passou por várias fases:

- Escola Moderna (1912-1919)
- Escola Nova (1920-1923)
- Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943)
- Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947)
- Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961)
- Colégio Saldanha Marinho (1961 até seu fechamento em 2002)

Além da preocupação com a manutenção da escola Penteado acompanhava as atividades realizadas pelo Centro de Cultura Social.

Nildo Avelino, ao tratar da trajetória de Jaime Cubero¹⁹, relata que no momento de reabertura do CCS em 1945 ele entra em contato com antigos militantes do anarquismo, com quem passa a conviver. Entre eles cita Edgard Leuenroth, Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe, João Penteado e Pedro Catallo. Relatando essa experiência, o próprio Cubero diz:

João Penteado e Adelino de Pinho quando o Centro de Cultura Social retomava suas atividades em 1945, após a queda da ditadura getulista. Eu, com 18 anos e os dois com idade avançada, participando das reuniões, palestras, excursões e festas. Eles sempre falavam abordando temas de educação, área na qual desenvolveram o melhor de seus esforços nos longos anos de militância libertária. (Avelino. 2004: 151)

¹⁹ Jaime Cubero (1926-1998) foi um ativo militante anarquista. Trabalhou no jornal O Globo, entre 1954 e 1964, tendo sido obrigado a se afastar devido ditadura militar. Teve participação ativa nos meios acadêmicos e estudantis, orientando teses sobre história dos movimentos sociais brasileiros e da pedagogia libertária. Participou de congressos anarquistas no Brasil e no exterior. Nos seus últimos anos de vida trabalhava como editor da revista Libertárias. Ver: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/08cuberoentrevista.htm> Jaime Cubero e o Movimento Anarquista no Brasil.

Em 1953, João Penteado publica o livro *Esboço Histórico através do 1º Centenário de Jaú*. Neste livro estão claras duas referências ao anarquismo. Mas, será através dos seus artigos publicados na Imprensa Operária, muitos após o fechamento da escola em 1919, que ele se mostrará mais combativo, adotando uma posição clara diante das perseguições e repressão ao movimento anarquista e às iniciativas de implantação de uma educação racional, científica e libertária. A correspondência, analisada durante a pesquisa para esta tese de doutorado, comprova a convicção ideológica do professor e a continuidade de práticas libertárias até o fim de sua vida. O cruzamento com outras fontes não deixa dúvidas. Recolhemos rica documentação, desde jornais dos anos 20 e 30 até mesmo sobre o relato de sua morte em *O Dealbar*, em texto de Pedro Catalo em 1966, passando pelas memórias recolhidas por Edgar Rodrigues quando da elaboração de *Os Companheiros*, inclusive do próprio Catalo em texto publicado recentemente pela *Revista Verve*. Em todos eles João Penteado aparece ativo, frequentando o Centro de Cultura Social e a Nossa Chácara, preocupado com a propagação do anarquismo e com a memória de eventos importantes para os trabalhadores como o 1º de maio e principalmente, com a educação.

João Penteado exerceu diversas funções ao longo de sua vida, sempre buscando formas de resistência, formas de manutenção das práticas libertárias e de seus ideais. Foi propagandista, chegou a viajar realizando conferências divulgando os ideais libertários e também a vida e obra de Francisco Ferrer; foi também assumidamente um anticlerical, posição que ficava clara em seus textos publicados na imprensa operária; foi diretor e professor da Escola Moderna em São Paulo reabrindo-a com outro nome quando sofre com a reação e repressão da polícia e das autoridades paulistas em 1919; foi membro da União dos Trabalhadores Gráficos na qual ficou responsável pela organização da biblioteca e para a qual escrevia textos combativos publicados no jornal da associação; foi membro da comissão executiva de *A Lanterna* e seu nome aparece entre os organizadores da nova fase do jornal em 1933; foi ainda um dos fundadores do Centro de Cultura Social e da Nossa Chácara, espaços frequentados pelos libertários onde também aconteciam palestras,

conferências, congressos entre outros eventos de divulgação dos ideais libertários e finalmente, manteve laços de amizade até o fim de sua vida com militantes como Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth comprovados através da correspondência pessoal do educador.

Pedro Catalo, em 1966, em pleno Regime Militar publicava ainda *O Dealbar*, um jornal libertário que representava a resistência anarquista. Com o título de *Triste Notícia* relata o falecimento de companheiros em 1965, entre eles está o educador anarquista João Penteado.

Uma geração de humanistas libertários, que apesar de tudo ainda conservam as mesmas convicções filosóficas, a mesma fé... (...) resta-nos o orgulho de poder citá-los como exemplo de retidão e honestidade, coisa muito rara nos dias que correm.

Entre eles cita Gutierrez Perdigão, Felipe Gil de Souza Passos, Rodolfo Felipe.

Ao findar do ano, na noite de 31 de dezembro, fenecia também aos 89 anos de idade, o velho professor, o nosso bondoso e incomparável amigo João Penteado. Muita coisa se poderia dizer destes bons companheiros. (...) E

20 Foto do acervo pessoal de JP. Biblioteca com quadros de João Penteado, ao centro e de seus irmãos.

João Penteado, o modesto professor, dono e Diretor da Escola de Comércio Saldanha Marinho. Este estabelecimento que rivaliza com as mais autorizadas escolas da capital, foi produto do esforço honesto, material e moral deste abnegado apóstolo precursor da pedagogia moderna. Pouca gente sabe que aquele imponente edifício que enche de orgulho o bairro do Belém, teve seu começo numa modesta sala da Rua Saldanha Marinho, lá pelo ano de 1912, como Escola Moderna No. 1 “Francisco Ferrer”. Ostentava esse nome em homenagem ao fundador da Escola Racionalista, Francisco Ferrer y Guardia, fuzilado na Espanha a mando do clero dominante naquele país, no ano de 1909. Ainda devem existir nesse colégio, como perpétua recordação de Francisco Ferrer, dois armários com a seguinte inscrição: Escola Moderna No. 1. Compungidos pela dor que nos causou a perda desses bravos amigos, deixamos aqui a espontânea homenagem, o nosso franco reconhecimento pela amizade sempre presente e fraternal que nos ofereceram quando em vida e agora é um vazio difícil de preencher. Para eles as nossas melhores lembranças, e para as respectivas famílias, os nossos sinceros sentimentos.²¹

Fernando Peres em sua tese de doutorado foca sua pesquisa na espiritualidade de João Penteado. Na conclusão de seu trabalho ele afirma que João Penteado teria feito uma escolha:

João Penteado, assim como outros que viveram na mesma época, cada vez mais limitado em sua ação pública, entre o caminho escolhido pelos espíritas, da legitimação social pela caridade, e o caminho ao qual

21 Catalo, Pedro. *O Dealbar*. 1966. Acervo AEL – UNICAMP.

foram empurrados os anarquistas, isolados, combatidos, reprimidos e esquecidos, conservou em seu **íntimo** os ideários que adotara na juventude, as redes de sociabilidade das quais participava e, sempre que pôde, manifestou-os em práticas emancipatórias. Diante desse quadro, João Penteado permaneceu, nas décadas de 1930 e 40, como um entusiasta pela educação, preservando a mentalidade forjada nas décadas iniciais do século. (...) Mesmo quando os rastros de sua atuação nos meios libertários pareciam ter se apagado – pois o círculo mais íntimo do qual participava, de seus familiares e sucessores, afirmava desconhecer sua face anarquista – este entusiasmo pela educação continuava se manifestando. (Peres. 2010: 202)

22

Em oposição à tese defendida por Peres, que deu ênfase à trajetória de João Penteado através de sua opção religiosa: o espiritismo, este trabalho apresenta a militância anarquista do educador e as formas de resistência que

encontrou para continuar atuando junto aos seus companheiros de luta. Ser espírita não era algo que diminuía sua importância ou seu papel como líder libertário. Não era algo que imprimia a ele uma nova identidade. Muitos anarquistas, e entre eles podemos citar Maria Lacerda de Moura e José Oiticica, eram espíritas. Assim, ser anarquista não significava ser ateu, mesmo que muitos o fossem, inclusive era comum a referência a Jesus Cristo como um grande revolucionário. Dois livros que circulavam na época, defendiam essa ideia: *Cristo, o maior dos anarquistas*, de Anibal Vaz de Melo e *Jesus Cristo era Anarquista* de Everardo Dias. O primeiro livro é citado em carta de Rodolfo Felipe a João Penteado, em anexo neste trabalho. Tolstoi era cristão e muito lido entre os anarquistas, uma referência de grande importância para João Penteado. Além de Tolstoi muitos anarquistas se aproximaram das ideias de Gandhi e J. Krishnamurti. Afirma Oiticica que a primeira lição de Krishnamurti é a negação da autoridade. O que podemos afirmar é a posição anticlerical adotada pelos anarquistas, inclusive por João Penteado, Maria Lacerda de Moura e Oiticica. Ser anticlerical significava ser coerente com a doutrina anarquista, ser contra a dominação da Igreja, contra o controle social e político exercido pela Igreja Católica. Desta forma observa-se que esses anarquistas souberam conciliar espiritualismo e anarquismo.

23

Voltando à afirmação de Fernando Peres sobre o caminho escolhido pelos espíritas, *da legitimação social pela caridade*, cabe lembrar que os

23 Divulgado em *A Plebe* – a partir de 1920.

anarquistas não buscavam apenas conquistas futuras, não vislumbravam apenas uma futura Revolução Social, mas vivenciavam o anarquismo no tempo presente, estabeleciam laços de solidariedade, lutavam por conquistas sociais e por melhores condições de vida e de trabalho. Isso se aplica tanto às conquistas trabalhistas quanto à defesa de uma educação pública que atendesse à demanda dos trabalhadores. Por isso, não é estranho ou surpreendente, que João Penteado escreva um artigo intitulado *A Instrução Pública*²⁴, como afirma Peres. A visão de mundo de João Penteado, que almeja *o alevantamento moral e intelectual de um povo, a solidariedade humana e a paz internacional*, uma educação *não só para privilegiados*, uma educação que tenha por objetivo *iluminar as consciências das classes menos favorecidas da fortuna* não o aproxima dos *entusiastas da educação na posição que fora predominante no passado*²⁵. Ele continua sendo um educador libertário. Aqui, uma questão nos é colocada: é possível aplicar os princípios da educação libertária em uma instituição pública? Seria interessante lembrar que muitas das experiências libertárias se deram em instituições formais, públicas ou privadas, com participação de republicanos, profissionais liberais e maçons. Mesmo assim, há ainda apenas um texto em que ele trata da *Instrução Pública*, nos demais prevalece o tom de crítica, de combate à instrução oficial e influência da Igreja.²⁶

Para Peres, João Penteado teria conservado seus ideários em seu **íntimo**, não o expressando mais publicamente, ele aponta que isso teria ocorrido a partir da década de 30. Como se explica então o seu nome e fotografia em eventos de *A Lanterna* no momento de sua reabertura na década de 30? Como se explica o depoimento de militantes como Pedro Catalo e Jaime Cuberos que afirmam a participação de João Penteado em eventos na Nossa Chácara e no Centro de Cultural Social até o momento de sua morte? Como se explicam as declarações assumidamente libertárias na

²⁴ Texto em anexo, no final da tese.

²⁵ Peres, Fernando. *Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites*. São Paulo, 1890-1940. São Paulo. 2010. FEUSP. P. 198.

²⁶ Sobre esse assunto, ver os textos de João Penteado em anexo, publicados na Imprensa Operária.

correspondência pessoal de João Penteado até o final da década de 50²⁷? O fato de seus familiares afirmarem desconhecer sua face anarquista não seria por medo ou receio do que isso poderia significar? João Penteado falece em 1965, início da ditadura militar no Brasil, será que sua família não teria julgado mais adequado omitir essa informação às novas gerações da família Penteado? Independente dessas questões, a documentação levantada apresenta João Penteado e seus amigos convictos de seus ideais anarquistas até o momento de suas mortes. O próprio necrológico de João Penteado em *O Dealbar*, publicado em 1966 e escrito por Pedro Catalo não deixa dúvidas. A correspondência também apresenta o “círculo mais íntimo do qual participava” com nomes como Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe, vínculo esse que deixa claro, através de suas conversas e preocupações, o Ideal que defendiam e compartilhavam.

Desta forma, este trabalho apresenta um novo retrato desse personagem, ainda pouco estudado na história do anarquismo no Brasil: João Penteado que além de educador libertário foi gráfico, propagandista, escritor, anticlerical, espírita, bibliotecário, membro da união dos trabalhadores gráficos, membro das comissões executivas de *A Lanterna* e *A Plebe* e lembrado pelos seus companheiros como um homem de “superioridade mental e personalidade destacada”, “companheiro e amigo”²⁸. Cabe destacar que desempenhou muitas dessas funções a partir dos anos 20.

27 Sobre esse assunto, ver as cartas em anexo, onde o educador declara abertamente a preocupação com as atividades libertárias: comemorações, divulgação e propaganda, congressos e militância. As cartas e postais de militantes libertários eram constantemente vasculhadas e até mesmo apreendidas pelas autoridades, como podemos constatar nos prontuários do DEOPS. Mesmo assim, eles se arriscam e não comprometem a troca de informações através da correspondência.

28 Ver cartas transcritas em anexo.

Capítulo 2 – Concepções anarquistas de educação – da teoria à prática

*ANARQUISMO é o termo empregado para designar o conjunto das teorias anárquicas. Rigorosamente, significa uma doutrina política relativa a uma sociedade sem governo, sem autoridade política, e um método de ação para atingir esse fim; mas, vulgarmente, é sinônimo de socialismo anárquico, ou, como em geral os socialistas libertários ou anarquistas são comunistas, vale o mesmo que comunismo anárquico. ANARQUISTA (ou libertário) é aquele que combate a autoridade ou a “obrigação de obedecer”; é a designação freqüente que, por brevidade, se dá aos comunistas-anarquistas.*²⁹

O trecho acima, retirado do folheto de propaganda *O que querem os anarquistas* escrito por Jorge Thonar, destaca a posição do libertário diante de qualquer princípio de autoridade, colocando-se contra a “obrigação de obedecer”. O folheto, muito divulgado entre os trabalhadores através das associações de classe no início do século XX, procurava, de forma resumida, explicitar os princípios libertários, os principais teóricos do anarquismo e métodos de luta. A *Maneira de Prefácio*, que introduz o folheto, traz um texto de Errico Malatesta em que este exalta o povo a *emancipar-se por si mesmo*.

Quando tiver consciência dos seus direitos e vontade de por fim aos seus sofrimentos, quando conhecer as causas dos seus males e os remédios a aplicar; quando na união tiver achado a força que não poderá ter em quanto desunido, então... é claro.

Che se l'argomento della mente

S'aggiunge AL “mall” volere Ed Allá possa,

Nessum riparo vi può far La gente.

Henrique Malatesta³⁰

29 Trecho retirado do opúsculo libertário *O que querem os anarquistas*, 2ª edição. Autor: Jorge Thonar. Primeira Publicação do grupo Anarquista Jerminal. Brasil. Rio de Janeiro, 1918. Pág. 2.

30 O folheto cita ainda Proudhon, Sebastian Faure, Max Nordau, Reclus, Spencer e Kropotkin.

Acerca da educação, o folheto apresenta o princípio do *Livre Exame ou liberdade de crítica*, pois que é o único meio de permitir a expansão do progresso, a manifestação da verdade e o desenvolvimento intelectual de todos, e destaca também a força da propaganda:

A propaganda e a ação libertárias efetuam-se por todos os modos não contraditórios com seu fim, como: a “educação integral”, círculo de estudos, escolas, conferências, jornais, folhetos, livros, etc.: o exercício da dignidade pessoal, do espírito de independência e de solidariedade; a “ação direta”, o exercício da iniciativa, a pressão sobre os dominadores, a preparação dos espíritos para a revolução social.³¹

32

Desta forma, para levantar as concepções anarquistas de educação recorreremos primeiramente à produção libertária do início do século XX, publicada através de folhetos de propaganda ou da imprensa operária e libertária. Localizamos as publicações desse porte pertencente aos acervos de João Penteado no CME e na UEIM onde estão os livros de sua biblioteca

31 IBID págs. 10 e 11.

32 Folheto de propaganda encontrada em *A Plebe*. Década de 20.

peçoal, complementado com as publicações localizadas no AEL e no CEDEM. Muitas dessas publicações são dos anos 20 e 30.

Até os anos 30 observa-se que, entre as publicações anarquistas, predominam as edições de livros, opúsculos e panfletos com o claro objetivo de divulgar, em linguagem acessível, os ideais libertários. Já a partir dos anos 30 começam a surgir livros que tinham como objetivo resgatar a história e a memória do anarquismo, entre eles podemos citar: *Roteiro de Libertação Social*, organizado por Edgard Leuenroth e os livros de Edgar Rodrigues. Porém, vale ressaltar que não deixaram de ser publicadas obras de divulgação de ideias, de caráter militante, que dão continuidade ao movimento libertário³³.

Nesse processo de valorização do livro e publicações libertárias ou relacionadas à questão social, vale destacar o esforço do professor João Penteado em organizar bibliotecas e espaços de leitura para os trabalhadores e seus filhos, tanto na escola em quem era diretor e lecionava como na União dos Trabalhadores Gráficos, onde atuou entre seus principais líderes no início dos anos 20.

João Penteado tinha consciência de que não era somente pela leitura que se dava o contato com o ideal libertário, por isso incentivava os festivais, as apresentações teatrais, a declamação de poemas, a música através de cantos e hinos, as comemorações sobre o 1º de Maio ou a morte de Ferrer onde a militância se reunia e reafirmava sua posição de luta.

Voltando aos livros, encontramos na biblioteca de João Penteado muitos livros editados e publicados em Portugal. Gonçalves afirma que esse era o caminho normal da propaganda libertária, “sentido Portugal-Brasil”. Também é significativa a quantidade de livros em espanhol que circulavam por aqui, caso do livro de Tolstoi, sobre a escola de lasnaia Poliana.

O tema da educação racionalista, uma perspectiva libertária de educação, não está restrito à primeira década do século XX, no que diz respeito às publicações. Antonio Bernardo Canelas publica em 1920 o

33 Sobre esse assunto ver Gonçalves, 2001, p. 11.

opúsculo, *A Colméia*, sobre La Ruche, a experiência de educação conduzida por Sebastien Faure; Carlos Dias em 1922 publica *Contra a Perpetuidade do Erro e da Mentira*, uma sistematização das ideias libertárias sobre educação; Maria Lacerda de Moura publica em 1934 *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*. Já sobre anarquismo e a questão social no Brasil há uma série de publicações pós 1919: *O Evangelho da Hora*, de Paul Berthelot, publicado inicialmente em 1911, volta a circular em 1918 e em 1951; Florentino de Carvalho publica *Da escravidão à Liberdade: A derrocada burguesa e o advento da igualdade social*, em 1927 e *A Guerra Civil em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas sociais em 1932*; *Como Não ser anarquista?*, de José Chueca publicado inicialmente em 1908, volta a circular em 1923 e em 1925; Everardo Dias publica em 1920 *Jesus Cristo era anarquista*; em 1950 é publicado *Cristo, o Maior dos Anarquistas*³⁴ de Anibal Vaz Melo; Benjamim Motta publica *Razão contra Fé* em 1933; Maria Lacerda de Moura publica *Renovação* em 1919, *O Problema da Educação* em 1921, *A Fraternidade e a Escola* em 1922, *Lições de Pedagogia* em 1926, *Civilização: tronco de escravos*, em 1931 entre outros; José Oiticica publica *Princípios e fins do programa comunista anarquista* em 1919 e *A doutrina anarquista ao alcance de todos* em 1947; Adelino de Pinho publica *Quem não Trabalha não come*, em 1920; Raimundo Reis publica *Poesias e Hinos Libertários* em 1933; de Neno Vasco é publicado *A Concepção Anarquista de sindicalismo e Greve dos Inquilinos*, ambos em 1923.

A pesquisa também apresenta os autores que trabalham com o tema não só no Brasil, como são os casos de Tina Tomassi e Julián Jesús Martínez López e ainda as dissertações e teses de mestrado e doutorado. Um aspecto comum, nos diversos escritos sobre anarquismo, como pode ser observado no trecho final de Jorge Thonar sobre a propaganda, é a importância da educação como parte do processo revolucionário, uma educação laica e livre. A escola oficial ou religiosa sempre será desta forma, um instrumento de coerção, de divisão, de manutenção das diferenças sociais, da dominação do homem sobre

34 Citado em uma carta de Rodolfo Felipe para João Penteado.

o homem. Os primeiros escritos sobre educação libertária irão tratar do desenvolvimento da autonomia e da educação integral.

A primeira questão que hoje temos de considerar é esta: a emancipação das massas operárias poderá ser completa enquanto receberam instrução inferior à dos burgueses ou enquanto houver, de um modo geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por nascença tenha os privilégios de uma educação superior e mais completa? Colocar esta questão não é começar a resolvê-la?³⁵

Os trabalhadores deveriam lutar pelo direito à educação, uma educação “superior e completa” como ressalta Bakunin. Aqui a educação já aparece como um direito, assim como os demais direitos reivindicados pelo homem como melhores condições de trabalho, o descanso semanal, oito horas de trabalho etc. Mas para os anarquistas essa educação não deveria vir do estado ou da igreja e sim ser obra dos próprios trabalhadores. Para os libertários, a educação extrapola o universo da escola, isso não quer dizer que a escola deveria ser desprezada, pelo contrário. A formação de escolas era incentivada pelas deliberações dos congressos operários, tanto nacionais, quanto internacionais. Desta forma observa-se que há uma forte relação entre a fundação de escolas libertárias e o movimento operário internacional. A educação libertária se estendia pelas demais ações da militância nos diferentes lugares em que circulava. No momento em que a repressão leva ao fechamento da escola João Penteado passa a atuar também em outras esferas como fazendo parte da Associação dos Trabalhadores Gráficos. Ali ele se empenha na formação de uma biblioteca e incentiva os trabalhadores a buscarem formação por iniciativa própria.

A história da educação libertária não pode ser estudada de forma desassociada da história das classes trabalhadoras. Sobre isso, Hobsbawm nos lembra de que a história operária é por tradição um tema altamente

35 BAKUNIN, Mikhail. *A Instrução Integral*. Pág. 19. In Novos Tempos. Revista Anarquista Mensal. São Paulo/No.1. Outubro de 1998. Editora Imaginário.

politizado, e durante muito tempo foi feita em grande parte fora das universidades. (Hobsbawn. 1987: P. 17)

36

Outro opúsculo libertário que chama a atenção nesse contexto é o de autoria de Adelino de Pinho apresentado com o título de *Quem não trabalha não come*. Para Adelino, seu texto é uma fórmula breve e sintética, concisa e precisa que resume a moderna concepção social do operariado. Na capa do opúsculo aparece um menino bradando *ó parasita, deixa o mundo!*, e uma frase abaixo: *Os famintos de hontem serão os pioneiros da nova aurora*. O trabalho é apresentado pelo autor como condição essencial para a vida, e só

36 Imagem fornecida pelo CEDEM.

teria direito a desfrutar de seus benefícios aqueles que lhe dedicasse toda a sua força. A Igreja e o Estado são apresentados como instituições seculares que exercem sobre os trabalhadores seu domínio e opressão. Destaca a teoria libertária baseada na igualdade (abolição de classes, raças e castas) e na solidariedade universal. Além da Igreja e do Estado, Adelino cita também o poder político e econômico que mantém a população em estado de servidão, ou seja, o poder do capital. O lema que dá o nome ao livro é inspirado na Rússia revolucionária: “*quem não trabalha não come*”. Em 1920 a revolução russa ainda era vista com admiração por muitos libertários, fato que em breve se modificaria.

Os locais em que a liberdade seria exercida na prática com vistas à experimentação dos princípios anarquistas seria o campo, a oficina, a escola, o teatro entre outros. As técnicas de produção, a escrita, a imprensa, a indústria metalúrgica, o desenvolvimento humano, o conhecimento humano adquirido e acumulado ao longo da história da humanidade deveriam estar a serviço da liberdade e não da opressão. O trabalho, para Adelino, seria a alavanca universal que provocaria a transformação social e que também levaria à formação e à fundação de escolas, museus e laboratórios. O desenvolvimento humano provocaria mudanças, a acumulação do conhecimento permitiria o surgimento e a perpetuidade da mitologia, da literatura, da filosofia, da geografia, da poesia. Ele cita obras conhecidas entre os círculos libertários como *Os Lusíadas*, *Odisséia*, *Divina Comédia*, *D. Quixote*, obras *clássicas, belas e grandiosas*. No entanto o homem que trabalha passa a ser explorado pelos sistemas de dominação (Estado-Igreja-Capital) e não usufrui da acumulação de conhecimento, do bem obtido através de seu esforço. Relata que o homem, ao longo da História do Trabalho, passou por muitos obstáculos, mas, venceu desenvolvendo técnicas, ferramentas obtendo uma maior produção, menos perdas, mas por outro lado, aumentou também a exploração e cada vez mais, os detentores dos meios de produção fogem ao trabalho útil e produtivo, comportam-se como *parasitas refinados*, não pensando no bem estar do trabalhador. A sociedade, desta forma, não se mostra racional, culta, mostra sim, desrespeito ao trabalhador que se torna um excluído social, sem

acesso ao saber, um analfabeto que passa a viver à margem da sociedade. A questão social em São Paulo, durante muitos anos, foi vista como caso de polícia, os libertários sempre se preocuparam em mostrar essa distorção, e o texto de Adelino caminha neste sentido. Ele mostra o papel da instrução, da educação dos trabalhadores, que esclarecidos reconheceriam seu papel social, sua importância, e desta forma teria meios e forças para lutar contra a situação que lhes era apresentada pela Igreja-Estado-Capital.

Adelino de Pinho denuncia ainda o preconceito pelo trabalho manual, para ele, o próprio conceito de “Belas-Artes” é preconceituoso e acaba por questioná-lo lamentando a falta de acesso ao conhecimento pelo operário. Denuncia que a hierarquia social está relacionada ao tipo de trabalho exercido pelo homem. Usa como exemplo contrário à essa hierarquia social a importância dos coveiros diante da gripe espanhola: “A salvação dos vivos dependia de enterrar os mortos”. Destaca que deveria haver uma troca entre as áreas do conhecimento e um respeito à todas as práticas - manuais ou intelectuais. Interessante que Adelino cita tanto textos bíblicos como socialistas, no caso dos documentos russos, para justificar o direito do homem de usufruir dos frutos de seu trabalho. Já aqueles que não trabalham - *que são parasitas*- deveriam ter os benefícios, oriundos do trabalho, negados. Toda a pedagogia libertária trata da valorização do trabalho manual e da necessidade do trabalhador adquirir também o conhecimento tido como *intelectual*, princípios da Educação Integral.

Florentino de Carvalho, conhecido anarquista espanhol que chegou ao Brasil com 10 anos de idade, também foi professor da Escola Moderna e escreveu *A Guerra Civil de 1932 em São Paulo* onde faz uma dura crítica aos esforços *revolucionários* dos paulistas. Para ele, o que houve foi um *sacrifício de inocentes*.

Aquilo parecia um sonho: ricos, servindo pobres; brancos, servindo pretos; crentes, servindo hereges; civilizados, atendendo jagunços e... atendendo-os diligentes, solícitos, com sorriso nos lábios.

Finda a “arrancada”, tudo se transformou como por encanto. Acabaram-se as manifestações, cessaram as fanfarras, os discursos, as missas. São Paulo parecia uma necrópole. (Carvalho. 1932: 25 - 26)

Uma boa parte do povo, para alimentar a guerra, ficou sem lar e sem pão. (P. 27)

Interessante observar a visão de história do Brasil que tinha Florentino de Carvalho, um educador libertário, que chegou a cobrir João Penteado como diretor e professor da Escola Moderna quando este último saiu em viagem de propaganda pelo interior do estado. Para Florentino,

Uma vez senhores do território, os conquistadores ávidos de poder e de riquezas, fizeram dos infelizes nativos e dos negros importados, carne de trabalho e de tortura infinita. (P. 40)

Depois, com a proclamação de 15 de novembro, quando os trabalhadores da Republica sonhavam o país gozando os benefícios da liberdade, da democracia, da ordem e do progresso, o que vimos? Nada! (P. 41)

Florentino critica ainda a imagem da Princesa Isabel, construída como o *anjo da guarda dos cativos* e a *glória* dos bandeirantes. Destaca o papel dos próprios negros na resistência e luta pela liberdade lembrando que *a campanha abolicionista foi longa e penosa*. Sobre a figura do Bandeirante, aponta que esse também escreveu *páginas inglórias* na nossa história.

As populações que tiveram a infelicidade de sentir na própria carne o ímpeto guerreiro dos bandeirantes, pensavam que estes eram castigo do céu. (P. 52)

Ao refletir sobre os motivos que levaram o povo a não agir, a não lutar por sua liberdade diz que este se encontrava *enfraquecido pela miséria, esmagado pela ignorância e pelo fanatismo*.

Aqui somos um povo de analfabetos, onde faz exceção uma minoria de alfabetizados. (P. 56)

Em concordância com o pensamento de Florentino de Carvalho, para José Oiticica *não há educação que possa tornar o homem irmão do seu irmão num meio social em que a concorrência econômica o induz a ser concorrente do seu irmão, seu adversário comercial ou político.* (Oiticica. 1983: 62)

Ao estudar a ação de homens como João Penteado, Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, José Oiticica e seus companheiros, pode-se observar traços comuns que caracterizam a militância anarquista: a preocupação com a formação de bibliotecas, o combate ao analfabetismo, a formação de acervos sobre a memória do anarquismo no Brasil, o internacionalismo, postura anticlerical e antifascista, colaboração na imprensa operária e libertária, participação em eventos como os congressos operários, encontros na Nossa Chácara ou no Centro de Cultural Social, a manutenção dos laços de amizade entre os companheiros de luta, comemoração de datas como o 1º de Maio e 13 de outubro e a divulgação das ideias anarquistas, seja através da publicação de opúsculos ou artigos na imprensa operária.

Em pesquisa anterior, para o mestrado, foi levantada documentação destacando as referências pedagógicas, teóricas e histórico-culturais que influenciaram os libertários brasileiros na implantação de Escolas Modernas em São Paulo e outras práticas de formação e propaganda. Devido à prisão e fuzilamento de Ferrer, sua influência parece predominar, porém observa-se a influência não menos importante de outros pedagogos e teóricos do anarquismo. Através do conhecimento do acervo pessoal de João Penteado pôde ser localizado grande parte de seu referencial teórico e também, o material didático utilizado na Escola Moderna e que continuou a acompanhar o educador durante toda a sua vida.

Sócrates, o grande filósofo, é condenado à morte por pregar uma doutrina contrária aos interesses das castas parasitárias de seu tempo; João Huss, Savonarola e Giordano Bruno merecem a mais terrível condenação da casta sacerdotal a que pertencem e pagam com suas

vidas a temerária ousadia de revelar algumas verdades ao povo; Tolstoi, o grande apóstolo do ideal do Bem, do Amor e da justiça não escapa às fúrias reacionárias da matilha ululante nem deixa de sofrer as consequências de seus atos de abnegada dedicação à causa da Humanidade – porque para a tirania governamental de todos os tempos e de todas as nações não há, nem pode haver maior delito do que abrir os olhos ao povo pregando-lhe uma doutrina cujo espírito fortemente alicerçado no ideal de liberdade e de justiça venha contrariar os interesses das castas dominadoras e fazer, como consequência, o enfraquecimento do seu poder e da sua autoritária pretensão de dominar as consciências das massas trabalhadoras.³⁷

38

João Penteadó citava em seus artigos, publicados na imprensa operária e libertária além de Ferrer, Sócrates, Giordano Bruno, João Huss, Tolstoi entre

37 PENTEADO, João. A Plebe - Sábado, 15 de Outubro de 1921. Anno V – Número 125. 13 de outubro.

38 A Lanterna. Jornal de Combate ao Clericalismo. 18 de janeiro de 1934. Os textos de João Penteadó, publicados na Imprensa Libertária e Operária, possuem forte conteúdo anticlerical. O educador era membro da comissão executiva do jornal A Lanterna. As imagens são facilmente relacionadas ao conteúdo de seus textos.

outros. Este último era apresentado pelo educador libertário como o “grande apóstolo do Ideal e do Bem, do Amor e da Justiça” e que também “não escapou às fúrias reacionárias da matilha ululante” nem deixou de sofrer as “consequências de seus atos de abnegada dedicação á causa da Humanidade”.

Estão entre as principais obras de Tolstoi que estavam em circulação entre os anarquistas na primeira metade do século XX: *O que é religião?*; *Aos Operários*; *O que eu penso da guerra*; *A próxima revolução*; *Amor e Liberdade*; *A Escravidão Moderna*; *A Insubmissão* e a *Escola de Yasnaia Poliana*.

Ao criticar a escola oficial João Penteado ressalta a forma como o significado da palavra *Anarquia* foi deturpado:

O povo, educado nessas escolas que ensinam essas mentiras, nascido e crescido sob a influência de uma educação falseada dos sãos princípios da justiça, habitou-se finalmente a crer nos professores, nos jornalistas e literatos assalariados, e por muito tempo pensou, mesmo sem refletir, no que sempre ouviu dizer sobre a Anarquia. Mas hoje, felizmente, mais do que nunca, está sendo bem compreendida a doutrina anarquista que, favoravelmente avança a passos acelerados para sua meta ideal, fazendo novos e verdadeiros triunfos, não só entre os trabalhadores que mais sofrem as consequências terrivelmente insuportáveis da condição social de nossos dias, mas até entre os intelectuais, em cujo número podemos incluir os respeitáveis nomes como Eliseu Reclus, Sebastião Faure, E. Malatesta, Pedro Gori, Fábio Luz, José Oiticica, Anselmo Lourenço, Luiza Michel e tantos outros que seria ocioso numerar.³⁹

Acreditava que através da propaganda e da educação os trabalhadores poderiam enfim compreender o verdadeiro sentido da palavra *Anarquia*.

39 PENTEADO, João. *A Doutrina Libertária e seus Adversários*. Texto de João Penteado, datilografado, localizado na UEIM, UFSCar.

A doutrina anarquista, de certo, não precisa mais do que a substância de seus irrefragáveis argumentos para se impor às consciências proletárias e mostrar-lhe no meio da confusão de hoje o caminho da salvação, o único escapamento que as poderá por a salvo da escravidão moderna e conduzi-las para a bela, sorridente e promissora cidade feliz, que o sublime ideal oferece e cuja posse será feita em um futuro mais ou menos próximo.

Assim, para os libertários, a educação se inseria no contexto das demais batalhas travadas pelos trabalhadores, com o objetivo de recuperar instrumentos de ação social que estavam monopolizados pela Igreja e pelo Estado. O monopólio da educação, tido como instrumento de poder impedia a emancipação da classe trabalhadora. Essa sempre foi uma preocupação constante nos escritos de João Penteadó: a influência da igreja na educação. Alertava que uma educação para a liberdade só seria possível se os trabalhadores lutassem pela implantação de escolas modernas ou racionalistas. Via a importância da educação formal aliada a outros meios de ação direta. Neste sentido, outro caminho apontado por ele seria a ação das associações de classe no que se refere à educação libertária, criando círculos de leitura, salas para menores que trabalham e formação de bibliotecas.

Edgar Rodrigues, no prefácio de *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*, de José Oiticica, destaca que o anarquismo trabalha por uma Educação Nova:

Capaz de converter os seres humanos em irmãos convictos, conscientes de que o bem estar ou a infelicidade de um de seus membros, significa a alegria ou tristeza de cada um e de todos. (Oiticica. 1983: XI)

Oiticica defenderá a educação libertária como uma eficiente arma contra o capitalismo, facilitando a propaganda e permitindo aos operários “ler os folhetos, livros e jornais anarquistas, compreender os fatos reais da vida e a escravidão do salariado.”⁴⁰ Vê o preconceito como chave da educação

40 Ver Oiticica, José. *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. Econômica editorial. 1983, São Paulo, P. 30.

burguesa, preconceito esse que deveria ser combatido. Denuncia que a educação estatal trabalha com repetições, inculcando ideias favoráveis ao regime burguês que acabam por se tornar dogmas indiscutíveis.

A educação da infância tem para o Estado burguês importância real. É nessa primeira fase educativa que a criança tudo aceita sem raciocinar. O Estado chamou para si a educação infantil gastando avultadas somas para dar instrução primária **gratuita**. Seria, entretanto, perigoso para a burguesia capitalista entregar as crianças a indivíduos adversários do capitalismo ou avessos à pedagogia tendenciosa e unilateral do Estado. Cumpre, pois, ao Estado entregar as escolas a **mestres** por ele fabricados, talhados de maneira, que sejam fiéis inculcadores, às crianças, das ideias favoráveis à dominação dos capitalistas. (Oiticica. 1983: P. 30-31)

Assim, observa-se que o foco fundamental da ideologia libertária ou anarquista é o princípio da liberdade: liberdade para ensinar e liberdade para aprender. Sebastien Faure foi o primeiro a usar o termo *libertário* para se referir ao anarquismo⁴¹. Sua obra foi divulgada no Brasil principalmente por Antonio Bernardo Canelas que publicou um opúsculo sobre La Ruche em 1920 e realizou viagens de propaganda defendendo os métodos adotados por Faure. Solidariedade e apoio mútuo – essa é a alternativa que a ideologia libertária oferece frente à ordem burguesa, segundo Sebastien Faure, princípios estes que serão amplamente divulgados nas escolas libertárias. Kropotkin via na massa anônima do povo a origem do anarquismo, através de movimentos com tendência a ajuda mútua, como as tribos igualitárias, as comunidades de camponeses e as agremiações medievais.

O estudo sobre as origens do anarquismo nos remete ao inglês William Godwin (1756-1836), um ilustrado de tendências socialistas. Em 1793 Godwin escreveu a obra *Investigación sobre La Justicia política* na qual defende a educação como caminho para a razão e já alertava sobre os males do ensino

41 Ver: NOA, Francisco José Cuevas. Anarquismo y educación.

público, que para ele perpetuava os preconceitos e ensinava a submissão. Para Godwin o problema central da pedagogia e da educação não se confinaria à transformação do aluno num adulto sujeito aos desígnios autoritários do Estado e do professor. Ele defendia a ideia de que a liberdade do indivíduo não deveria ser sujeita a nenhuma restrição, salvo aquelas que caminham no sentido da mutilação da criatividade e espontaneidade natural dos indivíduos. A experiência de vida, nas suas múltiplas manifestações comportamentais, deveria servir como base essencial para um desenvolvimento livre e espontâneo dos indivíduos no processo de aprendizagem cultural. Para conquistar essa liberdade e felicidade criadora seria preciso que o homem, desde criança, fosse incentivado a aprender por si mesmo, sem depender de qualquer tutela moral, política ou religiosa. Para Godwin, qualquer projeto de educação nacional e pública seria, na verdade, um projeto de cerceamento da liberdade e da criatividade, de uniformizar o indivíduo e de reforçar o poder do Estado.

Já Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) marcou profundamente as bases do anarquismo histórico. Considerado o autor que lançou a pedra fundamental que inicia o anarquismo tal como hoje o conhecemos, em 1840 escreve sua primeira grande obra *O que é a Propriedade?* Na qual ele mesmo responde: *A propriedade é um roubo*. Para Proudhon a propriedade somente se sustém pela autoridade do Estado. Encontramos nos escritos de João Penteado várias citações de Proudhon assim como a obra citada, em sua biblioteca.

Max Nettlau, outra referência importante no contexto da educação libertária, busca a origem do anarquismo em pensadores do passado que criticavam qualquer princípio de autoridade e confiavam radicalmente na liberdade⁴². Rousseau já exaltava o valor da liberdade individual, colocando-a acima de qualquer imposição ou costumes sociais. A obra de Rousseau irá influenciar de forma significativa o pensamento de Tolstoi e este por sua vez irá influenciar o educador anarquista João Penteado.

42 Ibid P. 41

Francesco Codello, em *A Boa Educação* apresenta uma compilação das experiências e teorias libertárias na Europa, de Godwin a Neill. Trata “de uma teoria pedagógica e um movimento educativo”. A análise realizada pelo autor favorece uma leitura dos pontos em comum entre as experiências libertárias de educação e os principais referenciais teóricos que sustentaram essas experiências. Começa analisando a vida e os fundamentos do pensamento de William Godwin, principalmente os aspectos de sua obra que refletem sobre a justiça política e sua influência sobre a moral e a felicidade. Analisa também as obras de Max Stirner (a educação como liberação geral); Pierre-Joseph Proudhon e a instrução pública; Mikhael Bakunin (a educação como paixão e revolta); Piotr Kropotkin (educação e comunidade); Luigi Fabbri (entre educacionismo, escolas libertárias e revolução) e Elisè Reclus (a educação e a natureza). Além de estudar a vida e obra dos principais teóricos do anarquismo o autor as contextualiza historicamente relacionando-as a eventos como A Primeira Internacional, a Comuna de Paris e a produção da *Encyclopédie Anarchiste* (1926-1934). O autor conclui que “essa história de educação libertária é uma mescla contínua de teorias e experiências, de ideias anarquistas aplicadas à educação, mas também das teorias e práticas organizativas e didáticas que, frequentemente, mesmo de um modo explícito, podem remeter ao anarquismo. Do fim de uma experiência nasce uma iniciativa de difusão e de agregação (como no caso da Liga pela Educação Libertária criada por Émile Janvion e Jean Degalvès, em 1897, depois do final da obra de Paul Robin, em Cempuis) (...)”.⁴³ Esses modelos teóricos, alinhados às experiências, realizações concretas entre fins do século XIX e o século XX, estavam também presentes nas experiências de educação libertária no Brasil e através da vida e obra do professor Penteado pode-se levantar as formas de resistência após o episódio de fechamento da escola em 1919.

As datas comemoradas na Escola Moderna de São Paulo fazem parte desse universo ideológico, das referências teóricas e históricas que sustentaram a formação e manutenção de escolas libertárias no Brasil e no mundo. Entre as datas universais destacam-se: a queda da Bastilha (1789), a

43 P. 20.

Comuna de Paris (18 de março de 1871), o Primeiro de Maio (1891), a Morte de Ferrer (13 de outubro de 1909) e a morte de Sacco e Vanzetti (23 de agosto de 1927). Entre as datas históricas brasileiras, que marcam a luta pela liberdade, João Penteado destacava a condenação de Tiradentes (21 de abril de 1792) e a libertação dos escravos (13 de maio de 1888)⁴⁴. Desta forma, essas datas serviam como meios de divulgação da luta libertária contra a opressão, a exploração dos trabalhadores e através delas eram realizadas atividades pedagógicas com canções, poemas, apresentações teatrais e publicações de textos tanto na imprensa libertária e operária quanto nos jornaizinhos produzidos pelo próprio professor Penteado e os alunos da escola.

Entre os documentos, do acervo do professor João Penteado foram localizadas referências à Comuna de Paris (1871), uma experiência histórica de governo operário que desempenhou um importante papel no desenvolvimento do movimento anarquista e de suas ideias⁴⁵.

44 13 de maio de 1912 também seria a data de fundação da Escola Moderna No. 1, no Belenzinho. João Penteado, nesta data, sempre comemorava a fundação da escola assim como a libertação dos escravos.

45 Há textos de João Penteado sobre a Comuna de Paris em jornais da imprensa libertária e operária e também nos jornaizinhos da escola. A Comuna de Paris foi criada depois da derrota da França para a Prússia na guerra franco-prussiana. Kropotkin escreveu e publicou um artigo que hoje é um clássico entre os anarquistas, sobre a Comuna de Paris. “No dia 18 de março de 1871, o povo de Paris levantou-se contra o governo que desprezava e detestava e declarou que Paris era agora uma cidade independente, livre e dona do seu destino”. 45 “Assim, a Comuna de Paris, fruto de um período de transição, nascida sob a mira das armas prussianas, estava destinada a desaparecer. Mas pelo seu caráter eminentemente popular, ela deu origem a uma nova série de revoluções e pelas idéias que lançou tornou-se a precursora de todas as revoluções sociais. O povo aprendeu a lição e, quando surgirem mais uma vez na França os protestos das comunas revoltadas, ele já não esperara que o governo tome atitudes revolucionárias. Quando tiverem se libertado dos parasitas que os devoram, tomarão posse de toda a riqueza social disponível de acordo com os princípios do comunismo anarquista. E quando tiverem abolido totalmente a propriedade privada, o governo e o estado, irão se organizar livremente, de acordo com as necessidades indicadas pela própria vida. Rompendo as correntes, derrubando seus ídolos, a humanidade marchará em direção a um futuro melhor, desconhecendo senhores e escravos e venerando ainda os mártires que pagaram com seu sofrimento e o seu sangue naquelas primeiras tentativas de emancipação que iluminaram a nossa marcha pela conquista da liberdade”.

O vidro

Tendo ido visitar por acaso uma das fabricas de vidro que ficam no Belémzinho, nesta capital, achei muito interessante o processo porque passa o vidro antes de ser transformado em objectos de uso domestico.

Em primeiro lugar, fui assistir á composição do vidro, que é feita por diversos operarios, praticos nesse mysterio. Depois, fomos ver como é collocada essa composição nos fornos quentes, em panelas de argilla refractaria, onde, em 24 horas, fica completamente transformada em uma massa vermelha, que é colhida por operarios que a tiram em bocados iguaes e a separam para que essa massa fique ôca; e, quando já está regulado o tamanho preciso, separam-na novamente, levando-a na respectiva forma.

Sahido da forma, o vidro toma a sua cor natural. Então vai para a tempera, onde se esfria pouco a pouco. Mais tarde o vidro vai ser limpo, rodado e queimado para que não fique com a face cortante.

E afinal, passa para outra repartição onde é embrulhado e vendido para usos domesticos.

CLEMENTE ALBANO

2.º anno do Curso Commercial.

Progresso do Seculo XX

O seculo XX desde o seu desabrochar tem sido um dos que maior progresso têm apresentado em todos os ramos da actividade humana, quer nas artes, quer nas sciencias, trazendo-nos muitas vantagens.

Apezar disso, porém, trouxe-nos a guerra europeia, de tão negra memoria na historia universal.

Uma das sciencias que maior progresso têm alcançado neste seculo é a medicina que, com seu desenvolvimento, muitos beneficios tem prestado á humanidade, quer debelando grandes epidemias, quer descobrindo os meios de combater as molestias que eram ainda bem desconhecidas, tendo sempre por norma extirpar o mal na sua propria causa, por meio de rigorosas medidas de saneamento e de hygiene.

Haja vista a obra grandiosa de Oswaldo Cruz em relação á campanha contra a febre amarella no Brasil.

A telegraphia e o radio, devido ao genio de Marconi, que é uma invenção immortal, deu-nos a rapida communicação de povos uns com os outros através distancias incommensuraveis; a telephonia, tambem de muita utilidade para o commercio, por meio de cujosapparellhos podemos conversar com

uma pessoa mesmo a grande distancia; o automovel, um dos grandes factores do progresso, pois com elle podemos facilitar o transporte de passageiros e mercadorias; o aeroplano dirigivel, cuja invenção se deve principalmente ao genio inventivo e arrojado de Santos Dumont, que foi um dos primeiros a dar impulso á aviação aëria, merecendo a admiração de todo mundo; e o submarino, mau grado o fim para o qual se destina, tudo isso enfim, devemos ao seculo XX.

WALDOMIRO DE SOUZA

2.º anno do Curso Commercial.

Descobrimento do Brasil

Partindo de Lisboa a 9 de Março de 1500, em demanda da India, o almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, com grande armada, composta de treze caravelas e mais de mil homens de guarnição, aconteceu que, desviando-se de rumo habitual, para evitar as calmarias africanas, ou talvez pelo instincto de novos descobrimentos a oeste, veio a descobrir o Brasil a 22 de Abril do mesmo anno.

Assim foi que avistou os primeiros indicios de terra proxima no dia 21 de Abril, e no dia 22 um monte de forma arredondada, ao qual deu o nome de Monte Paschoal. No dia seguinte praticou-se a sendagem até o rio do Frade, e foram seguindo sempre para o norte, onde poderam achar um porto muito bom e seguro a que deram o nome de Porto Seguro, hoje bahia de Santa Cruz.

No dia 1.º de Maio, em terra firme, em presença dos indios que, com grande espanto assistiam ás ceremonias religiosas da posse, foi levantada uma grande cruz de madeira com as armas de Portugal.

A terra, que pensavam fosse uma grande ilha, chamaram de Vera Cruz e depois de Santa Cruz, nome esse que mais tarde foi mudado pelo de Brasil, em virtude da madeira cor de brasa que havia em grande abundancia por toda a região então conhecida pelos descobridores.

No dia 2 de Maio aprestaram-se para a partida, deixando em terra dois degradados, na esperança de que estes mais tarde podessem ser utilizados como interpretes. Nessa occasião foi enviada para Portugal uma nau, com mandada por Gonçalo Coelho, afim de levar a noticia do descobrimento a D. Manoel.

É geralmente sabido que antes de Cabral, outros navegadores chegaram ás costas do Brasil, mas que nenhum delles tomou posse definitiva da terra

que continuou com se fosse desconhecida.

Os hespanhões avantajaram-se aos portuguezes, Alonso de Hojeda, os os irmãos Pinzon e Diogo de Leppe precederam a Cabral no descobrimento do littoral do Brasil, mas taes expedições foram passageiras, sem nenhum resultado pratico.

Alfredo Ganzerli

Do 1.º anno do Curso Commercial.

13 DE MAIO

Festejou-se no dia 13 deste mez mais um anniversario da libertação dos escravos no Brasil.

Como todos nós já sabemos, o Brasil foi a nação da America que mais demorou para abolir o odioso regimen da escravidão.

Os escravos do Brasil eram constituidos pelos pretos que as navegações portuguezas nos tempos colonias arrebatavam nas costas da Africa para depois as vender aos proprietarios territoriaes, que os sujeitavam a serviços forçados.

Os nossos indigenas tambem, a principio, foram escravizados, mas estes não se sujeitaram á escravidão, e revoltaram-se, sendo isto só uma das causas por que o Brasil não pudessem prosperar no tempo do regimen das capitánias, mas tambem do odio que ainda hoje os habitantes das florestas brasileiras votam ás gentes das cidades.

O regimen da escravidão no Brasil durou seculos.

Esses pobres homens pretos roubados ás terras africanas não sabiam o que era o Brasil. Vinham sem saber o destino que os esperava. Chegados, ficavam escravos, e o feitor lhe mettia o chicote quando lardeavam no trabalho.

O Brasil libertara os seu escravos pretos sem fazer correr uma gotta sequer de sangue, ao passo que a libertação dos escravos nos Estados Unidos da America do Norte, custou o preço de uma lucta sangrenta que durou 4 annos.

Foi pouco antes da proclamação da Republica que os abolicionistas trabalharam com mais denotado esforço para a libertação dos escravos neste paiz, contando-se dentre os que mais se distinguiram, os vultos de Luiz Gama e Antonio Bento e Souza Castro, redactor da Redempção, de gloriosa memoria.

Mas onde primeiro surgiu o ideal de abolição foi no Ceará e no Amazonas, que em 1894 libertaram os seus escravos, acto esse que serviu de exemplo para o Sul do Brasil, onde os republicanos tanto se esforçaram

46 O Início – órgão dos alunos da Escola Nova. São Paulo, 28 de maio de 1923. Artigo sobre o 13 de maio: No. 9. Págs 5 e 6. "Festeja-se no dia 13 deste mês mais um aniversário da libertação dos escravos no Brasil. Como todos nós já sabemos, o Brasil foi a nação da América que mais demorou para abolir o odioso regime da escravidão. (...) O exemplo dos abolicionistas deve servir de estímulo para os moços de hoje que mais se preocupam em futilidade do que de trabalhar pela causa da humanidade." Nevio Funari. 1º ano do Curso Comercial.

João Penteado escreve sobre a Comuna de Paris, a Queda da Bastilha, a Internacional dos Trabalhadores e exalta as revoluções como “movimentos extraordinários”:

(...) as revoluções sociais, como as de 1789, 1830, 1948 em França, das quais resultaram não pequenos benefícios para a humanidade, trazendo como consequência grandes e extraordinárias reformas políticas para os povos do ocidente europeu, com a queda dos últimos resquícios do poder feudal que ruiu, para sempre, ao sopro benéfico e regenerador da revolução.

E o que são as revoluções, que a inconsciência e a ignorância de alguns espíritos tanto receiam, enchendo-se de infundado Terror? Que são elas, pois, senão o resultado desses mesmos movimentos extraordinários, senão as manifestações desses fenômenos geradores de vida que, de vez em quando, se operam no seio imensamente fecundo da natureza e das sociedades humanas determinadas por forças poderosas que se chocam umas contra as outras, vencendo-se ou deixando-se vencer na luta de que se originam, como consequência fatal e inevitável, grandes e profundas transformações no seio do Universo. Temê-las, receá-las é dar prova de supina ignorância das leis que regem o Universo. (...)

É daí, pois, o fato de uma revolução que, se não pode mudar por completo uma ordem social deste ou daquele povo ou até a maneira de ser da sociedade em geral, poderá trazer, contudo, ao menos em parte, alguma modificação, alguma reforma, algum benefício para a Humanidade, que quer emancipar-se, que quer ser livre,

para assim poder gozar e viver sobre a Terra Livre, sem capital nem fronteiras, sem governo nem amos!

Destaca a queda da Bastilha neste contexto revolucionário:

Falaremos agora deste acontecimento histórico, busquemos a causa deste fato e veremos logo que ele foi determinado pela evolução das ideias novas, das ideias, por assim dizer, revolucionárias, que tiveram origem nas fecundas celebrações dos filósofos, que, acertando as baterias dos seus pensamentos contras as velhas instituições políticas, não se limitaram somente às abstrações estéreis, às agitações improfícuas para a humanidade, mas procuraram, antes de tudo, dar uma orientação prática às suas críticas, pondo em franco relevo os contrastes sociais e fazendo ver aos povos da terra uma nova fórmula pela qual pudessem emancipar-se, livrando-se assim das tiranias governamentais daquela época.

(...) E foi com a ânsia de liberdade que o povo francês de 89 se arremessou contra as sombrias muralhas da Bastilha, rapidamente abatendo-a num ímpeto indescritível, e fazendo eclipsar as forças representativas da tirania e do despotismo, para depois entrar em fases francamente revolucionárias, reivindicando direitos e abolindo privilégios que, até aquele tempo, dividiam aquele país em três castas distintas: a do clero, a dos nobres e a dos plebeus, que se compunham do povo, reduzindo-a à condição do mais odioso servilismo.

Mas a revolução se fez e o despotismo teve que recuar diante da onda popular, que se levantou influenciada pelas ideias novas. E nas diversas modalidades, nas suas diversas fases, desde o seu período iniciado em 14

de julho de 89, a revolução foi sempre, para o povo, cheia de promessas mais ou menos esplendidas em suas perspectivas, em suas nuances, pondo em jogo todas as forças humanas no sentido de operar o milagre da transmutação da treva em luz, da tirania em liberdade, tornando-se, por assim dizer, no crisol onde se apuraram os sentimentos para a concretização de um ideal de grandeza e de amor, que forçosamente deveria triunfar na luta contra as forças reacionárias do despotismo, porque cheios de verdades, cheio de promessa esplendorosa, constituía por esse mesmo motivo a força, a razão de ser e a vida daquele povo então heróico da França, daquela mesma França que por meio dos seus filósofos e pensadores preparou o futuro da humanidade.

Foi assim que a revolução, depois de passar pelos tramites naturais, deu aos trabalhadores franceses a consciência e a experiência de seu valor, aconselhando-se o levantamento de uma barreira contra as infames e sempre crescentes pretensões da burguesia ladravaz e exploradora, intensificando a sua obra de defesa e organizando-se para esse fim.

E sobre a Internacional dos Trabalhadores:

Foi esta iniciativa o fato mais culminante da história das reivindicações proletárias porque, por meio delas, por meio de suas numerosas assembléias, as diversas teorias de reforma que até então os trabalhadores do mundo estabeleciam motivo de hesitação em um e confusão em outros, dando margem a torpíssimas explorações por parte dos partidários políticos, que de tudo se aproveitam para fazer valer a sua velhacaria. A

internacional, porém, veio separar o joio do trigo, pondo a má semente de parte, para assim salvaguardar os verdadeiros e respeitáveis interesses das classes produtoras.

E nesse prélio gigantesco, nesses debates calorosos em que se procurou revelar a forma mais perfeita em que a matéria de doutrina social pudesse corresponder às supremas aspirações da humanidade, também a matéria mais viável para ele poder sair do caos em que vem lutando desde muitos séculos, tomaram parte, com a preponderância de sua robusta inteligência alguns dos grandes vultos que naquela época encarnavam o espírito, o pensamento revolucionário, destacando-se entre eles, a figura máscula, varonil, do destemido e admirável de Bakunine, que precisou e definiu de modo mais perfeito possível o ideal anarquista, cujas sementes, lançadas pela Internacional, foram logo bem acolhidas pelos trabalhadores do mundo. (...)

Em seguida traz um histórico da Comuna:

A 18 de março de 1871 toda a cidade de Paris se transformou de improviso, mudando seu cenário, sua feição, seu aspecto. O povo, afinal, respirou, tomou alento, sentiu o vislumbrar de uma esperança. E a Comuna se implantou em substituição dos poderes centralizadores da burguesia, que batera em retirada, enquanto uma parte da guarda nacional, confraternizada com o povo, formou uma federação e conservou-se armada para o trabalho de defesa, fazendo passar pelas armas os generais Lecomte e Clemet Thomaz. Nascida no seio de A. Internacional dos Trabalhadores, e acalentada pelos mesmos ideais de Justiça e de Amor,

devia a Comuna, se tivesse tido tempo, ligar-se a todas as cidades do interior da França e, finalmente, fazer causa comum com os trabalhadores rurais, formando assim uma vasta confederação de produtores que, por sua vez, sob o regime de um direito novo, igualitário e justo, empolgaria todos os povos da terra, transformando-a num paraíso de felicidade mais perfeita e mais verdadeira do que as mentirosas, prometidas pela religião. (...). A sua crueldade na repressão da Comuna não teve limites, foi ao extremo. Depois de desviada a onda revolucionária, depois de sufocadas em sangue as vozes dos comunistas que heroicamente opuseram à frente das barricadas, em defesa de alevantamento do ideal de justiça, ainda lançaram mão das maiores atrocidades e violências contra os sobreviventes, trinta e cinco mil dos quais foram barbaramente espingardeados em Versalhes de uma só vez e outros muitos revolucionários deportados em massa para as inóspitas ilhas da Nova Caledônia, em cujo número se destacaram Blanchi, Luiza Michel, e tantos outros jornalistas, oradores, apóstolos descotados e convictos propagandistas do sublime evangelho da redenção humana. E a prova da perversidade inaudita dos reacionários burgueses contra os comunistas, depois de vencidos, está na maneira bárbara e cruelíssima cena de vingança, que excedeu a tudo quanto a imaginação do Nero poderia conceber de mais monstruosamente horrível nesses processos usados pelo despotismo para reprimir a liberdade.⁴⁷

As datas comemoradas pelos anarquistas, como a Comuna de Paris em 1871, são importantes na medida em que começam a ser priorizadas nas

47 Manuscritos de João Penteado.

pesquisas sobre anarquismo e educação libertária as práticas, as experiências concretas dos movimentos libertários. Nos anos 30 temos a experiência do anarquismo espanhol, que mesmo ignorado pela história oficial chega a um lugar de grande importância na vida social, política e cultural da Espanha. Será também uma data lembrada pelos militantes brasileiros em eventos no Centro de Cultura Social e na Nossa Chácara. Os anarquistas espanhóis chegam a cristalizar suas propostas organizativas e econômicas durante a Guerra Civil (1936-1939), conhecida também como Revolução Espanhola. A experiência libertária na Espanha animou os libertários no Brasil, alguns chegaram a participar da Revolução. Outros publicavam artigos nos jornais libertários, mantinham contatos com libertários espanhóis e divulgavam os acontecimentos com esperança de que a Revolução se espalhasse.

Em *A Plebe*, de 24 de junho de 1933, é publicado um texto de Federica Monteseny, uma anarcosindicalista espanhola, sobre o *período de gestação*, da *Revolução Social em Espanha*. Neste texto, Federica destaca a participação da mulher nos processos revolucionários, tanto da Rússia, quanto da Espanha.

Falando em participação da mulher na militância anarquista, vale lembrar o papel desempenhado por Maria Lacerda de Moura, lida e admirada por João Penteado, que assim como o companheiro de lutas também defende o princípio da liberdade na educação: “A Liberdade existe para um povo quando este povo a compreende”. (Moura. 1818: 18) Assim como os demais militantes anarquistas ela defende a autoeducação, a busca individual pelo conhecimento, não compreendendo a instrução sem moral, “quem se propõe a educar tem necessidade de ser o vigia constante dos seus próprios atos, das suas palavras, dos seus pensamentos, corrigindo-se sem cessar para não cair em contradições.” (Moura. 1818: 20). Em *Renovação*, publicado em 1919, ela relata a sua própria experiência de autoeducação:

A razão deste livro é simples: estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia ler. Conheci-os, uns através dos outros. E lia tudo: livros de filosofia, lógica, pedagogia, psicologia, moral, etc, etc, - procurando interpretar. Que soma de prazeres intensos! (...) Quando julgava interpretar uma página ardente de Rousseau, um

pensamento excelso de Platão, uma teoria de Spencer, quando sentia a filosofia de Guerra Junqueiro, o amor de Tolstoi ou de Kropotkine, a poesia de Goethe, - as lágrimas quase me banhavam o rosto e, prosseguia enlevada. (Moura. 1919: 11)

Como anticlerical defendia a tese de que a religião era o mais importante empecilho ao progresso da mulher: “abdicam por completo de seu raciocínio: pensam pela cabeça dos sacerdotes, pelos argumentos dos livros e dos médiuns.” (Moura. 1919: 115) Colocava-se contra a religião, mas não contra o cristianismo:

Guerra Junqueiro e Tolstoi considerados – inimigos da religião – são mais cristãos, são mais religiosos que o papa e os bispos católicos os quais são tiveram a coragem bastante para se desprender dos bens materiais – palácios, jóias, criados, glórias mundanas e acumulam fortunas consideráveis. Tolstoi pregou e procurou cumprir o evangelho de Cristo e viveu como pobre, vestindo a blusa de operário. Os ritos, os dogmas, o culto externo, as práticas religiosas, confissões que absolvem a culpa, tudo isso se modifica, obedece aos gostos e interesses particulares da Igreja, transforma-se, desaparecerá. Perdura para todo o sempre – o fundo, o espírito e não a forma. (...) Então, há muitas verdades ou a Verdade é uma só? Haverá tantas quantas são as religiões? Cada qual afirma a sua e a intolerância se alastra. (Moura. 1919: 119)

Para Maria Lacerda de Moura foi Rousseau quem delineou as bases de uma educação racional, “destruindo, mostrando os erros das instituições e costumes, provando que os pais e os mestres contribuem para a má educação, para o mau caráter, para a inutilidade ou para a ação perniciosa dos filhos em relação ao meio social.” (Moura. 1919: 246). Para ela, a base teórica de Rousseau abriu campo para a fundação de escolas:

Depois, Robin funda a escola de Cempuis, Tolstoi funda a de Yasnaia Poliana, Edmond Demolins a de Roches, Montessori a Case dei Bambini e Ferrer a Escola Moderna. O ensino racionalista combate a superstição e o dogma, faz brotar nas consciências o livre exame, excita a curiosidade, alimenta a dúvida que disseca e ensina. É educação pela liberdade e para a liberdade, apontando o interesse que há na ignorância e na fé a maioria comodista e pobre de meios para enxergar mais longe. (Moura. 1919: 246)

Mas, pensando a partir deste quadro histórico, qual seria a atualidade do pensamento libertário? Tina Tomassi ressalta que na atual sociedade capitalista, a evolução política, social e econômica tem se produzido de forma oposta às aspirações dos militantes libertários. Ao invés do retorno a uma vida simples e frugal o que se observa é um consumismo desenfreado. Ao invés de uma atividade produtiva agrícola-artesanal, temos um complicado desenvolvimento tecnológico e cada vez mais concentrações industriais. Ao invés da igualdade entre os povos aprofundam-se as hierarquias e as desigualdades sociais. Ao invés de pequenas comunidades autônomas e federadas temos grandes estados centralistas e autoritários. Ao invés de perspectivas de coexistência pacífica, assistimos a interruptos conflitos e a uma corrida cada vez mais desenfreada por armamentos. Também no campo educativo, Tina Tomassi observa que o que se vê não é o desenvolvimento autônomo da personalidade do indivíduo, da aquisição e uso das faculdades críticas e sim ações que levam a uma intensa competitividade e perda da liberdade, da possibilidade de ser livre. Neste contexto é que vemos renascer o interesse pela educação libertária principalmente entre jovens educadores. Há ainda uma desconfiança em torno da educação libertária, pois muitos a julga como utópica e sem objetividade. Porém, ao estudar as práticas de educação libertária, indo além da teoria, estudando as ações e os seus resultados temos um novo campo aberto de pesquisa. Tina Tomassi ainda nos lembra de que toda experiência de educação libertária está ligada ao contexto histórico em que surgiu e se desenvolveu (Tomassi, 1988).

No final do século XIX o anarcosindicalismo começa a se formar influenciado pelas idéias de Bakunin, formando associações de resistência, de caráter revolucionário. Ganha espaço no movimento operário e, no Brasil será a principal influência até os anos 30, quando no governo Vargas intensifica-se a perseguição aos anarquistas. Cuevas Noa define o anarcosindicalismo como um sindicalismo de idéias anarquistas baseado na ação direta como estratégia sindical e na negação do colaboracionismo entre organizações sindicais, por um lado, e patrões e Estado, por outro (Noa, 2003).

Cuevas ainda ressalta que para algumas correntes libertárias o anarcosindicalismo ou sindicalismo revolucionário prefigura a sociedade futura revolucionária com sua estrutura federal e autogestionária e para torná-la realidade usa métodos como a greve geral e a insurreição, porém, para outras correntes é somente o primeiro passo organizativo com grandes riscos de ficar reduzido à lutas reformistas (Noa, 2003).

É neste contexto que surgem as escolas libertárias, conhecidas também como escolas modernas e racionalistas⁴⁸. Entre as escolas estudadas no Brasil, por João Penteado⁴⁹ e seus companheiros, como experiência de ações concretas entre os libertários estão a Escola de Iasnaia Poliana, fundada na Rússia por Tolstoi, a Escola Oficina No. 1, em Portugal, dirigida por Adolfo Lima, La Ruche, fundada na França por Sebastien Faure, Orfanato Cempuis, dirigido por Paul Robin e a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer.⁵⁰ Essas escolas defendiam a educação integral, o ensino racional e científico e tinham como princípio a educação para a liberdade.

⁴⁸ Referência explícita à influência do educador espanhol Francisco Ferrer e Guardia.

⁴⁹ Sobre essas experiências de educação libertária localizamos no acervo de João Penteado as seguintes obras: Tolstoi, Leon. La escuela de Yasnaia Poliana; Barros, João de. A República e a Escola. Bertrand, Lisboa; Ferrer, Francisco. La Escuela Moderna de Barcelona; Canelas, Antonio Bernardo. La Ruche. Recife, 1920; Faure, Sebastien. La Ruche; Moura, Maria Lacerda de. Ferrer o Clero Romano e a Educação Laica. São Paulo, Editorial Paulista. 1934; Moura, Maria Lacerda de. Em Torno da Educação, 1918, Minas Gerais e Renovação, 1919, Minas Gerais.

⁵⁰ Ver quadro em anexo sobre as escolas e experiências de educação libertária.

Escolas	Local	Período	Educador	Principais características	Motivos de seu fechamento	Publicações
Iasnaia Poliana	Iasnaia Poliana, Rússia.	1849; 1858-62; 1882-86; 1872	Liev Tolstoi (1828-1910)	Inspirada em Rousseau, princípio da liberdade, estudos do meio, uso de literatura clássica, aulas ao ar livre, museu escolar.	A escola é fechada e reaberta várias vezes. Em 1862 a escola é invadida pela polícia, professores são interrogados e os manuscritos de Tolstoi são vasculhados.	A Escola de Iasnaia Poliana; Contos da Nova Cartilha; Quatro Livros de Leitura; Revista da Escola de Iasnaia Poliana entre outros.
Orfanato Gabriel Prevóst, Cempuis	Oise, França	1880-1894	Paul Robin (1837-1912)	Inspirado em Bakunin defendeu o princípio da Educação Integral e a Coeducação dos sexos.	Paul Robin foi demitido em 31 de agosto de 1894.	Ensaios publicados na Revista La Philosophie Positive
La Ruche	Rambouillet, França	1904-1917	Sebastien Faure (1858-1942)	Coeducação dos sexos, aulas ao ar livre, livre discussão entre professores e alunos, ausência de recompensas ou punições.	A experiência termina sob o impacto da I Guerra Mundial, em 1917.	Enciclopédia anarquista; La Ruche; Filosofia Libertária; A dor universal entre outras.
Escola Moderna de Barcelona	Barcelona, Espanha	1901-1906	Francisco Ferrer Y Guardia (1859-1909)	Coeducação de sexos e classes sociais; educação racional e científica; jogos	A escola foi fechada pelo governo em 1906. Ferrer foi preso, julgado e	A Escola Moderna de Barcelona; Revista Ecole Renouvée; Boletim da

Escola Oficina No. 1.				cooperativos, formação de professores, publicação de livros didáticos.	condenado. Foi fuzilado em 1909.	Escola Moderna entre outros.
	Lisboa, Portugal	1907-1914	Adolfo Lima (1874-1943)	Educação Integral, liberdade na educação e no ensino; oficinas de trabalhos manuais; ensino centrado na criança.	Adolfo Lima é desligado da escola em 1914. Continua a defender seus princípios em outras instituições de ensino.	O Teatro na Escola; Educação e Ensino – Educação Integral; O ensino de História entre outros.
Escolas Modernas de São Paulo	São Paulo, Brasil	1912-1919	João Penteado (1876-1965)	Coeducação de sexos e classes sociais, estudos do meio, uso de jornal operário, formação de bibliotecas, uso dos livros editados pela Escola Moderna de Barcelona.	A escola é fechada em 1919 pelas autoridades paulistas. Houve influência da Igreja Católica no episódio de fechamento da escola.	Boletim da Escola Moderna; O Início.

2. 1. Escola Moderna de Barcelona

*La Escuela Moderna pretende combatir cuantos prejuicios dificulten la emancipación total del individuo, y para ello adopta el racionalismo humanitário, que consiste em inculcar a la infância el afán de conocer el origen de todas las injusticias sociales para que, com su reconocimiento, pueda luego combatirlas y oponerse a ellas.*⁵²

Francisco Ferrer nasceu em Alella em 10 de janeiro de 1859, Espanha e foi fuzilado em 13 de outubro de 1909. Seus métodos de ensino foram amplamente discutidos entre os libertários brasileiros. Sua morte trágica provocou grande comoção entre os anarquistas e a cada aniversário de sua morte era organizado um evento para relembrar sua obra e divulgar seu método de ensino. João Penteado cita Ferrer em vários de seus textos, publicados na imprensa operária e libertária. Há menção aos seus métodos de ensino nas propagandas da Escola Moderna em São Paulo, que exibia um quadro do educador espanhol na parede da sala de aula e vendia medalhas com sua imagem. Sua biblioteca pessoal também conta com obras sobre Ferrer e a Escola Moderna de Barcelona.

51 A Lanterna - São Paulo 12 de outubro de 1933. Jornal de Combate ao Clericalismo. O jornal trás na primeira página uma homenagem a Francisco Ferrer, lembrando que seu assassinato é uma lição de história viva. "Ferrer é um símbolo. Sua vida é um prenúncio. Sua morte uma definição".

52 Ferrer, F. *La Escuela Moderna*. Edita Zero, 1978. P. 166.

Muitas questões marcaram a participação do movimento anarquista nos assuntos educacionais, entre elas: a condenação à educação religiosa e a crítica à falta de unidade no ensino, acentuadamente dividido entre educação científica e educação profissional, e entre o ensino e a aprendizagem. Paul Robin e Francisco Ferrer apresentaram propostas educacionais que pareciam adequadas aos ideais revolucionários dos anarquistas. A obra de Francisco Ferrer também se destaca pelo pensamento pedagógico antiautoritário. Foi o fundador da Escola Moderna, e um dos mais destacados críticos da escola tradicional, apoiando-se no pensamento iluminista. Acreditava no valor da educação como remédio absoluto para os males da sociedade, defendia a coeducação, não fazendo distinção entre sexos ou classes sociais. Para materializar a sua pedagogia racional e científica necessitava de um corpo docente adequado, para isso, criou a escola do professor, ou seja, preocupou-se com a formação do professor, que o professor estivesse preparado para formar homens livres e autônomos. Ferrer criticava o monopólio do conhecimento, que constituía um instrumento de poder não mãos de uma minoria. A educação racionalista estava centrada no desenvolvimento da aptidão individual de cada educando.

Fundada em oito de setembro de 1901, por iniciativa de Francisco Ferrer Y Guardia, a Escola Moderna de Barcelona tinha como princípio o ensino racionalista e científico. A educação deveria abarcar tudo o que fosse favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade. Defendia a coeducação dos sexos e das classes sociais, tratava também da higiene escolar, da formação de professores e da renovação da escola e de seus métodos. Era contrário aos prêmios e castigos, defendia o laicismo e a formação de bibliotecas populares. Realizava conferências dominicais, criou uma editora, publicou livros didáticos e o Boletim da Escola Moderna⁵³.

Para Oiticica o assassinato de Ferrer *é uma lição de história viva*.

Ferrer é um símbolo. Sua vida um prenúncio. Sua morte uma definição. Recordando-as, vemos a humanidade

53 Sobre esse assunto ver Calsavara: 2004. Ver também Ferrer, Francisco. *La Escuela Moderna*. Editora Zero, 1978.

velha, encarquilhada e trôpega, amortalhada nos preconceitos, chumbada no regime de castas, onde se consagra a dualidade extrema de explorados e exploradores, de um lado; e do outro a deserdada classe dos famintos, proletários, sem direitos, triturados no trabalho, sufocados na ignorância, empedernidos na credence e no crime. (Oiticica. 1970: 276)

54

Apesar da grande comoção que cerca sua morte e sua obra, Ferrer parece não ser o único a ter influenciado a carreira do educador João Penteadó. Trataremos a seguir de outros educadores libertários, sobre os quais localizamos referências, livros, citações e artigos em seu acervo.

54 <http://reflexionesdesdeanarres.blogspot.com/2012/02/ferrer-y-la-escuela-moderna.html>

2.2. A Escola de Iasnaia Poliana

55

*O poder governamental, mesmo que faça desaparecer as violências internas, sempre introduz na vida dos homens novas violências, cada vez maiores em razão de sua duração e de sua força. De modo que, se a violência do poder é menos evidente do que a dos particulares, porque se manifesta não pela luta, mas pela opressão, ela, não obstante, existe, e com maior frequência num grau mais elevado.*⁵⁶

Leon Tolstoi (1828-1910) é também um nome ligado à educação libertária, o que pode surpreender a muitos que não conhecem a sua experiência na fundação de uma escola popular, voltada para a formação dos filhos de camponeses que trabalhavam em sua propriedade, em Iasnaia Poliana. Tolstoi foi discípulo de Rousseau, interessou-se pelos métodos de ensino e para estudá-los realizou diversas viagens passando a redigir manuais escolares. Chegou a fundar uma revista com o nome da escola para a qual escreveu muitos artigos e publicou outras obras sobre educação. A. Reis Monteiro aponta que “duas idéias dominam o seu pensamento e ação no domínio da educação: a liberdade da criança e a instrução do povo”. (Monteiro. 2005: 87).

55 <http://intothewildunion.blogspot.com/2011/02/leon-tolstoi-en-yasnaia-poliana-juan.html>

56 Tolstoi, L. O Reino de Deus está em vós. 2. Edição. Editora Rosa dos Tempos. s/d. P. 86.

A questão da liberdade e da solidariedade como expressão da criatividade e da espontaneidade dos indivíduos no processo de aprendizagem sempre teve uma grande relevância para a maioria dos autores anarquistas e também para Tolstoi. Liberdade, educação, educação integral e ciência são conceitos fundamentais do anarquismo.

57

Tolstoi, mesmo antes de formular o que ficaria conhecido como anarquismo cristão, já apresentava ideias libertárias no campo pedagógico. Entre 1858 e 1872 realizou uma experiência de ensino libertário em sua fazenda em Iasnaia Poliana. Durante o ano de 1862 publicou uma revista de *Educação*, com o mesmo nome. Em seus escritos e em sua prática pedagógica, Tolstoi proclama o princípio da Liberdade e procura enxergar a educação do ponto de vista da criança. Tolstoi, em coerência com o anarquismo, não exclui ninguém de sua proposta libertária para a educação, ele não pensava apenas na redenção da classe trabalhadora, mas sim na redenção da humanidade. Ao realizar suas pesquisas sobre a educação, em viagens a França, Alemanha, Suíça, visitou escolas e conversou com professores e alunos. Ao escrever sobre a questão da liberdade na escola, Tolstoi constatou:

As escolas lhes parecem (às crianças) estabelecimentos criados para o seu suplício – e onde se lhes priva de seu

57 <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2010/12/lenin-tolstoi-um-grande-artista.html>

prazer principal, de sua necessidade mais importante – o movimento livre; onde Gehorsam (obediência) e Ruhe (tranquilidade) são condições primeiras; onde para se sair uma hora, é preciso autorização especial, onde cada delito é punido ou por reguadas – se bem que as punições físicas estejam oficialmente abolidas – ou pelo prolongamento de sua permanência na escola, o suplício mais cruel de uma criança. A criança vê na escola, com toda razão, um estabelecimento onde lhe ensinam coisas que ninguém compreende; onde a forçam, na maior parte do tempo, a falar uma língua estrangeira e não sua língua materna, seu patoá; onde o professor considera os alunos, o mais das vezes, como seus inimigos inatos, que pela maldade dos pais, se recusam a aprender o que ele mesmo aprendeu; e onde os alunos, de sua parte, olham o professor como um adversário que, por sua maldade pessoal, lhes força a aprender coisas tão difíceis.⁵⁸

Assim como os demais pedagogos anarquistas, Tolstoi enxerga na educação um instrumento de moldagem que as elites e o governo usam constantemente. Para ele, a educação seria sempre uma tentativa de conservação do *status quo*. A escola de Iasnáia Poliana não tinha regras

58 Incontri, Dora. Tolstoi e a antipedagogia. Uma proposta de educação libertária. In. Revista da Faculdade de Educação. Volume 17. No.1/2. Janeiro/Dezembro 1991. Pág. 106.

59 <http://www.caotico.com.br/contos-da-nova-cartilha/>

formuladas em forma de leis. As regras deveriam ser espontâneas, surgidas da necessidade da convivência. Ele acreditava que de uma desordem social, a organização nasceria naturalmente, sem necessidade de nenhum sistema de controle⁶⁰. Para ele, as escolas existentes eram lugares de embrutecimento e a sua proposta inclui algo novo para o século XIX, a manifestação da capacidade criativa da criança. Sobre o cotidiano da Escola, ele relata:

Ninguno lleva nada consigo; ni libro ni cuaderno; nunca se les impone tareas que cumplir en casa. Y no sólo el niño no lleva nada en las manos, sino que tampoco lleva nada en la cabeza. Nada de lección; no está obligado a preocuparse hoy de lo que hizo ayer. No se tortura el entendimiento para la lección que va a seguir. No lleva más que a sí mismo, su naturaleza impresionable, y la certeza de que la escuela será hoy tan alegre como ayer. No piensa en la clase hasta el momento en que ésta comienza. Nada de recriminaciones por un retraso, y todo el mundo llega a la hora, fuera de alguno de los mayores a quien a veces su padre retiene para algún quehacer, alguno de los mayores a quien se le ve entonces correr al galope, desalentado.⁶¹

⁶⁰ Tolstoi usa o termo “desordem aparente”.

⁶¹ Texto/citação e imagem: Tolstoi com seus alunos, filhos de camponeses, 1909. <http://educandoenlacasa.wordpress.com/2012/01/20/la-escuela-de-yasnaia-polia>

62

Belkiis Rabello teve como objeto de estudo de seu mestrado *As Cartilhas e os Livros de Leitura de Lev N Tolstoi*. Ela identifica dois períodos na trajetória de Tolstoi, no que se referem à sua dedicação às atividades pedagógicas ou escolares. A primeira, de 1858 a 1862 com a interrupção de um ano, 1860, por motivo de viagem de Tolstoi fora da Rússia. Nesse período ele dirige a escola, escreve, coloca ideias em prática e publica em 1962 a *Revista da Escola de Iasnaia Poliana*. Também em 1862 a escola é invadida pela polícia, seus manuscritos são vasculhados, professores são interrogados e essa violência influenciará os trabalhos posteriores de Tolstoi. Na segunda fase, que vai de 1872 a 1875 ele escreve *A Cartilha*, com um total de 758 páginas, obra que acabará sendo usada na alfabetização de crianças por toda a Rússia. *A Cartilha* permitia aos professores guiar seus alunos desde o abecedário até a leitura de textos, passando assim a usar em seguida *Os Quatro Livros Russos de Leitura* que apresentam um grau maior de dificuldade. Em 1872 Tolstoi abre outra escola, agora para apenas 35 alunos, em uma sala junto à sua própria casa. Sua mulher e seus filhos mais velhos, e o próprio Tolstoi serão os professores dessa nova tentativa⁶³.

62 Texto/citação e imagem: Tolstoi com seus alunos, filhos de camponeses, 1909. <http://educandoenlacasa.wordpress.com/2012/01/20/la-escuela-de-yasnaia-polia>

63 Sobre a Escola de Iasnaia Poliana ver: Tolstoi, L. *La Escuela de Yasnaia Poliana*; Tolstoi, L. *Contos da Nova Cartilha. Primeiro Livro de Leitura*. Ateliê Editorial. 2005 & Rabello, Belkiss. *As Cartilhas e os Livros de Leitura de Lev. N. Tolstoi*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, São Paulo, 2009.

64

Edmond Marc Lipiansky também identifica o pensamento pedagógico de Tolstoi como situado na corrente libertária.

Tolstoi censura a instrução oficial por impor um modelo pré-estabelecido, por fundamentar-se sobre um saber absoluto que escapava a toda a crítica, por negligenciar totalmente as necessidades do povo e, em definitivo, por trabalhar para as necessidades do governo e das classes superiores. (Lipiansky. 2007: 38)

Ao estudar a trajetória do professor Penteado pode-se perceber uma grande influência de Tolstoi. Além das citações constantes ao escritor e educador russo localizamos em sua biblioteca um grande volume de suas obras, tanto educacionais quanto literárias. Essa aproximação fica mais clara pela identificação das idéias defendidas por ambos. Observa-se também o fato de João Penteado ter sido cristão, mas não um religioso, era declaradamente um anticlerical, assim como Tolstoi. Nas palavras do próprio Penteado:

Tolstoi, o grande apóstolo do ideal do Bem, do Amor e da justiça não escapa às fúrias reacionárias da matilha

⁶⁴ Tolstoi e alunos da Escola de Iasnaia Poliana. <http://peuma.unblog.fr/2012/06/30/la-escuela-de-yasnaia-poliana-tolstoy/>

ululante nem deixa de sofrer as consequências de seus atos de abnegada dedicação á causa da Humanidade – porque para a tirania governamental de todos os tempos e de todas as nações não há, nem pode haver maior delito do que abrir os olhos ao povo pregando-lhe uma doutrina cujo espírito fortemente alicerçado no ideal de liberdade e de justiça venha contrariar os interesses das castas dominadoras e fazer, como consequência, o enfraquecimento do seu poder e da sua autoritária pretensão de dominar as consciências das massas trabalhadoras⁶⁵.

65 *A Plebe* 15/10/1921. Texto completo em anexo.

2. 3. Orfanato Prévost

*Se a educação de cada homem tivesse por base não uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas a sua totalidade, veríamos desaparecer as funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasam de forma considerável o progresso da humanidade.*⁶⁷

Paul Robin nasceu na França em 1837. Estudou na Escola Normal Superior, de onde saiu para ensinar Ciências Físicas e Naturais em Brest. Dedicou-se aos estudos pedagógicos e aproximou-se do anarquismo, participando da *Primeira Internacional dos Trabalhadores*. Foi expulso da Bélgica em 1869 por ter participado do *Terceiro Congresso da Internacional*, onde apresentou seu relatório de *Educação Integral*. Passou a viver em Genebra onde conheceu Bakunin e Herzen, e assim como Bakunin foi expulso logo em seguida. Em 1870 é preso e processado em Paris sendo encarcerado em Santa-Pelágia. Foi colaborador no *Dicionário Pedagógico* de Fernando Buisson no ano de 1879. Buisson lhe conseguiu um lugar de inspetor primário em Blois, e pouco depois de diretor do Orfanato Prévost, em Cempuis, região com grande influência clerical. Fundou em 1895 a *Education Intégrale* e no ano

66 <http://www.icem-freinet.fr/archives/benp/benp44/benp44.htm>

67 Robin, Paul. A Educação Integral. In. Moriyón, F. G. Educação Libertária. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989. P. 90.

de 1896 constituiu a *Liga de Regeneração Humana*. Em 1900, Paul Robin toma parte no *Congresso Anarquista de Paris*. Considerado um dos grandes pedagogos anarquistas, com grande influência sobre seus companheiros resistiu á perseguições que o levaram a viver anos tumultuados seguidos de prisões, perseguições, expulsões e exílios. De 1880 a 1894 dedicou-se à organização e direção do orfanato Cempuis, enfrentando críticas inclusive dos pais dos alunos, os quais consideravam um tanto avançados os seus novos métodos de ensino. No Cempuis ele colocou em prática os princípios fundamentais de um ensino laico, racionalista, desprovido de hierarquias e integral. A educação racional deveria, para Robin, começar pelos sentidos, pois a criança adquire a primeira noção dos fenômenos exteriores através deles. O emprego metódico dos sentidos, desta forma, constitui o primeiro modo de exploração científica: a observação.

68

Em textos sobre a educação integral, publicados entre 1869 e 1872, Paul Robin lança as bases e princípios da prática escolar no ensino libertário. Para Robin,

Se a educação de cada homem tivesse por base não uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas a sua totalidade, veríamos desaparecer as funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasaram de forma considerável o progresso da humanidade.⁶⁹

68 <http://www.icem-freinet.fr/archives/benp/benp44/benp44.htm>

69 MORIYÓN, F. G. *Educação Libertária*. Artes Médicas. Porto Alegre, 1989. P. 90.

Edgar Rodrigues apresenta Paul Robin como um “extraordinário pedagogo libertário”.⁷⁰ Reis Monteiro nos lembra que Cempuis é uma pequena aldeia da Picardia “onde um negociante-mecenas mandara construir, em 1861, uma casa que viria a acolher órfãos e que, em 1880, passara a ser propriedade municipal. Em setembro desse ano, Robin seria nomeado diretor do Orfanato, com ampla autonomia pedagógica”. Paul Robin define assim seu ideal:

Se bem que não pretendendo fazer de todos poços da ciência, a educação integral contém e reúne os três fatores habituais, a saber: a educação física, intelectual e moral.

Tinha como principal objetivo metodológico criar o gosto, o desejo de aprender⁷¹. Tendo Paul Robin à frente, o Orfanato ganhou fama internacional e passou a receber muitos visitantes que queriam conhecer seus métodos de ensino. Por outro lado, passou a ser constantemente criticado pela igreja e pelas autoridades. Essas críticas acabaram por determinar seu afastamento, em agosto de 1894. O Conselho de Ministros identificava suas atividades pedagógicas como “pornográficas”, pelo sistema de “coeducação dos sexos”. (Monteiro, 2005, P. 89).

Sobre essa importante experiência de educação libertária, Lipiansky destaca:

Em Cempuis, as crianças, meninos e meninas, vivem na maior parte do tempo ao ar livre, nos jardins ou no campo. Praticam todos os tipos de esportes, da natação na piscina do orfanato, à equitação e à dança. Uma parte importante do ensino desenvolve-se na oficina, trabalhando com a madeira ou com o ferro, aprendendo a costurar ou a fazer sapatos; até os treze anos a criança pratica La Paillone, segundo a expressão emprestada de Fourier para significar a passagem de uma oficina a outra; depois engaja-se em uma relativa especialização. Há em

70 Rodrigues, Edgar. *Pequeno Dicionário de Ideias Libertárias*. CC&P Editores Ltda. Rio de Janeiro, 1990.

71 Monteiro, A. Reis. *História da Educação*. Uma perspectiva. Porto editora. Porto, 2005.

Cempuis uma fazenda, uma oficina de sapateiro, uma tipografia, uma forja, uma marcenaria e um ateliê de costura. Nos estudos teóricos que partem das atividades práticas, trata-se muito mais de treinar do que de ensinar. Robin recomenda deixar a criança fazer suas descobertas e contentar-se com responder às suas perguntas. O meio deve levar à curiosidade científica; Robin organiza em Cempuis um Jardim Botânico, um museu matemático, um laboratório de física e Química, uma estação meteorológica. Sua pedagogia funda-se sobre o respeito da liberdade da criança. (Lipiansky: 2007. P. 45 e 46)

Para Moriyón, Paul Robin foi um dos maiores pedagogos anarquistas, com grande ascendência sobre seus companheiros. Foi um verdadeiro revolucionário sofrendo ao longo de sua vida com perseguições, prisões, exílios e difíceis condições de vida. Foi amigo de Bakunin de quem recebeu grande influência na defesa pela educação integral. (Moriyón. 1898: 85-86)

2. 4. La Ruche

72

*Este é o nome de uma obra que fundei em 1904. Dez anos depois da sua fundação, prevendo que a guerra de 1914-1918 ia ocasionar a ruína deste centro cuja edificação me custara tanto trabalho, publiquei com o título de: “A Colméia: Obra de Solidariedade. Ensaio de Educação”, um grande folheto destinado a divulgar o modo pelo qual se praticava ali a solidariedade e com que intenção se concebeu e se realizou esta experiência em educação.*⁷³

Sebastien Faure, conhecido anarquista francês, chegou também a viver uma experiência de educação libertária, a qual deu o nome de La Ruche (A Colméia). Faure nasceu na França, em Saint Étienne em 1858 e faleceu em Royan, em 1942. Era muito lido e divulgado no Brasil pelos anarquistas. Localizamos na biblioteca de João Penteado várias de suas obras, assim como no acervo de Edgard Leuenroth que se encontra na UNICAMP (AEL).

Antonio Bernardo Canelas, em viagem a França, ficou encantado com a experiência educacional de Faure e passou a divulgar sua obra no Brasil. Traduziu textos e publicou opúsculos ou brochuras, as quais eram vendidas com o intuito de formar caixa para o início de experiência semelhante no Brasil,

72 Outra obra presente na Biblioteca de João Penteado é La Ruche (A Colméia), de Sebastien Faure, com comentários e tradução de Antonio Bernardo Canelas. Este opúsculo também estava na lista de livros que foram enviados para a Universidade Federal de São Carlos. Este livro foi localizado no AEL, Unicamp.

73 Faure, S. *La Ruche*. In. Moriyón, F. G. Educação Libertária. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. P. 110.

que não chegou a se concretizar. La Ruche é criada em 1904 nas proximidades de Rambouillet.

A Colmeia não é, falando com propriedade, uma escola. Em todo o caso, não é uma escola como as demais. Uma escola é um estabelecimento fundado visando à educação e sem nenhum outro objetivo. Os professores ali vão dar suas aulas e os alunos vão assisti-las. Os professores têm por missão ensinar o que sabem e os alunos têm o dever de aprender o que lhes é indispensável e bom não ignorar. Esta é, praticamente, a finalidade de uma escola. (...) A Colmeia é (...) ao mesmo tempo que uma obra de solidariedade, uma espécie de laboratório onde se experimentam métodos novos de pedagogia e de educação. (Moriyón. 1989: 114)

74

Faure declara-se abertamente contra o sistema de classificação e provas:

Sou adversário resolutivo do sistema de classificação em voga e em uso em quase todos os estabelecimentos de ensino. A classificação é considerada pela opinião geral

74 <http://www.ephemanar.net/janvier06.html>

como acertado estímulo e a maioria das famílias acha que ela determina entre os estudantes uma emulação necessária. Esta não é a minha opinião. A experiência demonstra que a classificação não produz nenhum efeito verdadeiramente útil como também, aliás, vai dar em resultados deploráveis. Os primeiros são sempre os mesmos: os mais bem dotados, os mais estudiosos se tornam, a longo prazo, insuportáveis pela presunção. É bom reparar primeiro o olhar desdenhoso, e depois o desprezo, que estes meninos e meninas, que estão sempre em primeiro lugar, dirigem aos pobres companheiros que ficam para trás nos últimos lugares. (Moriyón. 1989: 130)

Admirado diante dos relatos sobre essa experiência de educação libertária, Canelas⁷⁶ relata sua viagem à França, quando a conheceu através do contato com Faure. De acordo com o conteúdo do livro, deveria ser tratada como uma experiência educacional e não como *escola*. É apresentada como uma comunidade com fins educacionais. Pela capa pode-se rapidamente

75 <http://militants-anarchistes.info/IMG/jpg/Ruche-reliure.jpg>

76 Canelas foi libertário, converteu-se ao comunismo participando do período de formação do PCB. Foi escolhido para integrar a primeira comissão central executiva do partido, eleita no 1º congresso em 1922, como secretário internacional. Foi também, o primeiro militante expulso do PCB.

identificar o assunto tratado pelo autor: *O seu fim... A sua organização... O seu alcance Social – Monographia Completa. La Ruche* é apresentada como um laboratório educacional, uma experiência pedagógica anarquista. Essa experiência começou em 1904, permanecendo até 1917. O livro é publicado em 1919 quando a experiência já havia terminado, porém, o desejo de Canelas era o de implantar experiência semelhante no Brasil, e com esse objetivo, passa a realizar conferências em diversas associações operárias. Recebeu a ajuda de seus companheiros e entre eles estava João Penteado.

Faure, assim como Paul Robin, era um defensor da educação integral. Desenvolveu um método indutivo que visava estimular o autodidatismo abrindo espaço para os estudantes aprenderem por conta própria, assumindo assim um papel ativo no processo de aprendizagem. Implanta a coeducação de sexos, algo inovador para o início do século XX. A experiência termina em 1917, sob o impacto da I Guerra Mundial. Mas há muitos registros sobre a escola, principalmente fotografias. Chama a atenção nessa documentação, a constante presença das crianças em aulas ao ar livre.⁷⁷

Mediante a vida ao ar livre, regime regular, higiene, limpeza, passeio, esportes e movimentos, formamos seres sãos, fortes e belos. Mediante ensino racional, estudo atrativo, observação, discussão, espírito crítico, formamos inteligências cultivadas. Pelo exemplo, docilidade, persuasão e ternura, formamos consciências retas, vontades firmes e corações afetuosos.⁷⁸

O papel do ensino é levar ao desenvolvimento máximo todas as faculdades da criança; físicas, intelectuais e morais. O dever do educador consiste em favorecer a plenitude total deste conjunto de energias e de aptidões que encontramos em todos.⁷⁹

⁷⁷<http://militants-anarchistes.info/spip.php?article1624&lang=fr>
<http://raforum.info/spip.php?article3521&lang=fr>

ou

⁷⁸ MORIYÓN, F. G. *Educação Libertária*. Artes Médicas. Porto Alegre, 1989. Pág. 111.

⁷⁹ Ibid. Pág. 122.

Faure foi também o idealizador da *Enciclopédia Anarquista*⁸⁰. É conhecido nos meios anarquistas como um grande conferencista e ativo militante do movimento libertário francês. Publicou muitos folhetos e livros, alguns deles dedicados ao ensino antes mesmo de viver a experiência de *La Ruche* que o envolveu por treze anos de sua vida (1904 até 1917). Com Louise Michel fundou *Le Libertaire* em 1895 e é autor de livros muito divulgados entre os anarquistas como *A Dor Universal*, *Doze Provas da Inexistência de Deus*, *Resposta a um Crente* entre outros.

80 1ª. Edição em francês, 4 volumes

2. 5. Escola Oficina No. 1

Se instruir, na verdadeira acepção da palavra, é difícil, educar ainda é mais.

Adolfo Lima

Outra experiência interessante é a da Escola Oficina N^o 1, em Portugal. Ela foi criada em 1905 pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas como uma escola de ofícios, por maçons, republicanos e anarquistas. A princípio, tinha como objetivo formar artesãos, mas permaneceu aberta para novas experiências pedagógicas. O objetivo era atingir alunos de bairros operários, dando início a um projeto associado ao princípio da educação integral⁸². Antonio Candeias relata que a escola recebeu influência do movimento anarquista, em ascensão em Portugal no início do século XX e também dos modelos educativos da Educação Nova e dos Métodos Ativos.

O cruzamento entre os ideais anarquistas, entre a crítica social anarquista e os seus projetos autonômicos de conceber a ação política, assim como a crença de que uma sociedade nova só poderia ser construída através de pessoas que tivessem sido educadas de forma diferente da tradicional, levam a convicção de que a liberdade da criança no seu trajeto de formação era essencial para a

81 <http://cidadania1x.blogspot.com/2008/07/mais-uma-chega-historica-cerca-da-escola.html>

82 Ver Candeias, Antonio. *Educar de outra forma: A Escola Oficina No. 1 de Lisboa. 1905-1930*. Porto, 1992. Tese de doutoramento.

construção de uma pessoa livre, o que é coerente com a primeira vaga dos métodos e das teorias da educação nova, tal qual foram recebidos e interpretados em Portugal.⁸³

Em Portugal parece ter havido uma aproximação entre a concepção anarquista de educação e a Escola Nova. Para Candeias, este cruzamento entre anarquismo e Educação Nova concebeu um modelo educativo específico e original,

Distante da visão mais recuada e estrita da Educação Nova, tal como era concebida por um Ferrère por exemplo, longe também da visão militante que da educação teria o anarquismo espanhol, na figura de Ferrer, e distante também da não-diretividade influenciada pela psicanálise, de que seria arauto Alexandre Neill.⁸⁴

Candeias chama este modelo educativo específico de “*educativo libertário*” e considera a experiência da Escola Oficina No. 1 “um caso único, se não em Portugal, pelo menos em Lisboa, quer devido ao tempo de duração, quer devido à solidez das suas concepções pedagógicas”. (Candeias, 1992, Pág. II) Mesmo no que diz respeito às experiências conhecidas a nível europeu, ele a apresenta como um caso singular, pela abundância de documentação e de fontes que permitiram inclusive uma pesquisa consistente sobre ela.

Adolfo Lima, figura significativa deste modelo, lecionou na Escola Oficina Nº. 1 de 1907 a 1914 e teve o papel de agente principal da sua implementação. De origem aristocrática, nasceu em Lisboa, em 1874, simpatizou-se com o anarquismo e passou a partilhar de suas idéias, de forma discreta, segundo Candeias, “*reservando o essencial da sua interpretação pública para o campo*

83 CANDEIAS, Antônio. *Ensaíos sobre a educação nova*. In: NOVOA, Antonio (Org). *Sobre a educação nova: cartas de Adolfo Lima á Álvaro Viana de Lemos (1923 - 1941)* / Antonio Novoa, Antonio Candeias, Manuel Henrique Figueiras. Lisboa. s/d. Pág. 59.

84 Ibid. Pág. 59.

da educação".⁸⁵ Para Adolfo Lima, para melhor educar a criança seria necessário primeiro compreender as leis de seu desenvolvimento psicológico, afetivo, mental e físico, com a finalidade de adaptar o aprendizado aos diversos estágios do seu desenvolvimento.

As aulas devem ser em lugares higiênicos e confortáveis sem o vulgar aspecto de jaulas apartadas da vida; o seu mobiliário simples e cômodo, sem carteiras que deformem os corpos nem bancadas obrigando muitos alunos à mesma posição, sem púlpitos dando ao professor um lugar de primazia. (...) A pontualidade nos trabalhos escolares deve obter-se por hábito consciente do aluno e exemplo do professor, dispensando-se qualquer aviso para começo e fim das lições. Professores e alunos devem ter a liberdade de escolher e ocupar os lugares que em cada momento, mais convenham ao seu trabalho ou ao seu bem estar.⁸⁶

Candeias destaca que, tanto para Adolfo Lima como para os demais pedagogos libertários que trabalhavam com ele, a psicologia era a ciência que devia guiar o dia a dia educativo. Adolfo Lima criticou o sistema de ensino vigente e apresentou propostas para superá-lo. Para ele, o ensino clássico e o ensino profissional refletiam bem o conflito social: O ensino clássico era voltado para os ricos e o profissional para os pobres. Como muitos anarquistas, ele também destacou que esta dualidade do ensino matinha a organização social de castas econômicas. Para ele, esta divisão dual do ensino era fruto da divisão das classes ou castas sociais e também, por outro lado, intensificava tal divisão. Tanto a educação clássica quanto a profissional são incompletas, a seu ver, incapazes de formar indivíduos completos, que exerçam seus direitos e suas liberdades. Para Adolfo Lima, a alternativa estaria na Educação Integral, em uma escola única, ou seja, um programa de ensino que unificasse os

85 Ibid. Pág. 52.

86 Ibid. Pág. 62.

aspectos manuais da educação com os aspectos intelectuais, científicos, clássicos e artísticos.

Declarada a falência da velha Escola – da Escola do magister dixit, da palmatória e do psitacismo, - criticada por todos os aspectos a sua organização, julgados e condenados os seus meios de ensinar, e patenteados todos os seus vícios, todas as suas consequências, assaz funestas às crianças e à sociedade – a Escola antiga, do mestre autoritário e rabujento, sem critério nem orientação pedagógica e social foi e é considerada como uma instituição que deve desaparecer por prejudicial. A contrapor se surge uma nova Escola, organizada noutros fundamentos, com intuitos, e procurando empregar métodos e processos de ensino, diz-se, de harmonia com a ciência, com a pedagogia, com a pedologia – noutros termos: de harmonia com as forças fisiológicas e psicológicas da criança. (Lima, 1914, pág. 5).⁸⁷

É fácil identificar o núcleo fundamental em que se assentam as teorias libertárias sobre educação no pensamento de Adolfo Lima. Em primeiro lugar, a questão da liberdade na educação, centrando na criança o processo de ensino-aprendizagem, em segundo lugar, o carácter integral da educação proporcionando uma educação completa, potencializando o desenvolvimento do indivíduo, como meio de combater as diferenças e os conflitos sociais construindo uma nova sociedade, prevenindo novas desigualdades, ou seja, a

87 Localizamos a documentação pertinente à Escola Oficina durante viagem de pesquisa à Lisboa. Através do contato com Reitor da Universidade de Lisboa, Antonio Nóvoa, que foi orientador de Antonio Candeias durante sua pesquisa sobre a Escola, tivemos acesso à produção de Adolfo Lima sobre Educação Integral e Métodos de Ensino. Também localizamos o acervo referente à Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas na Torre do Tombo. Os livros de Adolfo Lima eram enviados para o Brasil através dos libertários e constavam das listas de livros indicados em jornais operários como A Vida, A Plebe entre outros. Porém, não conseguimos localizar seus livros nos acervos operários e libertários consultados durante a pesquisa. No acervo do professor Penteado somente localizamos *A República e a Escola*, de João de Barros, no qual há um capítulo sobre a Escola Oficina No.1.

proposta de educação integral é fruto de uma reflexão e crítica em torno das desigualdades sociais geradas por um ensino fragmentado e diferenciado, voltado para a manutenção da ordem social. Para os anarquistas, a nova sociedade, uma sociedade sem classes, só seria possível com pessoas que tivessem sido educadas para a liberdade, preparadas para tal liberdade, do contrário, seria extremamente perigoso para os libertários, podendo dar origem á ditaduras, á experiências mais perigosas que o atual capitalismo.

88

Adolfo Lima foi também defensor da ação educativa do teatro, principalmente na educação primária. Tal preocupação o levou a produzir um livro sobre o tema: *O Teatro na Escola*, de 1914. Também de 1914 são, *Educação e Ensino – Educação Integral* e *O Ensino da História*.⁸⁹ Sobre sua obra pode ser localizado no acervo do professor João Penteado um livro de autoria de João de Barros, *A Escola e a República*, no qual há um capítulo dedicado à experiência da Escola Oficina No. 1.

Ali, no alto da Graça, dominando a cidade, lavada de ares, simples e acolhedora, ergue-se a Escola-Oficina no. 1, fruto já glorioso, triunfo já indestrutível de um trabalho obscuro e desinteressado. (Barros, s/d. P. 99)

88 Escola Oficina No. 1. http://oeirascomhistoria.blogspot.com/2010_10_01_archive.html.

89 Os livros de Adolfo Lima eram indicados aos operários pela imprensa libertária, como no caso de *A Vida*, em *Leituras que recomendamos* (o que todos devem ler).

João de Barros destaca o papel da Sociedade Protetora de Asilos, Creches e Escolas e a atuação dos irmãos Antonio e Adolfo Lima. Segundo o autor, os irmãos Lima foram “os verdadeiros organizadores, sob o ponto de vista pedagógico, da Escola-Oficina No. 1”. (Barros, s/d. Ps. 99 e 100). Tinha por preocupação a formação de crianças pobres, que a escola lhes fornecesse um ofício:

Que lhes permita ganhar o seu pão, e, ao mesmo tempo, fornecer-lhes aquela soma de conhecimentos gerais, que se tornam já indispensáveis a toda a criatura que queira desempenhar, com honestidade e com decência, o seu papel de cidadão. (Barros, s/d. P. 100)

Ele relata ainda preocupação de Adolfo Lima com o método e a prática pedagógica: “(...) Sr. Adolfo Lima – autor também de uns quadros históricos, sistematizados, em que, de uma maneira rápida, a criança adquire uma noção segura e clara, não dos nomes dos Reis e dos Imperadores, mas da evolução coletiva da humanidade. Esses quadros são ideados e inteiramente executados por Adolfo Lima”. (Barros, s/d. Ps. 100 e 101).

90 Viagem á Lisboa em dezembro de 2011.

Para Adolfo Lima *quem educa ou pretende educar, carece de teimosia, de persistência, de continuidade*⁹¹. Pelas suas convicções e proposta pedagógica Adolfo Lima encontra problemas na instituição se desentendendo com Luis da Matta. É desligado da escola em 1914. Mas sua obra como educador não se resume à experiência na Escola Oficina No. 1. Foi também professor livre de sociologia no curso de artes de representar na Associação da Classe dos Artistas Dramáticos (1908), nos serviços educativos da Voz do Operário, na Sociedade de Estudos Pedagógicos, na Liga de Ação Educativa, no ensino secundário particular em diversos colégios de Lisboa, no Liceu Pedro Nunes (1911-1923). Foi ainda diretor interino e professor de metodologia da Escola Normal Primária de Lisboa (pediu a exoneração em 1921). Foi preso durante a ditadura, em outubro de 1927, devido a um processo que é movido contra a União do Professorado Primário, da qual era uma figura de referência. Publicou centenas de artigos em jornais e revistas, apresentou importantes teses em conferências, congressos sobre educação e pedagogia. Foi o diretor da revista *Educação Social* (1924-1926), o primeiro responsável da seção portuguesa da Liga Internacional Pró-Educação Nova, tarefa que exerceu até a data da sua prisão em 1927. Dirigiu e iniciou a *Enciclopédia Pedagógica Progredir*. Defensor da atividade educativa do teatro, escreveu diversas peças, em especial para os alunos das escolas primárias. Sua obra ainda é pouco conhecida e estudada no Brasil, sendo um campo de possibilidade de estudo em História da Educação.

91 Lima, Adolfo. *Educar...* Artigo publicado em 31 de março de 1913 na Revista Educação – Revista Quinzenal de Pedagogia.

2.6. A Escola Moderna de São Paulo

O ensino racionalista combate a superstição e o dogma, faz brotar nas consciências o livre exame, excita a curiosidade, alimenta a dúvida que disseca e ensino⁹².

Na imagem acima, uma fotografia da “Academia de Comércio Saldanha Marinho”, são evidenciadas duas informações: a primeira de que a escola foi fundada em 1912 e a segunda, de que se tratava de um estabelecimento fiscalizado pelo governo federal. Qual o significado dessas informações? 1912 é o ano de fundação da Escola Moderna No. 1, no Bairro do Belenzinho. Logo em seguida, é aberta no Brás, a Escola Moderna No. 2.⁹³ João Penteado e Adelino de Pinho eram os respectivos professores das escolas, sendo que o primeiro aparecia como diretor, responsável pelas duas. Elas foram fundadas a partir da criação de um Comitê Pró Escola Moderna de São Paulo, do qual faziam parte: anarquistas, maçons e livre pensadores. A preocupação girava em torno da formação dos filhos de operários, da falta de escolas nos bairros onde residiam e da elevada taxa de analfabetos. João Penteado é convidado a participar do projeto e vem de Jaú para São Paulo com o objetivo de dirigir a Escola Moderna No. 1. Em Jaú, já participava das manifestações operárias, era

92 . Moura, Maria Lacerda de. *Renovação*, 1919. Autografado pela autora, com dedicatória para João Penteado. P. 246. Também cita na mesma obra o professor Penteado e as escolas que dirigia, no Brás e no Belenzinho.

93 . Ver Calsavara, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil - A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*, FEUSP: 2004..

orador e escrevia na imprensa libertária. Seus irmãos, Joaquim e Sebastiana Penteado o auxiliam na tarefa educativa no bairro do Belenzinho. Além de Adelino de Pinho, já citado, Florentino de Carvalho também lecionou na Escola Moderna. Em 1917 João Penteado realiza uma série de viagens de propaganda e Florentino é convidado a dar as aulas e dirigir a escola em seu lugar. Ao retornar, Penteado retoma a direção da escola e envolve-se na formação de bibliotecas, do grêmio estudantil, de atividades culturais como o teatro, a poesia e jogos cooperativos. Em setembro de 1914 foi publicado o primeiro número de *O Início*, Órgão dos alunos da Escola Moderna No. 1, e em fins de 1918, foi publicado o primeiro *Boletim da Escola Moderna*, após inúmeras dificuldades encontradas pelos seus fundadores, João Penteado e Adelino Pinho. Instaladas no Brás e no Belenzinho elas deveriam atender aos filhos de operários, operários analfabetos e ainda aqueles que quisessem ter aulas de datilografia, português e aritmética e que apoiassem o ensino racionalista. Chama a atenção, em *O Início*, as descrições de passeios públicos de alunos acompanhados por seus professores. Os passeios eram explorados pedagogicamente. Através deles os alunos produziam textos, observavam as fábricas, o comércio, a condição de vida dos trabalhadores entre outros assuntos.

94

Um Passeio á Margem do Tietê” – No sábado, dia 6 de março, nós nos reunimos todos às 7 horas da manhã na nossa Escola e catávamos o hino “A Mulher” e “O Primeiro de Maio”. Depois de meia hora saímos, e descemos a rua Catumbi, tomamos a travessa do mesmo nome, fomos pela rua dos Prazeres, descemos a rua Cachoeira e seguimos uma rua cujo nome eu não sei. Eu vi pelo caminho uma pontesinha na travessa da rua Catumbi. Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chamam rizôna e que esses troncos caminham debaixo da terra. Ao chegarmos ao rio Tietê vimos barcas dentro e fora do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio de rio. Vimos as barcas no meio do Tietê e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincamos de Caracol e Seranda-Serandinha. O João Bento, O Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abílio Bento recitaram. Na ida vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores encima dele. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores encima do cavalo morto. Na volta o professor nos mandou pegar uma varinha com flores e pegamos também taquaras de bambu. O Abílio Bento fez um estoque para mim. Na ida e na volta nos sentamos em cima dum ventilador de esgoto. Chegamos à nossa Escola quando faltavam 25 minutos para as dez horas. Depois o professor nos deu os cadernos e fomos embora para nossas casas. Edmundo Mazzone. (O Início – 4/09/1915).

Esta rica experiência foi interrompida em 1919, quando se deu o episódio que levou ao fechamento da Escola Moderna em São Paulo. A partir das grandes greves de 1917 e 1919, a repressão tornou-se mais intensa e mais severa. Tal repressão acabou por atingir as Escolas Modernas, que acabaram sendo fechadas e seus professores, fichados pela policia. Em outubro de 1919 uma bomba explodiu no interior de uma casa, no Brás, o que

provocou a morte de quatro anarquistas. Nesse acidente morreu José Alves, diretor da Escola Moderna de São Caetano. O fato foi aproveitado pela polícia e pelo governo para reprimir as atividades culturais e educativas dos libertários. Segundo os jornais da Grande Imprensa, a explosão teria ocorrido devido a um erro de cálculo dos anarquistas, que estariam se preparando para um ataque armado. O acidente no Brás foi o pretexto que o governo e a polícia aguardavam para fechar as escolas. O Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo alegou que as escolas não cumpriam as exigências legais de funcionamento.

Mas apesar desse triste episódio, que leva ao fechamento da Escola Moderna em 1919, João Penteado não desiste de seus ideais e não se cala. Escreverá uma série de artigos destacando a importância da educação racionalista, defendendo sua militância anarquista e discutindo a questão do menor que trabalha. Em 1920 reabrirá a instituição com o nome de Escola Nova lembrando que a mesma foi fundada em 1912, fazendo referência à Escola Moderna.

2. 7. Educadores libertários, militância e formas de resistência.

*Do fundo das idades: ora fio de água cantando, ora torrente rugidora, a Idéia
rola. E avassala. E domina.*

A Batalha, Lisboa

Podem ser localizadas referências de todas essas experiências de educação libertária no acervo de João Penteado, tanto através de artigos publicados na imprensa operária e libertária, como em livros de sua biblioteca pessoal ou em seus manuscritos. Um fato que chama a atenção é que todas elas encontraram dificuldades em se manter por um longo período devido ao preconceito com que os anarquistas eram vistos pelas autoridades, pela igreja e até mesmo pelos pais dos alunos. Grande parte de seus professores foram perseguidos, presos ou sofreram algum tipo de repressão.

João Penteado foi também um admirador de Louise Michel, educadora libertária, militante da linha de frente na Comuna de Paris. Sua trajetória era relembrada em seus textos como exemplo de luta por uma educação verdadeiramente livre. Louise foi professora na França, iniciando-se como educadora em 1853, em Audelancourt. Já em Paris, ampliou seu campo de atuação para além da educação. Passou a se dedicar à leitura, à poesia e à literatura. Teve participação ativa na Comuna de Paris e acabou sendo presa e deportada em decorrência de sua atuação. No exílio, em Nova Caledônia, passou a ensinar os filhos de colonos. Após seu o retorno à Paris em 1880 foi presa diversas vezes, acusada por insultar policiais ou participar de greves e manifestações. Outra mulher que aparece com destaque nos textos de João Penteado é Maria Lacerda de Moura. Ao escrever sobre essas mulheres militantes ele revela o seu apoio à luta da mulher pela emancipação feminina, citando também Isabel Cerruti e Maria Luisa Pessanha de Camargo Branco.

Nos artigos publicados por João Penteado na Imprensa Operária e Libertária, era comum a referência a essas experiências e aos homens e mulheres que foram perseguidos por implantá-las. Fazendo sempre uma comparação à sua própria situação, de anarquista perseguido pela Igreja e pelo

Estado, tendo passado pelo processo de fechamento da Escola Moderna No. 1 em 1919, João Penteado exaltava a persistência, a luta, o desinteresse de cada um deles, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outros nomes somam-se ao de João Penteado na luta pela educação libertária: José Oiticica, Manuel Moscoso, Fábio Luz, Oresti Ristori, Florentino de Carvalho e suas irmãs que também desempenharam importante papel na propagação e implantação de escolas⁹⁵.

João Penteado era descrito na Imprensa Libertária como um dos principais líderes do movimento e mantinha relações próximas com Maria Lacerda de Moura, Florentino de Carvalho, Adelino de Pinho entre outros. Foi localizado um livro, uma edição dupla, com as obras *Em Torno da Educação* de 1918 e *Renovação*, de 1919, na biblioteca pessoal de João Penteado. As obras estão autografadas por Lacerda de Moura com dedicatórias para o professor anarquista. Também há um recorte com um texto de João Penteado sobre a educadora, uma publicação em jornal em que ele relata a sua admiração por sua vida e obra.

Florentino de Carvalho chegou a substituir o professor Penteado como professor e diretor da Escola Moderna, na primeira fase, quando este saiu em viagem de propaganda pelo interior do estado de São Paulo, como enviado do jornal *A Lanterna*.

Através da pesquisa para a dissertação de mestrado, sobre escolas fundadas em São Paulo, no início do século XX, foram levantados o nome de alguns professores que atuaram nestas escolas. São eles: Ângelo Bandoni, Ângelo Scala, Florentino de Carvalho, José Alves, Adelino de Pinho e João Penteado. Há referências há pelo menos três escolas fundadas em São Paulo sob a direção de Florentino de Carvalho. Uma delas ficava na Mooca e foi fundada em 1912. Suas irmãs, Maria Angelina Soares e Maria Antonia Soares também foram professoras de escolas racionalistas. Maria Angelina Soares parece ter sido mais atuante, fato também destacado por Edgar Rodrigues. Ela foi ainda colaboradora da imprensa operária e do teatro social, escreveu artigos para *A Lanterna*, entre outros periódicos.

95 Sobre este assunto ver Calsavara, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil - A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*, FEUSP: 2004.

Edgar Rodrigues destaca o envolvimento dos libertários com a propagação da “instrução e da cultura no seio da classe operária”:

Seu trabalho começava nas escolas de militantes, de oradores fundadas nos sindicatos; nas seções de leitura comentadas nos locais de trabalho, à hora do almoço, nos debates ideológicos, em conferências e palestras, controvérsias nos círculos de estudos, nos grupos de teatro social, nas escolas de alfabetização e das artes e ofícios, com o estímulo permanente ao estudo e a superação do obscurantismo.(Rodrigues. 1992: P. 48 - 49)

Assim, a escola não era o único meio usado pelos libertários para propagar suas ideias e para instruir os trabalhadores e seus filhos. Havia uma rede de práticas, relacionadas ao princípio da ação direta, que permitia aos libertários resistir às constantes investidas policiais e da Igreja⁹⁶. Quando uma escola era fechada, logo outra se abria com um novo nome. Quando um militante era preso, outro cobria sua função junto ao jornal, à associação etc. Havia ainda o teatro, os círculos de leitura, as ligas operárias, os salões de bairro onde eram organizados eventos semanais com recitais de poesia, música entre outras atividades.

Os anarquistas continuam a organizar eventos culturais em reuniões e assembleias de associados, são realizadas palestras e conferências públicas, leituras públicas e comentadas, apresentações teatrais de dramas ou comédias de propaganda social, saraus libertários e artísticos, excursões e recreios de propaganda, comícios e atos públicos de protesto ou comemorações. Através da correspondência do educador Penteado observamos o seu contentamento em ainda participar desses eventos, mas ao mesmo tempo, uma nostalgia ao relembrar o que eles significaram no passado.

A educação libertária ainda é discutida em eventos e publicações como a de Maria Lacerda de Moura em 1934: Ferrer, *O Clero Romano e a Educação Laica*. No mesmo ano de publicação desta obra a iniciativa de organização de

⁹⁶ Tese defendida em Calsavara, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil - A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*, FEUSP: 2004.

uma Escola Moderna é retomada em São Paulo. É noticiada em *A Plebe*, de 04 de agosto de 1934. Chama à atenção a proposta de aulas noturnas nos sindicatos. Também é divulgado um *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais* com aulas gratuitas de português, história, geografia e história natural. (Azevedo, 2002:148).

A Imprensa Libertária também continua a circular, apesar das constantes investidas das autoridades em dismantelar suas sedes e perseguir seus editores. *A Plebe*, de São Paulo, começa a circular em 1917 e sua publicação é interrompida em 1924 pelo estado de sítio. Rodolfo Felipe era o responsável pela edição. A 2ª. fase, que vai de 1927 a 1935 passa novamente por problemas, agora, devido à aplicação da Lei Celerada, assinada em agosto de 1927 e por um novo estado de sítio em 1935. Ainda tem como redator-gerente, Rodolfo Felipe, e depois, de 1947 a 1951, Edgard Leuenroth. O jornal sofreu constantes perseguições e dificuldades financeiras que interferiram em sua periodicidade e regularidade de circulação, tendo sido fechado algumas vezes pela polícia política. *Ação Direta*, publicada no Rio de Janeiro, tinha como diretor José Oiticica. Roberto das Neves, que faz a Introdução de *Ação Direta*, uma compilação de artigos de José Oiticica publicados no jornal, destaca que este foi “um dos mais eficazes antídotos contra o totalitarismo comunista.” (Oiticica, s/d: 30) O periódico apareceu no Rio de Janeiro em 1929, interrompendo sua publicação quando Oiticica vai para Hamburgo, como professor contratado. Volta a circular em 1946 permanecendo até 1958, dois anos após a morte de Oiticica. Após seu falecimento, assumem o jornal, sua filha, Sônia Oiticica e Edgard Leuenroth. *A Lanterna*, um jornal anticlerical, tinha entre seus principais redatores militantes anarquistas e também divulgou os ideias desse grupo. Passou por três fases: a primeira, de 1901 a 1904, dirigida por Benjamin Mota declarava-se um semanário porta voz das Ligas Anticlericais do Estado de São Paulo. Reiniciou em 1909, sob a direção de Edgard Leuenroth, permanecendo até 1916⁹⁷, voltando à circulação em uma terceira fase, de 1933 a 1935. O nome de João Penteado sempre aparecia no jornal, seja na divulgação de conferências e viagens de propaganda ou na

97 Com o término desta fase, Edgard Leuenroth passa a publicar *A Plebe*, lançado em 8 de junho de 1917. É considerado o principal jornal libertário paulista.

organização de eventos comemorativos onde seu nome aparecia como um dos organizadores. Anticlerical assumido, o educador escreveu vários artigos com fortes críticas à Igreja Católica, principalmente, colocando-se contra o ensino religioso nas escolas públicas. Chama a atenção, em *A Lanterna*, as charges e caricaturas criticando ou ridicularizando a Igreja e também das reivindicações que propunham a expulsão dos padres e a nacionalização de seus bens⁹⁸. Já sobre a década de 60 a pesquisa levantou a circulação de dois jornais: *O Libertário* e *Dealbar*, ambos tinham como diretor Pedro Catalo. *O Libertário* circula de 1960 a 1964 e *Dealbar*, de 1965 a 1968. Depois, na década de 70, surge *O Inimigo do Rei*, circulando de 1977 a 1988.

98 Em *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*, Tucci Carneiro destaca que o exemplar de 1935 apreendido no bonde da linha Penha-Lapa em São Paulo, em conjunto de material impresso vinha do estrangeiro. Estava endereçado em nome de “anarquistas”, para a Caixa Postal 195, cujo titular era Edgard Leuenroth. P. 76.

Capítulo 3 - Correspondência como fonte histórica

3. 1. Elenco de destinatários

Adelino Tavares de Pinho – Português, anarquista, professor, escrevia para a Plebe, publicou opúsculos libertários como *Quem não trabalha não come*. Era amigo de João Penteado. Segundo Edgar Rodrigues, Adelino de Pinho foi guarda-livros antes de tornar-se professor. Iniciou sua militância na cidade de São Paulo participando ativamente da implantação do Ensino Racionalista, idealizado por Francisco Ferrer. Era membro do Comitê Pró-Escola Moderna de São Paulo. Foi professor da Escola Moderna No. 2, localizada no Brás, bairro operário. Com o fechamento da escola, em 1919, parte para o interior de Minas Gerais e continua a atuar como educador libertário. Adelino de Pinho continua a participar do movimento anarquista, escrevendo para periódicos libertários com o pseudônimo de Pinho de Riga e de Demócrito. Pelas cartas trocadas com João Penteado e dos relatos de Edgar Rodrigues percebe-se que Adelino de Pinho continua convicto de suas idéias libertárias até o fim de sua vida. Passa um tempo em Portugal, de onde envia cartas ao professor Penteado. “Em 1953 ele participa do congresso anarquista realizado na Urca, depois passa a viver na *Nossa Chácara*, local nas proximidades da cidade de São Paulo que foi utilizada para abrigar, congregar e reunir anarquista em vários momentos do século XX”⁹⁹. Em prontuário do DEOPS Adelino é descrito como bastante atuante no período de 1917 a 1923. “Escrevia no jornal A Plebe artigos “sediciosos”. Seu nome consta em uma lista de anarquista de 1926.” (Parra, 2003, pág. 100). De acordo com os relatórios policiais, Adelino era o responsável pela distribuição de *A Plebe*, principalmente no interior de São Paulo e no Rio de Janeiro, apesar de censurado.

Edgard Leuenroth – Assim como João Penteado, Edgard Leuenroth era brasileiro, nasceu em Mogi Mirim, em 1881. Foi um dos principais militantes anarquistas e esteve presente na fundação da Federação Operária de São

99 http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_adelino_tavares_de_pinho.htm

Paulo. Fundou junto à Neno Vasco o periódico *Terra Livre*. Também foi diretor do Jornal anticlerical *A Lanterna*. Em 1917 fundou *A Plebe*, um importante órgão da imprensa anarquista de São Paulo. Foi preso em 1917 como mentor e líder da Greve Geral deflagrada em São Paulo. Segundo Edgar Rodrigues, Leuenroth foi balconista, tipógrafo, jornalista, arquivista, diretor-fundador de jornais e organizador de uma antologia: *Anarquismo – Roteiro de Libertação Social*. Escreveu e publicou artigos e folhetos, inclusive traduções. Foi um dos militantes mais ativos no movimento operário brasileiro, orador fluente nos comícios públicos e sindicatos, participou como organizador/delegado dos congressos estaduais de São Paulo e dos nacionais, realizados no Rio de Janeiro, em 1906, 1913 e 1920. Esteve também presente ao Congresso Nacional Anarquista do Rio de Janeiro e Sul Americano Contra a Guerra em 1915. Edgar Rodrigues ressalta que Leuenroth divulgou o anarquismo até a morte, deixando o arquivo que conseguiu salvar das investidas policiais, por longos anos. Faleceu em 1968.

Manuel Gama – Segundo Edgar Rodrigues, em *Os Companheiros*, era operário da construção civil, anarquista e português. Foi um dos deportados no Benevente em 1919. Em 1918 foi voluntário no combate à gripe espanhola, trabalhando como enfermeiro. “O seu entendimento da solidariedade humana ultrapassava a vaidade de recompensas, condecorações, pagamentos! Era praticado por força de seguras convicções libertárias”.¹⁰⁰ Fez parte da direção da Liga da Construção Civil, da qual era secretário geral. Era cobrador voluntário e colaborador do jornal *A Plebe*. Foi preso em 1919, como reação do governo em combate aos anarquistas. Não lhe foi permitido fazer contato com familiares, preso somente com as roupas do corpo acaba sendo expulso sem processo ou julgamento. “Ignorando os sentimentos generosos do trabalhador Manuel Gama, que não fazia um ano deixara de lado todos os seus interesses pessoais para salvar vidas humanas, o governo mandou recolhê-lo às suas enxovias por professar ideias contrárias ao regime vigente, sem nenhuma explicação plausível nem permissão para que a vítima se

100

<http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/Os%20Companheiros%20-%20Letra%20M.htm>

defendesse”. Tido pelas autoridades como “agitador estrangeiro” foi colocado á bordo do Benevente em novembro de 1919, rumo a Portugal, seu país de nascimento. É a bordo do Benevente que Manuel Gama escreve cartas e postais enviados ao professor João Penteado e a seu irmão, Joaquim Penteado.

Rodolfo Felipe – Jornalista, serrador, anarquista foi editor de vários periódicos libertários como *A Plebe*, *La Barricada* e *Germinal*. Rodolfo Felipe foi preso várias vezes por participar de atividades anarquistas. Assim como Adelino de Pinho, era amigo de João Penteado. Passa a viver em Minas Gerais, de onde são enviadas as cartas para Penteado. O professor chegou a visitá-lo, fato comentado nas cartas em anexo. Foi identificado como anarquista pela polícia em 1913. Seu prontuário registra prisões de Rodolfo Felipe em março e outubro de 1933, em 1934 e 1935 (neste último ano por duas vezes), sendo solto apenas em julho de 1937. Há registros de sua atuação no movimento libertário até 1948, quando participava do Centro de Cultura Social. Morreu em 1965, assim como João Penteado. Pedro Catalo também o cita em texto de *O Dealbar*, em 1966, intitulado *Triste Notícia*.

Teresina (Teresa Maria Carini) – Teresina foi retratada por Antonio Candido em livro que leva seu nome, *Teresina e seus amigos*. Um desses amigos é justamente Adelino de Pinho. Entre a correspondência de João Penteado localizamos uma carta de Teresina, que revela que essa amizade também se estendia ao educador anarquista. Teresina era italiana, amiga da mãe de Antonio Candido. Nasceu em 1883, na aldeia de Fontanellato, cresceu, casou e imigrou para o Brasil. Viveu em São Paulo e depois, já separada, passa a viver em Poços de Caldas, Minas Gerais, onde falece em 1953.

Muitas de suas amizades remontavam ao tempo em que viveu em São Paulo – momento de germinação esperançosa do socialismo, como foram os anos entre o fim do século e a Primeira Grande Guerra. Alguém deveria estudar a fundo os grupos de militantes italianos que atuaram naquela altura – socialistas, anarquistas,

sindicalistas. Foi um tempo cheio pela fundação das ligas, jornais, movimentos de emancipação feminina. (Candido, 1996, P. 55)

Zeferino Oliva – Anarquista italiano, prático de farmácia no interior de São Paulo. Antifascista, Distribuidor de *La Difesa* e de jornais e folhetos antifascistas que ele mesmo editava em italiano no interior de São Paulo. Há uma carta ao professor Penteado, em que outras são mencionadas. Escreve do interior de São Paulo e menciona a afinidade de ideias e o passado de lutas ao lado do Professor Penteado.

3. 2. Outros nomes citados na correspondência¹⁰¹

José Oiticica – Brasileiro, professor e anarquista. Nasceu em Minas Gerais em 1882. Formou-se em Direito em 1902, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Estudou medicina e acabou por optar pela carreira de ensino. Foi professor do Colégio Pedro II. Faleceu em 1957. Também era adepto do ensino racionalista e a Escola Moderna de Barcelona foi tema de seu artigo de estréia na imprensa libertária. José Oiticica, como muitos outros libertários, desenvolveu diversas atividades. Ficou conhecido como poeta, contista, gramático, filólogo, professor, pedagogo, musicista, jornalista, sociólogo e libertário. Até o fim de sua vida lutou pelos ideais anárquicos. Publicou livros, realizou conferências e viagens de propaganda, escreveu na imprensa operária e libertária, debateu com os simpatizantes e adeptos do partido comunista. Era vegetariano, assim como Tolstoi, Reclus, Han Ryner e Maria Lacerda de Moura, entre outros. Renunciou ao Direito e à Medicina para se tornar professor. Sua obra, assim como de muitos libertários, foi marginalizada, devido à sua militância libertária. Publicou poemas sob o pseudônimo de João Vermelho. Assim como João Penteado, foi membro da Liga Anticlerical. Escreveu além de *Ação Direta*, *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Escreveu nos jornais libertários, principalmente cariocas e paulistas. Publicou o periódico *Ação Direta*, que teve início em 1929 e logo interrompido, voltando à publicação em 1946, permanecendo até 1958. Como muitos outros libertários, entre eles João Penteado e Maria Lacerda de Moura, era espiritualista. Tereza Ventura realizou pesquisa específica sobre José Oiticica em sua obra, *Nem barbárie, nem civilização!* publicada pela Editora Annablume, em 2006. Porém, trata do período conhecido como de “maior influência” do anarquismo no Brasil, de fins do século XIX até início da década de 20. As atividades de Oiticica após 1922, como as de outros militantes libertários, ainda são pouco estudadas. José Oiticica é citado nas cartas de

101 São citados outros nomes como Gumerindo Fernandes e Pássero, dos quais não conseguimos obter informações significativas na documentação pesquisada.

João Penteado, tanto nas trocadas com Adelino de Pinho como nas de Rodolfo Felipe.

Pedro Catalo – Sapateiro, anarquista, nasceu em 1901 e faleceu em 1969. Dirigiu os jornais *O Libertário* e *Dealbar*. Foi um dos articuladores da reabertura do Centro de Cultura Social em 1945. Escreveu as peças teatrais *Como rola uma vida* e *O coração é um labirinto*. Um depoimento de Pedro Catalo, de circulação entre os anarquistas, foi publicado na Revista Verve No. 11, em abril de 2007. Ele próprio relata que seu primeiro contato com as idéias libertárias aconteceu por intermédio da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas de São Paulo, em outubro de 1921, então com 21 anos de idade. Relata seu deslumbramento com a primeira assembléia que assistiu:

Aquela primeira noite que pisei numa assembléia da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas foi memorável para mim, porque fiquei profundamente impressionado com a palavra eloqüente, ardorosa e convincente de dois oradores, que ficaram solidamente impressos em meus sentimentos, ainda virgem em matéria de política. (Catalo. 2007: P. 12).

Catalo foi identificado como anarquista em 11 de fevereiro de 1919, pela polícia paulista. Foi convocado, em 1932 a dar esclarecimentos sobre seus discursos libertários, considerados subversivos, realizados na sede da Federação Operária de São Paulo. Era mantido sob vigilância policial por participar do Comitê Antifascista e do Centro de Cultura Social. Seu prontuário revela que Catalo foi preso várias vezes por suas atividades libertárias.

Maria Lacerda de Moura – Foi professora, colaboradora na imprensa operária e libertária, escritora, conferencista, poeta e feminista. Nasceu em Minas Gerais em 16 de maio de 1887. Seus pais eram livre pensadores e anticlericais. Morou muitos anos em Barbacena, onde iniciou sua vida escolar. Casou-se com Carlos Ferreira de Moura, com quem manteve amizade mesmo após a separação. Comprometida com a educação, Maria Lacerda de Moura chegou a fundar uma Liga Contra o Analfabetismo e deu aulas gratuitas.

Acreditava que o sistema educacional moldava a personalidade das pessoas, forçando-as a abdicar de sua vontade individual a fim de se adaptar à ordem estabelecida e aos interesses do governo. Acreditava que a luta contra o analfabetismo era pouco, era preciso lutar por uma mudança mais profunda, por uma verdadeira revolução social. Escreveu vários livros sobre educação, com destaque para a educação e emancipação da mulher. Mudou-se para São Paulo em 1921 onde continuou a escrever e a lecionar. Escreveu artigos para *A Plebe* e participou da Liga Anticlerical. Ajudou a fundar a Federação Internacional da Mulher e o Comitê das Mulheres Anti-Guerra, com sede em São Paulo. Lançou em 1923 a *Revista Renascença*, divulgada pelos jornais libertários e por João Penteado tanto na escola que era diretor quanto na União dos Trabalhadores Gráficos, da qual era membro. Em 1928 Maria Lacerda de Moura passa a viver em Guararema, no interior de São Paulo, em uma comunidade libertária onde também vivia o italiano Artur Campagnoli. Ali viviam italianos, espanhóis, franceses e brasileiros. Preocupada com a educação, fundou uma escola para camponeses. Em 1934 muda-se para o Rio de Janeiro onde continua a escrever para a imprensa local e a realizar conferências e palestras. Em 1935 volta para Barbacena, já sob a repressão do governo Vargas. Foi proibida de lecionar na rede pública de ensino, pois era considerada um elemento perigoso. Volta para o Rio de Janeiro, onde passa os últimos anos de sua vida. Já em 1938, na Ilha do Governador, continuava a dar palestras sobre educação e temas libertários. Faleceu em 1944, aos 58 anos de idade. Mantinha laços de amizade com Rodolfo Felipe, José Oiticica, João Penteado entre outros militantes anarquistas.

João Alves Costa Valente - Segundo Edgar Rodrigues, João Valente era *um detentor de boa cultura sociológica*, porém não escrevia na imprensa anarquista. Colaborava monetária e fisicamente. Rodrigues destaca a importância da correspondência na coleta de dados sobre anarquistas que não deixaram *rastros escritos*. “É de três de suas cartas que extraímos alguns dados sobre as suas convicções libertárias.” (Rodrigues, 1997: 73). Era amigo de João Penteado, sempre citado em suas cartas, principalmente preocupações acerca de seu estado de saúde.

Gigi Damiani – Nasceu em Roma em 18 de maio de 1876. Foi preso na Itália diversas vezes por suas atividades libertárias. Foi na prisão que conheceu Oreste Ristori. Em 1899, fugindo da repressão veio para o Brasil. Contribuiu em muitas publicações anarquistas *A Plebe*, *Guerra Sociale*, *Na Barricada* entre outras. Dirigiu jornais como *La Bataglia* e *O Amigo do Povo*. Em 1919, após intensos episódios de greves e manifestações é expulso e deportado para a Itália, onde foi novamente preso. Em 1920 torna-se editor do jornal *Umanità Nova* ao lado de Errico Malatesta. Foi para o exílio na França onde é expulso em 1927, partindo então para a Bélgica. Passou também pela Espanha e Tunísia onde permaneceu até o fim do fascismo. Retorna para Roma em 1946, retoma a liderança de *Umanità Nova*¹⁰² até a sua morte. Exemplares deste periódico foram localizados entre recortes de João Penteado, todos relacionados às atividades anarquistas, assim como também registro de assinatura desse mesmo periódico, com entrega nominal ao Professor João Penteado, em seu endereço no bairro do Belenzinho, em São Paulo.

103

104

102 Em *O Pequeno Dicionário de Ideias Libertárias* Edgar Rodrigues dedica um verbete ao *Umanità Nova*. Destaca ser um *Semanário Anárquico*, fundado em 1920 e órgão da *Federazione Anarchica Italiana*, ligada a *Internazionale Delle Federazione Anarchiche*. (IFA). Malatesta e Gigi Damiani estão entre os vários diretores-redatores que passaram pelo jornal italiano. *Umanità Nova* “começou diária, foi bimensal, periódica, diária novamente, e de 1945 para cá, semanária” escrevia Edgar Rodrigues em 1999.

103 Edgard Leuenroth <http://libcom.org/history/edgard-leuenroth-1881-1968>

105

106

107

104 Maria Lacerda de Moura <http://karina-meireles.blogspot.com/2011/01/uma-mulher-sem-principios-palavras-de-m.html>

105 Rodolfo Felipe Redação de um jornal proletário. Ao centro, de pé, o anarquista Rodolfo Felipe. S.I., 190-]. (AEL, Coleção História da Industrialização, foto 440.)

http://www.ifch.unicamp.br/ael/banco_imagens/galeria_ael.php?codigo_foto=378&codigo_acervo=3

106 Gigi Damiani. <http://www.ephemanar.net/novembre16.html>

107 José Oiticica <http://www.estelnegre.org/documents/joseoitica/joseoitica.html>

3. 3. Correspondência de João Penteado

*Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda, muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da História no Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos da História da Educação.*¹⁰⁸

A documentação que compõe o Acervo João Penteado do CME/FEUSP foi doada em 2005 por herdeiros do educador anarquista João de Camargo Penteado (1877-1965). Os documentos cobrem toda a existência da instituição escolar dirigida por Penteado, que vai de 1912 (quando foi fundada por anarquistas com o nome de Escola Moderna Nº 1) a 2002 (quando o Colégio Saldanha Marinho encerrou suas atividades). O Acervo João Penteado agrega tanto documentos institucionais quanto documentos pessoais acumulados pelo professor João Penteado, que expressam com relevante ineditismo o pensamento de um importante militante da educação libertária no Brasil.

O acervo encontra-se dividido em Arquivo Institucional e Arquivo Pessoal. O Arquivo Institucional é composto pelos fundos provenientes dos estabelecimentos de ensino dirigidos pelo professor João Penteado, ao longo de quase 50 anos: Escola Moderna Nº 1 (1912-1919); Escola Nova (1920-1923); Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943); Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947); Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961). É constituído por documentos administrativos e pedagógicos, fotografias e álbuns de formatura e de outros eventos escolares, exemplares de jornais elaborados por professores e alunos, manuscritos do educador e peças museológicas (quadros, objetos do antigo laboratório para o ensino de ciências, maquinário das aulas de datilografia, entre outros, além de

108 GOMES, Ângela de Castro. Org. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro. FGV, 2004.

móveis utilizados na escola, como estantes e carteiras). O Arquivo Pessoal reúne 751 documentos relativos à produção intelectual de João Penteado (livros, peças de teatro, poemas, discursos, textos didáticos), na forma de textos (datilografados, manuscritos, impressos); correspondências (datilografadas, manuscritas), imagens (fotografias e cartões postais) e periódicos (jornais e revistas).

Como se pauta na correspondência produzida¹⁰⁹ e recebida por João Penteado ao longo de sua vida, assim como na sua trajetória como militante anarquista, essa pesquisa tem um forte caráter biográfico. Para Ângela de Castro Gomes os diários, correspondência, biografias e autobiografias compreendem o que ela chama de *escrita de si*. As cartas e postais trocados entre João Penteado e seus companheiros militantes anarquistas permitem um novo olhar sobre um período pouco estudado da história do anarquismo no Brasil. Dialogava com companheiros anarquistas, que como ele, resistiu ao tempo e às investidas de novas correntes ideológicas no movimento operário brasileiro.

Em história, tudo começa com o gesto de selecionar, reunir, de, dessa forma, transformar em “documentos” determinados objetos distribuídos de outra forma.¹¹⁰

Assim, ao selecionar as cartas e postais, documentos pessoais de João Penteado, de foro “íntimo” na medida em que se constituía em troca de informações sobre a vida cotidiana, saúde, atividades da militância, sobre trabalho entre outros assuntos, o historiador os transforma em fonte histórica, especificamente na busca de mapear e estudar as práticas libertárias em um momento específico da História. Segundo Michel De Certeau

Na realidade ela consiste em produzir tais documentos, pelo fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses

109 No caso das cartas de João Penteado, temos no acervo do CM, as cópias das originais enviadas aos seus companheiros e amigos.

110 CERTEAU, Michel De. *A Operação Histórica*. P. 30 in Norra, Pierre e Jacques Le Goff (orgs) *História – Novos Problemas*. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1995.

objetos, mudando, ao mesmo tempo, seu lugar e seu estatuto.¹¹¹

O historiador não é mais um homem a constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Ele aí vem circular em torno de racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Sob esse ponto de vista, torna-se um andarilho.¹¹²

Desta forma, ao trabalhar com a correspondência de um educador anarquista, perseguido e vigiado constantemente pelas autoridades republicanas, a pesquisa chega aos relatos pessoais de uma militância que foi taxada de derrotada e ultrapassada pelos novos movimentos sociais que surgiam. Ângela de Castro Gomes alerta para o fato de que o registro, na correspondência pessoal, não revela o que realmente aconteceu, mas sim, o que os autores disseram que viram, sentiram e experimentaram em relação a um acontecimento.

Os postais constituem uma coleção que faz parte de seu acervo pessoal e pode fornecer informações, possíveis leituras das mensagens trocadas entre João Penteadó e seus amigos de militância.

Desde sua criação, em 1992, o Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo tem procurado contribuir para o debate que, no âmbito da relação entre história e historiografia, propõe a problematização e o alargamento da concepção de fontes para a historiografia da educação (Moraes, 2002)

Neste contexto do alargamento da concepção de fontes na História da Educação no Brasil é que a pesquisa chegou ao uso da correspondência como fonte histórica, como novo objeto de estudo, que vêm sendo cada vez mais reconhecido pelos historiadores. Já existem trabalhos significativos no Brasil

111 IBID. Pág. 30.

112 IBID. Pág. 35.

que abordam a correspondência pessoal como a de Mario de Andrade, Euclides da Cunha, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo entre outros. Mas em se tratando de educação libertária esse ainda é um campo pouco explorado. Podem ser localizadas algumas cartas de militantes anarquistas nas obras de Edgar Rodrigues. Ao apresentar uma breve biografia de João Alves Costa Valente em *Os Companheiros*, ele destaca:

Para falar de idealistas como ele, que passaram pelo movimento sem deixar rastros escritos, só na correspondência se pode colher alguns dados. É de três de suas cartas que extraímos alguns dados sobre as suas convicções libertárias. Uma delas, com data de 22 de fevereiro de 1952, depois de falar da entrega de suas contribuições monetárias para A Plebe, Ação Direta e Centro de Cultural Social ao camarada Edgard Leuenroth, opina sobre uma enquete anarquista que lhe foi enviada nos seguintes termos:

- 1) Magnífica, é pena que não possa ser mais difundida.
- 2) Muitos bons.
- 3) Muitos bons.
- 4) De enorme vantagem, especialmente na época atual em que a propaganda bolchevista, tal qual a gripe, atinge as camadas burguesas que agem sem racionar.
- 5) Acho que a orientação de Ação Direta é boa e, assim, não vejo razões para modificações.
- 6) Julgo que, para impressionar as massas e ser mais difundida, Ação Direta, deve ser tratado o assunto do custo de vida atual, explorado no regime burguês pelos tubarões, também burgueses e à sombra desse regime em comparação com o anarquismo.” (Rodrigues. 1997: 17).

Nota-se aqui que na década de 50 os militantes anarquistas estavam envolvidos em atividades no Centro de Cultura Social e na publicação de dois periódicos libertários, *A Plebe* e *Ação Direta*.

A troca de correspondência por grupos sociais específicos, como os militantes anarquistas, revelam novos olhares sobre a história dos movimentos sociais no Brasil. Sabe-se que a correspondência vai muito além de uma simples comunicação ou troca de informações entre remetente e destinatário. O acervo João Penteado possui cópias das cartas enviadas e as respostas de seus amigos militantes. É um conjunto documental, até então inédito, que apresenta informações sobre a continuidade das atividades de importantes militantes anarquistas como Edgard Leuenroth, João Penteado, Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe e as dificuldades que enfrentavam, principalmente devido á problemas de saúde, envelhecimento e dificuldade em formar novos quadros para o movimento anarquista. Há também uma série documental importante que se constitui de cartões postais. Entre os cartões postais temos quatro que se destacam por terem sido enviados a João Penteado por Manuel Gama, anarquista português, um dos deportados no ciclo de repressões ao movimento anarquista em 1919, no governo de Epitácio Pessoa. Manuel Gama descreve rapidamente as condições em que foi deportado e chama João Penteado de “amigo”. A localização dos postais de Manuel Gama, endereçados a João Penteado revelam mais um dado da estreita relação do professor anarquista com a militância. A leitura da correspondência, cartas e postais, revela um homem preocupado com seus amigos, relações estreitas de amizade, solidariedade e resistência. Um grupo específico de militantes, com laços estreitos de amizade, que se mantém ao longo de suas vidas, é revelado nas correspondências: João Penteado, Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe, Edgard Leuenroth, José Oiticica, Gumercindo Fernandes, João Valente e Pedro Catalo.

Cambré, 24. 1. 55.
 Meu bom amigo João Penteador
 Saudações
 Em meados de dezembro último escre-
 vi ao amigo uma longa carta, onde fiz
 algumas considerações de ordem geral e do-
 bre tudo, manifestava o pesar que senti
 com a notícia da falecimento do nobre
 velho amigo J. J. Damiani, notícia essa
 em Umanita Nova.
 Hoje direi que todos nós, (amigos e
 filha adotiva) estamos bons de saúde,
 e que passamos o dia 31 e 1º deste em
 São Paulo, mas que três telegramas
 que tentamos todos foram não atende.
 tempo para procurar ^{na incertesa} o que devia para
 meu prazer do grande, mas tivemos pois
 um dia todo foi para condução médica,
 o outro, fomos ao Sbirapuera, pensando
 que na volta teríamos tempo para qualque
 coisa, mas o Sbirapuera absorve ^{o tempo} e atrai
 a vista até cansar...
 Abraços aos Teus e velhos lembranças
 de minha Senhora e este teu amigo
 Roberto Gilio

São Paulo, 24. 1. 55.
 O amigo

Formando um conjunto documental importante para o desenvolvimento desta tese de doutorado foram selecionadas cartas e postais ¹¹⁴ que tivessem relação com a continuidade da militância anarquista após 1919, data de fechamento da Escola Moderna de São Paulo pelas autoridades. Há ainda uma

114 Autorização para estudar essas fontes foi dada pela sobrinha-neta do professor João Penteador, que doou o acervo para o Centro de Memória da Faculdade de Educação. Por se tratar de documentação pessoal, é importante ressaltar essa autorização.

carta de Teresina a João Penteado¹¹⁵. Teresina é a personagem apresentada por Antônio Cândido, em *Teresina e seus amigos*¹¹⁶. No livro de Antonio Candido há referências a Adelino de Pinho e seu caráter de firme militante anarquista assim como sua relação de amizade com Teresina. Pela carta endereça a João Penteado, vinda de Teresina, sabemos que essa amizade estendia-se também ao educador anarquista. Segundo Antonio Candido, “*Teresina tinha a vocação da amizade e dela tirou conforto para enfrentar uma vida que foi sempre dura*”. Ele conta que no período em que conviveu com Teresina, de 1931 a 1951, entre os que a visitavam com frequência estava o:

Veemente Adelino Tavares de Pinho, o Professor, que teve uma escolinha em Poços muitos anos e atuara nas escolas operárias e nas greves do começo do século, particularmente em Campinas, na da Companhia Paulista, no ano de 1906. Era um português do Norte, atarracado e explosivo, que em moço tinha sido motorneiro e se instruíra por conta própria, chegando a publicar diversos opúsculos e a colaborar com abundância nos jornais libertários.¹¹⁷

115 Teresina pergunta por Adelino de Pinho e também por um livro que lhe emprestou, do qual não se lembra o título. Elogia o propósito de João Penteado continuar a dedicar-se ao ensino, faz votos de que cumpra seu propósito e diz que também se dedica a ensinar “trabalhos e línguas” que a ela ninguém ensinou. Chama João Penteado de amigo.

116 Segundo Antonio Candido, Teresina Maria Carini nasceu em 27 de agosto de 1863 na aldeia de Fontanello, na recente província de Reggio-Emilia do recente Reino da Itália. Veio para o Brasil em 1890. Em São Paulo acompanhou os movimentos radicais desenvolvidos a partir do fim do século XIX, participando da fundação de ligas, da promoção de conferências, do apoio às escolas operárias e aos movimentos grevistas, interessando-se muito pela emancipação política e intelectual das mulheres. Vivia com pouco, inteiramente de um dia para o outro, ensinando tricô, italiano e francês. Ensinada a muita gente gratuitamente.

117 CANDIDO, Antonio. *Teresina Etc.* Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980. Págs. 54 e 55.

Observa-se, na carta a Penteado, a admiração que Teresina nutria pela sua dedicação à educação. Chama a atenção o desejo de Penteado de continuar a exercer as atividades de ensino até o fim de sua vida, *de certo até aos 100 anos*. Teresina revela-se autodidata assim como reafirma uma prática comum entre a militância, o empréstimo de livros.

Além de identificar as relações de amizade e militância mantidas pelo professor Penteado, como as com Teresina, Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe, a partir da correspondência pode-se localizar os temas tratados pela militância e o contexto histórico em que foram produzidas. Alguns dos temas levantados são: As deportações e a repressão ao anarquismo em fins de 1919 e início de 1920; a circulação de livros e periódicos entre a militância resistente; a preocupação com a educação dos trabalhadores; a preocupação com a continuidade dos círculos e grupos anarquistas; o falecimento de militantes libertários no Brasil; a continuidade de festivais de propaganda, mesmo que com menor frequência e um número restrito de membros no Centro de Cultura Social e na Nossa Chácara.

João Penteado parece ter mantido relações mais próximas com Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe. Mantém regularmente a troca de cartas até o fim de suas vidas. Trocam informações sobre o movimento libertário, sobre a escola dirigida por Penteado, sobre estado de saúde e também sobre o falecimento de companheiros. Em uma caixa de recortes, do acervo pessoal do educador,

118 http://www.storicamente.org/07_dossier/emigrazione-femminile-in-brasile_link6.htm

encontra-se um artigo de João Penteado sobre a obra de Maria Lacerda de Moura, *Renovação*. Neste artigo, João Penteado transcreve uma carta de uma conterrânea sua identificada como Maria, aluna da Escola Normal. Ele havia lhe enviado o livro e pedido que Maria desse a sua apreciação. Antes de “passar a palavra à Maria”, João Penteado faz elogios à Maria Lacerda de Moura a quem apresenta como detentora das mais “belas qualidades”, uma “distinta professora mineira”, “cujo nome é bastante conhecido no nosso meio literário.” Diz ainda João Penteado sobre Maria Lacerda de Moura:

Dando parabéns à autora do livro, faço votos para que prossiga em seu trabalho de estudar, investigar e discutir assuntos que se prendem à questão social, proporcionando-nos, de vez em quando, o prazer de uma leitura como a de “*Renovação*”, cuja interessante maneira desperta a atenção de todos quantos sabem avaliar a virtude da mulher como propulsora do progresso moral e intelectual da humanidade.

Chama atenção a troca constante de recortes de jornais e livros entre João Penteado, Adelino de Pinho e Rodolfo Felipe. Mas observa-se que essa prática se estendia a outras pessoas do círculo de amizade de João Penteado. Infelizmente, o acervo não contém todas as cartas recebidas pelo professor.

Um exemplo da troca de livros pode ser localizado em carta de 30 de junho de 1951, quando Rodolfo Felipe responde a João Penteado sobre o livro *Cristo, de Anibal*:

Sim eu tive esse livro. Deve estar no Centro de Cultura. Havia até uma dedicatória do autor, mas um dos muitos a quem foi dado a ler estraçalhou as primeiras páginas. Essa edição era em espanhol. Várias vezes citei esse trabalho em conversa com minha mulher e a outras pessoas. A ler a vossa carta, a Maria manifestou a vontade de o ler e para isso peço a você o favor de me mandar emprestado.

Caro amigo Pinho

Recebi tua carta e fiquei satisfeito, embora as notícias não fossem correspondentes ^{ao} meu desejo. Queria que todos os teus aí estivessem fortes e rijos. Entretanto, pelo que disseste, cada um dos tres mais ou menos se iguala na sorte. O mundo é mesmo assim. Entretanto estão juntos e se estimam. Isso já é um conforto, ainda mais agora que há de estar frio, em pleno inverno. O João Valente te vai escrever. Ele não recebeu carta, nem o Giacomo. A carta que lhe escreveste se perdeu.

O nosso amigo Gumerindo esteve aqui na semana passada e pedi-lhe que te escrevesse na tira de papel inclusa a esta. Ele prontamente me atendeu. Assim a colaborar comigo nesta carta. O nosso Gumerindo é uma bela alma. Também a mulher e os filhos. O Pedrinho e os seus vão bem. A companheira Maria, amadora teatral, que esteve muito mal depois que daqui partiste, ^{teve} duas operações cirúrgicas, mas felizmente já está restabelecida. O médico que a operou foi mesmo dr. Edgard de Barros, já nosso conhecido. Ele também me tratou quando estive no Hospital Liberdade.¹

Também o João Valente esteve muito mal depois que tu partiste, mas agora, felizmente, já está bem melhor. Aos companheiros que me perguntam por V. eu tenho dado suas notícias.

O Edgard vai indo bem. A empresa que ele está organizando é uma promessa que se está realizando à custa de sua dedicação e esforço. O nosso Centro de Cultura Artística e Social vai indo regularmente bem, apesar das dificuldades.

O nosso estimado dr. João Oiticica deixou este mundo de repente quando a presença dele era a esperança de nossa representação no Congresso Anarquista a realizar brevemente, ^{para a qual} na Itália, ^{de} na França, ^{ou ainda}. O Rodolfo Felipe vai indo regularmente em Cambuí, como sempre. Logo depois que tu partiste, ele esteve aqui em São Paulo com a família e me visitou.

Quanto a mim, meus manos e a nossa casa de ensino vamos indo regularmente bem.

Abracos meus e de meus manos a ti e aos teus com os votos de saúde, paz e prosperidade eis o que desejamos.

Seu amigo

João Penteadado

*Am. A. Adeline Tavares de Pinho
Ribeira - Vale da Canabira
Paraná*

119

Em outra carta, do dia 24 de janeiro de 1955, Rodolfo Felipe comenta que tomou conhecimento do falecimento de Gigi Damiani, através da leitura de *Umanita Nova*. João Penteadado também era assinante deste jornal italiano fundado por Malatesta. Faz parte do acervo do CM da FE, uma correspondência da assinatura do jornal assim como alguns exemplares do mesmo. Rodolfo Felipe identifica Gigi Damiani como *nosso velho amigo*.

119 Carta, datilografada, com correções á lápis, de João Penteadado para Adelino de Pinho. Cita vários companheiros: Gumerindo Fernandes, Edgard Leuenroth, João Valente e fala do falecimento de José Oiticica. s/d.

120

Na década de 50 Rodolfo Felipe viveu em Cambuí, Minas Gerais. Interessante como ele relata a vida em uma região *bucólica*. Mais uma vez, em oito de janeiro de 1957, ele informa sobre o recebimento de jornais e revistas: “Eu já acusei o recebimento dos livros e agora acuso a chegada do pacote de revistas. Muito agradeço tanta dedicação”. Em carta de 25 de outubro de 1957, Rodolfo Felipe manda lembranças “aos camaradas e amigos que aí temos”, “diga ao Edgard que já lhe remeti para a Caixa Postal um pacote contendo alguns livros velhos e outro de correspondências que tinha em meu arquivo. Se telefonar ou visitar o prezado amigo João valente, não esqueça de dizer-lhe que eu lhe mando um abraço por seu intermédio”.

João Penteado em suas cartas a Rodolfo Felipe relata o estado de saúde de companheiros como Gumercindo Fernandes, Adelino de Pinho, Edgard Leuenroth, João Valente e Pedro Catalo. “O Edgar está como sempre, lutando e interessado pelo movimento libertário apesar das dificuldades atuais”. Esta carta é uma cópia da original enviada a Rodolfo Felipe. Pelo desfecho da carta, em que fala da entrada “deste ano de 1958” é que pode ser identificada a data. Neste mesmo documento João Penteado ainda relata que:

O nosso Centro de Cultura Social vai indo regularmente. De vez em quando há aqui alguma festa em que a gente

120 Jornal pertencente ao Acervo João Penteado. Exemplar de 1961, do qual João Penteado era assinante. “Umanita Nova. Giornale Anarchico iniziato da Errico Malatesta nel 1920”.

se encontra. Ainda há uns dois meses houve uma festa no Teatro Arthur Azevedo, na Mooca. Lá nos encontramos. Houve bastante animação.

Em carta anterior, de 15 de maio de 1957 a Rodolfo Felipe, João Penteado fala da ida de Adelino de Pinho para Portugal. Trata ainda da festa do 1º de Maio no Teatro Colombo “*do qual tomaram parte nossos camaradas, inclusive o Pedrinho Catalo*”. Relata o retorno de Edgard Leuenroth do Recife, e que este esteve doente, indo então visitá-lo. Já em carta a Adelino de Pinho, João Penteado demonstra certo pesar, certo descontentamento com as dificuldades passadas por seus companheiros:

O mundo é mesmo assim, tão cheio de motivos para o nosso descontentamento. É preciso a gente ter coragem para aguentá-lo.

Nesta mesma carta, que data de 20 de maio de 1958, faz um breve relato sobre a saúde de Edgar Leuenroth:

vai indo bem mas muito atabalhado, como de costume, principalmente agora em virtude de ter estado á frente da comemoração do centenário da imprensa brasileira, do Museu da Imprensa, não só aqui em São Paulo como também em Campinas, como em Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais.

As festas de propaganda, que continuam a ser realizadas, serviam como motivo de encontro entre velhos militantes:

Os companheiros aqui realizam de vez em quando, algum festival de propaganda que dá motivo para a gente entrar em contato com os camaradas, além de divertir-se com o espetáculo. O dia 1º de Maio passou quase em brancas nuvens. Pouca coisa se fez, apenas uma comemoração na nossa sede do Instituto de Cultura Social e na Nossa Chácara.

Termina a carta dizendo que está lhe enviando “um invólucro, com recortes de jornais a respeito de acontecimentos mais importantes do que aqui se está passando”. Há outra carta a Adelino de Pinho, sem data, com o relato do falecimento de José Oiticica:

O nosso estimado Dr. José Oiticica deixou este mundo de repente quando a presença dele era a esperança de nossa representação no Congresso Anarquista a realizar brevemente, parece-me que na Itália ou na França.

Adelino de Pinho relata a João Penteado, em carta de 30 de outubro de 1954, que recebeu os livros enviados, que estes “chegaram muito bem acondicionados, bem demais. Amarrados e dentro da caixa e esta também amarrada, era o suficiente”. Adelino fala dos companheiros que sempre estiveram ao seu lado “no combate aos exploradores do povo” auxiliando-o “com o seu apoio moral e econômico na divulgação de nossos caros ideais”.

João Penteado: Depois que recebi a sua carta dizendo que o Valente se encontrava mal depois duma operação que sofrera, eu quis-lhe escrever mas não encontrei o endereço e resolvi escrever então ao Lúcio, o genro dele. Mas parece que o número também não estaria certo, pois do lado esquerdo da rua costuma ser ímpar e o número que eu tinha era par: Lacerda Franco n.º 1174. Será que ele a receberia? Poderia avisá-lo para o Lúcio retirá-la do correio, caso não tenha recebido? Desculpe o incômodo
Sempre o amigo

121

Na obra de Edgar Rodrigues, *Sem Fronteiras*, há cópia de uma carta, de 3 de maio de 1949, escrita por Adelino de Pinho e endereçada a Rodolfo Felipe na qual João Penteado é citado. Adelino relata que se abrigou como de costume na casa do amigo Penteado, e que este esteve “*bastante doente*”.

Teve porém a sorte de encontrar um médico que acertou com a doença e com o remédio e, aos poucos, restabeleceu-se e continua na lida de que não quer nem pode desertar. Mas você sabe que ele já está com 72 anos e tem dado murro trabalhando muito e sempre. Nem eu sei como ele tem podido guiar o barco com tanta segurança e tão boa direção. Deve estar cansado, conquanto ele não o confesse nem queira que lho digam.

Há ainda duas cartas relacionadas à militância anarquista: uma do anarquista português Manuel Gama, de sete de agosto de 1921, enviada de Bissau e outra de Zeferino Oliva, anarquista italiano, que escreve do interior de São Paulo. Ambos citam outras cartas enviadas ao Professor Penteado; não localizadas no acervo. Zeferino Oliva, em carta de fevereiro de 1950, identifica João Penteado como um velho amigo de juventude, companheiro de ideias e de luta. Afirma que ambos continuavam firmes em seus ideais, e que o mesmo não poderia ser dito sobre o companheiro Dr. Roberto Feijó, que se achava em campo ideológico oposto, mas conservava as amizades feitas quando era anarquista. Zeferino Oliva faz essas observações ao comentar a notícia do falecimento de Feijó. Já Manuel Gama, em carta enviada de Bissau, Guiné Portuguesa, em 1921, relata a sua condição de vida e a de seus companheiros após a deportação de 1919. João Penteado mantém contato com Gama e lhe envia jornais e cartas com notícias da militância em São Paulo. É comentada a fundação da União dos Trabalhadores Gráficos, saudada por Gama como um importante acontecimento. O autodidatismo aparece mais uma vez como forte característica da militância anarquista: Gama comenta que há muitos franceses na empresa em que está trabalhando e que, nas horas vagas, estuda o francês com o objetivo de em até três meses estar falando e escrevendo regularmente nessa língua. A carta está datilografada com um PS escrito à mão onde pede que o Professor Penteado lhe envie os *Estatutos da Cooperativa Gráfica* e o livro *Memórias de um Exilado*, de Everardo

Cambeu, 8 de janeiro 1957

Prezado amigo João Penteado. Saudações
Com estas linhas quero mandar ao amigo
e a seus manos a nossa mensagem de amizade e fraternidade. ~~as~~ nossos votos para
que a saúde não vos abandone no decorrer do novo ano, que acabamos de começar.

Aqui, nos todos, gozamos de boa saúde e dispostos a continuar a viver esta vida de relativo sossego que usufruimos neste recanto do mundo, onde nem as ondas do mar nem do rádio nem da TV chegam a perturbar. Você e o comércio não perderam apreciação ~~em o comércio da nossa cidade, pois a chuva (impediu e fecundidade dos vegetais)~~ e bem abastecida para a gente, mormente num ambiente rústico e puro como o nosso.

E você ^{trouxe} trouxe ^{para as crianças} vinte ~~doze~~ ^{doze} livros que aqui passaram. Mas, deixe-me dizer: aquela visita foi para nós um consolo, um prazer e uma prova de amizade da qual só a gente só pode sentir satisfação e alegria e... Saudades.

Você, na última ora chegou - notícias que volta e que aqui encorajam algo que tem para escrever. A casa e o nosso convívio está ao seu dispor, caro amigo.

Em já cessar o recebimento dos livros e agora a casa chegou do pacote de livros. Muito agradeço tanta dedicação. — Para breve, muito breve

Os postais formam um conjunto extremamente interessante, tanto pela beleza gráfica como pelo seu conteúdo. O acervo pessoal do arquivo João Penteado possui um conjunto significativo de postais e dentre eles foram selecionados os de conteúdo político, no contexto da militância anarquista. Assim como os postais de Carolina Attanasio estudados por Flávia Arlanch de Oliveira, os cartões postais que fazem parte do acervo pessoal de João Penteado:

Corresponde às primeiras décadas do século XX, quando virou moda a troca de postais entre amigos e familiares. Foi a época também do início da reprodução em massa

da produção cultural. (...) O cartão- postal, por conter, além da mensagem escrita, a imagem – um objeto prodigioso que atua no campo das sensibilidades – permite averiguar instancias que as palavras não dizem.

122

122

http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/flavia_arlanch_oliveira.pdf.

O álbum de postais de Carolina Attanasio foi objeto de estudo de Flávia Arlanch de Oliveira. Os postais foram recebidos por Carolina entre 1911 e 1942.

131

Os cartões-postais e álbuns de lembranças amarelados pelo tempo são vasta fonte iconográfica que guarda a memória da cidade, com vistas que, não raro, constituem verdadeiras obras de arte e fragmentos da história que evidenciam mudanças extraordinárias do cenário urbano.¹²³

Os militantes anarquistas também partilham da *moda que chega da Europa e que consiste numa nova forma de correspondência por meio de cartolinas ilustradas (...) destinadas a conter comunicados breves, mensagens íntimas e coloquiais, sem pudores, já que carentes de envelope.*¹²⁴

123 GERODETTI, João Emílio & Cornejo, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A Capital Paulista nos Cartões-Postais e Álbuns de Lembranças*. São Paulo, Studio Flash Produções Gráficas, 1999. Pág. 15.

124 Ibid, pág. 15.

Porém, diferentemente do predomínio da figura feminina da belle-époque no album de postais de Carolina Attanásio, nos postais enviados à Penteado predominam temas sociais ligados ao universo do trabalho ou paisagens dos locais visitados por seus amigos: trabalhadores colhendo cana na Ilha da Madeira, pescadores do Minho (sendo que em ambos os postais predomina o mestiço), Instituto Butantã, Teresópolis, Madeira (litoral), Palácio Monroe no Rio de Janeiro, Curitiba, Paraná (bondes na rua Comendador Araújo) e Estação da Luz em São Paulo. Os temas tratados também estão diretamente relacionados às questões sociais ou a amizade mantida ao longo dos anos: deportações, prisões, estado de saúde e notícia de amigos distantes.

Benedito Lima de Toledo destaca que os primeiros postais de São Paulo mostram lavadeiras em plena atividade nas margens do Tamanduateí, os cerealistas da Ladeira João Alfredo, os estivadores carregando sacas de café no Porto de Santos, imigrantes colhendo café em fazendas pelo Interior, a população em seus momentos de lazer no Jardim da Luz ou na Cantareira, contradizendo a ideia de que o Postal falsearia a realidade escolhendo somente ângulos favoráveis. (Gerodetti e Cornejo. 2000: 9)

Jamil Nassif Abib nos lembra que o Postal foi criado como um serviço barato, breve e simplificado de correspondência “encurtando e aproximando as pessoas”, possibilitando uma comunicação a descoberto. A imagem impressa no Postal também tem seu lugar no imaginário, tanto coletivo quanto individual, diante dela “o destinatário sonha – ontem e hoje – emocionando-se e tornando-se partícipe da ventura ou aventura de quem a expede.” (Gerodetti e Cornejo. 2000: 11)

A imagem ajuda ainda a vincular a escrita, a mensagem no cartão às circunstâncias de tempo e espaço “fixando pessoas, costumes, fatos, estilos, paisagens, bem como sentimentos, opiniões e lembranças. Tornam-se, assim, registros perenes para quantos, na busca de compreender processos, lançam-se à caça do tempo perdido.” (Gerodetti e Cornejo. 2000: 11)

No caso dos cartões de Manuel Gama enviados da Ilha da Madeira, a imagem reforça o exílio, o desterro, a distância e também as condições de vida e de trabalho naquela região.

Os postais foram classificados de forma cronológica para tornar mais fácil o mapeamento dos principais eventos relacionados a eles.

No primeiro Postal, ainda escrito no Rio de Janeiro, a bordo do Bevevente, Manuel Gama escreve a Joaquim Penteado, irmão de João Penteado, informando sobre a deportação inesperada e pedindo que este guarde suas roupas.

*Palácio Monroe Rio de Janeiro. De Bordo do Bevevente,
Bahia, 03 de novembro de 1919. Amigo Joaquim*

Penteado. Saudades... Inesperadamente sigo a caminho das luzidas plagas. Em minha companhia vão 24 irmãos esperançosos. Alguns tem adoecido, eu vou resistindo a todas as rajadas, o meu santo e Albino F. Sampaio. Peço-te guarda a minha roupa, que a pedirei de Portugal. Lembranças a todos e um abraço do Vosso amigo Manuel Gama. Endereçada a Joaquim Penteado.

Logo em seguida, envia diretamente a João Penteado um postal informando sua situação.

Ao Cidadão João Penteado. Av. Celso Garcia. 262. São Paulo – Brasil. Madeira – Apanha de Cana Dôce. Do Benevente Madeira 21-11-919. Bom Amigo. Só agora me foi possível escrever-te, porém, já escrevi a teu mano, da Bahia. A Viagem tem sido regular, somente em Pernambuco fomos mal sucedidos. Ainda não sabemos a sorte que nos espera. Peço-te que guardes a minha roupa que brevemente a mandarei buscar para o lugar em que ficar. Lembranças a todos. Avante! M¹²⁵

A caligrafia foi comparada com os demais postais de Manuel Gama a João Penteado. Tanto a caligrafia quanto o conteúdo provam que foi escrito por Manuel Gama. O fato de estar apagado pode estar relacionado ao processo de intensa repressão aos anarquistas no período.

O terceiro postal, de Manuel Gama a João Penteado é identificado como vindo de *Madeira -Funchal (Oeste)*.

São Vicente do Cabo Verde, 13 de dezembro de 1919. “Caríssimo amigo. Saudades. Como vê, aqui estou neste deserto aonde só há pântanos torrados pelo sol e infelizes rotos e maltrapilhos ostentando a maior miséria. Depois de tantos dias de sofrimentos em presídios e viagens, vim

125 O nome está apagado, só aparece a letra M.

aqui bater sem saber se ainda qual o meu destino. Estou em companhia de 15 companheiros vindos do Brasil, juntaram-nos em Lisboa aonde estivemos num calabouço 10 dias. Espero que o amigo me mande algumas notícias dessa terra. “Quartel da Guarnição” de S. Vicente de Cabo Verde. Manuel Gama”.

O Postal seguinte é identificado como de *Costumes do Minho – Pescadores. Paranhos da Beira, 19-05-1922.*

Meu caro Penteado, Há seis dias que cheguei a minha aldeia e os ares do campos tem me feito um bem admirável. Estive em Lisboa com o Gama e encontrei-o cheio de saúde. Recomendações aos seus”. Não possível identificar o remetente, mas o mesmo envia informações de Manuel Gama a Penteado.

Os postais de Rodolfo Felipe expressam carinho e amizade.

Instituto Butantan. Viveiro das Cobras. S. Paulo Brasil. *Caro Penteado. Nos extertores da agonia do ano que finda cumprimento-te fazendo votos para que a saúde e a liberdade sejam apanágio do próximo 1927. Endereçado a João Penteado – São Paulo. Felipe”.* (assina apenas Felipe, mas pela comparação com outro postal e cartas foi enviado por Rodolfo Felipe).

Estação da Luz. São Paulo – Brasil. *Caro amigo, saúdo-te juntamente aos teus o amigo de sempre Rodolpho – 25-12-1925. Ao Sr. João Penteado Rua Saldanha Marinho No. 21. São Paulo”.*

O acervo contém ainda um postal de Edgard Leuenroth, enviado de Teresópolis, a João Penteado. Em 1920 Edgard Leuenroth foi obrigado a ausentar-se de São Paulo para um repouso médico em Teresópolis, no Rio de Janeiro, informação comprovada através do AEL.

Trecho da Avenida Provincial, Várzea – Theresopolis.
 03-11-920. Caro Penteado, Saúde. Aqui estou, há 10 dias
 neste lugar de repouso infelizmente quase que só
 acessível à gente do outro lado da barricada... tenho
 aproveitado, pois que me sinto mais forte. A minha
 estadia, entretanto, não poderá ser prolongada. Et pour
cause... Recomendações aos camaradas. Sauda-te o
 Edgard. Sr. João Penteado. Escola Nova. Avenida Celso
 Garcia. 262. São Paulo. Et pour cause quer dizer, "com
 razão, não sem motivo" .

João Penteado sempre cita o companheiro Edgard Leuenroth como de grande importância para o movimento anarquista. O fato de haver apenas um cartão postal de Edgard para Penteado se explica pela proximidade em que residiam, ambos na cidade de São Paulo. João Penteado informa aos companheiros sobre seu estado de saúde, observa que lhe telefona e lhe visita.

O conteúdo dos postais e das cartas enviadas a João Penteado ressaltam o seu papel para o movimento libertário no Brasil e mais especificamente, na cidade de São Paulo. Os laços de amizade com figuras chave do movimento como Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth, a relação com Manuel Gama, a preocupação com a memória do anarquismo no Brasil na criação e manutenção de acervos, a troca de livros e recortes, o pertencimento ao grupo também assegurado na criação de espaços como o Centro de Cultura Social e a Nossa Chácara são traços e características da militância anarquista, muito forte na trajetória do educador João Penteado e o coloca entre os principais líderes do movimento no Brasil.

3.4. As deportações e a repressão ao anarquismo

Na tarde de 30 de outubro de 1919, no Rio de Janeiro, Everardo Dias e 22 companheiros de prisão foram postos em viaturas policiais para serem transportados às docas. Centenas de curiosos se juntaram para observar a partida, enquanto os prisioneiros, com a voz recuperada, cantavam a “Internacional”.¹²⁶

127

O tema das deportações em 1919, levantando pela leitura dos postais de Manuel Gama a João Penteado, também pode ser verificado através da Imprensa Operária. As expulsões e deportações em 1919 são reflexos da intensa movimentação dos trabalhadores nos anos de 1917 a 1919. Em 1917 explode em São Paulo uma grande greve, conhecida como Greve Geral de 1917, a qual se espalhou por todo o Estado de São Paulo e repercutiu em outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro e Pernambuco. Em 1918 há

126 Dulles, J. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977. P. 103.

127 Desembarque no Porto de Santos/Memorial do Imigrante.

uma Insurreição anarquista no Rio de Janeiro, com um saldo de três operários assassinados, e muitos anarquistas presos e deportados. Em 1919 eclode uma nova Greve Geral em São Paulo. Desta forma, Eptácio Pessoa tratando a questão social como caso de polícia, promove uma grande deportação de anarquistas estrangeiros, entre eles está Manuel Gama.

O governo de Eptácio Pessoa (28/07/1919 - 15/11/1922) caracterizou-se pela instabilidade política. A nomeação de civis para as Pastas militares provocou a reação de setores do Exército, exemplificada pelo movimento tenentista. A essa insatisfação logo se somariam a das oligarquias dissidentes e a dos novos atores sociais urbanos, principalmente os operários. Intelectuais de distintas procedências e alinhados por correntes diversas de pensamento manifestaram-se por meio da Semana de Arte Moderna, da fundação do Partido Comunista, da fundação do Centro Dom Vital e da revista A Ordem.¹²⁸

Em 1921, o Presidente Eptácio Pessoa promulga a Lei de Repressão ao Anarquismo. As deportações de 1919 e a Lei de Repressão ao Anarquismo de 1921 visavam eliminar a influência das idéias anarquistas no meio sindical.

128

<http://www.republicaonline.org.br/RepOnlineNAV/navegacao/presidencias/presidencias.asp?op=busca&cod=11&secao=pres>

Ressalta Boris Fausto que a *violência do Estado como instrumento perpetuador das relações sociais de dominação na área industrial, ao longo da Primeira República, é um dado conhecido.* (Fausto. P. 233)

A greve era concebida não como um produto das contradições entre as forças sociais mas como manobra conspirativa, levado a cabo por indivíduos capazes de manobrar um agregado destituído de vontade própria. (Fausto. 1986: 233 e 234).

Sob os trabalhadores estrangeiros pairava as ameaças das leis de expulsão.

Como resposta aos surtos grevistas de 1905-1906, surgiu a lei prevendo a medida para os que atentassem contra a tranqüilidade pública ou a segurança nacional. (P. 234).

A partir de 1917, as medidas repressivas multiplicam-se, segundo Boris Fausto.

Entre 1917 e meados de 1919, o Estado aumenta o grau de repressão, recorre a atos arbitrários, mas atua em resposta aos movimentos grevistas; de meados de 1919 em diante, o aparelho estatal toma a iniciativa e adota medidas sistemáticas para liquidar a vaga reivindicatória. Essa prática se antecipa a uma nova legislação e acaba

sendo referendada por duas leis aprovadas em 1921. (P. 235)

A seletiva expulsão de militantes operários cresceu nos anos 1919-1920. Partiriam para sempre do país, Gigi Damiani; Alexandre Zanella; Silvio Antonelli; Antonio Fernandes, secretário da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro cuja deportação provocou uma greve parcial de solidariedade; Alberto de Castro, antigo secretário da União Geral de Ferroviários de São Paulo; Joaquim de Moraes, ex-secretário da UOFT carioca etc. (P. 239 – 240).

Edgar Rodrigues ressalta que as deportações se configuraram como prática de violência abraçada por governantes que tinham por objetivo impedir a divulgação de ideias ou frustrar movimentos contrários aos sistemas vigentes. Destaca as deportações ocorridas nos governos de Rodrigues Alves e Epitácio Pessoa.

Expulsaram militantes anarquistas como Manuel Peres, José Romero, Manuel Campos, Gigi Damiani, Florentino de Carvalho. (Rodrigues. P. 104).

Epitácio Pessoa (1919-1922) logo no início de seu governo *expulsou 23 operários sindicalistas e anarquistas enfiados a força nos porões do vapor Benevente*¹²⁹. Os trabalhadores, sendo que grande parte deles era imigrante, lutavam por melhores condições de trabalho, por melhorias salariais e redução da jornada diária. A Revolução Russa, além de despertar esperanças nos trabalhadores quanto aos rumos da luta contra a exploração capitalista, *apavorou a nova burguesia que cobrava dos governantes providências concretas contra os libertários grevistas.*¹³⁰

129 Citação de Edgar Rodrigues, em *Os Companheiros*. Ver referência 124.

130 RODRIGUES, Edgar.

<http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/Os%20Companheiros%20-%20Letra%20M.htm>

As grandes greves operárias que vinham eclodindo desde 1917 são duramente reprimidas, com grande parte de seus líderes sendo presos ou deportados. Epitácio Pessoa chega a decretar estado de sítio, controla os focos rebeldes e então passa a presidência a Arthur Bernardes, vitorioso nas eleições de março de 1922.

Decidido a impedir o “triunfo do mal”, o governo do Estado fechou as “escolas modernas” de João Penteado e Adelino de Pinho, deportou os “agitadores” nacionais para o Rio Grande do Sul e convenceu facilmente o Ministro da Justiça de que as “recentes agitações” justificavam a expulsão do território nacional de dezenas de “estrangeiros”.¹³¹

O documento acima “Ao povo brasileiro e ao mundo”, é publicado em *A Plebe* de 29 de novembro de 1919. É um texto de acusação. Nele os anarquistas, ferozmente atingidos pela repressão denunciavam as atitudes antidemocráticas e anticonstitucionais do governo brasileiro. Reclamam da falta de liberdade de imprensa, citam as deportações, inclusive de brasileiros, ou estrangeiros já naturalizados e enfim, criticam Adolfo Gordo “burguês, capitalista e senador da República”, o qual forjava a lei de repressão ao anarquismo.

131 DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. 1900-1935*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1977. Pág. 101.

O mesmo número do Jornal *A Plebe*, publica ainda nota perguntando *Porque e como foram feitas as deportações? – O que o governo não quis informar*. A nota, dirigida aos operários e principalmente aos familiares dos deportados, informa que o governo não respondeu a nenhuma pergunta, não prestou nenhum esclarecimento sobre as deportações de 1919.

Manuel Gama é citado também nos artigos publicados na imprensa operária sobre as deportações.

De bordo do “Benevente”, datado de Bahia, chega-nos agora um postal de Manuel Gama, o ativo camarada, bastante conhecido nos meios proletários de S. Paulo e do Rio, onde militou ativamente.

Ei-lo:

“Camaradas d’ A Plebe: Saudades... saudades... Involuntariamente, sigo a caminho das luzas plagas. Em minha companhia seguem 24 irmãos esperançosos, entre os quais o Everardo, que, triste e pensativo, vai arrastando o seu madeiro ao Calvário da Vida.

Esperamos que a nossa falta não cause transtornos.

A viagem no mar tem sido boa.

Não há que desanimar. Avante pela grande causa.¹³²

Sobre esse episódio, que envolve a reação contra o movimento anarquista no Brasil Edgard Leuenroth relata:

As atividades dos anarquistas no Brasil, embora exercidas dentro do quadro da chamada democracia republicana, bem raras vezes puderam decorrer normalmente. Verificaram-se violências de toda ordem contra os militantes libertários, as suas iniciativas, a sua imprensa,

132 Publicado em *A Plebe*, 29 de novembro de 1919.

as suas organizações, moveram-se contra eles campanhas de injúrias e calúnias; foram vítimas de perseguições, maus tratos, espancamentos em presídios e solitárias; sofreram assaltos em seus domicílios, com apreensão de bibliotecas, coleções de revistas e jornais, além de violências contra suas famílias, deportações para ilhas e regiões insalubres, expulsões para o estrangeiro, e também assassinios. (Leuenroth. 1963: P. 134)

Ele continua destacando que muitos militantes estrangeiros que aqui haviam fixado domicílio, *desenvolviam atividades artísticas ou profissionais de alta significação*, foram expulsos do país. Além de Manuel Gama, entre os deportados que não voltaram mais ao Brasil estavam Neno Vasco e Gigi Damiani.

133 Propaganda divulgada em *A Plebe* na década de 20.

3.5. Resistência – práticas libertárias do Educador João Penteado e de seus companheiros

E é assim que os anarquistas, hoje e no futuro, poderão demonstrar com fatos que o anarquismo é a única força que defende, protege, ampara e respeita a causa da justiça, em busca do ideal de amor, de paz e de felicidade, que se realizará na Terra, transformando-a num paraíso, em que sem fronteiras para separar as nações umas das outras e sem exercito para garantir as suas linhas divisórias, sem escravos nem amos, sem déspotas nem governos, nem autoridade nem chefes, o homem será livre sobre a terra livre.

João Penteado¹³⁴

O fechamento das Escolas Modernas, a perseguição à imprensa operária e libertária, as prisões e deportações – 1919¹³⁵ é um ano de intensa repressão ao movimento libertário e o educador João Penteado irá produzir a partir de então uma série de artigos de combate ao capitalismo, à igreja, às autoridades republicanas. Sua militância não termina com o fechamento da Escola em 1919. Em 1920 ele a reabre agora com o nome de Escola Nova.

Os anos 20 são marcados pelo *movimento armado*, que se inicia com a *Revolta de Copacabana (1922)*, prossegue com outras nos diversos Estados e na Marinha, e termina com a *Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes (1925-1927)*. Destaca Edgar Carone, que a revolta militar se torna também civil, pois a adesão espontânea das populações dos diversos Estados ao movimento armado demonstra que elas se identificam com os acontecimentos. (Carone. 1989: 59). Aqui, recolhemos dados interessantes, a partir do olhar dos militantes anarquistas sobre esses acontecimentos. Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Pedro Catalo entre outros, deixaram em suas obras ou

134 Penteado, João. *A Doutrina Libertária e Seus Adversários*. Em anexo.

135 João Penteado e Adelino de Pinho, durante a reação policial á greve geral de 1919, são arrancados de suas salas de aula. O Paiz, 27 mar 1920.

depoimentos relatos sobre a participação e o envolvimento dos anarquistas nestes eventos.

Na história do anarquismo no Brasil, a repressão nos anos 20 é marcada pela luta contra a lei-arrocho Adolfo Gordo (1920/1921), contra a carestia de vida, a luta antifascista, anticlerical e anticapitalista.

Enfim, os anarquistas, como partes integrantes que são de elemento popular, e ligados diretamente aos seus problemas, jamais deixaram de participar de seus movimentos de reivindicação, muitas vezes de sua iniciativa. (Leuenroth. 1968: 111)

Para Edgard Leuenroth os anos 1917-1920 compreendem um período acentuadamente revolucionário, caracterizado pela atividade predominante dos elementos anarquistas. (P. 116).

Em 1922, ano marcado pela Semana de Arte Moderna e pela formação do PCB, os anarquistas publicam um artigo/manifesto intitulado *Os Anarquistas no Momento Presente*. João Penteado é um dos assinantes do artigo/manifesto. Junto ao manifesto anunciavam:

O texto começava com as seguintes palavras: *definindo atitudes*.

As condições dispersivas que, desde algum tempo, têm prejudicado o movimento anarquista deste país, ao mesmo tempo que se manifestam aqui os reflexos de certas tendências confusio-
nistas verificadas no seio do proletariado e no meio revolucionário mundial, fizeram com que um grupo de libertários de S. Paulo se reunisse para trocar ideias e assen-
tar um plano de acção a ser empregado no sentido de desen-
volver o trabalho tendente a reactivar e dar maior vigor á
nossa obra.

Os assinantes do manifesto não fazem menção ao Movimento Modernista de 1922, apenas relatam as condições dispersivas que vinham prejudicando o movimento anarquista no Brasil. Relata ainda os reflexos de certas tendências *confusionistas* no seio do proletariado e no meio revolucionário internacional. É quase certo que a preocupação maior aqui, seja com o crescimento do movimento comunista, advindo da Revolução Russa. O texto trás a imagem a seguir a ele relacionado:

Como podemos observar, João Penteado continua atuante no movimento anarquista de São Paulo, estando inclusive, entre os principais líderes ao lado de Edgard Leuenroth, Rodolfo Felipe, Ricardo Cipolla entre outros.

Através do jornal *O Início*, publicado por João Penteado e alunos da Escola Nova, percebemos que a nova fase da escola ainda apresenta referências á práticas de educação libertária. O texto abaixo foi publicado em 20 de dezembro de 1922, três anos após o fechamento da Escola Moderna em São Paulo. Nele percebemos traços de uma educação voltada para a solidariedade e expressão da liberdade:

Educação e Instrução

A minha mais carinhosa ocupação é a escola onde me educo e me instruo a fim de habilitar-me não só para a luta pela vida, mas também para trabalhar em prol da humanidade.

Entretanto, nem todos pensam do mesmo modo. Assim é que em dias passados, saindo da escola, deparei com alguns meus companheiros d'outrora em um bilhar a jogar e a beber, gastando hoje com o vício o que amanhã lhes fará falta para comprar roupa e tudo o que lhes passa ser necessário. Pobres! Em vez de empregarem o fruto do seu suor em coisas úteis, empregam-no em vícios, como o do jogo e bebidas alcoólicas que só servem para roubar-lhes as forças e a vida.

Como seria bom se todos cuidassem de sua educação e instrução! Assim, os mesmos poderiam exprimir os seus pensamentos e fazer parte de legião dos homens conscientes e livres". Tibério Augusto Dias

Já na fase em que a escola recebe o nome de Academia de Comércio Saldanha Marinho, há uma sugestão de leitura de uma obra de Maria Lacerda de Moura: *Religião do Amor e da Beleza – É com esse título que acaba de aparecer mais um excelente livro da lavra da distinta escritora brasileira, d. Maria Lacerda de Moura, cuja leitura, como as de outras suas obras, deve merecer a atenção de todas as pessoas que se interessam pela cultura do espírito e da inteligência. É, pois, o que podemos dizer do livro Religião do Amor e da Beleza.*¹³⁶

Sobre os eventos destacados por Edgar Carone, Leuenroth relata que a atuação dos anarquistas, na vida pública brasileira, não se configurou como a de meros espectadores ou observadores, mas de atividade objetiva, agindo sempre no sentido de que as lutas empenhadas resultassem na maior soma

136 *O Início* – Publicação Literária e Instrutiva – Órgão dos Alunos da Academia de Comércio Saldanha Marinho. São Paulo, 31 de julho de 1926. Ano II – Número 9.

possível de benefícios em favor do povo e pela ampliação das liberdades públicas e do indivíduo. *Foi na base dessa orientação que os libertários tiveram intervenção nos movimentos revolucionários de 1924, 1930 e 1932.* (Leuenroth. 1963: 119).

Nos anais da revolução de 1924, a atuação dos libertários, com a finalidade de que dela resultassem benefícios concretos para o povo, está documentada, entre muitos outros atos, por um memorial de reivindicações populares intituladas O que o Povo Reclama, redigido, impresso e distribuído por anarquistas e encaminhado aos promotores da revolução. (P. 119).

Também com a finalidade de tirar todo o proveito possível da causa popular, os libertários tiveram igualmente atuação na revolução de 1930. Nunca, porém, para obter vantagens próprias ou consentir colocações". (P. 121).

Pedro Catalo adere ao movimento anarquista justamente nesse período de efervescência e perseguição.

O meu primeiro contato com as ideias libertárias foi por intermédio da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas de São Paulo, em outubro de 1921, precisamente com a idade de 21 anos. (Catalo. 2007: P. 11)

Ele relata que a *revolução de 24, como ficou conhecida, trazia francamente um traço de revolta contra as injustiças sociais, e por essa razão todos os potentados, donos de fábricas, donos de grandes armazéns, donos de moinhos e grandes atacadistas, fugiram precipitadamente e amedrontadamente, temendo por uma vingança popular.* (P. 19).

Os anarquistas de São Paulo, durante esse período revolucionário, reuniam-se diariamente, procurando um meio de participar desse ato sem comprometer o ideal. Resolveu-se, então, fazer ao general Isidoro Dias Lopes a

seguinte proposta: o general forneceria armas aos anarquistas que formariam um batalhão de civis para lutar contra o governo central, porém, autônomos, sem a disciplina e a ingerência militar. Está claro que o general não aceitou a proposta anarquista. Depois disso os anarquistas decidiram publicar um manifesto no jornal A Plebe, definindo sua posição ante a luta política que estava se desenrolando. Esse manifesto foi assinado por um grande número de militantes libertários. (P. 20-21).

Relata a reação das autoridades sobre o movimento anarquista, chama de massacre, esse *extermínio de homens inteligentes*, os sindicatos foram sendo desmantelados, atacados pela enfurecida polícia paulistana. Alexandre Samis lembra a intensa repressão aos anarquistas no Governo Artur Bernardes:

Para a Clevelândia, região fronteira à Guiana Francesa, no extremo Norte, junto ao rio Oiapoque, foram enviados operários anarquistas, trabalhadores desempregados, meninos de rua, presos comuns e soldados rebeldes. Tal acontecimento, uma verdadeira tragédia, só conhecida pelo público após o fim do estado de sítio e de censura à imprensa, no início de 1927, envolveu quase mil pessoas. Desse número, mais de 50% não retornaram ao lar após o governo Artur Bernardes, ficaram sepultados, vitimados por doenças e pelo abandono. (História do Anarquismo, 2008: 203)

Apesar de todas as investidas policiais, os libertários não saem de cena. Catalo relata que em 1926 há uma grande comoção em torno da prisão de Sacco e Vanzetti e que os trabalhadores brasileiros empreendem forte campanha contra sua condenação à morte.

Depois de algumas discussões preliminares nomeou-se o “Comitê de Agitação pró Liberdade de Sacco e Vanzetti”,

que havia de dirigir e organizar toda a propaganda que fosse necessária para o bom êxito da campanha. (P. 23)

Segundo Catalo, João Penteado foi um dos oradores que se empenharam no movimento, membro do Comitê: *Oradores havia-os bastante, e não me será possível, depois de 42 anos, lembrar-me de todos eles. Todavia lembro-me bem de alguns, porque eram persistentes e pela afinidade ideológica. Afonso Festa, João Penteado, Edgar Leurenroth, Domingos Passos (...)* (P. 24).

Na noite de 22 de agosto de 1927, se daria a execução dos dois inocentes militantes anarquistas; na noite anterior declaramos a greve geral para todo o Brasil. Não sabemos com segurança como se processou essa greve em outros lugares do país, mas para honra dos trabalhadores paulistas daquela época devemos dizer que o atendimento ao nosso apelo foi muito além das nossas expectativas. O proletariado de São Paulo paralisou a maior parte das indústrias, esperando o que seria a infausta notícia que se constituiu numa das maiores vergonhas para a jurisprudência norte-americana. Gente que nunca pensou em ser presa o foi, naquele dia fatídico que antecedeu a noite em que foram sacrificados esses dois mártires anarquistas. O comportamento do proletariado e do povo de São Paulo naquela memorável campanha é uma página histórica que deve ser divulgada e conhecida pelas novas gerações desse sindicalismo barato do Ministério do Trabalho, que acredita piamente que o sindicalismo no Brasil nasceu com ele. Depois da execução de Sacco e Vanzetti retomamos o ritmo normal de nossas atividades sindicais e libertárias: assembleias, conferências, greves e, como sempre, prisões. (P. 28).

137

Edgard Leuenroth relata que também, na oportunidade da Revolução de 30, os anarquistas distribuíram um manifesto condensando as reivindicações populares.

Em 1932, também publicariam um folheto com o mesmo título de 1924, *O que o Povo Reclama*, resumindo as reclamações relativas aos interesses da população e, particularmente, dos trabalhadores. Florentino de Carvalho também escreveria, no mesmo ano, *A Guerra Civil de 1932 (em São Paulo). Solução Imediata dos grandes problemas sociais*. Neste opúsculo ele faz uma crítica ferrenha aos interesses que moveram a Revolução de 1932, aos sonhos dos que se envolveram na guerra e aponta que ao seu término “tudo se transformou como por encanto.” (Florentino. 1932: P. 26).

Segundo Pedro Catalo¹³⁸, no início dos anos 30, o movimento anarquista estava desarticulado devido à intensa perseguição policial, beneficiada pelo permanente estado de sítio. “Imediatamente procuramos reorganizar os sindicatos, e logo a seguir decidimos reorganizar também a Federação Operária de São Paulo, da qual foi fundador Edgard Leuenroth, parece-me em 1906 ou 1913, não tenho muita certeza.” (Catalo. 2007: P. 36) Relata também o confronto com os comunistas, que vinham fazendo toda espécie de sabotagem contra os sindicatos orientados por anarquistas desde o ano de 1924. (P. 36).

137 <http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/saccov/saccov.htm>

138 Depoimento publicado na Revista Verve em abril de 2007, No. 11. São Paulo – Nu-Sol. Catalo, Pedro. *Subsídios para a história do movimento social no Brasil*.

Gostaria de relembrar os nomes de todos aqueles companheiros, para que pelo menos ficassem registrados seus nomes quando se fala da história social no Brasil: Francisco Cisnei, Hermínio Marques, Arsênio Palácio, Felipe Gil de Souza Passos, João Navarro, João Bacchetto, Garcia, Nicola Festa, Nicola D'Albenzio, Amor Salguero, Justino Salguero, Liberto Salguero, João Peres, Lourenço Pirozzelli, Luis Páparo, Adelino de Pinho, João Penteado, Francisco Rodrigues, e como poderei lembrar o nome de centenas de bravos militantes que se batiam ardorosamente em favor do anarco-sindicalismo? Rodolfo Felipe, Osvaldo Salgueiro, que militavam na "A Plebe". (P. 37)

Adelino de Pinho, que não sei se já veio feito anarquista de Portugal ou se fez aqui é, porque ainda vive, um autodidata que se dedicou, aqui no Brasil, nos anos anteriores a 1930, a alfabetizar meninos e adultos. Teve várias escolas, e podem-se contar aos milhares as crianças que ele ensinara a ler. Era esse seu único meio de vida, combater o analfabetismo, que com certeza, naquela época, devia ser de 90 por cento no Brasil. Quando saía nosso jornal, A Plebe, era ele quem fazia a revisão. Escrevia bem e fazia conferências quando solicitado. Depois da revolução de 1930, quando o Estado brasileiro começou a controlar rigidamente todas as iniciativas particulares, e quando o Estado, contrariando o verdadeiro espírito democrático pelo qual se havia feito a revolução, começou a controlar a vida particular de cada cidadão, Adelino de Pinho foi proibido de lecionar ou manter escola. Ao invés do Brasil reconhecer a extraordinária obra de alfabetização realizada por esse homem, por iniciativa própria, e quando havia escolas

apenas para bem pouca gente, e quando era difícil encontrar entre o povo proletário alguém que soubesse ler, Adelino de Pinho não mais pôde lecionar e teve a sua vida enormemente complicada. Ainda nestes dias, em que estou escrevendo estas lembranças, foi trazido de carro por um seu genro, para fazer-me uma visita. Ao me ver ficou de tal forma emocionado que temi que lhe acontecesse alguma coisa, chorava com as mãos postas no coração. Almoçou comigo, bastante lúcido e com 84 anos. (P. 38)

Outro companheiro que quero mencionar com inteiro agrado, e que faleceu lá pelo ano de 1936 ou 1937, com a idade de 61 anos, é Florentino de Carvalho, ou Primitivo Soares, que era seu verdadeiro nome. Segundo me foi referido por João Peres, que o conheceu muito melhor e antes do que eu, certo dia, vendo uma vitrina de livraria, sentiu-se atraído pelo título de um livro: A conquista do pão, de Kropotkin. Comprou-o, leu-o, abandonou a força pública e se fez um dos grandes conferencistas do movimento anarquista brasileiro. Era um expositor de rara capacidade, sua linguagem era polida e acadêmica. Escreveu dois livros: Da escravidão à liberdade e A guerra civil em São Paulo, ademais de farta colaboração em nossos jornais. Era um homem de meia estatura, adoentado e franzino; foi muito maltratado pela polícia. Fundou várias escolas, era esse seu meio de vida, algumas com nome de “Escola Moderna”; de uma dessas escolas alguns alunos resultaram excelentes companheiros, como: Liberto Lemos, Jaime e Francisco Cuberos e outros que nunca mais vi. (P. 39)

Alexandre Samis destaca que *em 1933, após a Revolução de 1930 e a de 32, no estado de São Paulo, a repressão aumentaria bastante*. É nesse

contexto que é fundado o Comitê Antifascista, *tendo como bases organizativas a F.O.S.P., fornecendo a expressão classista; o Centro de Cultura Social, como referência ideológica e os jornais A Plebe e A Lanterna, como veículos públicos do grande projeto.* (História do Anarquismo. 2008: 205) Nos anos seguintes ainda circulariam *Ação Direta, O Libertário e O Dealbar*, este último, em pleno regime militar.

Alexandre Samis observa ainda a participação dos anarquistas no episódio da “Batalha da Praça da Sé”, em 1934.

Na utilização da F.O.S.P. para algumas reuniões, além da participação de Edgard Leuenroth, Pedro Catalo, Rodolfo Felipe, Gusman Soler e outros, os anarquistas contribuíram sobremaneira para uma das maiores derrotas públicas do integralismo no Brasil. (História do Anarquismo. 2008:207)

A Batalha da Praça da Sé aconteceu em outubro de 1934, e talvez tenha sido a última grande aparição anarquista, antes do Estado Novo em 1937, fato que alterou a fisionomia política da República transformando-a em uma ditadura das mais violentas. (2008:208)

Em 1935, também há registro da participação dos anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth e José Oiticica, na Aliança Nacional Libertadora (A.N.L.)

Os motivos que levaram os libertários a entrarem na A.N.L., entre outros, foram, a necessidade de proteção contra as leis de execução em vias de decretação pelo governo de Getúlio Vargas, a possibilidade de mais um canal de expressão e a oportunidade de inserir os sindicatos, sob sua influência, em uma dimensão de luta política não-partidária. (2008:209)

Independente destas pequenas amostras de que as práticas libertárias ainda estavam presentes, tanto na nova fase da escola dirigida por João Penteado, como na ação da militância libertária em São Paulo, suas ações não se restringiam às práticas escolares. João Penteado acreditava, como a maior parte dos anarquistas, que a educação era um projeto que envolvia outras

esferas da vida humana. Dirige seu olhar para as organizações operárias, para a formação de bibliotecas, círculos de leitura e publica uma série de artigos combativos e anticlericais. Critica abertamente a Liga Nacionalista e o Centro Operário Catholico Metropolitano. Mantém-se ligado ao Centro de Cultura Social até o momento de sua morte, participa dos Congressos Operários e não deixa de propagar o Ideal Libertário de uma nova sociedade, mais justa e igualitária.

Na década de 30 ele fará parte da comissão executiva de outro jornal importante para os trabalhadores, *A Lanterna*, um jornal de combate ao clericalismo, mas de forte conteúdo libertário. Seu nome aparece em convites para a festa de um ano de relançamento do jornal, em 1934.

O NOSSO FESTIVAL DE ANIVERSARIO

Realizar-se-á depois de amanhã, dia 14, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 23, o festival que vimos anunciando nos dois ultimos numeros de "A Lanterna" e já noticiado na imprensa diaria.

Movimento de simpatia e solidariedade em torno da publicação de "A Lanterna", esse festival reúne as diversas correntes que, cada qual em seu sector, desenvolvem as suas actividades na defesa da liberdade de pensamento.

PROGRAMA:

Ato comemorativo em que fará uma palestra sobre a acção clerical o companheiro Everardo Dias e falarão varios representantes das ligas anticlericais de varias cidades; representação da peça "LEAO X" — o acclerado João de Mediceia — tragedia em verso, de Andrade Silva, velho colaborador de "A Lanterna", na fase anterior; representação da comedia anticlerical "Vozes do Céu", excelente trabalho literario de Moia Assunção, teatralizado pelo nosso companheiro Souza Passos; ato variado, com numeros escolhidos do canto, musica, declamação e recitativos.

Os ingressos podem ser procurados em nossa redacção e com os membros da comissáo, nos respectivos centros e lojas.

A COMISSÃO:

J. Gavronski — secretario,
Carlos Garcia — tesoureiro,
Artur Edlinger — A. de Oliveira — J. Teixeira Lino — Alfredo B. de Figueiredo —
João Peres — Salvador Scorsafava — G. M. Galembeck — João Penteado — C. Valente e Brito Branco.

139

Após a festa, o jornal publica algumas fotos, e mais uma vez, localizamos o educador João Penteado, como parte da mesa que presidiu os trabalhos no ato comemorativo do aniversário de *A Lanterna*.

140

Desta forma, comprova-se a principal hipótese levantada no projeto inicial, que se referia á atuação do professor na militância após o fechamento da escola em 1919. A documentação sobre a continuidade das práticas libertárias está dispersa e não está presente na historiografia oficial. Foi localizada, como já foi dito na introdução, documentação significativa nos arquivos: AEL (UNICAMP), CEDEM (UNESP), UEIM (UFSCar), CME/FEUSP (USP), Arquivo do Estado. O próximo capítulo destaca a participação de Penteado na União dos Trabalhadores Gráficos, quando publicou uma série de artigos no jornal da associação relacionados à educação e organização dos trabalhadores.

Os trabalhadores tudo têm de fazer por seu impulso próprio. Nada têm que esperar dos governos, os quais nada farão que concorra para sua queda e para a libertação dos operários. Do seu próprio esforço, de suas íntimas energias, com o seu único sacrifício é que

poderão os operários encaminhar-se para a estrada que os conduza ao ataque e esfarelamento desta sociedade.

João Penteado

Capítulo 4 – João Penteado, um Gráfico Libertário e Anticlerical Combativo.

As escolas oficiais não são criadas para educar e instruir os filhos do povo dentro das normas estabelecidas pela Razão e pela Justiça

João Penteado

Para resgatar a militância do educador anarquista João Penteado foram feitos levantamentos na imprensa operária até a década de 50. Como fruto deste levantamento, destacam-se os artigos publicados por João Penteado ao longo de sua trajetória como militante e também um periódico até então não abordado em sua biografia: *O Trabalhador Gráfico*¹⁴¹. Há uma série de artigos publicados por ele assinados como: João Penteado, João Petinatto, João Camargo, Camargo, Penteado e João Pinto. Além dos encontrados em *O Trabalhador Gráfico* há também artigos de João Penteado em outros periódicos operários, como em *O Internacional* e *A Plebe*. Há assinaturas de João Penteado em manifestos e eventos que datam do período pós-fechamento da escola, em 1919¹⁴². Após esse levantamento foram selecionados nove artigos, publicados entre 1920 e 1922. Chama a atenção nestes artigos o caráter combativo, às críticas ao Estado, à Igreja e a conclamação dos trabalhadores para a luta e para a tarefa de instruir o povo. Mesmo com as escolas modernas fechadas, fato a que João Penteado sempre se refere, pode-se instruir o povo através de outros meios, como as conferências, as publicações de jornais e livros e ele até mesmo sugere a criação de uma seção infantil nas sedes das associações de classe dedicadas principalmente ao menor que trabalha, onde estes se dirigiriam aos domingos a fim de receber instrução.

O primeiro artigo, publicado no dia 15 de junho de 1920 é intitulado *Apello aos Graphics*. Neste artigo ele usa palavras de ordem como

141 Esta série de artigos é inédita nos estudos sobre anarquismo e são de grande importância para estudar e mapear a trajetória do educador anarquista João Penteado no período pós-fechamento da Escola Moderna no. 1 em 1919.

142 Como o *Manifesto Anarquista de 1922* e o convite para comemoração de *A Lanterna* em 1934.

“despertemos” ou “Avante, *companheiros!*”. João Penteado apresenta-se como gráfico e membro da associação onde trata da questão da organização dos trabalhadores frente à luta contra o capitalismo. Começa o artigo incitando os companheiros gráficos à ação, para ele não bastava o pagamento das mensalidades, utiliza o termo “urge” sobre a necessidade de que os gráficos se interessem pela associação. Deveriam tomar parte nas deliberações, discutir, idealizar planos e iniciativas, manter o sentimento de solidariedade. Lembra que os gráficos possuíam uma posição privilegiada no movimento por ter acesso às publicações dos jornais e livros e que estes poderiam ser tanto *instrumento de envenenamento dos sentimentos quanto de preparo do pão espiritual que dá a vida*. Destaca que os gráficos são tão explorados quanto os demais trabalhadores de outros ofícios, e que estes deveriam imitá-los na obra de reivindicação que vem realizando. Para João Penteado deveria haver maior união entre os gráficos e as demais associações de classe, maior reciprocidade de esforços, pois isso *garantiria o mais certo triunfo das lutas contra a exploração capitalista*. Lembra ainda que a obra de organização e propaganda que propõe deveria ser realizada sobre princípios sindicalistas. Apresenta O *Trabalhador Graphico* como veículo central das idéias de interesse não somente dos gráficos, mas de todos os trabalhadores. O seu apelo aos gráficos é apresentado como um franco e decidido incitamento para a obra de reivindicação dos direitos dos trabalhadores. Trata também da organização de uma biblioteca na sede da associação a fim de que os companheiros pudessem se reunir e se instruir sobre as questões sociais, trocar ideais, estreitar as relações entre seus membros. Orienta os companheiros que recebem instrução através da associação a continuar a obra em suas próprias casas educando seus filhos, sendo exemplos de solidariedade, de amor a causa da justiça. Assina como João Penteado.

No mesmo número do Jornal, ele escreve outro artigo, *Escola Moderna*. A epígrafe é de Tolstoi: (...) *na escola oficial procura-se extinguir, matar no aluno todas as suas tendências para o desenvolvimento intelectual infinito, porque os governos o que desejam é servidores fiéis da sua vontade onipotente e não indivíduos que lhes possam perturbar a digestão*. João

Penteado observa que a iniciativa oficial luta pelos interesses de sua *própria conservação*, que as escolas governamentais obedecem a fins antecipadamente previstos pelos seus organizadores e direcionam o povo para a obediência e a submissão. Para ele, a escola e a caserna (vida militar, ou o exército) são duas coisas que se completam: *naquela se começa o trabalho que nesta se conclui*. Acreditava que mesmo com a falta de escolas modernas a verdade haveria *de se impor, vencendo a impostura e a hipocrisia dos defensores do Estado*. João Penteado acreditava que a escola não era o único meio de se levar instrução ao povo: Para ele restava ainda *o ensinamento pela imprensa e pela palavra*. Apresenta o jornal, a tribuna, o livro e as organizações como meios de instrução, que *quando bem orientados, devem produzir benéficos resultados para a causa da emancipação do proletariado*.

O clero já iniciou a sua ofensiva nas escolas no sentido de tornar as crianças brasileiras suficientemente estupidas e ignorantes. 143

E' PRECISO CORTAR AS GARRAS VENENOSAS AO HORRENDO ABUTRE QUE SE AGITA, TENEBROSO E AMEAÇADOR, SOBRE A INFANCIA BRASILEIRA; EN-
VENENANDO-LHE A CONCIENCIA E CORROMPENDO-LHE A MENTALIDADE 144

No terceiro texto, *A Escola Moderna ou Racional*, João Penteadado destaca o furor das autoridades ao fechar as Escolas Modernas de São Paulo. Critica ainda o fato de a Liga Nacionalista, que sempre levantou a bandeira de luta contra o analfabetismo, não se manifestar sobre o fato: (...) *como bons burgueses que se prezam de ser, entendem que a escola é muito boa só quando tem o fim de fortalecer o pedestal da exploração burguesa. A não ter a escola esta missão, acabe-se com a escola.* Dá como exemplo aos trabalhadores brasileiros as orientações sobre instrução popular da Confederação Geral do Trabalho espanhola.

Já no texto publicado em *O Internacional*, *Que Comparação!* Publicado em 17 de julho de 1922, o educador anarquista compara o confessionário ao moinho: *O confessionário e o moinho são duas coisas que bastante se parecem, apenas com a diferença de que um é movido pelas forças físicas e se destina a moer grãos de cereais colhidos pelo lavrador, ao passo que o outro o é pelas forças diabólicas, pelos espíritos do mal e serve exclusivamente para triturar as consciências humanas, reduzindo-as aquilo que em boa linguagem se chama fanatismo, estupidez, hipocrisia, ignorância.* Como educador, manteve-se preocupado com a liberdade de pensamento, de expor ideias,

discuti-las: *Não sabeis? O confessionalário é que faz tudo isso. Ele mata as ideias de liberdade e reduz as consciências humanas a um estado de passividade deplorável, que nos causa verdadeira comiseração, constituindo verdadeiro embaraço para o progresso da humanidade.* Como anticlerical acreditava que a igreja usava a educação como instrumento de poder, para incutir seus próprios valores e interesses.

Já em texto sobre o dia 13 de outubro, lembrando a morte de Francisco Ferrer, João Penteado, cita também o escritor russo Leon Tolstoi, o *grande apóstolo do ideal do Bem, do Amor e da justiça não escapa às fúrias reacionárias da matilha ululante nem deixa de sofrer as conseqüências de seus atos de abnegada dedicação á causa da Humanidade – porque para a tirania governamental de todos os tempos e de todas as nações não há, nem pode haver maior delito do que abrir os olhos ao povo pregando-lhe uma doutrina cujo espírito fortemente alicerçado no ideal de liberdade e de justiça venha contrariar os interesses das castas dominadoras e fazer, como conseqüência, o enfraquecimento do seu poder e da sua autoritária pretensão de dominar as consciências das massas trabalhadoras.*

João Penteado também alertava para a necessidade de organização e sindicalização dos trabalhadores. Através das associações os trabalhadores poderiam lutar por uma causa comum, ter mais força diante dos *exploradores do povo* e combater o capitalismo. Também poderiam, através do exercício da solidariedade, lutar pela *emancipação proletária, educando, orientando, instruindo e preparando os nossos companheiros de trabalho para a grande luta contra os nossos inimigos, que são as castas exploradoras e parasitárias.* Trata desse assunto em texto sobre *Organização Operária*, publicado em 26 de março de 1921. Relata que se propôs a realizar uma série de conferências na sede da UTG com o propósito de conclamar os trabalhadores para tarefas de solidariedade e organização, envolvendo a manutenção da biblioteca e a publicação do jornal.

Em *Lobo entre Ovelhas*, ele assina como J. Camargo. Data de 10 de julho de 1920. Faz uma crítica á Igreja, aos *jesuítas de batina* e os *de casaca*,

que se infiltram no movimento operário como *espías*. Critica diretamente a Liga Operária Católica Metropolitana, associação inventada segundo ele para que possam aparecer como *mentores de operários inconscientes*. Olha ainda, com simpatia, para a Revolução Russa apresentando o lema *Quem não Trabalha não Come*. Cita Giordano Bruno, Ferrer, Savonarola, mártires da liberdade atingidos pela fúria da Igreja. Termina o texto com as seguintes palavras: *Deixemos os padres. Que eles nos prometam o céu, mas conquistemos a felicidade na terra, que é o que nos interessa*.

O texto de 15 de setembro de 1920, outro intitulado *Lobo entre Ovelhas*, trás epígrafe de Proudhon: *Não somente a condição do trabalhador na sociedade religiosa é realmente inferior, mas até mesmo o trabalho é o sinal de inferioridade, o estigma da degradação*. João Penteado mais uma vez critica o Centro Operário Católico Metropolitano, assim como o jornal *O Operário - tenebroso órgão do clericalismo*. O educador anarquista e anticlerical observa que não pretende ofender as crenças de ninguém: *O que fizemos foi atacar a obra de inimigos do bem estar e da liberdade dos trabalhadores – os padres e todas as autoridades que, com capa da religiosidade, os vêm explorando através dos séculos*. Assina como J. Camargo.

O nono texto selecionado, *Uma boa idéia – a propósito da organização do proletariado infantil* mostra João Penteado preocupado com o menor que trabalha e que está fora da escola. O texto data de 26 de setembro de 1920. Relata que já vem estudando há algum tempo a situação do menor que trabalha e que mesmo as associações de trabalhadores têm dado pouca atenção á esta causa.

(...) que á falta das escolas operárias, á falta das escolas modernas, á falta das escolas racionalistas, que, pelo seu espírito e por sua própria natureza, devem ser as únicas preferidas pelos trabalhadores conscientes, vemo-las por aí, ao leo da sorte, desprotegidas e abandonadas, sem palavras de estímulo nem conforto para as suas dores, sujeitas como todos nós á exploração (...). João Penteado mostra também preocupação com o futuro do movimento, operário e libertário, “serão elas (as crianças) as continuadoras da nossa obra, as herdeiras dos frutos admiráveis”.

Ele propõe que cada classe organizada, através de seus delegados, chame os aprendizes das respectivas fábricas ou oficinas, atraindo-os todos os domingos, para a sua sede. Ali teriam seus nomes, filiação e idade registrados. Observa que seria adequado que tivessem até 14 anos de idade. Teriam ainda o registro da casa ou fábrica em que trabalhavam e o ordenado que ganhavam, recebendo assim uma caderneta especial lhes dando o direito de sócio desta ou daquela associação de classe (secção infantil), livre de toda e qualquer contribuição econômica.

Para dirigir o trabalho da organização do proletariado infantil se constituirá uma comissão ou conselho composto de membros das diversas organizações existentes nesta capital, que elaborará uma base de acordo e um programa educativo, devendo este consistir mais ou menos no seguinte: 1) – Cantos e hinos

proletários; 2) – Recitação de Poesias e Monólogos; 3) – Contos, anedotas e narrativas; 4) – Palestras Educativas; 5) – Festas periódicas durante o ano, nas quais devem tomar parte os aprendizes (...).

Termina o texto falando de Antonio Bernardo Canelas que teria entrado em contato com Sebastien Faure e conhecido *La Ruche* (A Colméia) uma experiência de educação libertária na França. Canelas estava divulgando essa experiência através de livros, brochuras e conferências. Assina como J. Penteado.

Como pode ser observado, João Penteado não se melindrou com o fechamento da escola, continuou a levantar a bandeira da educação libertária e usando os instrumentos que tinha a sua disposição. São textos combativos, que chamam o trabalhador à ação, a buscar a instrução para si e seus filhos, que conclama à associação, sendo esta um instrumento de combate ao capitalismo e à exploração. Apresenta-se nos textos como gráfico, anticlerical, educador e anarquista.

O Governo Arthur Bernardes fecha os principais órgãos anarquistas, que passam a atuar clandestinamente¹⁴⁶. Em 1927, após o término do Estado de Sítio, há uma retomada das ações e organizações sindicais. Apesar da intensa repressão, até 1935 é possível localizar referências significativas da atuação dos anarquistas no movimento sindical. Para Raquel Azevedo *o encerramento da experiência anarquista, enquanto manifestação pública, ocorreu em novembro de 1935, após o Levante Comunista. Houve, porém, tentativas isoladas de manifestação até a instauração do Estado Novo, em 1937* (Azevedo. 2002:22).

Se observada com atenção a documentação sobre a trajetória do educador João Penteado, percebe-se que sua atuação é mais intensa até 1935. Fato que bate com a afirmação de Raquel Azevedo. Após essa data podem ser identificados dados sobre sua trajetória principalmente através de

146 1922 a 1926: Estado de Sítio

documentos pessoais, como a correspondência. A correspondência faz menção á atividades no Centro de Cultura Social, comemorações do 1º de Maio e conferências de propaganda, mas não mais no porte de manifestação pública, e sim como um movimento de resistência da militância.

Considerações finais

As crianças operárias, as nossas crianças, essas flores e essas sedutoras esperanças do futuro da Humanidade não devem deixar de merecer a nossa simpatia e a nossa proteção, porque, de fato, serão elas as continuadoras da nossa obra, as herdeiras dos frutos admiráveis (...).

João Penteado

Em minha trajetória acadêmica identifico três fases na pesquisa sobre as atividades anarquistas no Brasil: a primeira, ainda na Iniciação Científica, com Bolsa FAPESP, no Departamento de História da FFLCH, quando estudei junto à Kátia Cristina Kenez, sob orientação da Professora Dra. Zilda Iokoi, *A Influência da Imprensa na Greve Geral de 1917*; a segunda, durante o Mestrado, na Faculdade de Educação, quando estudei as *Práticas da Educação Libertária no Brasil - A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*, sob orientação da Professora Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes e a terceira, durante o doutorado, também sob orientação da Professora Carmen, estudando *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado Estratégias de sobrevivência pós anos 20*. Como já apontado na introdução, desde a Iniciação Científica foram colocados problemas de pesquisa que me propus a estudar. A educação libertária e as formas de resistência colocadas em prática pela militância foram questões que ganharam fôlego com a descoberta do Acervo do Professor João Penteado através de seus descendentes. A correspondência chamou a minha atenção por dois motivos: primeiro por se tratar de uma documentação pouco explorada nos estudos sobre anarquismo e segundo, pela datação que apresenta: pós-1919, data esta de fechamento da Escola Moderna em São Paulo. Como pudemos observar, as cartas se relacionam á outros documentos de origem libertária: artigos publicados na imprensa, opúsculos, depoimentos de militantes da “velha guarda”, como o de Pedro Catalo. Essa documentação nos aponta para a necessidade de um novo olhar sobre a história do anarquismo no Brasil, valorizando as ações culturais e educativas, ações essas de resistência, que revelam a sobrevivência do anarquismo em um período considerado pela

historiografia como de “derrota do movimento”. Muitos fatores contribuem para que o anarquismo deixe de ser um movimento de massa, porém, isso não significa a morte do anarquismo como movimento de resistência e de luta. Entre esses fatores, levantados pelos próprios anarquistas, estão a forte onda de repressão iniciada no governo Epitácio Pessoa, passando pelo governo Artur Bernardes e chegando a Getúlio Vargas (prisões, deportações, fechamento de associações, jornais entre outros); a fundação do PCB que atraiu muitos militantes anarquistas (competição com a infiltração comunista junto aos operários); as leis de repressão ao anarquismo; o surgimento da legislação trabalhista nos anos 30 com a institucionalização dos sindicatos e dos direitos do trabalhador. Esses fatores levavam à desarticulação das associações libertárias que assim que podiam, voltavam a se organizar. João Penteado, como libertário, não abandona as suas práticas, permanece firme participando de uma rede de solidariedade e resistência que se forma através de um grupo do qual fazia parte. Este grupo era composto, principalmente, pelos seguintes nomes: Adelino de Pinho, Edgard Leuenroth, Rodolfo Felipe, João Valente, Gumerindo Fernandes, Pedro Catalo, José Oiticica e Florentino de Carvalho. A amizade que preservavam fazia parte da postura de um legítimo libertário; as trocas de livros, recortes, as visitas, o apoio financeiro, as cartas e postais, os encontros na Nossa Chácara e no Centro de Cultural Social assim como a publicações de jornais como *Ação Direta* e *Dealbar* foram as formas encontradas para manter essa rede e mesmo que em menor escala, já sem atrair a grande massa, de divulgar e preservar a História do Anarquismo e suas práticas. A formação de bibliotecas e arquivos revela essa preocupação com a memória do anarquismo. João Penteado revela-se um líder libertário, um homem reconhecido por sua dedicação à educação, aos livros, à luta pela organização dos trabalhadores. Está presente nos momentos decisivos, nas ações que permeiam a resistência em anos de intensa repressão, não se afasta dos amigos e nem dos lugares onde se encontravam com regularidade até o fim de suas vidas. Espero que a documentação¹⁴⁷ aqui apresentada possa vir a provocar, a abrir, novos caminhos de pesquisa sobre o anarquismo

147 Em anexo apresentamos as cartas transcritas, usadas como principal fonte de pesquisa desta tese e os textos de João Penteado publicados na Imprensa Operária e Libertária analisados no quarto capítulo.

no Brasil pós-1919. Acredito que ainda há muito a ser estudado, até porque, o anarquismo como movimento de massa, até a década de 30, e como movimento de resistência cultural, até os dias de hoje, ainda é pouco conhecido, ou conhecido de forma estereotipada, não recebendo os devidos créditos por sua luta pela liberdade em tempos de intensa repressão e de influência de ideologias fascistas como o integralismo. Ricardo Antunes aponta para a importância do anarquismo nos anos 30 citando pesquisas que mostram que até 1934 os libertários ainda constituíam força significativa em termos de penetração no movimento sindical, parecendo ainda, ser a maior força nesse meio. (Antunes. 1982: 103-104). Mesmo após esse período, não podemos esquecer que o anarquismo transcende a atuação sindical, organizando ações de cunho cultural, artístico e educativo.

Para terminar gostaria de retomar um trecho de João Penteado sobre a Solidariedade Anarquista, algo que acredito, baseada na documentação pesquisada, ele exerceu até o fim de sua vida:

A solidariedade une, liga, adere, fazendo de um todo disperso um conjunto, um amálgama, um só corpo, como por exemplo na construção dos edifícios, onde o cimento e a pedra se transformam em pilastras e paredes, em tetos e colunas. Assim é que, os rios a correrem, a se deslizarem por entre os vales e colinas, vão formar os mares, os oceanos, que nos empolgam a atenção pela sua magestade e grandeza, assim é que, as madrepérolas, corais e medusas, reunindo-se, conglobando-se formam enormíssima e colossal massa no seio imensamente profundo das águas marinhas dando origem ao aparecimento de ilhas, que se encontram, de tempos a tempos, na superfície dos mares e dos oceanos. A solidariedade faz a organização e opera o que se poderia chamar um milagre, mas que não é senão o efeito de uma ação premeditada ou instintivamente e inteligentemente realizada no seio da

sociedade ou no laboratório imensamente fecundo da natureza¹⁴⁸.

148 *Organização Operária* – O Trabalhador Graphico – União dos Trabalhadores Graphicos/ S. Paulo, 26 de Março de 1921, Anno II - Num.5.

Anexos – Cartas e Artigos de João Penteado

Bissau, 7 de agosto de 1921

Amigo Penteado.

Recebi os jornais e uma carta que vinha junta. Diz-me nessa carta que em separado mandavas outra, no entanto não a recebi. Como vês, escrevo-te da Guiné; vim de Cabo Verde em fevereiro último; lá não era possível viver mais tempo pelas dificuldades inúmeras que em outras cartas te falei.

Chegado aqui procurei emprego no comércio e logo consegui, estou atualmente bem empregado, denomina-se a casa “Sociedade Comercial Ultramarina Ltda”, organizada entre portugueses e franceses. Devido ao contato tenho necessidade de falar o francês e para isto conseguir estou aproveitando as minhas folgas aos serões e dias de descanso faço exercícios de escrita e conto em três meses falar e escrever regularmente o francês. Quando para aí voltar irei um português “afrancesado”. Todos os companheiros aqui na Guiné estão mais ou menos bem empregados, os quais são: Alberto Augusto de Castro, de S. Paulo; Manoel Gonçalves, de Santos e Albano de Santos também da mesma cidade, e Adriano Pinto da Costa do Rio de Janeiro. Os restantes estão em Cabo Verde, S. Vicente e Praia.

Todos estão trabalhando e vivem regularmente.

Nada me dizes acerca de meu regresso ao Brasil, pois em todas as cartas te tenho perguntado. Eu estou livre e desembaraçado por parte do governo português; tenciono regressar a S. Paulo logo que tenhas meio. Sempre que escreveres manda-me jornais como agora fizeste pois para mim, não pode haver maior consolo que as notícias do Brasil especialmente as de S. Paulo. Recebi à pouco uma carta do Alexandre Azevedo em que me dizia que se está tratando de febres que aqui apanhou, diz-me que está em Conceição dos Guarulhos; juntamente com esta vai também uma carta para ele, quando o vires dá-lhe lembranças minhas e que lhe estimo melhoras e que mês escreva

sempre embora não receba as minhas cartas, pois ele bem sabe que o correio extravia muito a correspondência, embora que eu escreva por todos os vapores. Então sempre é uma realidade a fundação da Cooperativa Gráfica. Não imaginas quanta alegria me deu esta notícia, era uma necessidade já de há muito reconhecida, oxalá que nos deixem trabalhar em sossego. Vi pelas notícias de A Vanguarda que a Liga Operária da Construção Civil entrou no segundo aniversário, ainda bem que tem resistido a todos os repelões da ventania Burguesa, os meus sinceros parabéns aqueles companheiros por esse glorioso aniversário, se algum dia fores a alguma assembleia da Liga lembra-lhes a minha pessoa e os meus feitos diz-lhes que eu não morri ainda e tenciono vê-los um dia.

Em resposta a esta conta-me minuciosamente o que se passa por aí, o meu endereço é: Manoel Gama – Caixa Postal 16 –Bissau – Guiné Portuguesa.

Quando receberes já outra terás recebido pois quando aqui cheguei escrevi-te pelo mesmo transporte.

Lembranças e um abraço a teu mano Joaquim e recomendações a toda a família. Quando vires o Adelino de Pinho ou Edgard ou Vicente Amodio o Secílio Martins e outros companheiros que me conhecem dá-lhes lembranças minhas e que lhes manda um saudoso e fraternal abraço.

Sem mais aceita o coração cheio de saudades deste seu inesquecível amigo

Manuel Gama

P.S. – Amigo Penteado, pedia-te o favor de na volta do correio mandares-me um exemplar dos estatutos da “Cooperativa Gráfica”, ou os jornais em que foram publicados; e também um opúsculo das “Memórias de um Exilado”, de Everardo Dias. Para não sobrecarregar-te de despesas, penso que deves recorrer ao “Comitê Pró Presos e

*Deportados". Espero ser atendido tanto por V. como pelo "Comitê", pelo
que já te agradece o amigo*

M. Gama

Jaú, 16 de março de 1945

Meu caro João,

Já estava com um cartão deste tamanho, mas o bom amigo que me conhece e sabe que seria incapaz de não lhe prestar a atenção devida, e muito mais tratando-se de meu velho amigo que sempre admirei pela sua superioridade mental e personalidade destacada. Ainda, pois, se tratando de homenagear o nosso bom, estimado e querido (?) mas (...) infelizmente, só hoje foi-me dado obter o único jornal que a ele se refere e transcrevi não só a notícia de sua morte, como um artigo do D. Aristides Lobo, publicado no dia 5 de junho de 1915, isto é, no dia imediato ao falecimento do bondoso médico.

Poderá acrescentar que o enterro foi uma verdadeira apoteose e que posteriormente os amigos e admiradores do (...) médico erigiram-lhe um túmulo no cemitério local que todos os anos é objeto de visitas dos que o conheceram e o amaram reverendando-lhe a memória.(...) F(...) Speranza (...) que hoje é promotor público de Ponta Porã no nosso território (...) do Mato Grosso.

Creio que fiz o que pude e mais faria se mais fácil tivesse visto o caminho.

Abraços do velho e (...) amigo,

Felipe¹⁴⁹

149 Rodolfo Felipe

Cambuí, 30 de junho, 1951

Meu caro amigo Penteado,

Está em meu poder a vossa carta de 18 do corrente. De fato poderíamos nos cartear mais seguido. Não custa nada. Em poucos minutos a gente escreve o que poderia dizer em um encontro fortuito. Mas, esse mas, é o que sempre aparece quando a gente se dispõe a escrever. Mas, serão estas as causas que servem para atrapalhar os projetos e as discussões. Por isso vou abolir da minha conduta essas condicionais e restrições.

Saúde - *felizmente tanto eu como minha companheira estamos usufruindo os benefícios que a saúde proporciona à vida. Há, porém, um reuma que se localizou em minha perna direita que me está dando muito trabalho para o desalojar. (...) continuo arrastando a perna. Porém já estive pior, muito pior. O que quer dizer que dentro em pouco tempo espero ficar bom de todo.*

Bento Siqueira – *Li e com muito prazer a breve, mas boa biografia que você escreveu sobre esse educador. “É um tributo de amizade”, diz V. Eu acrescento, feito pelo impulso do coração (...) que esse influi sobre o cérebro, tudo quanto ele dita é a expressão de sentimento, de bondade e de justiça. E o Professor Bento Siqueira merecia e faz jus a esse tributo. Os que julguem supérfluos e piegas esses sentimentos é porque são áridos e vazios na alma e no coração. E isso porque são perigosos por insolentes, detestáveis por insociáveis e desprezíveis porque o que enobrece o homem é o seu senso de simpatia, de bondade e de tolerância.*

Cristo, de Aníbal – *Sim, eu tive esse livro. Deve estar no Centro de Cultura. Havia até uma dedicatória do autor, mas um dos muitos a quem foi dado a ler estraçalhou as primeiras páginas. Essa edição era em espanhol. Várias vezes citei esse trabalho em conversa com minha mulher e á outras pessoas. A ler a V. carta, a Maria manifestou a vontade de o ler e para isso peço a você este favor de me o mandar emprestado.*

Visita. *Será com muito gosto, prazer que o procurarei, que o procuraremos a V. e a vossos irmãos na primeira vez que formos a S. Paulo. Até lá, ficaremos aqui em nosso rancho, desejando ter ao amigo como o nosso hóspede por alguns dias em gozo de umas férias salutareas.*

Junto uma foto da nossa casinha.

A todos um forte abraço. Ao Pinho e aos V. irmãos as calorosas cordiais e afetuosas saudações de parte do amigo de sempre e de sua senhora,

Rodolfo Felipe

P.S. Tanto eu como a Maria gostamos de Luminar e agradecemos. Os outros já conhecidos, também os lemos com prazer. Alguém do Centro sempre nos manda.

O mesmo.

Cambuí, 12 de fevereiro de 1954

Meu caro amigo Penteado

Saudações,

Está em meu poder a sua carta de 6 de janeiro, bem como o livro “Digressão Histórica Através da Vida de Jaú e de seus Super-Homens”.

Na carta, o amigo externa com palavras cheias de ternura o seu sentimento dignificador da amizade que une os seres humanos. “E se assim não fosse, nem valeria a pena a gente continuar vivendo...”

Outro seria o viver se todos assim compreendessem. Mas a maioria, mesmo dos acratas condicionam o afeto e a amizade ao (...) e ao grupo, ou melhor, ao estreito espírito gregário e ao sectarismo de uma crença ou de um princípio. E isso a meu ver ... o Ideal, amortece a luz que dele imana.

XXX

Li com interesse, quer pelo assunto, quer pelo sentimento de amor e de bondade com que é escrito o seu livrozinho. As criaturas nele descritas tomam espectro de grande (...)

Entre as pessoas citadas está o de nome Damásio de Oliveira que, por coisas da vida, vem a ser o pai de uma nossa amiga residente em Araraquara, por nome Dna Maria Julia de Toledo. Essa sra espírita militante é mãe de um rapaz que é bem dizer o líder da comunidade espírita dessa localidade. O que quer dizer que são três gerações de crentes dos mesmos princípios, ou da mesma religião, pois hoje, mesmo oficialmente (...) o espiritismo é tido como tal. Se V. quiser mandar-lhe um exemplar de Digressão mande-o (...)

XXX

Em dezembro mandei-lhe uma carta mas dentro só havia um abraço e uma lembrança a você, aos seus e a alguns de nossos antigos amigos. Sei que você se desobrigou, entregando-as, pois o amigo (...) mandou-me um atencioso e amável cartão.

Termino pedindo como sempre que dê lembranças a todos que de mim perguntarem. Aos manos, as nossas saudações afetuosas. Maria e Vera mandam abraços a você. Um abraço de

Rodolfo Felipe

Cambuí 24 -1 -55

Meu bom amigo João Penteado

Saudações,

*Em meados de dezembro último escrevi ao amigo uma longa carta onde fazia algumas considerações de ordem geral sobre tudo, manifestava pesar que senti pela notícia do falecimento do nosso velho amigo **Gigi Damiani**, noticia essa em **Umanita Nova**.*

Hoje direi que todos nós companheira e filha adotiva , estamos bons de saúde e que passamos o dia 31 e 1º deste em São Paulo, mas que três telefonadas que tentei, todas foram Não Atende. E tempo para procurar-te, na incerteza, o que seria para mim prazer dos grandes, não tivemos pois um dia tudo foi para consulta médica e o outro fomos ao Ibirapuera pensando que na volta tivéssemos tempo para qualquer coisa, mas o Ibirapuera absorve o tempo e atrai a vista até cansar...

Abraços aos teus e recebas lembranças de minha senhora e deste teu amigo

Rodolfo Felipe

Peça o favor de endereçar a carta anexa ao amigo Pinho onde estiver

O mesmo

Cambuí, 8 de janeiro de 1957

Prezado amigo João Penteado.

Saudações

Com estas linhas quero mandar ao amigo e a seus manos a nossa mensagem de amizade e aprofundar os nossos votos para que a saúde não nos abandone no decorrer do ano que acabamos de começar.

Aqui nós gozamos de boa saúde e dispostos a continuar a viver esta vida de relativo sossego que usufruímos neste recanto do mundo onde nem as ondas sonoras de rádio e nem da TV chega a perturbar. Você e o Gumerindo não puderam apreciar bem o bucolismo da nossa chácara pois a chuva (bemfazeja e fecundadora dos vegetais) é bem aborrecida para a gente, mormente num ambiente rústico e rural como o nosso. E vocês tiveram horas de chuva, as 24 que aqui passaram. Mas, deixe-me dizer: aquela visita foi para nós um consolo, um prazer e uma prova de amizade da qual a gente só pode sentir satisfação e alegria e (...).

Você, na última hora chegou-nos a dizer que voltaria e que aqui escreveria algo que tem para escrever. A casa é nossa e estará ao seu dispor caro amigo.

Eu já acusei o recebimento dos livros e agora acuso a chegada do pacote de revistas. Muito agradeço tanta dedicação – Para breve, muito breve, está para ser dado início a construção de um prédio destinado ao funcionamento de um colégio e ginásio estadual nesta cidade. Esse empreendimento quando em funcionamento trará não poucos benefícios a esta localidade pois nesses últimos anos uma média de cem rapazes e meninas tem procurado a instrução fora e longe de suas casas e acarretado enorme despesas aos seus genitores.

E com isso a cidade ganhará mais vida, mais alegria e mais barulho desse barulho gostoso e confortador da juventude a saltitar ao redor da sua escola, como acontece aí em vosso educandário: um enxame de abelhas ao redor de sua colméia...

E até a solidariedade, para com o povo acaba de se manifestar nestes últimos dias. É uma solidariedade meia duvidosa como solidariedade, pois tratava-se da dádiva de um malvado filho deste burgo que ganhando ou alcançando o píncaro da fortuna monetária e ... acaba de abrir a bolsa e deixar cair algumas centenas de milhares de cruzeiros para a construção de uma Santa Casa, coisa que ...não havia. Termino pedindo-te que dês minhas lembranças a todos amigos, a você e seus manos o nosso cordial abraço de amizade de Maria e Vera

Rodolfo

Cambuí, 25 out 1957

Prezado amigo Penteado

Como o tempo corre, parece que foi ontem que estivemos juntos e já fazem 3 meses. E eu sempre a me lembrar de ti e de vossos manos, comentar com a minha companheira as provas de amizade recebida mais uma vez da parte de vocês quando aí estive. Lembrar com saudade, lembrar-vos, mas escrever-lhes e contar-lhes que nós estamos em boa saúde e desejar a vocês também jazem dê as preciosidade que a natureza nos proporciona: Saúde.

Ao amigo, mais uma vez, peço que dê lembranças minhas aos camaradas e amigos que aí temos. Diga ao Edgard que já lhes remeti para a CX Postal 262 um pacote contendo alguns livros velhos e um lote de correspondências que tinha em meu arquivo. Se telefonar ou visitar o prezado amigo Valente não esqueça de dizer que eu lhe mando um abraço por seu intermédio,

Lembranças afetuosas ao Joaquim e Da Sebastiana.

Rodolfo Felipe

Meu bom amigo João Penteado e irmãos

Saudações

Lá vai para seis meses ou mais meses em que não nos vemos e nem nos correspondemos, nem sequer para participar-nos mutuamente o estado de saúde em que vivemos. Pois bem. A saudade sim, a saudade vai apertando, a necessidade de notícias vai tomando vulto e chegamos ao ponto em que nos encontramos. Um de nós tem que suspender com o Estado de Cousas e pegar a caneta e dizer no papel o que diria a primeira vista, oralmente. Ai se oferecesse a ocasião de estarmos juntos. E desta vez sou eu que rompo a barreira do silêncio. E rompo (...) ou melhor (...) o porque não mais tenho ido vos visitar. É que com o grande aumento do preço das passagens de ônibus tive que por motivo de ordem orçamentária deixar de ir a S. Paulo todos os meses e (...) de dois em dois. Ora, isso já faz com que eu disponha de menos oportunidade de rever os amigos e até irmãos em numero de três e todos residem longe uns dos outros.

Assim sendo faço-vos uma visita em estas linhas, desejando que estejam todos em gozo de boa saúde e pedindo-vos de dar recomendações aos amigos, em especial ao Gumerindo e família. No mais, minha companheira e filha estão em gozo de boa saúde e felizmente livres do fenômeno que se verificava na filha que tanto nos maltratava. Eu disse livre, mas não disse bem, porque de fato ainda não desapareceu de todo e, ela de longe em longe ainda se manifesta (...) mais suavemente do que nos dois anos atrás. Ela esta matriculada e frequenta este ano o curso de admissão para o ginásio. Uma coisa devo dizer, para o bem da verdade: ela é um dos casos de Aluna Problema. Ela que era relativamente alegre e expansiva tornou-se tristonha e tímida. Outrora ela declamava um soneto em dois dias, hoje tem dificuldade de reter até uma das quadras do mesmo soneto. E quem diz soneto, pode dizer quaisquer lições de história ou de aritmética. Mas apesar desses fenômenos ela é inteligente, raciocina como adulta e sabe observar e tirar lições de tudo o que vê e ouve.

Mas, perdão, meu caro João, Eu deixei-me ir para pessoal, para o íntimo que só pode interessar a nós mesmos. Mas, (e torno outra vez o mas) eu quis escrever a vocês para dar-vos umas notícias nossas e pedir notícias de vocês. As minhas aí estão. Espero receber as de vocês

Recomendações ao Pinho etc

De vosso amigo

Rodolfo Felipe

S. Paulo, 3 de maio de 1949¹⁵⁰

Meu caro Rodolfo Felipe,

Estimo que esta o vá encontrar de boa saúde e em companhia de sua consorte, à qual apresentará o meu respeitoso saudar.

Amigo Felipe: No fim do ano fomos estar com João Penteado, visitá-lo à Penha. Porém, lá soubemos que não morava mais naquela localidade. A 11 de janeiro regressei a Poços para liquidar os meus negócios e a 24 de fevereiro voltei a S. Paulo onde me encontro até agora. Em Poços, com a campanha de alfabetização abriram-se muitas escolas grátis, todas as igrejas, desde maçonaria ao espiritismo, protestantes, escoteiros, asilos, tudo e todos puseram escolas a funcionar. Até o grupo que só funcionava de dia abriu também curso noturno e eu fiquei sem alunos e regressei do meu exílio de 11 anos de Poços de Caldas. Abriguei-me como de costume, em casa de nosso amigo João Penteado, onde ainda me encontro. Já este mês de abril fiz uma cobrança ... que a mesma pessoa me arranhou no Sindicato de Estabelecimento de Ensino Comercial. É, porém, muito pouco o resultado. Poucos sócios, pouco recebimento e naturalmente pouca a porcentagem que cabe ao cobrador. Serve, porém, para distrair e para esperar mais alguma que possa aparecer para melhorar a situação econômica.

Já dei bastante passos a ver se podia saber onde mora o nosso amigo Guilherme (...) que (...) na rua da Independência no Lapavés. Não consegui porém, até agora, encontrar alguém que me pudesse indicar. Se você souber onde ele mora é favor dar-me o seu endereço.

O nosso amigo João Penteado, no fim do ano, digo, nos últimos meses do ano findo, ficou bastante doente. Teve porém a sorte de encontrar um médico que acertou com a doença e com o remédio e, aos poucos, restabeleceu-se e continua na lida de que não quer nem pode desertar. Mas, você sabe, ele já está com 72 anos e tem dado murro trabalhando muito e sempre. Nem eu sei como ele tem podido guiar o barco com tanta segurança e

150 Esta carta foi localizada, em anexo, na obra de Edgar Rodrigues.

tão boa direção. Deve estar cansado, conquanto ele não o confesse nem queira que lho digam.

Vou terminar pedindo-lhe que me escreva breve, mandando o endereço do (...) e o itinerário para chegar aí. Quem sabe se ainda um dia poderei ir!... Receba recomendações do amigo Penteado para você e sua senhora. Saudações para a mesma e para você, abraço do amigo

Adelino Tavares de Pinho

São Paulo, outubro de 1920

Meu nobre amigo,

Estou só, no escritório. Lá fora, em grossas bátegas, a chuva cai pesadamente sobre a cidade que dorme e os ventos ululam lugremente. Tenho ainda sobre a mesa o livro que, tão gentilmente, me enviou. Ah! Que extraordinário livro, meu amigo! Como nos arrebatam de entusiasmo essas páginas brilhantes, que atestam o valor, o talento da mulher brasileira!

“Renovação” é o mais esplêndido livro que tenho lido nesses últimos tempos!

Nesse livro, com uma clarividência extraordinária, num estilo brilhante, Lacerda de Moura aborda a questão feminista no Brasil, mostrando o papel da mulher brasileira e salientando a sua função no lar, como primeira educadora dos filhinhos!

E não é Lacerda de Moura uma propagandista exaltada do socialismo, essa nova aurora esplendida de vida e de energia que começa a surgir para a humanidade não! A nenhum partido se filiou ainda. “Que me importa a mim esse ou aquele partido, esse ou aquele programa, contanto que nos encaminhe todos para a quimera da perfeição num sonho de felicidade futura?” – diz em uma de suas belas páginas.

E como isto é nobre e belo meu amigo! Realmente. Que importa o nome, o programa de cada partido se a divisa, o objetivo de cada um deles for o mesmo?

E do “Feminismo”, com a mesma energia, com o mesmo amor, Lacerda de Moura passa a tratar d’ o Sufrágio Feminino que “será mais uma alavanca para resalto vigoroso da ação emancipadora”. Mais uma alavanca, sim! E que poderosa alavanca! Poderosa, porque obtido o seu direito caminharemos mais rápida, mais seguramente para o alvorecer do grande dia em que façamos todos e cada um o próprio governo, colocando a Justiça acima de tudo.

E eu quisera que todas as mães, que todas as mestras lessem essas páginas brilhantes, em que Lacerda de Moura diz: “Se as professoras e as mães pregassem aos filhos desde o berço o dever de pugnar pelos interesses femininos, claro está que não haveria tanta e tão amarga ironia em torno das nossas aspirações tão justas”.

As suas mais belas páginas, porém, a meu ver, são as últimas, meu amigo.

O capítulo A Educação Nova é um dos melhores, o melhor mesmo, o de maior valor do livro.

Nele, com um admirável tato de educadora Lacerda de Moura combate a educação de hoje que, de educação, só possui o nome.

Educar! Deve ser essa a nossa maior aspiração! Educar os nossos filhos, os nossos irmãozinhos, mas educar racional e conscientemente para o dia de amanhã.

E é isto o que fazem as professoras normalistas de hoje? Não. E é contra elas que nos devemos revoltar? Também não. E, em seu livro, bem o inquire Lacerda de Moura: - “Os nossos colégios, as escolas normais, com um programa defeituosíssimo sobre todos os aspectos, os professores ignorantes dos processos de estudos e aptidões didáticas, indiferentes às questões de ensino – formarão diretoras capazes do ardor Montessoriano?” Realmente. Aqui está uma evidência psicológica: - Como pode A procurar educar B, se com os mesmos meios não se educou a si mesma, fazendo a sua auto-educação?

E quão belas páginas escreveu sobre isso Lacerda de Moura! Quão belas páginas sobre Ferrer, o criador da Escola Moderna, a escola da vida, da natureza!...

E eu sinto, após tê-las percorrido, uma a uma, a alma repleta de entusiasmo, procurando compreendê-las, eu sinto uma grande, uma enorme simpatia pela figura inteligente e bela de Lacerda de Moura.

E como sinto também, meu nobre amigo, não poder expressar, nas linhas que aí estão, traçadas ao correr da pena, toda a minha admiração, toda a minha simpatia pelo seu invejável talento!...

Ah! Que seu nobre exemplo seja seguido e que outros livros da tempera de “Renovação” venham preparar para a emancipação a mulher brasileira!

Eis aí, pois, o que penso do esplendido livro que me enviou.

Devo-lhe as deliciosas horas que passei, as emoções suaves que em mim despertou a leitura dessas páginas cheias de vida, de amor e de beleza...

Sua amiga, Maria - São Paulo, outubro de 1920¹⁵¹.

151 Carta localizada em recorte, sobre a obra de Maria Lacerda de Moura.

Atravez dos livros

"Renovação" — D. Maria Lacerda de Moura

É o propósito deste livro que me vai ocupar-me de decifrar estas linhas, pondo em relevo as bellas qualidades da illustrada autora — d. Maria Lacerda de Moura, distincta professora mineira, cujo nome é bastante conhecido no nosso meio literário. Faz já bem tempo que della recebi um exemplar da obra "Renovação", mas só agora, afinal, é que me foi possível sobre a mesma fazer algumas referências, a guisa de critica, mas que não passam de simples apreciação, revelando, principalmente, o que de mais agradável pude observar através de tão útil e proveitosa leitura.

Já não era a primeira obra litteraria que da referida autora tive o prazer de ler e por isso não me surpreendi com a belleza de seu espirito, nem com a singeleza delicada das suas expressões, nem com a fluencia de seu estylo, porque já sabia de quanto a Lacerda de Moura, que, além de ser o expoente do valor intellectual da mulher brasileira, é também exímia educadora, cujo merecimento a torna digna da admiração e da sympathia de todos aquelles que a conhecem.

Na "Renovação" a intelligente escritora deixa ver plenamente a grandeza de sua alma de mulher estudiosa e applicada ao trabalho de investigação das causas determinantes das misérias humanas, demonstrando verdadeiro interesse pela questão social, especializando-se, principalmente, na parte que se refere ao problema feminino e á educação e instrução dos filhos do povo.

O recebimento de tão suggestiva obra foi para mim motivo de grande satisfação, porque com isso tive a prova incontestavel de que entre as mulheres brasileiras, já existe intelligencia que se preocupa com a questão social e dá mostra de seu interesse por esse magno assumpto produzindo obra, como esta, cujo espirito livre de preconceitos tenta de a levar aos lares das mulheres brasileiras a propaganda feminista e auxilia-las para a obra de emancipação, demonstrando-nos claramente que a mulher é um ser igual ao homem em talento e intelligencia e que por isso mesmo deve ser considerada como uma pessoa livre e capaz de exercer todos os direitos que ao homem são concedidos na sociedade em que vivemos.

Entretanto, a despeito do interesse que me despertou a leitura de "Renovação" e do valor moral que lhe reconheço — só agora, e depois de tanto tempo — é que della passo a occupar-me, mas, em compensação, devido a esse facto, tive a oportunidade de offerecer a referida obra a uma intelligente joven, minha conterranea, que cursa com brilhantismo uma das escolas normaes de São Paulo, a quem, como condigno, pedi fizesse a devida apreciação de tão proveitoso trabalho, sendo por ella gentilmente attendido. Assim é que hoje, para reforçar as minhas expressões com relação a tão admiravel obra de propaganda feminista e educacionista, tenho o prazer de dar a palavra á referida joven estudante, futura collega da autora de "Renovação", a qual em algumas linhas de papel me dirigiu, por sua vez, as seguintes de sua admiração pela leitura do bello trabalho, expressões essas que por serem justas e cheias de verdade, imagino opportuno aproveitar-me dellas, trasladando-as para estas columnas.

— "Vem, pois, o que faço, chamando a attenção dos nossos companheiros para as suas palavras cheias de vida e de enthusiasmo proprios dos jovens corações.

El-la: —

"Meu nobre amigo,

Estou só, no escriptorio. Lá fóra, em grosseira bégueia, a chuva cede pesadamente sobre a cidade que dorme e os ventos uivam lugubrememente. Tenho ainda sobre a mesa o livro que, tão gentilmente, me enviou.

Ah! Que extraordinário livro, meu amigo! Como nos arrebatam de enthusiasmo essas paginas brilhantes, que attestam o valor, o talento da mulher brasileira! "Renovação" é o mais esplendido livro que tenho lido.

"O suffragio feminino, que será mais uma alavanca para ressaltar o vigor da acção emancipadora." Mais uma alavanca, sim! E que poderosa alavanca! Poderosa, porque obdiu o seu direito simultaneamente para o alvorecer do grande dia em que fazemos todos e cada uma o proprio governo, collocando a Justiça acima de tudo.

E eu quero que todas as mães, que todas as mestras lesem essas paginas brilhantes, em que Lacerda de Moura diz: "Se as professoras e as mães prégarem aos filhos desde o berço o dever de pugnar pelos interesses feministas, claro está que não haveria tanta e tão amarga fronta em torno das nossas aspirações tão justas."

As suas mais bellas paginas, porém, a meu vêr, são as ultimas, meu amigo.

O capítulo "A Educação Nova" é um dos melhores e melhor memto, o Cyralto, vale, do livro.

Não, com um admiravel caso de educadora Lacerda de Moura combate a educação da hoje que, de educação só possui o nome. "Educar! Deve ser esta a nossa maior aspiração! Educar os nossos filhos, as nossas irmãs, os nossos, mas educar racional e conscienciosamente para o dia de amanhã.

E é isto o que fazem as professoras, as normalistas de hoje? Não, é contra ellas que nos devemos revoltar! Também não, é, em seu livro, bem o Equivoque Lacerda de Moura: — Os nossos collegios, as escolas normaes, com um programma defunctuissimo sobre todos os aspectos, os professores ignorantes dos processos de ensino e aptidões didacticas, indifferentes ás questões de ensino — formando directores capazes de arder Montessoriante!" Realmente. Aqui está uma evidencia psychologica! Como pode A procurar educar B, se com os mesmos meios não se educou a si mesma, fazendo a sua auto-educacao?

E que bellas paginas escreveu sobre isto, Lacerda de Moura! Quão bellas paginas sobre Ferrer, o creador da Escola Moderna, a escola da vida, da natureza!

E eu sinto, após tel-as percorrido uma a uma, a alma repleta de enthusiasmo procurando comprehendel-as, eu sinto uma grande, uma enorme sympathia pela figura intelligente e bella da Lacerda de Moura.

E como sinto também, meu nobre amigo, não poder expressar nas linhas que aqui estão, tracando ao correr da penna, toda a minha admiração, toda a minha sympathia pelo seu invejavel talento!

Ah! Que o seu nobre exemplo seja seguido e que outros livros da tempera de "Renovação" venham preparar para a emancipação a mulher brasileira!

Eis ah!, pois, o que penso do singello livro que me enviou.

Revolve as deliciosas horas que passei, as emoções suaves que em mim despertou a leitura dessas paginas cheias de vida, de amor e de belleza.

Sua amiga,

MARIA

São Paulo — Outubro — 1920.
Além das partes intituladas "Feminismo", "O Suffragio Feminino" e "Educação Nova", o livro "Renovação" consta, também de outras partes: "Solidariedade" e "Seduções", que não deixam de merecer a attenção das pessoas que o leem, não só porque revelam o talento da illustrada escriptora, como também pela proveitosa argumentação que revela conhecimento de assumpto.

Dando parabens á autora do livro, faço votos para que prosiga em seu trabalho de estudar, investigar e discutir assumptos que se prendem á questão social, proporcionando-nos, de vez em quando, o prazer de uma leitura, como a de "Renovação", cuja interessante materia desperta a attenção de todos quantos sabem avaliar a virtude da mulher como propulsora do progresso moral e intellectual da humanidade.

JOÃO PENTEADO

Para "A Vanguarda"

152

152 Os recortes fazem parte do Acervo Pessoal do Professor João Penteado e se encontram no Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP. No acervo localizamos também a obra em questão: Maria Lacerda de Moura lhe envia o livro, na verdade uma obra dupla, Em torno da Educação, 1918 e Renovação, 1919, também com uma dupla dedicatória. "Ao Professor João Penteado, com muito prazer, a autora" e "A João Penteado, A autora, Barbacena – Minas 12/1919".

Poços, 18 de abril de 1950

Estimado Prof. Penteado.

Recebi sua atrasada carta, como o Sr disse, mas aceitei os... com a mesma sensibilidade que o Sr empregou em escrevê-la (desculpe o meu ... de me exprimir que por minha parte é uma vergonha, depois de estar no Brasil à mais de 50 anos!

Constato, com minha grande satisfação o que me relata das suas atividades no ensino e o seu propósito de continuar até de certo aos 100 anos.. e faço-lhe meus votos porque alcance o seu nobre intuito. É raro encontrar gente desta tempera e estimaria eu, poder viver o tempo necessário para ver realizado o seu sonho!

Eu também, sem estudos fundamentais, há muitos anos que estou trabalhando no ensino de trabalhos e línguas, que a mim ninguém ensinou... e me consola, egoisticamente e descaradamente, dizendo que os que aprendem comigo sabem menos que eu! Oh! Que bonita frase! Desculpe, professor o meu modo de escrever...

Penso que os seus irmãos, juntos com o Sr, estejam gozando de boa saúde, tanto também, provas de (...) e deixo para eles os obséquios de minha parte e confio que eles ao de dar um pulo em Poços.

O qual Poços, com a falta do jogo ficou um cemitério; o jogo era um mal necessário e em Europa existe aonde tem lugar de curas. Mas Dutra deixou-se influir pelo Papa! O qual, agora, se queixa porque não têm bastante fiéis pelo o Santo. A crise, de certo que terá também em S. Paulo, aqui acho que não pode mais aumentar, 1 ovo à 1.300.

Como o Sr. sabe, eu alugo quartos e por quanto sejam de pouco preço, ainda os moços não cumprem sempre com o seu dever, e é uma angústia contínua que me atormenta o coração, já abalado pela idade. Precisa coragem para viver e espero ter até o fim.

O nosso amigo Mencarini, de vez em quando vem dar uma prosa, mas ele é capitalista!

Penso que o Prof. Pinho esteja em sua casa, ou por perto, e quando encontrar com ele, dê as minhas cordialidades. Pergunte a ele se tem um livro, que me parece que lhe emprestei, a base filosófica, mas não me lembro o (...) Este livro não era meu e agora o dono o reclama.

Pode-me fazer este favor de falar com o Pinho? – E, agora, um aperto de mão amigo, e votos de saúde perene, amiga e correligionária,

Teresina Carini

Poços de Caldas, 7 de agosto de 1944

Meu caro Penteado,

Chegou o “Pioneiros do Magistério Primário”. Muito obrigado pelo exemplar oferecido e pela amável dedicatória. Mas muito mais agradecido pela obra meritória que você praticou reivindicando para esses obscuros e desconhecidos obreiros da instrução popular o respeito e a gratidão que eles merecem pelo seu trabalho indefetso, mal compreendido e mal pago. Fez ato meritório arrancar do sono do esquecimento essas figuras dedicadas e modestas da instrução paulista, ressuscitá-las para o futuro, para que todos saibam e conheçam a origem e fonte das maiores realizações. Você apresentou-os com defeitos e qualidades não para os condenar ou absolver, mas como produto da época, dos costumes, do ambiente, sem poderem agir de outro modo e por isso mesmo sem necessidade de outra justificação. Admiro-me como pôde, no meio dessa balbúrdia de trabalho, de movimento e de preocupações, ter tempo e serenidade para concatenar tão bem os assuntos tratados. O meu exemplar tem folhas duplicadas que talvez façam falta a outro. Recomende-me a seus manos e receba abraços afetuosos do amigo.

Muito obrigado

Adelino Tavares de Pinho

Poços de Caldas 30-10-954

Caríssimo Penteado

A sua saúde e a de seus irmãos e a de todos que lhe são caros é aquilo que mais lhes desejo com abundância de coração. Eu continuo mais ou menos como no dia que aqui estive. Os livros chegaram já no começo da semana. Fui diversas vezes a estação e quando eles chegaram retirei-os com recibo. A sua carta com o conhecimento só chegou hoje de forma que não serviu de nada. Veja como andam os correios atrapalhados. Um carta levar 10 dias para chegar de S. Paulo a Caldas, digo Poços de Caldas! É uma enormidade! E depois os desarranjos que causa são incalculáveis. Senão os tenho procurado e retirado quanto não precisaria pagar a armazenagem?

Chegaram muito bem acondicionados bem de mais. Amarrados e dentro da caixa e esta também amarrada era o suficiente porque tratava-se duma viagem direta e pouco demorada mas vocês mandaram reforçar com jornais e barbante e outro endereço! Bem, muito obrigado pelo trabalho.

Se for ver o Pássero de-lhe recomendações minhas e diga-lhe que me desculpe por o não ter ido ver. A ultima vez que fui a sua casa era com o intuito de ir com você fazer-lhe uma visita conforme você me tinha convidado. Mas como você estava de viagem essa visita malogrou-se depois disso com os preparativos da mudança não dispus nem tempo nem disposição para a realizar. Devemos ter em grande consideração esses companheiros que como o Pássero, o José Luiz e outros em situações parecidas sempre nos acompanharam no combate aos exploradores do povo e nos auxiliaram com o seu apoio moral e econômico na divulgação de nossos ideais, daí i apoio e as atenções que nos devem merecer gente que mal sabe ler ou analfabeto de todo, mas que é capaz de dar lição a doutores e melhor de tudo gente que não se deixa embrulhar pelos padres nem enganar pelos políticos nem ... pelos patrões.

Uf! Que esforço!... depois de 6 anos sempre escrevi uma carta. Vai longa a parlenga mande a conta do que lhe devo de despacho e trabalho bonde etc

recomendações para a dona Sebastiana e o Sr Joaquim para o Camarguinho e Sr Antenor e dona Isabel e abraços apertados para você do amigo

Adelino Tavares de Pinho

153

153 Foto do acervo pessoal de João Penteado. O segundo a esquerda é Joaquim Penteado, seu irmão.

Poços de Caldas, 25 de outubro de 1955

Meu caríssimo amigo Sr João Penteado. Muitas e cordiais saudações para o amigo e para a amável família a quem dará as mais cordiais saudações. Pois cá me encontro de novo na terra do meu exílio após tantos dias de paulicéia passados na mais grata e amistosa companhia e gozados e apreciados pela graciosidade do custo e pelo bem que souberam. A verdade é que em vida minha não me lembro duma quadra tão agradavelmente vivida, em que corpo e espírito tão harmoniosamente parte ... sem do bem estar da mudança e da melhoria do ambiente. Sim, tudo correu bem demais melhorei de saúde revi velhos amigos e camaradas saí deste isolamento em que me encontro aqui podendo conversar ver gente palestrar com amigos e estranhos, conviver com as minhas adoradas netinhas umas meninas muito ladinhas e minuentes que me encham de alegria, de orgulho, de contentamento. Foi por tudo isto, por me estar sentindo tão bem, que me demorei tanto em regressar, causando-lhes ai naturalmente incomodo e despesas alem do tempo que seria necessário. Por isso peço-lhes muitas desculpas pelo estorvo ou desarranjo que lhes possa ter causado e muitos agradecimentos envio a si e a seus estimados manos pela boa hospitalidade que me proporcionaram durante tanto tempo. Queira pois apresentar minhas saudações cordiais e agradecidas a Dona Sebastiana e ao Sr Joaquim e o amigo Penteado receba abraços do amigo devotado

Adelino Tavares de Pinho.

S/D – De Adelino de Pinho

Caro Penteado: Depois que recebi a sua carta dizendo que o Valente se encontrava mal depois duma operação que sofrera, eu quis lhe escrever mas não encontrei o endereço e resolvi escrever então ao Giácomo, genro dele. Mas parece também que o número não estaria certo, pois do lado esquerdo da rua costuma ser ímpar e o número que eu tinha era par: Lacerda Franco no. 1174. Será que ele a receberia? Poderia avisá-lo para o Giácomo retirá-lo do correio, caso a não tenha recebido? Desculpe o incômodo

Sempre o Pinho

154

São Paulo, 15 de maio de 1957

Caro Rodolfo Felipe

Cambuí

Estado de Minas Gerais

Que esta o encontre em gozo de saúde e paz espiritual juntamente de sua estimada consorte, bem como de sua interessante e amável filhinha Vera. Fiquei contente ao receber sua carta justamente logo depois de eu ter saído do Hospital Liberdade, quando estive quase completamente restabelecido, já em casa, junto de meus manos. Logo depois deixei em responder sua carta, com muito empenho. Entretanto não me lembro se a pus no correio ou não. E no caso de dúvida, quero agora, nesta, repetir o que já disse na outra e mais alguma cousa. O nosso amigo Pinho despediu-se de nós aqui e partiu para Portugal, há umas três semanas, antes, porém, na véspera do dia primeiro de maio, ainda assentiu a festa de 1º de maio, no Teatro Colombo na qual tomaram parte nossos camaradas, inclusive o Pedrinho Catalo. O Edgar já está aqui, de volta de Recife. Ele esteve doente e eu fui visitá-lo. Agora já está bom. O recorte de jornal, que você me mandou, eu já tenho no Estado, eu já havia lido e apreciado. E a nossa estimada camarada Teresina bem o merecera. Era um espírito admirável que nos prende a atenção e captava simpatia. O nosso João Valente que vai indo adoentado de diabetes mas, felizmente, sem gravidade.

Vou enviar, pelo correio, alguma coisa para você e a Vera lerem e passar o tempo.

Aceita e transmita lembranças minhas e de meus manos à suas estimadas esposa e filhinha.

Sem mais, seu amigo. (Parte final está escrita à mão)

1957/1958 De João Penteado para Rodolfo Felipe

Caro Rodolfo

Que V. e todos os seus estejam bem de saúde e em gozo de paz espiritual. Quanto a nós felizmente, vamos indo bem, como de costume apesar do calor que está havendo aqui em São Paulo.

Estamos em férias. Além disso em trabalhos de reforma no prédio da frente, para melhor adaptação à finalidade escolar. Estamos aproveitando as férias para assim podermos reabrir as aulas em março com quase todo o serviço pronto.

O Gumerindo está bom de saúde juntamente com a família. Escrevi a pouco ao nosso amigo Pinho. O nosso amigo João Valente agora já está bem melhor, mas ainda não sai para longe, como antigamente. Entretanto, já conversa e tem interesse pela causa do bem estar da espécie humana. O Edgar está como sempre, lutando e interessando pelo movimento libertário apesar das dificuldades atuais. O Pedrinho está bom e ativo como sempre. O nosso Centro de Cultura Social¹⁵⁵ vai indo regularmente. De vez em quando há aqui alguma festa em que a gente se encontra. Ainda há uns dois meses houve uma festa no Teatro Arthur Azevedo na Mooca. Lá nos encontramos. Houve bastante animação. Logo haverá outra. As pessoas de nossas relações amistosas sempre falo a respeito de V. e de sua estimada família.

Peço desculpas pela demora da resposta de sua estimada carta de 25/10/1957. Sem mais, eu e meus manos enviamos augúrios de felicidades a V. e a todos os seus pela entrada deste ano de 1958.

Seu amigo, João Penteado (carta datilografada com correções feitas à mão). Sr. Rodolfo Felipe/ Estado de Minas Gerais/Cambui (escrito à mão)

¹⁵⁵ O Centro de Cultura Social foi fundado em 1933. Era freqüentado por trabalhadores e intelectuais como Tarsila do Amaral e Ozório Cézar.

Caro Amigo Adelino de Pinho

Fiquei satisfeito com o recebimento de sua última carta, embora a notícia relativamente à sua situação não seja das melhores. O mundo é mesmo assim, tão cheio de motivos para o nosso descontentamento.

É preciso a gente ter coragem para agüentá-lo. E você a têm. A prova está no fato de você não ser maldizente. Eu e meus manos, bem como os nossos camaradas, gabamos-lhe essa virtude de não viver falando mal de uns e outros, embora, às vezes, com carradas de razão. O João Valente depois de ter sido operado no hospital onde eu também estive em tratamento, quando já estava em casa, em convalescença, ao descer a escada do quarto, caiu e machucou-se gravemente, recebendo uma fratura no quadril, de modo a precisar ir de novo aquele mesmo Hospital Liberdade, onde foi submetido a rigoroso tratamento durante uma semana mais ou menos. Há pouco tempo o visitei de novo, já em sua casa e ainda ele estava com o quadril engessado, mas já sem perigo, à espera de perfeita cicatrizagem da fratura. Ele me perguntou por você. Depois me disse que ficava contente de saber que V. está com saúde e que lamentava não lhe haver respondido à última carta que lhe escreveu. O Edgard vai indo bem mas muito atabalhado, como de costume, principalmente agora em virtude de ter estado à frente da comemoração do Centenário da Imprensa Brasileira, do Museu da Imprensa, não só aqui em S. Paulo, mas também em Campinas, como em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais.

Os companheiros aqui realizam de vez em quando, algum festival de propaganda que dá motivo para a gente estar em contato com os camaradas, além de divertir-se com interessantes espetáculos.

O 1º. De Maio passou quase em branca nuvem. Pouca coisa se fez, apenas como comemoração na nossa sede do Instituto de Cultura Social e na Nossa Chácara.

A fim de V. melhor se informar a propósito do que aqui se passa, envio-lhe à parte, pelo correio, um invólucro, com recortes de jornais a respeito de acontecimentos mais importantes do que aqui se está passando.

E com os meus abraços e os dos meus manos, aceite os nossos votos de felicidades,

Seu amigo

João Penteado

Rogê – Vale de Cambra – Portugal (anotações à lápis)

São Paulo, 9 de outubro de 1958

Caro amigo Adelino Tavares de Pinho

Vale de Cambra - Portugal

Acuso o recebimento de tua carta de 30 de agosto p.passada, juntamente com a que enviaste juntamente, destinada a nosso estimado amigo Gumerindo Fernandes, que ontem mesmo a recebeu e ficou muito contente, quando em visita, em nossa casa, em companhia de sua estimada esposa. Ao João Valente que agora vai indo bem melhor de seus incômodos, comuniquei-lhe que tu vais indo bem.

Também telefonei ao nosso amigo velho Edgard Leuenroth, que ficou muito satisfeito com a notícia a teu respeito.

Quando ao caso dos jornais que te prometi enviar pelo correio não fiquei mentindo. Mandeí um maço com parte e outro foi registrado. Ambos por via Postal. É possível que tenha havido extravio pelo correio ou a censura apreendeu porque o não circula em Portugal.

O Pedrinho Galo tinham me disse que há dias escreveu-te uma carta e ma mandou-te alguns jornais pelo correio.

O nosso amigo Joaquim com quem fizeste a viagem para aí, já voltou e vai indo bem de saúde. Há alguns dias aqui esteve em nossa casa e deu-me notícias de ti.

Sem mais, aceita meus abraços e lembranças de meus manos

Teu amigo

João Penteado

São Paulo, 22 de novembro de 1958

Caro amigo Pinho:

Que esta o encontre aí bem de saúde e mais conformado com a situação atual, é que eu e meus manos lhes desejamos. Creio que V. ainda poderá vir ter a esta nossa terra, onde tudo é diferente porque é mais democrata e mais promissora, onde V. conta inúmeros amigos.

O Pedrinho sempre me pergunta por V. e me diz que tem escrito, não tendo obtido resposta. O João Valente também. Agora ele está bem melhor, mas ainda não saiu de casa, porque ainda não sarou da queda que levou ao descer da escada.

Já anda, de muleta, pela casa. O Gumercindo passou o dia antontem em nossa casa.

Então deixou-me a carta inclusa a esta que lhe envio. Ele e a mulher vivem agora juntinhos e a sós. Os filhos estão todos casados e moram fora. Todos vão bem e se visitam.

O Pedrinho Catalo tornou ao mesmo hospital para tratar da saúde com o mesmo médico que também me tratou. É um excelente médico, muito bom e muito humano.

Nós, (eu e meus manos) estivemos na Nossa Chácara. O Nicola Albense e outros nossos amigos comuns perguntaram-me por V. A todos dei informação a seu respeito.

Não tenho estado com o Edgard, com quem tenho conversado apenas por telefone. Mas sei que ele, apesar de não possuir estatura física avantajada, é bastante forte em tudo, até mesmo na luta pelo ideal. Ele agora, tomou o encargo de facilitar a publicação do “Ação Direta”, que continua saindo regularmente, como se fosse editado no Rio de Janeiro, mas impressa aqui, em São Paulo, sob a sua direção,

revisão composição e orientação. Nele saiu publicado um seu artigo sob
(...) ¹⁵⁶

156 Carta incompleta, falta a 2ª folha. Não foi localizada no Acervo.

São Paulo, 8 de outubro de 1958

Caro Amigo Pinho

Que o encontre bem de saúde é o que eu e os meus manos lhes desejamos.

Há já tempo que V. não nos escreve.

O Pedrinho e outros também se queixam da ausência de correspondência da sua parte.

Porque? Isso nos incomoda.

Quanto a nós e aos nossos amigos comuns não há nenhuma novidade, o Valente agora já está bem melhor.

Sem mais, sou com estima seu amigo

João Penteado

São Paulo, 30 de junho de 1959

Caro amigo Adelino de Pinho.

Não és capaz de imaginar o incomodo espiritual (no espírito) que nos causou a sensacional interrupção de nossa correspondência epistolar, que apesar de deficiente, não nos deixava de ser agradável, embora mesmo com retardamento já me causava justo desassocego, dada a triste e lutuosa situação em que te encontravas em virtude de que aí vem a acontecer com o falecimento de teus irmãos que aí se despediram deste malfadado e miserável mundo em que estamos vivendo. Eu e meus manos, bem como todos os outros teus amigos e companheiros de ideais daqui de S. Paulo já nos afligimos com as faltas de notícias de ti, quando, há pouco, tive a inesperada sensação de receber tua prezada carta pela qual me dizias tudo que aí te aconteceu.

A carta que te estou respondendo chegou às minhas mãos uns dois ou três dias depois de haver telefonado a teu filho Osires perguntando por ti. Ele não me contou que estivesses acamado, enfermo, mas me informou que aí estavas ansiado e insatisfeito com o ambiente, desejoso de regressar para cá, junto dos filhos e dos amigos, acrescentando-me, ainda, que te havia remetido a documentação exigida para o teu regresso com certidão de teu casamento com brasileira, etc.

Alguns dias depois desse telefonema tive a inesperada surpresa de receber tua estimada missiva confirmando o que ele me havia falado.

Então fiquei sabendo, perfeitamente, o motivo por que não me respondias às minhas cartas nem às de outros teus amigos, como o Pedrinho Catalo e João Valente, a quem logo dei notícias do motivo por que não lhes escrevias.

O Pedrinho disse-me que te enviou carta e um exemplar de “Estado de São Paulo” e que não lhe tinhas acusado recebimento.

O nosso amigo Pedrinho também tem estado enfermo, mas sem gravidade, de modo a não o impedir de trabalhar. Assim, como também, o nosso amigo Edgard Leuenroth.

Acho que a tua vinda para cá será um fato. É o que eu e todos os teus amigos desejamos. Bons ventos o tragam para cá, a fim de estares junto de teus amigos, bem como de teus estimados filhos.

É o que eu, meus irmãos e os teus outros amigos te desejamos.

O Gumercindo Fernandes, também se interessa de ver-te aqui em S. Paulo. Ele esteve ontem com a sua companheira em nossa casa.

E, com amistosos amplexos eu e meus manos te aguardamos, com interesse a tua breve chegada a S. Paulo.

Teu amigo, João Penteado

Ilmo Sr. Prof. Adelino Tavares de Pinho

Louroza - Portugal

S/D De João Penteado para Adelino de Pinho

Caro amigo Pinho

Recebi tua carta e fiquei satisfeito, embora as notícias não fossem correspondentes ao meu desejo. Queria eu que todos os teus aí estivessem fortes e rijos. Entretanto, pelo que me disseste, cada um dos três mais ou menos iguais na sorte. O mundo é mesmo assim. Entretanto estão juntos e se estimam. Isso já é um conforto, ainda mais agora que há de estar frio, em pleno inverno. O João Valente te vai escrever. Ele não recebeu carta sua nem o Giácomo. A carta que lhe escreveste se perdeu.

O nosso amigo Gumercindo esteve aqui na semana passada e pedi-lhe que te escrevesse na tira de papel incluso a esta. Ele prontamente me atendeu. Assim ele colaborou comigo nesta carta. O nosso Gumercindo é uma bela alma e também a mulher e seus filhos. O Pedrinho e os seus vão bem. A companheira Maria, amadora teatral, que esteve muito mal depois que daqui partiste, sofreu duas operações cirúrgicas, mas felizmente já está restabelecida. O médico que a operou foi mesmo dr. Edgar de Barros, já nosso conhecido. Ele também me tratou quando estive no Hospital Liberdade.

Também o João Valente esteve muito mal depois que tu partiste, mas agora, felizmente, já está bem melhor. Aos companheiros que me perguntam por V. eu tenho dado suas notícias. O Edgard vai indo bem. A empresa que ele está organizando é uma promessa que está se realizando à custa de dedicação e esforço. O nosso Centro de Cultura Artística e Social vai indo regularmente bem, apesar das dificuldades.

O nosso estimado dr. José Oiticica deixou este mundo de repente quando a presença dele era a esperança de nossa representação no Congresso Anarquista a realizar brevemente, parece-me que na Itália ou na França. O Rodolfo Felipe vai indo regularmente bem em Cambuí,

como sempre. Logo depois que tu partiste, ele esteve aqui em São Paulo com a família e me visitou.

Quanto a mim, meus manos e os de nossa casa de ensino vamos indo regularmente bem.

Abraços meus e de meus manos a ti e aos teus com os votos de saúde, paz e prosperidade eis o que desejamos.

Seu amigo

João Penteado

Ilmo Sr. Adelino Tavares de Pinho

Roge – Vale de Cambra - Portugal

20-2-1950, De Zeferino Oliva para João Penteado

Caro amigo João Penteado,

Saúde

Há dias quando recebi sua carta de 9 do mês em curso, participava de cumprimentos e de votos de um próspero e feliz ano novo que você me deseja, fiquei ao ter tão boas notícias suas radiante de alegria. É que para mim é sempre motivo de justificada satisfação e contentamento saber que não sou esquecido pelos bons e velhos amigos da juventude, e, também porque ao mesmo tempo me científico que os meus amigos estão bons de saúde.

É o seu caso. Tanto que, em sua carta, que estou respondendo, diz você que está bom de saúde e sempre trabalhando. Oxalá que assim seja por muitos anos ainda. Quanto a mim e aos meus, também estamos todos bons de saúde e eu também trabalhando, e á testa da minha farmácia. Fiquei, como lhe disse, radiante de alegria ao ter tão auspiciosas notícias suas, mas hoje estou acabrunhado e triste. É que, acabo de receber carta de uma sobrinha minha, em que me participa a morte de nosso estimado e velho companheiro de lutas, de fé e de esperanças, Dr. Roberto Feijó. Surpreendeu-me tão infausto acontecimento. É, que eu, supunha-o ainda vivo e em plena atividade. Tanto que, quando no dia 12 deste mês seguiu para São Paulo um amigo meu, e encomendei-me que fosse visitar o Feijó, e desse por mim meu grande e demorado abraço à ele. Ainda não regressou, e, por isso, ignoro se teve a suprema felicidade de encontrá-lo ainda vivo. Foi uma grande alma de amigo, generosa e fidalga.

Por isso, lamento profundamente a sua morte. Morreu aos 65 anos de idade. Velho?! Não sei. Sei, entretanto, que ainda não era idade para morrer. Naturalmente foi acometido de alguma enfermidade grave que minou o seu organismo, debilitando-o assim não resistindo à moléstia sucumbiu. A Dna Maria, sua esposa, que lhe sobrevive, diz

minha sobrinha em sua carta que está desconsolada. Creio, pois, se queriam muito bem. O Feijó como esposo era um modelo de virtudes e como cidadão um perfeito cavalheiro. Tanto que, nunca fez mal a ninguém. Ele, naqueles tempos saudosos e longínquos de nossa juventude foi nosso companheiro em ideias na luta pela emancipação humana. Mas, há muitos anos já que não compartilhava mais das nossas ideias e se achava em campo ideológico diametralmente oposto. Contudo ainda se conservava fiel nos sentimentos afetivos para com os amigos da velha guarda, aos quais dedicava todos os seus pensamentos generosos. É que ele era um espírito culto e criterioso. Portanto, não podia fugir a uma boa norma de viver.

Também, tive notícias pelas leituras dos jornais, da morte de Saturnino Barbosa, professor e literato. Mas este morreu bastante velho. Creio eu, que devia ter mais de 90 anos de idade. Conheceu-o. Eu conheci-o, em Santos, em 1912.

Diabo, a morte, está carregando com os amigos! Mas, eu me auguro de viver muitos anos ainda. Também desejo que você, o Edgard, o Oiticica e todos os bons companheiros, tenham vida longa.

Agora, agradecendo-o pelas suas palavras amigas, abraço-o afetuosamente

20-2-1950

Zeferino Oliva

Textos de João Penteado publicados na Imprensa Operária e Libertária¹⁵⁷

O Trabalhador Graphico – Órgão da União dos Trabalhadores Gráficos – Publicação Mensal – São Paulo, 15 de julho de 1920. Anno I, Número 1.¹⁵⁸

1. Apelo aos gráficos¹⁵⁹

Despertemos!

É preciso agirmos, é preciso, urge nos interessarmos pela nossa associação. Ela deve ser o centro de nossas ações; para ela devemos voltar nossas vistas, a ela devemos dedicar todos os nossos esforços, toda a nossa estima, todo o nosso afeto, tendo sempre em mira as vantagens resultantes da obra da propaganda organizadora que nos deve reunir todos, como numa só família, sob o lábaro flamejante da justiça.

Assim, só assim, poderemos reivindicar os nossos direitos á vida, ao bem-estar e á liberdade.

Avante, companheiros!

Não basta somente pagarmos as mensalidades aos respectivos representantes; é preciso, urge tomarmos parte nas deliberações de nossas

157 Textos de João Penteado

158 Neste número do jornal é anunciada nova Comissão Executiva da União dos Trabalhadores Gráficos: J. C. Pimenta, secretário geral; Isidoro Diego, 1º secretário; Domingos Memmo, 2º secretário; Paulo Lembo, tesoureiro; João Penteado, bibliotecário. Há um aviso sobre a organização da Biblioteca da U.T.G, solicitando “aos companheiros de boa vontade a idéia de oferecerem alguns livros que possuíam, em benefício da mesma”. Anuncia ainda um espetáculo e uma rifa a serem realizadas em benefício da Biblioteca. Em texto de Mota Assunção, “O Movimento Operário”, João Penteado é citado como um dos principais líderes na luta pela causa operária: “As duas facções em que elas fatalmente hão de estar divididas – reformistas e anarquistas – permaneceram no mesmo pé, mormente quanto á primeira, pois que na segunda há inegáveis progressos. A facção anárquica cresceu evidentemente em número e qualidade, cabendo-lhe ainda a orientação teórica e prática do movimento operário. E os principais elementos, os mentores, são genuinamente brasileiros, como Carlos Dias, José Oiticica, Fábio Luz, Astrojildo Pereira, Ed. Leuenroth, J. C. Pimenta, A. Schmidt, J. Penteado e centenas de outros simples operários, que são precioso penhor da cultura, energia e honestidade do anarquismo brasileiro. Mas os anarquistas têm uma ação necessariamente limitada á esfera dos seus rígidos e limitados princípios. Deslumbram mais as multidões do que as prendem ou convencem. Podem ser comparados aos feiticeiros da antiguidade. As multidões admiram-nos e gostam de os ouvir, mas quando a polícia resolve queimá-los na praça pública, sob o pretexto mais fútil ou inverossímil, não há quem se oponha. Tudo como dantes!”.

159 Página 3.

assembléias, discutirmos os assuntos que nos interessam, idealizarmos planos e iniciativas no sentido de desenvolver o espírito associativo e o indispensável sentimento de solidariedade entre os membros da nossa classe, que, a despeito da condição especial em que nos encontramos relativamente á possibilidade de obtermos instrução por meio do jornal e do livro, constituímos uma imensa legião de obreiros refratários á causa de nossa emancipação, indiferentes a tudo, entregues ao mais deplorável fatalismo.

Isto, porém, não deve nem pode continuar assim! Pois somos nós que fazemos o jornal, que compomos e encadernamos o livro; somos nós quem maneja o prelo, somos nós quem empunha o componedor, somos nós quem prepara o pão espiritual que dá vida ou envenena os sentimentos das massas populares em cujo seio vivemos.

Não somos, por ventura, explorados como os nossos irmãos de outros ofícios?

Com certeza que sim.

Então, porque não os imitamos na obra de reivindicação que eles vêm realizando desde alguns anos em São Paulo, no Rio e outros centros industriais do Brasil?

Eles devem ser nossos aliados, a quem podemos apelar quando os nossos interesses esteja, em perigo, prometendo-lhes, em troca, a nossa solidariedade, sempre que se nos peçam auxílio em sua defesa, estabelecendo-se, assim, por esse modo, a maior reciprocidade de esforços, que, para todos, garantirá o mais certo triunfo nas lutas contra a exploração capitalista.

Daí, portanto, a razão de ser de nosso apelo aos gráficos, que de certo, agora, estarão dispostos a vir para nossa sede, afim de prestarem o seu auxílio pessoal á obra de organização e propaganda dos princípios sindicalistas, já trabalhando no desempenho de comissões para que sejam nomeados em assembléia, já propondo a realização de idéias tendentes á elevação da nossa classe.

E, nesse sentido, pois, já se cogitou de por em prática diversas iniciativas, dentre as quais figura, em primeiro lugar, a publicação de nosso modesto jornal – O TRABALHADOR GHRAPHICO, que será o veículo de nossas idéias, levando, não só aos gráficos, mas a todos os trabalhadores, o nosso brado de alerta! E o mais franco e decidido incitamento para a nossa obra reivindicadora de nossos direitos.

Depois, também, prepara-se desde já a organização de uma biblioteca na nossa sede, onde todos os nossos companheiros deverão de preferência, reunir-se todas as noites, afim de instruir-se sobre as questões sociais e trocar idéias com os membros de nossa classe, estabelecendo-se, assim, as mais estreitas relações entre os mesmos. **João Penteado**

2 - Escola Moderna¹⁶⁰

*“...na escola oficial
procura-se extinguir
 , matar no aluno
 todas as suas
tendências para o
 desenvolvimento
 intelectual infinito,
porque os governos
 o que desejam é
servidores fiéis da
 sua vontade
 onipotente e não
indivíduos que lhes
possam perturbar a
 digestão.”*

Leão Tolstoi

Como tudo que pertence á iniciativa oficial é determinado pelos interesses de sua própria conservação, as escolas governamentais obedecem a fins antecipadamente previstos pelos seus organizadores e tendem o povo para a obediência e submissão aos preceitos estabelecidos como regra para a sua vida, que não deve corresponder senão aos desejos e caprichos dos que dirigem o Estado.

As escolas oficiais não são criadas para educar e instruir os filhos do povo dentro das normas estabelecidas pela Razão e pela Justiça. O que se quer, o que se tem em mira, o que se pretende fazer dos alunos em tais escolas não é senão torná-los escravos dos absurdos e prejudicialíssimos preconceitos políticos e religiosos, não é senão prepará-los para a caserna,

160 Página 5.

que os espera logo depois da vida escolar, para acabar de corrompê-los e arruiná-los, predispondo-os para a obediência passiva e condenável que lhes é imposta pelo regime militar, que é também o regime do vício, da escravidão e da morte do corpo e da consciência, porque o soldado perde o amor à vida e ao trabalho produtivo e fecundo que se opera no campo, na fábrica e na oficina, tornado-se elemento ameaçador e perigoso para a manutenção da Paz, da Solidariedade e da Justiça entre os homens.

A escola oficial e a caserna são duas cousas que se completam. Naquela se começa o trabalho que nesta se conclui. Esta não seria bem aceita pela mocidade se não fora a colaboração daquela, que lhe prepara o espírito, matando-lhe os sentimentos de solidariedade e de amor e incutindo-lhe o vírus do ódio contra o estrangeiro e o detestável ardor patriótico que provoca as guerras e os conflitos entre povos irmãos.

Ensinar a lei do amor equivale a combater o militarismo, que não é senão a escola do ódio e da morte aqueles a que o governo ordena que sejam eliminados, embora nesse número estejam incluídos os pais e os irmãos dos soldados. Obedecer é a regra suprema, embora lhes revolte a consciência, que pela disciplina, pela educação, pelo hábito deve sufocar-se e tornar-se muda ao ouvir a ordem do comandante. E para que um indivíduo chegue a tal estado de baixeza, para que alguém se reduza a tão degradante condição será preciso, de certo, grande trabalho da parte dos professores nas escolas oficiais instituídas pelos governos de todos os países para a preparação e adaptação à vida militar, que é a mais absurda de todas.

E por isso, quando nas escolas modernas se ensina a Verdade e a Justiça, vem logo o governo e as fecha, alegando que elas constituem elementos de perversão social.

Sócrates na Grécia, Cristo na Galiléia, Ferrer nos domínios clerico-monárquicos da Espanha foram acusados do crime de perverter a sociedade das respectivas épocas com as suas doutrinas. Foram mortos, mas o que havia de verdade em seus ensinamentos persistiu e atravessou os séculos a despeito de todas as perseguições.

Assim é que a despeito da falta de escolas modernas para a educação e preparo das consciências entre os filhos do povo, a verdade se há de impor, vencendo a impostura e a hipocrisia dos defensores do Estado.

Resta-nos ainda, para o nosso consolo, o ensinamento pela imprensa e pela palavra, que, de certo, devem dar os resultados que desejamos.

O jornal e a tribuna, o livro e as organizações, quando bem orientados, devem produzir benéficos resultados para a causa da emancipação do proletariado, que, por sua vez, em sua casa, não deve de cooperar para a educação de seus filhos, dando-lhes, a par da instrução compatível com a sua capacidade, o mais perfeito exemplo de solidariedade e de amor á causa da Justiça. **Camargo**¹⁶¹

161 O nome completo do educador anarquista é João de Camargo Penteado. Há alguns textos de sua autoria assinados como Camargo.

3 - A Plebe - Ano IV – sábado, 28 de fevereiro de 1920.

A Escola Moderna ou Racional.

Que a escola racionalista é a escola do futuro não resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jesuíticos desta terra investiram contra as Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais aos interesses das altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jesuíticos, reacionários, ultraconservadores e apoucados de juízo e de previsão social!

E, fato curioso, havendo uma Liga Nacionalista com o escopo de matar o analfabetismo nesta terra de bandeirantes, ninguém deu fé que dita instituição protestasse contra o ato abusivo e prepotente dos governantes mandando encerrar escolas numa terra de analfabetos, onde a maioria da população não sabe ler, o que é considerado o maior flagelo que aflige o Brasil. E que, todos, gregos e troianos, como bons burgueses que se prezam de ser, entendem que a escola é muito boa só quando tem o fim de fortalecer o pedestal da exploração burguesa. A não ter a escola esta missão, acabe-se com a escola.

E os trabalhadores, diante disto, devem convencer-se de que não há meio algum que force a burguesia a deixar realizar a obra de evolução dos espíritos e da sociedade, e que só pela revolução é que poderão realizar as aspirações que os arrebatam e que constituem as suas necessidades.

Muitas vezes escutamos esta conversa:

- “Vossas idéias são magníficas. A dificuldade é que o povo não está educado para as por em prática e compreender o papel que lhe cumpre representar na futura sociedade. É preciso instruir o povo, abrir muitas escolas, realizar a educação do operariado etc., etc.”

É preciso abrir muitas escolas? É verdade que sim. Mas se o governo manda fechar as poucas que existem, como pensar em abrir muitas outras?

Eis aí a questão em que ponto está. Os trabalhadores tudo têm de fazer por seu impulso próprio. Nada têm que esperar dos governos, os quais nada farão que concorra para a sua queda e para a libertação do operariado. Do seu próprio esforço, de suas íntimas energias, com o seu único sacrifício é que poderão os operários encaminhar-se para a estrada que os conduza ao ataque e esfrelamento desta sociedade. É assim que o operariado estrangeiro compreende e orienta a luta. Tudo por eles e nada esperar de elementos falhos e estranhos.

Vejam, por exemplo, o que os trabalhadores espanhóis, reunidos em congresso da sua Confederação Geral do Trabalho resolveram a propósito do problema da instrução. Leiam com atenção os leitores e capacitar-se-ão da alta significação do documento que vai a seguir:

Problema de Instrução

Considerando não só conveniente, senão necessária a criação de escolas racionalistas – ao passar a estudar a forma, bases e meios em que hão de estabelecer-se, esta comissão encontra-se, em primeiro lugar, com a carência do professorado competente; em segundo com a de meios materiais insuficientes para levar á pratica essa necessidade sentida na medida que era para desejar.

Nestas circunstâncias, esta comissão, de momento só encontra esta solução: Primeira: Necessidade de criar um comitê confederal, que se encarregue do seguinte:

- a) A criação duma Normal Nacional, onde se elabore a matéria prima, ou seja, o aperfeiçoamento de alguns camaradas já iniciados nos conhecimentos pedagógicos ou alguns discípulos que com vantagem têm saído das escolas racionalistas.
- b) Que na dita Normal Nacional sejam recolhidos e educados os filhos órfãos das vítimas dos atropelos sociais, aproveitando para o professorado os que demonstram inclinação e capacidade.

- c) Ajudar moral e materialmente os sindicatos que, conhecido o seu esforço máximo para por em prática esta necessidade, não possam chegar á sua realização;
- d) Para por em execução o exposto dever-se-á estabelecer uma cota obrigatória, que poderá ser de dez cêntimos por mês ou de uma peseta anual, que serão administrados pelo citado Comitê Nacional pró-instrução.

O Congresso, depois de acordar que para executar o já exposto, se encarregue a Liga dos Professores Racionalistas, decide mais: “Que os Sindicatos que tenham forças e meios para o fazer, instituam imediatamente essas escolas e que tanto o Comitê pró-instrução como os sindicatos ao abrir essas escolas, tenham em conta as normas naturais e lógicas do ensino, devendo limitar o número de alunos; que as escolas reúnam todas as condições de higiene, ventilação e alegria necessárias e que os professores sejam retribuídos de forma que não tenham que recorrer a outras ocupações para poder viver com decoro.

Para desenvolver a cultura os Sindicatos terão escolas para adultos, com caráter preparatório, afim de que os indivíduos adquiram os conhecimentos necessários para desempenhar os cargos administrativos e delegações, para desenvolver com acerto a propaganda, forma de sustentar as discussões com boa norma e pô-las ao corrente de toda a legislação social e internacional, etc.”

Que nobreza de sentimentos, que altivez de miras, que dignidade de atitude esta declaração encerra! Quantos burgueses haveria capazes de redigir um documento sobre um assunto transcendente como esse da instrução da infância com a superioridade de vistas e com a simplicidade, clareza e concisão de linguagem e de idéias como esse que os nossos companheiros espanhóis, trabalhadores da mina e da oficina, redigiram?

Não há dúvida. A inteligência, a verdade, a força e o número estão com o trabalho. Ele vencerá. O futuro pertence-lhe. Ainda bem. **P.**

**O Internacional – Anno III – S. Paulo, Segunda-feira, 17 de julho de 1922.
Órgão dos empregados em hotéis, restaurante, confeitarias, bares, cafés
e classes anexas. Editado pelo Grupo Ação e Cultura.**

4 - Que comparação!

O confessionário e o moinho são duas coisas que bastante se parecem, apenas com a diferença de que um é movido pelas forças físicas e se destina a moer grãos de cereais colhidos pelo lavrador, ao passo que o outro o é pelas forças diabólicas, pelos espíritos do mal e serve exclusivamente para triturar as consciências humanas, reduzindo-as aquilo que em boa linguagem se chama fanatismo, estupidez, hipocrisia, ignorância.

E há nisto exagero? Achais isto um absurdo? Pois não tendes razão para tal. E quereis ver? Examinais os cereais tirados do moinho, após terem passado pelas mãos. Que ficam sendo eles? Um pó subtil, uma porção amorfa, sem unidade nem consistência.

Não é isto uma verdade?

Pois bem. Agora examinemos as pessoas que freqüentam os confessionários. Façamos-lhes de liberdade de consciência, da necessidade de livre exame para a aceitação desta ou daquela religião, desta ou daquela filosofia. Depois... escutemo-lhes a resposta, que, sem dúvida será a seguinte: "Que! Então a gente há de ir contra a religião de seus pais? Não estão aí os padres, que cuidam de preparar as almas para Deus? Ir contra eles é desobedecer a Deus, é violar a tradição, é desrespeitar os nossos antepassados."

E não é isso que nos respondem os fregueses dos confessionários? Já tendes visto alguns que pensam livremente, que analisem e raciocinem, que façam aplicação de sua inteligência para criticar as cousas que os cercam?

Com certeza, não. E por quê?

Não sabeis? O confessional é que faz tudo isso. Ele mata as idéias de liberdade e reduz as consciências humanas a um estado de passividade deplorável, que nos causa verdadeira comiseração, constituindo verdadeiro embaraço para o progresso da humanidade.

João Penteado

13 de Outubro

Na Espanha como em toda a parte, o ideal de emancipação humana tem merecido sempre a mais terrível e implacável perseguição da parte dos poderes constituídos para a defesa e segurança dos iníquos privilégios das castas parasitárias e capitalistas.

E essa perseguição ao que é novo, ao que é belo, ao que é sublime e justo se tem verificado em todos os tempos, através dos séculos, como se pode facilmente evidenciar em face da História da Civilização, em cujas páginas aparecem, aureolados de glória, os nomes de tantos heróis, que mesmo a despeito do ódio e das perseguições movidas pelos espíritos retrógrados da sua época, não se esmoreceram na luta nem se retrataram diante dos tiranos, trabalhando heroicamente para o levantamento moral e intelectual da humanidade por meio da propaganda das novas doutrinas que lhes abriram novos horizontes ao ideal de bem estar e felicidade que constitui a nossa suprema aspiração.

Sócrates, o grande filósofo, é condenado à morte por pregar uma doutrina contrária aos interesses das castas parasitárias de seu tempo; João Huss, Savonarola e Giordano Bruno merecem a mais terrível condenação da casta sacerdotal a que pertencem e pagam com suas vidas a temerária ousadia de revelar algumas verdades ao povo; Tolstoi, o grande apóstolo do ideal do Bem, do Amor e da justiça não escapa às fúrias reacionárias da matilha ululante nem deixa de sofrer as conseqüências de seus atos de abnegada dedicação á causa da Humanidade – porque para a tirania governamental de todos os tempos e de todas as nações não há, nem pode haver maior delito do que abrir os olhos ao povo pregando-lhe uma doutrina cujo espírito fortemente alicerçado no ideal de liberdade e de justiça venha contrariar os interesses das castas dominadoras e fazer, como conseqüência, o enfraquecimento do seu poder e da sua autoritária pretensão de dominar as consciências das massas trabalhadoras.

E por isso, mais que por outro motivo, Ferrer mereceu condenação das castas parasitárias da Espanha clérigo-monarquica que não só viam na sua pessoa a grande força propulsora do ensino racionalista e um lutador inteligentemente compenetrado do valor e da virtude do ideal revolucionário que agita as massas trabalhadoras em todas as nações civilizadas, mas também viam claramente em toda a extensão de seus atos de propaganda evangelizadora um espírito audaz e empreendedor que facilmente sugestionava as massas proletárias de seu país, apontando-lhes a rota a seguir para a consecução do ideal de bem-estar e de liberdade e atraía ao redor de si, para com ele colaborar, os homens de gênio e de coração, tanto da Espanha, como de outras nações, os quais com verdadeiro brilhantismo prestaram valioso concurso para a obra da Escola Moderna, já concorrendo com a sua colaboração para a revista de propaganda racionalista – Boletim da Escola Moderna, editada na sede da Constituição, em Barcelona, já se prestando a traduzir as obras de divulgação científica com que Ferrer procurou contrapor os nefastos efeitos das superstições e preconceitos políticos e religiosos que tanto infelicitam as massas proletárias.

Os reacionários, pois, temiam-no e odiavam-no, porque via sempre em Ferrer um inimigo, que ameaçava de morte as instituições burocráticas e a supremacia de todos aqueles que religiosa e politicamente pretendem viver boa vida á custa da miséria e do obscurantismo das classes produtoras.

Daí a razão de usarem de todos os ardis afim de o eliminarem, embora para isso fosse preciso o emprego dos mais torpes e vergonhosos processos jesuiticamente empregados por Maura e Lacierva.

O caso de greve geral revolucionária que dominou a cidade de Barcelona serviu de pretexto para a prisão, julgamento e sumaria execução de Francisco Ferrer, que assim pagou com o sacrifício da própria vida o seu muito amor á causa do bem estar e da liberdade de todas as vitimas da exploração burguesa e capitalista.

Mas, enganaram-se as hienas e os chacais sanguisedentos que na Espanha representam o Estado e a Religião porque, ao matarem Ferrer,

tornaram-no ainda maior, imortalizando-o e deram mais vida e mais força aqueles mesmos ideais de amor e de justiça por ele defendidos, provocando o protesto dos livres-pensadores de todas as nações contra o despotismo que o vitimara.

E nós hoje, prestando homenagem á memória do grande precursor da revolução social, não podemos deixar de lembrar também o sacrifício de outras vítimas não menos heróicas que tombaram com Ferrer na tradicional e fatidicamente celebre fortaleza de Montjuich.

João Penteado

6 - Organização Operária – O Trabalhador Graphico – União dos Trabalhadores Graphics/ S. Paulo, 26 de Março de 1921, Anno II - Num.5.

Companheiros,

Que poderei dizer-vos sobre este tema que vos não seja conhecido? Nada, absolutamente nada, imagino. No entanto, cabe-nos o dever de tratar deste assunto, visto haver eu assumido perante vós, o compromisso de desempenhar-me da tarefa que me impuz ao iniciar a série de conferências de propaganda realizada na sede da U.T.G., tarefa essa de importância tal para a nossa associação que não deverá ser logo interrompida ou posta à margem, mas sim intensificada cada vez mais pelo inteligente esforço de todos os nossos companheiros de idéias, tornando-se mesmo o seu desempenho um dever, uma obrigação, um compromisso honroso para cada um de nós, que na medida de suas forças, deverá prestar o concurso de sua inteligência, quer fazendo uso da palavra e da pena, quer pelo exemplo de uma dedicação e amor á causa da emancipação proletária, educando, orientando, instruindo e preparando os nossos companheiros de trabalho para a grande luta contra os nossos inimigos, que são as castas exploradoras e parasitárias.

Além da série de conferências de propaganda associativa que já se iniciou, a U.T.G. distribui hoje o quinto número d'O Trabalhador Graphico, órgão da nossa classe e trata de desenvolver e melhorar a organização de nossa biblioteca, que já está iniciada, a qual servirá para a obra de educação intelectual dos nossos companheiros.

Mas estas iniciativas de tão alto valor moral para a nossa classe, para terem êxito, precisam do apoio da coletividade grafica, que de certo, não lhes será indiferente.

SOLIDARIEDADE E ORGANIZAÇÃO

Eis aí duas coisas que reciprocamente se correspondem e se completam quer na preparação de um destino ambicionado por um idealista revolucionário, quer na formação de um corpo que precisa resistir e lutar contra as forças naturais ou sociais ou contra a ação destruidora do tempo.

A solidariedade une, liga, adere, fazendo de um todo disperso um conjunto, um amalgama, um só corpo, como por exemplo na construção dos edifícios, onde o cimento e a pedra se transformam em pilastras e paredes, em tetos e colunas.

Assim é que, os rios a correrem, a se deslizarem por entre os vales e colinas, vão formar os mares, os oceanos, que nos empolgam a atenção pela sua magestade e grandeza, assim é que, as madrepérolas, corais e medusas, reunindo-se, conglobando-se formam enormíssima e colossal massa no seio imensamente profundo das águas marinhas dando origem ao aparecimento de ilhas, que se encontram, de tempos a tempos, na superfície dos mares e dos oceanos.

A solidariedade faz a organização e opera o que se poderia chamar um milagre, mas que não é senão o efeito de uma ação premeditada ou instintivamente e inteligentemente realizada no seio da sociedade ou no laboratório imensamente fecundo da natureza.

Assim, se remontarmos ao tempo pré-histórico, se nos afastarmos a um passado demasiadamente longínquo, veremos que o homem primitivo, ignorante de todos os segredos da natureza, exposto a milhares de perigos imprevistos e ameaçado de morte na luta contra os animais ferozes que com ele disputavam as pressas e com a própria natureza impiedosa e inclemente – teve, afinal, de descobrir a maneira de se proteger e garantir contra os ferozes ambientes.

A necessidade obrigou-o a organizar a sua defesa, a procurar, instintivamente a sua salvação, a sua garantia.

Daí a origem da solidariedade mecânica, que o levou a unir-se ao seu semelhante, para a vida e para a morte, tornado-se forte na luta contra as feras bravias e indomáveis, ao mesmo tempo que se constituía em agente geológico na obra de modificação e transformação da superfície do planeta que habitamos.

Aí, porém, nessa fase inicial de sua vida, não cogitara nem pensara o homem em transformar a terra em propriedade privada nem os seus irmãos em escravos, submissos, sujeitos a imposições de patrões.

J. Penteado.

7 - O Trabalhador Graphico – 10 de julho de 1920 - Lobo entre Ovelhas

Não há que ver! Os jesuítas de batina e os de casaca ao perdem vasa em que possam exercer sua maléfica atividade no intuito de impedir a corrente das idéias modernas que os vai levando de vencida na época em que vivemos.

Vêem que o movimento proletário, em sua ancia de conquista, toma vulto, definindo de modo perfeitamente claro o programa de suas reivindicações e preparando-se, por meio de poderosas organizações, para a luta, que dia a dia, de acordo com as circunstâncias, recrudescer e assume proporções cada vez mais admiráveis por sua tenacidade e energia.

E essa atitude dos trabalhadores, que são o sustentáculo das classes parasitárias – eles, os jesuítas, que são o supra-sumo de tudo quanto é exploração e roubo, então, com a sua requintada argueia, hoje, como no passado, procuram introduzir-se nos meios operários, como lobos entre ovelhas, a fim de transviá-los do verdadeiro caminho de sua emancipação, embaindo-os com promessas de coisas ilusórias, que apenas ficam para ter realização depois que tudo se acaba nesse mundo.

E não admira! No presente, como no passado, sempre obraram de acordo com os seus interesses. No tempo da escravidão, no Brasil estiveram sempre ao lado dos senhores e contra os escravos, a quem ordenavam o dever de obediência e submissão, porque, depois desta vida, seriam felizes no céu, inventando até, para melhor enganá-los, um santo negro, ao qual deram o nome de São Benedito, que ficou sendo o patrono dos escravos de origem africana.

Agora porém, depois da abolição da antiga forma de escravidão, pressentindo que a escravidão moderna tende a ser abolida pela força revolucionária das massas produtoras – inventam associações, as quais são o pomposo e pantafaçado título de “*Liga Operária Catholica Metropolitana*”, nas quais aparecem, como mentores de operários inconscientes, a fim de organizar *krumiros* e fura-greves, para, como traidores, como espias, exercerem o odioso

papel de Judas entre aqueles que verdadeiramente lutam pela causa da emancipação política, econômica e social do proletariado.

O movimento revolucionário russo os pôs de sobreaviso proclamando a divisa que os aturde e os assombra – QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME!

E eles, os jesuítas, que querem gozar das bem-aventuranças do céu na terra em que vivem – não podem ver com bons olhos semelhante divisa, porque no seu modo de raciocinar, o trabalho produtivo é cousa que só deve ser praticada pelos operários.

Mas, aqui em São Paulo, a despeito de tanto esforço da parte do vigário do Brás e seus sequazes, politiqueros e jesuítas de casa, o plano não lhes deu nem lhes dará os resultados desejados.

O que vemos lá é uma súcia de amarelos, inconscientes de seu destino e verdadeiros irresponsáveis de seus atos, tendo a frente a corja negra, que hoje, como no passado, tem feito oposição á marcha do progresso, que a despeito de tudo, não se deteve, nem se deterá jamais.

O sangue de Giordano Bruno, Savanarola, Ferrer e tantos outros mártires da liberdade de pensamento chama pela vingança, que afinal, já se faz sentir, de modo iniludível, como o exemplo da Revolução Russa que é, para a Humanidade, o começo de uma era de liberdade e de justiça.

O operariado bem sabe que nos nossos sindicatos não se trata de religião, mas sim do pão, do bem estar e da emancipação econômica e política do proletariado, o que só se conseguirá com a queda do capitalismo e a implantação de um regime baseado nos verdadeiros princípios de Justiça.

A religião é uma questão de consciência, que é respeitada nas nossas associações, que tem por fim a implantação do céu na terra, nesta mesma terra onde hoje produzimos para alimentar a faustosidade e a vagabundagem de seres que levam a vida toda a divertir-se, a passear e a desfrutar e a gozar intensamente, despreocupadamente, á custa de nosso suor, de nossas fadigas.

Católicos, protestantes, maometanos, espíritas, todos, basta serem operários, para que tenham o dever de associar-se nos sindicatos de sua profissão, agindo de acordo com os próprios interesses de sua classe, diretamente, sem a intercessão de indivíduos estranhos á ela.

Não demos fé, pois, ás intrigas e ás baixas infâmias que os padres e os demais inimigos dos trabalhadores conscientes têm lançado á publicidade com o fito de desmoralizar a obra e a organização promovida pela U.O. em Fábricas de Tecidos e pela Federação Operária de São Paulo.

Deixemos os padres.

Que eles nos prometam o céu, mas conquistemos a felicidade na terra, que é o que nos interessa.

J. Camargo.

8 - O Trabalhador Graphico – 15 de setembro de 1920 - Lobo Entre Ovelhas

Não somente a condição do trabalhador na sociedade religiosa é realmente inferior, mas até mesmo o trabalho é o sinal de inferioridade, e o estigma da degradação.

Proudhon

Não nos causou admiração que pelas colunas do jornal que se rotula com o título de “O Operário”, tenebroso órgão do clericalismo, aparecesse algum de seus energúmenos elementos para contestar de qualquer maneira o que muito bem dissemos e ainda continuamos a afirmar pelo nosso órgão a propósito da ação manifestamente nefasta que o famigerado Centro Operário Catholico Metropolitano tem procurado com toda a insistência desenvolver no seio das classes trabalhadoras de S. Paulo no sentido de desviá-las da verdadeira senda de suas justas aspirações de bem estar e liberdade e reduzi-las, depois, a triste condição de escravos e submissos e obedientes e incapazes de um protesto, de um gesto de ameaça e de revolta contra toda a sorte de infâmias e explorações praticadas pela castas parasitárias.

Já esperávamos por essa.

Useiro e veseiro nas difamações e intrigas, o tal órgão havia mesmo de vomitar a sua bília e fremer de ódio ao ouvir o nosso brado chamando a atenção dos trabalhadores para os “lobos vestidos de peles de ovelhas” e aconselhando-as a que se prevenissem contra a perversidade desses inimigos tão perigosos como temíveis em suas artimanhas e velhacarias.

Mas a contestação, afinal, em vês de destruir os nossos argumentos, veio apenas por em foco o exagerado melindre e a doentia susceptibilidade de alguém que muito se interesse por ocultar a verdade aos trabalhadores, a cujo número não parece pertencer, apesar de se dar ao luxo de subscrever as suas malévolas insinuações com o pseudônimo – *Um Graphico*.

E o mais curioso de tudo ainda é que começa por falar-nos em “máscara” quando alude à União dos Trabalhadores Graphicos, como se a nossa associação tivesse algum dia pensado em roubar esse privilégio ao Centro Operário Catholico Metropolitano, corporação refinadamente jesuítica, que se serve do nome – operário, apenas para satisfazer os próprios interesses.

Isto, porém, explica-se: é a confirmação da sabedoria popular, que diz, com muita verdade: “... quem usa cuida”!

Mas é preciso que o pseudo gráfico signatário da referida contestação fique sabendo uma vez por todas que o lema da União dos Trabalhadores Graphicos é o mesmo do positivismo: “Viver às claras”. E que, por isso, se trata de tirar a máscara, então, não seremos nós quem terá de o fazer, mas sim o próprio Centro Operário Catholico Metropolitano e o seu jornal, que se servem do vocábulo – operário em seu frontespício como de máscara para esconder suas inconfessáveis intenções.

Seria melhor que nos refutasse com argumentos que com insinuações tendenciosas e tolos conselhos, como o de nos indicar a leitura de uma conferência do Dr. Viveiros de Castro, ilustre membro do Instituto da Ordem dos Advogados, mas que nem por isso vale mais do que Tolstoi, Letorneau, Proudhon e tantos outros filósofos e escritores cuja leitura reputamos de maior importância.

Não ofendemos as crianças de ninguém. Há nessa afirmativa uma falsidade característica dos jesuítas. O que fizemos foi atacar a obra dos inimigos do bem estar e da liberdade dos trabalhadores – os padres e todas as autoridades que com a capa da religiosidade, os vêm expor através dos séculos.

Agora, quanto ao termo – inconscientes – que, de fato, aplicado aos jesuítas, não deixaria de ser insulto, não cabe ao articulista que nos contesta fazer a sua devolução, porque tal frase não se refere senão aos operários que por ignorância se deixam levar para o redil do Centro Operário Catholico Metropolitano, a cuja entrada se lê a mesma inscrição que o poeta da “Divina

Comédia” divisara nas portas do inferno: - *“Voi che entrate, lasciate ogni speranza!”*

E quanto á alusão feita aos maximalistas-anarquistas, cabe-nos a vez de perguntar:

- Que mal têm eles feito aos trabalhadores?

E depois:

- Que bem têm feito os jesuítas aos mesmos?

Ora, á primeira pergunta podemos responder que devemos á virtude do maximalismo a queda do despotismo czaresco da Rússia e o estabelecimento do regime novo que naquele país veio satisfazer ás aspirações de justiça e de liberdade dos trabalhadores.

Eis porque não dizemos mal do maximalismo e nos indispomos com os atos do Centro Operário Catholico Metropolitano. A nossa Associação, apesar de neutra em matéria de política e religião, tem entretanto o dever de defender os seus interesses e os do proletariado em geral contra os ataques e ciladas dos nossos mais declarados inimigos.

E ainda, como antes, matemos, individualmente, a nossa opinião, sem retirarmos uma só linha do que afirmamos a respeito desse assunto.

J. Camargo

9 - O Trabalhador Graphico – S. Paulo, 26 de setembro de 1920 - Uma boa idéia – A propósito da organização do proletariado infantil.

É já de certo tempo a esta parte que vimos observando e estudando com verdadeiro interesse o problema atinente á organização das classes proletárias, problema esse que, a despeito da sua magna importância, não têm sido, todavia, bem estudado e compreendido pelos companheiros militantes, que apenas vêem como elemento digno de sua atenção os operários adultos, os trabalhadores de idade madura, os homens já formados, deslembrando-se inteiramente das crianças, dessas alminhas ridentes e encantadoras, que á falta das escolas operárias, á falta das escolas modernas, á falta das escolas racionalistas, que, pelo seu espírito e por sua própria natureza, devem ser as únicas preferidas pelos trabalhadores conscientes, vê-mo-las por aí, ao leão da sorte, desprotegidas e abandonadas, sem palavras de estímulo nem conforto para as suas dores, sujeitas como todos nós á exploração despiedada e condenável de patrões ladrazes e cruéis nas fábricas e nas oficinas, onde são barbaramente aproveitadas como aprendizes, forçadas quase sempre a trabalhos que, além de serem superiores a sua capacidade, são tão perigosos como mal remunerados.

Ora, de fato, no presente, precisamos de operários adultos nas nossas organizações de classe e procuramos mesmo atraí-los, por meio de nossa propaganda, a essa obra gigantesca e portentosa de redenção do Trabalho, única fonte de riquezas e de vida para toda a Humanidade, que hoje, mais do que nunca, exige a nossa colaboração, o nosso esforço, a nossa energia, a nossa atividade, e o nosso amor, a nossa dedicação e até o nosso sacrifício para que, assim como os nossos irmãos da Velha Europa, aqui, também nessa região americana, em breve tenhamos completa e decisiva vitória, que, de certo, nos proporcionará abundantes e salutarens compensações ás nossas fadigas e aos dissabores que não raro sofremos nos vários reveses da luta pela causa da transformação social.

Mas, falando-se do valor dos operários adultos em relação á presente emergência em que nos encontramos, não devemos nos esquecer, de certo,

do grande e apreciável coeficiente que a infância proletária nos oferece para a colimação do ideal que temos em mira.

As crianças operárias, as nossas crianças, essas flores e essas sedutoras esperanças do futuro da Humanidade não devem deixar de merecer a nossa simpatia e a nossa proteção, porque, de fato, serão elas as continuadoras da nossa obra, as herdeiras dos frutos admiráveis, como acabamos de expor.

Cada classe organizada poderá, por intermédio de seus delegados, chamar os aprendizes das respectivas fábricas ou oficinas, atraindo-as, todos os domingo, para a sua sede, onde depois de registrados os nomes, filiação, idade (que não deve exceder de 14 anos), casa ou fábrica onde trabalham e ordenado que ganham, receberão uma caderneta especial que lhes dará o direito de sócio desta ou daquela associação de classe (seção infantil), livre de toda e qualquer contribuição econômica.

Para dirigir o trabalho de organização do proletariado infantil se constituirá uma comissão ou conselho composto de membros das diversas organizações existentes nesta capital, que elaborará uma base de acordo e um programa educativo, devendo este consistir mais ou menos no seguinte: 1) – Cantos e hinos proletários; 2) – Recitação de poesias e monólogos; 3) – Contos, anedotas e narrativas morais; 4) – Palestras educativas; 5) – Festas periódicas durante o ano, nas quais devem tomar parte os aprendizes das classes organizadas, que tirarão prêmios nas respectivas quermesses, á proporção do número de comparecimentos constantes do registro de sua caderneta social.

Eis aí, pois, em ligeiro resumo, uma boa idéia, uma grande iniciativa, que embora modesta, é bem digna do acolhimento das organizações operárias de S. Paulo, bem como de todos os companheiros que, como Antonio Canellas, pretendem, por meio do exemplo e de obra de educação, transformar a base desta organização social, dando-lhe uma feição mais humana e um espírito de justiça compatível com a civilização e com a aspiração do proletariado internacional. **J. Penteado**

Antonio Canellas e a obra de Sebastião Faure

Não é sem motivo que admiramos a acção do companheiro Antonio Bernardo Canellas na propaganda que tem em mira realizar aqui no Brazil. A sua energia de moço que pensa num futuro radiante para a humanidade dá bem a prova de seu espirito, a medida de sua intelligente previsão em tudo que concerne á obra de preparação das consciencias dos trabalhadores para o advento da obra revolucionaria que fatalmente virá a transformar a ordem social.

Enthusiasta de Sebastião Faure, de quem se tornou emulo, deve o companheiro Canellas sentir-se satisfeito em porque, de facto, para as almas bem formadas os grandes exemplos constituem justos motivos de estímulo.

Estado na França em viagem de estudo e propaganda da obra de or-

ganização proletaria, teve oportunidade de conhecer o eminente escriptor e propagandista dos novos ideaes — Sebastião Faure, com quem estreitou relações de verdadeira sympathia e amizade, amizade e sympathia que se transformaram logo em motivo de emulação e de estímulo, fazendo-lhe brotar no espirito um sentimento mais intenso com relação á obra de educação das massas proletarias e despertar no cerebro a idéa de realizar no nosso paiz uma instituição igual a "La Ruche", de que se tornou verdadeiro admirador.

E na sua alma juvenil de brasileiro do Norte, com as fibras temperadas pelo sol equatorial, o valente companheiro tem demonstrado uma dedicação apostolica em favor da idéa que deverá transformar-se em facto positivo, real, admiravel, objectivando-se na criação de um internato destinado á educação racional da infancia proletaria, ao qual não venha faltar um só dos requisitos indispensaveis a esse grandioso empreendimento.

A sua vida, desde que se lhe metten

na cabeça essa grandiosa iniciativa, tem sido uma peregrinação tão verdadeira como proficua em prol de seu ideal, que, de certo, será corôado com os louros da victoria.

Canellas esteve entre nós, onde realizou a 4 do mez passado, na nossa sede, uma magistral conferencia, tendo merecido os applausos da numerosa assistencia.

A sua despesa nessas excursões pelo Brazil é custeada com os proventos da venda de diversas brochuras e traducções de sua lavra, com a venda de cujos trabalhos pretende adquirir os fundos sufficientes para a realização de seu ideal.

Depois de iniciada a obra, será convidado Sebastião Faure para dirigi-la, conforme prévia combinação havida entre ambos.

Avante!
Educar e instruir racionalmente os trabalhadores é libertal-os, é redimi-los do captivo, é golpear a tyrannia nella base — dando franco ensejo para a implantação da justiça e da liberdade entre os povos da terra.

162

162 Texto sobre a obra de Sebastião Faure e La Ruche, experiência de escola libertária na França, divulgada no Brasil por Antonio Canellas. Publicada em O Trabalhador Graphico, em 26 de setembro de 1920, pág. 06 logo após o texto de J. Penteado, em que cita A. Canellas. Provavelmente o texto é do próprio João Penteado.

Não há, por certo, o que de modo melhor e mais eficaz que a instrução possa servir para o alevantamento moral e intelectual de um povo.

Ela nos descortina amplos horizontes à inteligência e prepara os corações para a luta civilizada e nobilitante do homem moderno, cuja principal ambição consiste em disputar com a natureza e com os elementos dos quais procura subtrair recurso abundantes de vida para si e para a humanidade.

O analfabetismo, pelo contrário, é a mais flagrante negação da verdade e do progresso, bem como da civilização e da liberdade.

É a treva com seu cortejo de desolação e de misérias! É a escravidão com as cenas de revoltante iniquidade! É a morte da consciência e da razão.

A solidariedade humana e a paz internacional, que constituem a suprema aspiração moderna, dependem apenas de uma coisa que é a instrução, não porém dessa instrução que se destina somente aos privilegiados, mas sim da que trás consigo o grande objetivo de iluminar as consciências das classes menos favorecidas da fortuna.

Assim é que, com tão poderoso fatos de progresso, com uma instrução pública bem organizada e inteligente, temos certeza, tudo concorrerá para o melhor possível, tudo nos induzirá a crer no futuro brilhante de nosso país.

Aí dos indivíduos e das nações que não sabem ler! A liberdade e a vida não lhes são compreendidas, nem são capazes de as sustentar! E o Brasil, infelizmente, está quase nesse número porque a maior parte do povo brasileiro ignora o que sejam escolas.

Por isso, pois, entendemos que os poderes públicos, principalmente os estaduais e municipais, não se devem descuidar da instrução do povo, porque é dela, somente dela que podemos esperar a realização do progresso, bem como da verdadeira grandeza da nossa nacionalidade e do Estado.

163 Acervo Pessoal. s/d

É preciso, urge tratar do ensino do povo, para que ele se não enerve no ambiente do analfabetismo.

Descuidar nesse caso é falta muito grave, porque implica não só num delito de lesa-patriotismo, mas até um ofensa à civilização.

Tudo reclama – “luz...mais luz!”

E a instrução que é, senão fonte perene de luz?

E por isso nós, que não perdemos de todo a fé nas pessoas, a quem está confiada a direção do Estado, esperamos ver logo um movimento benfazejo nesse sentido, certos, convictos de que para tal fim haverá melhor disposição da parte dos poderes competentes.

Sabemos que São Paulo é o Estado que possui o melhor serviço de instrução pública no Brasil, comparativamente aos outros, que, infelizmente, pouco ou nada tem feito com relação ao ensino público. Mas, se refletirmos, é fácil verificarmos que, apesar disso, ainda não se pode orgulhar de sua perfeição nesse ramo de serviço publico, não só porque o número de suas escolas é ainda muitas vezes inferior ao de crianças, que ainda se vêem tristemente condenadas ao analfabetismo e à ignorância, porque tal serviço não deixa de ressentir necessidade de um trato mais desvelado, mais carinhoso.

Invoquemos, pois, o nome de Cesário Mota, esperando que nessa contingência se levante algum espírito inspirado pelo patriotismo daquele benemérito propulsor do ensino e continue a sua grande obra de iluminação e de progresso. Assim, só assim é que poderemos ufanar da civilização desse glorioso Estado, que será justamente engrandecido e admirado pelo mundo.

E esse dia, asseveramos, não tardará muito. A demora só depende do modo como procedem ao trabalho de melhorar a instrução popular. Se o fizerem com verdadeiro devotamento e amor; se empregarem toda a abnegação e patriotismo nesse ingente tarefa; se para isso, afinal, não pouparem esforços nem sacrifícios, então, cremos sinceramente, tudo

contribuirá para abreviar o dia em que poderemos gozar os salutares frutos de uma civilização admiravelmente consolidada pela ciência e pela razão.

Há pelas cidades do Estado muitas escolas e grupos escolares, é verdade, mas o seu número é bastante insuficiente. As vilas e bairros de muitos municípios se acham ainda em piores condições, porque se possuem escolas, são quase sempre mal dirigidas e não fiscalizadas.

E a culpa de que é, pois, senão do Estado, que despendendo tanto com a instrução pública, não tem, contudo, alcançado o seu grande objetivo, visto a improficua administração desse serviço, principalmente na parte que diz respeito às municipalidades?

Se algumas há, em Piracicaba, que tratam inteligentemente da instrução do povo, muitas, todavia, negligenciam tanto e tão vergonhosamente a ponto de descurarem quase por completo, como na atualidade estamos presenciando.

E a culpa de quem é, nos insistimos, senão do Estado que, presumindo possuir boa organização de ensino publico, cuja manutenção tanto lhe pesa no orçamento, não deixa, entretanto, de precisar mais rigorosamente cuidados na aplicação de suas medidas administrativas.

Porque não cuidar melhor da causa da instrução, se é dela que depende a nossa felicidade?

Há inspetores escolares estaduais, bem o sabemos; mas isso de que nos serve se apenas os vemos fora da capital, em visita a seus distritos, quando a chamados, em casos especiais?

Oxalá as nossas palavras mereçam a devida consideração dos poderes competentes, é o que desejamos, não porque tenhamos a pretensão de fazer-lhes insinuações, mas sim porque temos em grande conta o problema da instrução pública, de cuja solução depende a verdadeira grandeza desse país.

A Doutrina Libertária e Seus Adversários¹⁶⁴

Até bem pouco tempo ainda não havia doutrina mais caluniada nem mais mal compreendida do que a conhecida e internacionalmente divulgada pelo nome de Anarquia.

Mas isso, afinal de contas, não deixa de ser bastante explicável. A sementeira no novo e fecundo ideal continha, desde seu aparecimento, a virtude irresistível de uma força de origem, natureza e fins diferentes, antagônicos, irreconciliáveis.

Daí a razão do choque entre as duas tendências, de que resultou a odiosa e terrível perseguição movida pelos representantes do governo contra o sublime ideal libertário e seus propagandistas.

Era o que fatalmente devia suceder.

E daí a razão de seus terríveis adversários se servirem de todas as armas contra a propaganda anarquista. E como perversos, que, incontestavelmente, são, acharam mais conveniente o emprego da calúnia manejada pelos seus jornalistas e literatos que, a serviço da tirania organizada, não trepidam em sacrificar a verdade, a justiça, a própria consciência e tudo quanto há de mais respeitável no homem.

Foi assim que a palavra anarquista, com o correr do tempo, ficou sendo sinônimo de malfeitor, bandido incendiário, assassino, desordeiro e tudo que há de mais horrível e perigoso.

O povo, educado nessas escolas que ensinam essas mentiras, nascido e crescido sob a influência de uma educação falseada dos sãos princípios da justiça, habitou-se finalmente a crer nos professores, nos jornalistas e literatos assalariados, e por muito tempo pensou, mesmo sem refletir, no que sempre ouviu dizer sobre a Anarquia. Mas hoje, felizmente, mais do que nunca, está sendo bem compreendida a doutrina anarquista que,

164 Acervo Pessoal s/d.

favoravelmente avança a passos acelerados para sua meta ideal, fazendo novos e verdadeiros triunfos, não só entre os trabalhadores que mais sofrem as consequências terrivelmente insuportáveis da condição social de nossos dias, mas até entre os intelectuais, em cujo número podemos incluir os respeitáveis nomes como Eliseu Reclus, Sebastião Faure, E. Malatesta, Pedro Gori, Fábio Luz, José Oiticica, Anselmo Lourenço, Luiza Michel e tantos outros que seria ocioso numerar.

Quer isso simplesmente dizer que a Anarquia vive da própria força de circunstâncias de que resultou o seu aparecimento e se sustenta, agora e sempre, acompanhando a humanidade em sua evolução porque, estribada nos princípios de justiça, tende a redimir o homem do jugo do capitalismo e do Estado. A doutrina anarquista, de certo, não precisa mais do que a substância de seus irrefragáveis argumentos para se impor às consciências proletárias e mostrar-lhe no meio da confusão de hoje o caminho da salvação, o único escapamento que as poderá por a salvo da escravidão moderna e conduzi-las para a bela, sorridente e promissora cidade feliz, que o sublime ideal oferece e cuja posse será feita em um futuro mais ou menos próximo.

É certo que a ação odiosa dos poderes constituídos pela tirania recrudesciente e pelas bárbaras repressões movidas contra a sua propaganda e seus apóstolos se tornam mais violentos, exorbitantes e terríveis, mas também, felizmente, não a menos certo que, a despeito de todas essas perseguições, de todas essas calúnias e de todas essas infâmias sofridas através dos tempos, a Anarquia se vai evidenciando a todas as vistas, cada vez mais radiante e luminosa a demonstrar-nos em sua linguagem clara, insofismável e inteligível, que a guerra de 1914, com seu incessante troar de seus mortíferos canhões e o funcionamento das monstruosas maravilhas da arte moderna, com toda sua monstruosa obra de destruição e de morte, que nos deu a prova evidentemente indiscutível de querela velha e tradicional de parte de mundo, bem como em todas as outras, as tão apregoadas conquistas da civilização presente, não passa de uma impostura, de uma mentira, de uma hipocrisia sem nome, e de que, em conclusão, esses tipos de grande destaque social, que figuram na mais alta bem como na mais baixa esfera de politicagem

e das traficâncias de diplomacia, não são nada mais nem menos do que refinados bandidos, contra os quais nós, os anarquistas, precisamos ter toda a prevenção, combatendo-os e apontando-os aos olhos do mundo como inimigos da humanidade.

E a prova aí temos, de modo tão exuberante que não deixa dúvida alguma.

A guerra européia não foi senão sua obra.

Eles fizeram a guerra e a Anarquia fez a paz.

E, no entanto, cada um dos governos se quer livrar da tremenda responsabilidade, mas nenhum, com boa razão, poderá eximir-se da culpa.

Daí o motivo porque aparecerão sucessivamente os tais livros: branco, amarelo, azul, e de todas as cores que, no fundo, não deixam de servir de libelo acusatório para quem não pode encontrar defesa na razão superior e humana, nem na justiça universal da história que no futuro, de sorte, descreverá com as cores mais negras e terríveis esses vultos que tomaram parte na montagem e encenação da horripilante tragédia e os apontará ao desespero e a execração da posteridade.

A sua defesa equivale a uma acusação.

Há neles a consciência de que merecem condenação e querem atenuar a gravidade de um crime. Mas não será com a gravidade de Pilatos que se justificarão perante o mundo que lhe pedirá conta de seus atos, porque acusa-los, para rebater os seus argumentos, enfim, para confundi-los.

Águias em disputa de presas apetecidas.

Enquanto se esperava a paz, enquanto se discutia nesse sentido, havia os interessados pela continuação da guerra, que acusavam a um e a outros pacificadores de traidores da pátria, espiões a serviço desta ou daquela nação, rejeitando todas as propostas, por último, até o Papa Beneditino V, que saiu com uma, que mais parecia fita, do que coisa séria e digna de quem se diz representar o Cristo na Terra, porque se o seu papel, de fato, traduzisse

alguma coisa verdadeira, então este não deveria ser esquecido antes ou depois do grande crime, combatendo o militarismo e a preparação para a guerra entre as nações e fazendo valer, em tempo oportuno, seu protesto.

Acordou tarde demais e se tornou ridículo em seu gesto.

Melhor procederam os anarquistas, fazendo valer o seu protesto antimilitarista, que, embora sufocado pela violência organizada em suas respectivas nações (...), desmetindo aos caluniadores do sublime ideal e de seus abnegados propagandistas que, desafiando a monstruosidade horrível da guerra, pronunciaram pela paz, em quase todas as nações, destacando-se, sobremaneira, a atitude dignificante de Sebastien Faure e seus companheiros na França, e o gesto, heróico, admirável e sublime de Libhnechet, deputado socialista revolucionário alemão, que, dentro do parlamento de sua própria nação, soube mostrar-se com aprumo, sem transgredir suas convicções, protestando contra as declarações da guerra, condenando os militaristas das nações e afirmando bem alto e em bom som os soberanos princípios da justiça que caracterizam os atos dos verdadeiros apóstolos.

A prova foi terrível e não há dúvida, mas teve um valor imenso, que ninguém poderá contestar: serviu para desmascarar a perversidade e a hipocrisia da humanidade que, em todas as nações se arvoram em guias e defensores dos povos, fazendo com agora, as suas patifarias e as suas infames intenções ficassem tão perfeitamente demonstradas que já não pudéssemos crer de modo algum nas suas proclamadas virtudes, nem na fanfarrona e esfarrapada moral de seus inseparáveis comparsas que são todos os altos representantes das autoridades políticas e religiosas, contra as quais a Anarquia se insurge em nome da Justiça, da Razão, da Liberdade e da Solidariedade humana!

E agora, diante dos crimes da guerra Européia, poderá ainda haver alguém que se atreva de chamar os anarquistas de pretroleiros e assassinos perigosos!...

Poderá ser que sim!

Mas para isso é necessário que provem o seguinte:

a) Quem são os responsáveis pela guerra que arruinou e devastou a Europa?

b) Quem a fomentou e a sustentou impedindo as tentativas de paz?

c) Qual a seita religiosa, filosófica ou política que protestou contra a conflagração?

d) Quem são os que atentaram contra os direitos das nações e da humanidade, levando uns contra os outros, em guerras terríveis, os que se matam, os que roubam, que destroem cidades e desrespeitam famílias?

e) A quem pertence as casernas, os exércitos, as usinas bélicas, as armas, as maquinarias de guerra, os explosivos, enfim, todos os materiais aplicados para a obra de destruição e de morte?

f) Quem são os que se lançaram pelo ar em aeroplanos a despejar toneladas de explosivos sobre cidades indefesas, matando a torto e a direito os seus habitantes, entre os quais mulheres e crianças?

g) Quem fez coalhar de navios de guerra a superfície vastíssima dos mares e oceanos e lhes propagou nas profundezas das águas as covardes ciladas, por meio de submarinos e torpedos, afim de destruir navios mercantes e de passageiros?

h) Quem são os propagandistas do militarismo, que pretende transformar as cinco partes do mundo em uma formidável selva de baionetas, onde só pudessem medrar os frutos da perversidade e os vícios oriundos das casernas?

Serão capazes de responder com exatidão, as estes quesitos, os adversários da Anarquia?

Todavia, se o forem poderão também, sem agrave, receber, devolvidos, os injuriosos epítetos, com que por tanto tempo insistiram de

presentear os sublimes propagandistas do sublime ideal que hoje, já não podem ser atingidos pela calúnia.

Mas, embora se calem, desafiamos ainda que digam em público a quem cabe a tremenda responsabilidade dos delitos praticados na guerra e, por nossa parte, afirmamos, sem medo de errarmos, que ela deve recair, primeiramente, aos falsos representantes do cristianismo, e depois, aos traficantes da diplomacia, aos membros do governo, mas nunca a Anarquia, que proclamada e reconhecida como doutrina eminentemente revolucionária, acabou de dar, depois da guerra européia, a prova mais incontestável, também é só quando é preciso que os anarquistas sabem manifestar a força de seu espírito conservador, que se baseia na razão de sua própria existência e nunca em oculto e mesquinhos interesses, nem em estúpidos e condenáveis convencionalismos sociais.

Foi assim que o anarquismo só soube fugir ao medonho turbilhão da guerra levantada pelos grandes interesses dos senhores das finanças da Europa, mas até protestou com toda força de que dispunha contra a destruição de milhões de preciosas e estimáveis vidas sacrificadas estupidamente para a honra e glória do Molok sanguisedento e terrível que se chama militarismo, e que ainda existe, apenas pelo motivo de oferecer garantia, segurança e permanência à exploração exercida pelas classes improdutivas e parasitárias representadas pela burguesia.

E é assim que os anarquistas, hoje e no futuro, poderão demonstrar com fatos que o anarquismo é a única força que defende, protege, ampara e respeita a causa da justiça, em busca do ideal de amor, de paz e de felicidade, que se realizará na Terra, transformando-a num paraíso, em que sem fronteiras para separar as nações umas das outras e sem exercito para garantir as suas linhas divisórias, sem escravos nem amos, sem déspotas nem governos, nem autoridade nem chefes, o homem será livre sobre a terra livre.

Aí fica o desmentido.

Agora, em resumo, historiamos a gravidade da culpa que, como já ficou dito, cai em maior parte aos tais guias espirituais, cujas nações se acham em guerra.

Antes de tudo, digamos que não queremos ser injustos, porque como anarquistas prestamos culto à justiça.

O cristianismo, ou melhor, os que monopolizam a doutrina cristã, o papa, os cardeais, o bispo, os ministros protestantes, todos os pregadores dessas doutrinas jamais deviam se esquecer de que, segundo o próprio evangelho, é preciso a gente dar a César o que é de César.

Então não poderemos apenas dizer que é o Estado o único culpado do conflito europeu, mas precisamos descobrir seus comparsas, examinar a força, a velhacaria, a astúcia, e o poder de cada um deles em relação à grande massa humana, e depois, fazendo um juízo bem imparcial, dizer qual dos dois merece condenação.

Ora, é assim que procedemos.

Portanto, feito o nosso juízo, apontamos o cristianismo, ou melhor, tais pregadores dessa doutrina, como sendo os maiores culpados desse monstruoso crime.

E isto se explica.

Onde é e em que livro se acharia esta respeitável sentença: - não matarás!

E esta outra, não menos respeitável, em seu grande conceito moral: - Amai-vos uns aos outros, como irmãos.

Não é no evangelho?

E essas sentenças não estão em contradição com o militarismo?

Sim, e por isso a maior culpa deve pesar sobre os modernos fariseus, que desde o papa até o mais humilde representante da religião cristã, deveria, antes de tudo, respeitar às supracitadas máximas, cuja moral admiramos.

CRONOLOGIA
1762 - Jean-Jacques Rousseau escreve Emílio e Contrato Social.
1778 – Morre Jean Jacques Rousseau.
1789 – Revolução Francesa – O pensamento anarquista moderno teve origem no século XVIII, com as revoluções Francesa e Americana. O termo anarquista surgiu durante a Revolução Francesa, como um adjetivo pejorativo. O primeiro a tomar para si a designação de anarquista foi Proudhon. Inconfidência Mineira, Morte de Tiradentes.
1822 - D. Pedro declara a Independência do Brasil, tornando-se o primeiro Imperador do Brasil com o título de D. Pedro I.
1824 - A Constituição, outorgada pela Assembleia Constituinte, dizia, no seu artigo 179, que a instrução primária era gratuita a todos os cidadãos.
1827 - Uma Lei Geral, de 15 de outubro, dispõe sobre as escolas de primeiras letras, fixando-lhes o currículo e institui o ensino primário para o sexo feminino.
1829 - O Professor Louis Braille, cego desde os três anos, cria um sistema de leitura para cegos, em Paris.
1830 – em julho de 1830 a bandeira preta flutuou pela primeira vez num edifício público: a Câmara Municipal de Paris. Pouco depois, os pedreiros de Reims inscreveram nas pregas da bandeira negra os dizeres: “Trabalho ou Morte”.
1831 - D. Pedro I abdica em favor de seu filho D. Pedro II, então com oito anos.
1834 - O Ato Adicional da reforma constitucional dizia que a educação primária e secundária ficaria a cargo das províncias, restando a administração nacional o ensino superior. Revolta da Cabanagem, no Pará.
1836 – Falecimento de William Godwin (1756-1836), considerado um dos precursores do anarquismo. Escreveu contra a educação oficial.

1840 - Aos 14 anos de idade D. Pedro II torna-se Imperador do Brasil.
1846 - A primeira Escola Normal de São Paulo foi criada pela lei nº 34, de 16 de março de 1846, a primeira lei de instrução primária da Província de São Paulo.
1847 a 1920 – Imprensa Operária contou com a publicação de 341 jornais.
1848 - Karl Marx e Friedrich Engels publicam o Manifesto do Partido Comunista.
1850 - A Lei Eusébio de Queiroz acaba com o tráfico de escravos.
1854 - O Decreto 1331A, de 17 de fevereiro, reforma os ensinos primário e secundário, exigindo professores credenciados e a volta da fiscalização oficial; cria a Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária.
1856 – Falecimento de Max Stirner (1806-1856) - “La Liberté, rien que la Liberté, toute la Liberté”. Alemão, Stirner escreveu também sobre educação e como ela poderia ser utilizada como um instrumento de cerceamento da liberdade. Considerado por muitos um anarquista individualista.
1864 – I Internacional, Genebra.
1861 – Tem início a experiência de Paul Robin no Orfanato Cempuis. El L’ Orphelinat de Cempuis. Professor de 1861 a 1864. Experiência de Educação integral e Libertária.
1864 - É criada a I Internacional dos Trabalhadores, dirigida por Karl Marx.
1865 – Falecimento de Pierre Joseph Proudhon (1809-1965).
1870 - Tem início a imigração italiana. É criada a primeira escola confessional protestante, a Escola Americana, escola primária de cunho presbiteriano.
1871 - Comuna de Paris, dura 72 dias. A Lei do Ventre Livre liberta os filhos de escravos.

1872 – Congresso de Haia – Realizado em setembro de 1872. Resultou na expulsão de Bakunin e seus seguidores. O Brasil contava com uma população de 10 milhões de habitantes e apenas 150.000 alunos matriculados em escolas primárias. O índice de analfabetismo era de 66,4%.
1873 - Com o objetivo de estimular o desenvolvimento dos estudos secundários nas províncias e de facilitar aos candidatos das províncias o acesso aos cursos superiores, o Ministro João Alfredo Correia de Oliveira instalou nas capitais das províncias do Império bancas de exames gerais preparatórios.
1874 – É criada a Escola Politécnica.
1876 – Falecimento de Bakunine (1814-1876), importante revolucionário anarquista russo.
1878 - O Conselheiro Leôncio de Carvalho realiza uma reforma do ensino que permitia <i>"a cada um expor livremente suas idéias e ensinar as doutrinas que acredite verdadeiras, pelos métodos que julgue melhores"</i> . Além disso manteve as matrículas avulsas e introduziu a frequência livre e os exames vagos no Externato do Colégio Pedro II.
1879 - O Senador Oliveira Junqueira dizia: <i>"certas matérias, talvez, não sejam convenientes para o pobre; o menino pobre deve ter noções muito simples"</i> .
1880 - Surge a primeira escola normal da Capital do Império, mantida e administrada pelos Poderes Públicos.
1883 – Louise Michel em sinal de luto por todos os Comunards assassinados sugere e é adotada a bandeira negra pelos anarquistas.
1884 - É criada a Escola Neutralidade, escola primária de cunho positivista. A África é dividida pelas potências européias na Conferência de Berlim.
1885 – Publicação de Palavras de um Revoltado de Kropotkin. A Lei Saraiva-Cotegipe ou a Lei dos Sexagenários torna livres os escravos com mais de 60

anos.
1886 – Data que marca as comemorações do 1º de Maio. Mártires de Chicago. Na luta pelas oito horas de trabalho, nos E.U.A., a Polícia Montada reprimiu violentamente um comício anarquista, levando a morte mais de 100 pessoas. A polícia também invadiu a casa de 8 operários que foram condenados a morrer na forca.
1887 – Obra do médico oftalmologista polaco Luis Lázar Zamenhof, o Esperanto foi divulgado numa brochura, no ano de 1887, com o título “Língua Internacional”, e assinada com o pseudônimo “Dr. Esperanto”, nome mais adiante usado para “batizar” o idioma revolucionário. Kropotkin, Reclus e Tolstoi foram alguns dos anarquistas que apoiaram a divulgação do Esperanto.
1888 – Libertação dos Escravos no Brasil, Lei Áurea. Publicação de A Conquista do Pão, de Kropotkin.
1889 - O Marechal Deodoro da Fonseca proclama a República. D. Pedro II e sua família embarcam para a Europa. Os alunos matriculados nas escolas correspondem a 12% da população em idade escolar.
1890 – Giovani Rossi (engenheiro Agrônomo) e seus companheiros saíram da Itália no navio “Cidade de Roma” rumo ao Brasil, no dia 20 de fevereiro de 1890. O Decreto 510, do Governo Provisório da República, diz, em seu artigo 62, item 5º, que <i>"o ensino será leigo e livre em todos os graus e gratuito no primário"</i> . O índice de analfabetismo no Brasil é de 67,2%.
1891 - É promulgada a primeira Constituição da República. A Assembléia Constituinte elege o Marechal Deodoro da Fonseca Presidente e o Marechal Floriano Peixoto, Vice-Presidente. O Marechal Deodoro da Fonseca renuncia a Presidência e assume seu Vice Marechal Floriano Peixoto. A Constituição estipula o ensino leigo nas escolas públicas, em oposição ao ensino religioso. É Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos João Barbalho Uchoa Cavalcanti. No Governo de Floriano Peixoto são Ministros da Instrução

Pública, Correios e Telégrafos: José Higino Duarte Pereira (interino) e Fernando Lobo Leite Pereira.
1892 - É extinto o Ministério da Instrução e a educação passou a constituir uma diretoria do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, sendo Ministros Inocêncio Serzedelo Correia (interino) e Alexandre Cassiano do Nascimento.
1893 - O beato Antonio Conselheiro funda, no sertão da Bahia, o Arraial de Canudos. O registro da presença anarquista em São Paulo e no Rio de Janeiro data de 1893. Nesse ano, o jornal Correio Paulistano – órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP) – publicou nos meses de julho e agosto uma série de quatro reportagens intitulada <i>Imigrantes Anarquistas</i> . As matérias jornalísticas tinham como objetivo informar o público e alertar as autoridades para a presença desses indivíduos por elas considerados “chefes e partidários dessa terrível seita destruidora... que têm buscado penetrar nesta grande e hospitaleira terra que se chama o Estado de São Paulo, usufruindo as vantagens que os nossos cofres públicos lhes dão, tais como transporte gratuito das suas pessoas e bagagens e o seu primeiro estabelecimento na capital, até que lhes apareçam as ambicionadas colocações, para no fim das contas virem implantar a desordem e uma luta fratricida, incompatíveis com a abundância e a excelência dos nossos recursos de vida.” ¹⁶⁵ Também data de 1893 o primeiro registro policial sobre a atuação dos libertários em solo paulistano. Decreto presidencial no. 1.566 de 13 de outubro de 1893 regulamentava “a entrada de estrangeiros ao território nacional e sua expulsão durante o estado de sítio”.
1894 - O paulista Prudente de Moraes assume a Presidência da República.
1895 - É Criado o Museu Paulista. É criada a Escola de Engenharia do Mackenzie College, em São Paulo. É fundada a Academia Brasileira de Letras por Machado de Assis.
1897 - Morre Antonio Conselheiro e Canudos, no sertão da Bahia, é

165 Correio Paulistano, 30 de julho de 1893, p.1. In Revista Verve, “O Espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil”. Citado em Artigo de Cristina Roquette Lopreato.

totalmente destruída.
1898 - O paulista Campos Sales é o presidente da República.
1901 – Fundação da Escola Moderna de Barcelona, sob a direção de Francisco Ferrer i Guardia. Morre Fernand Pelloutier (1867-1901). Fundação de A Lanterna em 7 de março. Essa fase dura até 29 de fevereiro de 1904 sob a direção de Benjamin Motta.
1902 - São criadas, em São Paulo, as Escolas de Comércio Álvares Penteado e do Mackenzie College.. Cuba conquista sua independência da Espanha e cai num colonialismo imperialista dos Estados Unidos.
1903 – Falecimento de Herbert Spencer, filósofo inglês, considerado um dos maiores sociólogos do século XIX, os libertários o consideram um apóstolo no anarquismo, por suas idéias.
1904 – Tem início a experiência de Sebastien Faure de implementação de uma educação libertária. La Ruche de Sebastien Faure: L'éducation libertaire, partie integrante de la révolution libertaire. 1904 a 1917. Apresenta o conceito de educação permanente. Aparece em São Paulo o jornal La Bataglia (A Batalha), porta voz dos anarquistas italianos no Brasil. O jornal acabou em 1913. Oreste Ristori e Gigi Damiani foram os principais redatores.
1905 – Falecimento de Louise Michel 1830-1905. Durante o cerco de Paris (1870-1871) trabalha pela união das mulheres pela defesa e pelos cuidados aos feridos; anima reuniões públicas; participa dos movimentos que se esforçam para abater o governo. Professora, anarquista, conferencista, jornalista, escritora, poetisa e revolucionária. Ao seu funeral compareceram cerca de 200 mil pessoas em Paris. Em 1905 já havia cerca de 150 escolas modernas na Espanha, além de se espalhar pelo mundo (Portugal, França, Chile, Brasil entre outros). Falecimento de Élisée Reclus (1830-1905), foi geógrafo e anarquista. 1º Congresso, na França, em que se consolida a idéia da língua universal (Esperanto), que demonstrou sua neutralidade linguística e sentido humanístico. A Importância do Esperanto foi exaltada nos

Congressos Operários, no Brasil e no mundo.
1906 – A Escola Moderna de Barcelona é fechada. É criada a Liga Internacional para a Instrução da Infância. 1906 - 1º Congresso Operário Brasileiro no Centro Galego no Rio de Janeiro, de 15 a 20 de abril de 1906. Escola Eliseu Reclus em Porto Alegre. Escola Germinal no Ceará. Escola da União Operária de França.
1907 – Primeira versão da lei “Adolfo Gordo”. Decreto 1641 de 8 de janeiro de 1907, regulamentava a expulsão, de parte ou de todo o território nacional, de estrangeiros que comprometessem a segurança nacional, com execução dos casados com brasileiras, dos viúvos com filhos brasileiros e dos moradores que residiam há mais de dois anos ininterruptos no Brasil.
1908 – Com o objetivo de ampliar o movimento pela educação racionalista foi fundada a Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância, que constituiu-se como um Comitê Internacional de Inicialização e Direção, sob a presidência de Francisco Ferrer, e tendo na presidência de honra Anatole France. Em Campinas, por iniciativa da Liga Operária, foi fundada uma escola livre em 1908. De 1908 a 1915, a COB publica “A Voz do Trabalhador”, difundindo idéias libertárias, anunciando livros, encontros, espetáculos, implantação de escolas modernas, greves e outras atividades nacionais e internacionais.
1909 – 13 de outubro de 1909: Fuzilamento de Francisco Ferrer i Guardia. Francisco Ferrer – 1859-1909 El L'Ecole Moderne. Segunda fase de A Lanterna, 17 de outubro de 1909 a 19 de novembro de 1916, sob a direção de Edgard Leuenroth.
1910 – Tem início a Revolução Mexicana, liderada pelos camponeses Pancho Villa e Emiliano Zapata. A sigla C.N.T. (Confederação Nacional do Trabalho) organismo anarcosindicalista espanhol, nasceu no ano de 1910 em Barcelona. Falecimento de Leon Tolstói, escritor russo e fundador da Escola de Iasnaia Poliana. Considerado por muitos libertários, um anarquista cristão.

1911 – Escola da Liga Operária de Sorocaba.
1912 – Falecimento de Paul Robin (1837-1912). É fundada em São Paulo a Escola Moderna No. 1, no Belenzinho; 1912 - Campanha contra o clero no caso Idalina, Rodolfo Felipe é preso. Escola Operária 1º de Maio em Vila Isabel, Rio de Janeiro. Florentino de Carvalho, militante anarquista de origem espanhola, engrossou a leva de expulsões de 1912, em manifesto divulgado no seu país de origem, afirmou que a lei de expulsão prejudicava também aqueles que a defenderam: “a lei de expulsão e a deportação de muitos companheiros estão sendo a ruína de muitos capitalistas e a desmoralização de muitos governantes. Se os fazendeiros quiserem fazer a colheita de café terão eles mesmos de arregaçar as mangas e substituir os colonos”. ¹⁶⁶
1913 – 2º. Congresso Operário Brasileiro. As exceções da Lei Adolfo Gordo foram revogadas em 1913, gerando protestos e campanhas contra a imigração da Europa para o Brasil por parte da COB e pelos próprios trabalhadores expulsos (como Neno Vasco). Escola Moderna em Petrópolis.
1914 – Tem início a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Falecimento de Anselmo Lorenzo (1841-1914). Fez parte do núcleo organizador da Internacional. Traduziu obras clássicas para Francisco Ferrer, obras que integraram a biblioteca da Escola Moderna de Barcelona. Em 1910 aderiu ao movimento da C.N.T. Escreveu e colaborou em diversos jornais anarquistas. É fundado o Centro de Estudos Sociais por José Oiticica e Fábio Luz.
1915 - Congresso Internacional da Paz – Rio de Janeiro(1915, de 14 a 16 outubro)
1917 – Greve Geral em São Paulo. A Greve Geral de 1917 começa em julho e chega a paralisar as atividades industriais, comerciais, de transporte e de lazer. A partir de 13 de setembro de 1917, forças policiais se espalharam pela cidade. Vários trabalhadores foram presos e considerados elementos subversivos. Nove militantes anarquistas foram embarcados clandestinamente

166 IBID.

no porão do navio Curvello rumo ao degredo. Artigo 30 da lei 1579, de 10 de dezembro de 1917, fixava as normas gerais para o estabelecimento de ensino particular. Artigo usado por Oscar Thompson para fechamento das escolas modernas em São Paulo. Começa a circular A Plebe, o jornal anarquista de maior duração no Brasil, com algumas interrupções, sobreviveu mais de três décadas. Tem início a Revolução Russa que destitui o Czar Nicolau II, vindo a assumir o poder os bolcheviques, sob a liderança de Lênin.

1918 – Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro. Deflagrado em novembro de 1918, no qual militantes anarquistas, inspirados na experiência da Revolução Russa de 1917, procuraram conquistas, sem sucesso, a adesão dos soldados dos escalões inferiores ao movimento.

1919 – Greve Geral em São Paulo. Fundação de um Partido Comunista com tendências libertárias. Deportações de militantes anarquistas, governo Epitácio Pessoa. Maria Lacerda de Moura publica *Renovação*. Maria Lacerda de Moura publica *Por que vence o Porvir* – conferência. Explosão de uma casa na rua João Boemer que provocou a morte de quatro militantes anarquistas no momento em que manipulavam materiais explosivos. Entre os mortos estava o diretor da Escola Moderna de São Caetano, José Alves. Fechamento das Escolas Modernas em São Paulo. (São Caetano, Brás e Belém). Empastelado o jornal anarco-sindicalista A Plebe. O ataque tem participação ostensiva dos órgãos de repressão. O Presidente do Brasil é o paraibano Epitácio Pessoa, eleito em 1919.

1920 – Falecimento de Neno Vasco (1878-1920) advogado, jornalista, dramaturgo, escritor, anarquista, emigrou para o Brasil em 1901, onde residia seu pai. Foi redator do jornal “O Amigo do Povo” e também da revista “Aurora”. João Penteado redigiu o necrológico de Neno Vasco, publicado na imprensa libertária ; Greve em Santos –grande repercussão. João Penteado reabre a escola, agora com o nome de Escola Nova. 3º. Congresso Operário Brasileiro. João Penteado reabre a escola com o nome de Escola Nova. 1920 a 1927 – Campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti. Processo de prisão, julgamento e condenação dos libertários italianos. O governo Epitácio Pessoa

reage contra o movimento anarquista apreendendo os jornais A Plebe e Spartacus. Os estrangeiros representavam 51% dos trabalhadores industriais de São Paulo e 35% do Rio de Janeiro. Sampaio Dória realiza em São Paulo uma reforma tentando reconduzir a educação para novos métodos de ensino. O percentual de analfabetos no país referente a todas as idades é de 75% e na população de 15 anos e mais é de 65%.

1921 – Falecimento de Pierre Kropotkine 1842 – 1921 – geógrafo, historiador, antropólogo, sociólogo, jornalista e escritor. Aprovado o Decreto no. 4247, que regulamentava a expulsão de estrangeiros que estivessem no país há mais de cinco anos, e que fossem considerados nocivos à ordem social. Este fato ficou conhecido como a segunda Lei Adolfo Gordo, que além da expulsão, impunha condições para a entrada de estrangeiros no território Nacional. O Decreto no. 4269 considerava crime qualquer manifestação que incentivasse a população a subverter a ordem da sociedade. É fundada na Inglaterra por Alexander Sutherland Neil, a escola Summerhill. A educadora italiana Maria Montessori edita o "*Manual da Pedagogia Científica*".

1922 – Semana de Arte Moderna. Fundação do Partido Comunista. Tem início o governo Arthur Bernardes, é intensa a repressão aos anarquistas. (1922-1926). Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. O fascismo é implantado na Itália em fins de 1922, por Benito Mussolini. O educador Carneiro Leão inicia uma reforma educacional no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O capitão Luiz Carlos Prestes inicia a marcha da chamada Coluna Prestes. O mineiro Artur Bernardes é eleito Presidente da República e governa sob *Estado de Sítio*. Benito Mussolini fecha as escolas montessorianas na Itália. Depois de um protesto público por sua atitude determina a reabertura das escolas, mas impõe-se Presidente Honorário da "*Opera Montessori*". Benito Mussolini ordena a "*Marcha sobre Roma*", ocupando a capital com quinhentos mil milicianos fascistas, designando-se Primeiro-Ministro. A Rússia torna-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

1923 – Aprovada a censura à imprensa através da Lei Adolfo Gordo. 1923 – Maria Lacerda de Moura publica *A mulher moderna e o seu papel na*

sociedade atual e na formação da civilização futura – conferência 1923. O educador Lourenço Filho inicia um movimento de renovação educacional com a reforma realizada no Estado do Ceará.

1924 - Maria Lacerda de Moura publica *A mulher é uma degenerada?*; Revolta Paulista. (Revolução de 1924). Levante militar na cidade de São Paulo contra as oligarquias que comandam o país. Os rebeldes querem o voto secreto, a descentralização do poder, moralização e independência do Legislativo, obrigatoriedade do ensino primário e profissional. É criada a Associação Brasileira de Educação - ABE, por Heitor Lira, Antonio Carneiro Leão, Venâncio Filho, Everardo Backeuser, Edgard Süsskind de Mendonça, Delgado de Carvalho, entre outros. - Contando com o apoio da Força Pública Estadual, eclode em São Paulo a Revolução Paulista que conspirava contra o governo de Artur Bernardes. Morre Lenin, gerando uma disputa de poder na União Soviética vencida por Josef Stálin. Criação do DOPS, Departamento de Ordem Política e Social. Polícia especializada e investigativa, voltada para o controle de crime político e crime social. A Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS-SP) foi instituída através da Lei Estadual No. 2034 de 30 de dezembro de 1924.

1925 – Coluna Prestes (1925 a 1927). O Partido Comunista do Brasil lança o jornal "A Classe Operária". Maria Lacerda de Moura publica *Lições de Pedagogia*. O educador Anísio Teixeira realiza uma reforma educacional no estado da Bahia, através da Lei 1.846. Através da Reforma Rocha Vaz é introduzida a cadeira de Instrução Moral e Cívica, como forma de combater o protesto estudantil contra o governo de Artur Bernardes.

1926 – Maria Lacerda de Moura publica *Religião do Amor e da Beleza*. Criação de um Comitê de Agitação Pró-Liberdade de Sacco e Vanzetti. Lista de anarquistas de 1926. Fernando de Azevedo dirige um inquérito sobre a educação pública no Estado de São Paulo. Nascido no Estado do Rio de Janeiro e tendo levado a efeito sua carreira política em São Paulo é eleito Presidente da República Washington Luiz.

1927 – O Partido Comunista é reconhecido (janeiro) e logo depois (agosto) é declarado ilegal. Morte de Sacco e Vanzetti. O educador Francisco Campos realiza no Estado de Minas Gerais uma reforma educacional. Realiza-se a primeira das Conferências Nacionais de Educação, em Curitiba, organizada pela Associação Brasileira de Educação - ABE. O Presidente Washington Luiz promulga a chamada "*Lei Celerada*", que permite a repressão a atividades políticas e sindicais operárias (censurava a imprensa e restringia o direito de reunião da população). O Partido Comunista Brasileiro é declarado ilegal.

1928 - Fernando de Azevedo realiza uma reforma educacional na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e Carneiro Leão, em Pernambuco. Surge o Partido Fascista Brasileiro.

1929 – A produção cafeeira no Brasil sofre um duro abalo, com o excesso de encalhe do produto, em função da crise financeira internacional. Para contrapor a "*política do café com leite*" dos Partidos Republicanos Mineiro e Paulista, que alternavam o poder desde 1894, é fundada a Aliança Liberal, lançando o líder do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, como candidato à Presidência. Crise econômica. Quebra da Bolsa de Nova Iorque.

1930 – Revolução de 1930. Interpretada como a revolução que pôs fim ao predomínio das oligarquias no cenário político brasileiro. O gaúcho Getúlio Vargas assume o poder como Presidente Provisório, dissolve o Congresso e governa sem seguir a Constituição até 1934. Na década de 30 as atividades libertárias foram centradas na Federação Operária de São Paulo (FOSP) reorganizada em 1931 e no Centro de Cultura Social, fundado em janeiro de 1933. É criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, através do Decreto 19.402, tendo como Ministros no Governo Getúlio Vargas: Francisco Luiz da Silva Campos, Belizário Augusto de Oliveira Pena, Washington Ferreira Pires e Gustavo Capanema. O educador Lourenço Filho publica "*Introdução ao Estudo da Escola Nova*". O educador Fernando de Azevedo cria a Biblioteca Pedagógica Brasileira. Os alunos matriculados nas escolas correspondem a 30% da população em idade escolar. Os anarquistas não saem de cena nos anos 30. Apesar de a historiografia brasileira pouco apresentar a atuação da

militância nesse período suas expressões mais marcantes foram a atuação sindical e a luta antifascista.¹⁶⁷

1931 – Maria Lacerda de Moura publica *O Clero e o Estado*; Maria Lacerda de Moura publica *Civilização o tronco de escravos*. O governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "*Reforma Francisco Campos*": O Decreto 19.850, de 11 de abril, cria o Conselho Nacional de Educação. O Decreto 19.851, de 11 de abril, institui o Estatuto das Universidades Brasileiras que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário. O Decreto 19.852, de 11 de abril, dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. O Decreto 19.890, de 18 de abril, dispõe sobre a organização do ensino secundário. O Decreto 20.158, de 30 de julho, organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências. O Decreto 21.241, de 14 de abril, consolida as disposições sobre o ensino secundário.

1932 – Um grupo de educadores lança à nação o "*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*", redigido por Fernando de Azevedo. O Decreto 21.241, de 4 de abril, consolida a reforma do ensino secundário, visando, segundo Francisco Campos, "*a formação do homem para todos os grandes setores da atividade nacional*". Este Decreto resultou na implantação de um currículo enciclopédico. Falecimento de Malatesta. Errico Malatesta (1853-1932) era amigo de Bakunin e fundador de diversas revistas anarquistas italianas. Lutou contra Mussolini. Até a sua morte foi constantemente vigiado pelos fascistas. Eclode em São Paulo a Revolução Constitucionalista, protestando contra o fato do Presidente Getúlio Vargas governar sem uma Constituição. O movimento foi logo debelado pelo governo. É criada por Plínio Salgado a Ação Integralista Brasileira, sob o lema "*Deus, pátria e família*". Após difícil luta, as mulheres ganham o direito ao voto no Brasil.

1933 – Fundação do Centro de Cultura Social; Maria Lacerda de Moura

167 Ver SILVA, Rodrigo Rosa. Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945). Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2005.

publica *Han Ryner e o Amor Plural*; Maria Lacerda de Moura publica *Serviço militar obrigatório para a mulher*. 3ª. Fase de A Lanterna, 13 de julho de 1933, tendo como diretor Edgard Leuenroth. O Diretor Geral de Instrução do Estado de São Paulo institui o Código de Educação do Estado, dando nova orientação à educação rural e reformando o aparelhamento escolar.

1934 – Maria Lacerda de Moura publica *Ferrer o clero romano e a educação laica*. Os anarquistas combatem os integralistas na Praça da Sé, em 7 de outubro de 1934. Organizado o Ateneu de Estudos Científicos e Sociais. Editada a Enciclopédia Anarquista, por Sebastien Faure. Falecimento de Nestor Maknó, camponês russo. Sucedendo a Lei de Organização do Governo Provisório, vigente desde 1930, foi promulgada pela Assembléia Constituinte uma nova Constituição brasileira (a terceira do Brasil e a segunda da República), de cunho liberal e muito influenciada pela Constituição alemã. Esta Constituição recebeu o apelido de "*polaca*". Através da nova Constituição foi instituído o Salário Mínimo. O gaúcho Getúlio Vargas foi eleito Presidente pelo Congresso. A nova Constituição dispõe, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos.

- Passa a funcionar o Conselho Nacional de Educação - CNE e os Conselhos Estaduais de Educação - CEEs. Por iniciativa do governador Armando Salles Oliveira foi criada a Universidade de São Paulo. A primeira a ser criada e organizada segundo as normas do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931. Fundação da Liga Anticlerical de Campinas. Em 1935 a Liga é fechada pelas autoridades, que viam nela um instrumento subversivo.

1935 – Lei no. 38 de abril de 1935, conhecida como Lei de Segurança Nacional, as organizações anarquistas foram fechadas. Falecimento de Luigi Fabbri, anarquista italiano. O Secretário de Educação do Distrito Federal, Anísio Teixeira, cria a Universidade do Distrito Federal, com uma Faculdade de Educação na qual se situava o Instituto de Educação. O educador Célestin Freinet abre sua escola na cidade de Vence, na França.

1936 - Os poderes públicos mantêm e controlam 73,3% das escolas do país.

- Vinte e quatro por cento das escolas particulares não obedecem aos padrões

oficiais de ensino. Jean Piaget inicia suas célebres observações sobre seus próprios filhos e publica "*O nascimento da inteligência na criança*". Neste mesmo ano recebe o título de "*Doutor Honoris Causa*" pela Universidade de Harvard. Uma vez por semana dá aulas de Psicologia Experimental na Universidade de Lausanne.

1936-1939 - Revolução Espanhola – A Espanha Libertária. A experiência anarquista na Espanha passou a servir de modelo para os libertários atuantes em São Paulo. O tema da Revolução na Espanha ganha espaço nas conferências e debates promovidos nas sedes das associações operárias, sindicatos e federações. A polícia por outro lado, tinha receio de que as idéias anarquistas associadas à Revolução Espanhola incitassem os operários brasileiros contra o Governo Vargas. É assassinado Boaventura Derruti, anarquista espanhol. Nasceu em 1898 e foi assassinado em 1936, no começo da Revolução Espanhola.

1937 – Falecimento de Martins Fonres (1884 1937). Médico, conferencista, escritor, poeta e anarquista. Em seus poemas registrou com entusiasmo os nomes de Elisee Reclus, Louise Michel e Kropotkin; Maria Lacerda de Moura publica *Amai-vos e não vos multipliquei*. Golpe do Estado Novo, desaparecem os jornais libertários e o Centro de Cultura Social é fechado, voltando a funcionar apenas após 1945. Ernesto Gattai foi acusado de colaborar com o Partido Comunista Brasileiro. Ernesto Gattai era anarquista, mas as autoridades confundiam anarquismo e comunismo. Entra em vigor a Constituição redigida por Francisco Campos, extinguindo os partidos políticos e dando ao Presidente controle sobre o Legislativo e o Judiciário. Estava instituído o Estado Novo. A nova Constituição enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional. Retira de seu texto que "*a educação é direito de todos*". É criado o Instituto Nacional do Cinema Educativo e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fernando de Azevedo publica "*A Educação Pública no Estado de São Paulo*", baseado no inquérito dirigido por ele no ano de 1926.

1938 – Falecimento de Fábio Luz, médico, professor, escritor, jornalista e

<p>anarquista. É criada a União Nacional dos Estudantes - UNE. É criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Liderados por Plínio Salgado, os integralistas tentam matar o Presidente Getúlio Vargas, tomando de assalto o Palácio Guanabara. A guarda do Palácio, juntamente com o Presidente e sua família reagiram, frustrando a Revolta Integralista.</p> <p>· Lampião e Maria Bonita são mortos em Anjicos, no estado de Sergipe.</p>
<p>1939 a 1945 formação da Nossa Chácara – Itaim estado de são paulo foi vendida e comprou-se um sítio 1965. Em 1939 morre o francês Jean Grave, operário sapateiro, anarquista (1854-1939). O seu livro “Las Aventuras del Nono”, fazia parte dos livros adotados pela Escola Moderna de Barcelona, de Francisco Ferrer.</p>
<p>1940 - É criado o Departamento Nacional da Criança, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde. Em função da II Guerra é preso na França o educador francês Célestin Freinet e na Índia, onde se encontrava trabalhando, é presa a educadora italiana Maria Montessori, juntamente com seu filho Mario. Leon Trotsky, um dos líderes da Revolução Russa de 1917, é assassinado no México, por um golpe de machado, desferido por Ramón Mercader, a mando de Stálin. Falecimento de Emma Goldman, anarquista russa. Imigra para os E.U.A. em 1886.</p>
<p>1939-1945 – Segunda Guerra Mundial.</p>
<p>1941 - É criado o Serviço de Assistência a Menores - SAM, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, para atender as crianças desassistidas.</p>
<p>1942 - É decretada a reforma do ensino relativa ao ensino secundário, conhecida como Reforma Capanema: O Decreto-lei 4.048, de 22 de janeiro, cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. O Decreto-lei 4.073, de 30 de janeiro, regulamenta o ensino industrial. O Decreto-lei 4.244, de 9 de abril, regulamenta o ensino secundário. O Decreto-lei 4.481, de 16 de julho, dispõe sobre a obrigatoriedade dos estabelecimentos industriais empregarem um total de 8% correspondente ao número de operários e</p>

matriculá-los nas escolas do SENAI. O Decreto-lei 4.436, de 7 de novembro, amplia o âmbito do SENAI, atingindo também o setor de transportes, das comunicações e da pesca. O Decreto-lei 4.984, de 21 de novembro, compele que as empresas oficiais com mais de cem empregados a manter, por conta própria, uma escola de aprendizagem destinada à formação profissional de seus aprendizes.

1943 – Falecimento de Adolfo Godfroy de Abreu Lima. Adolfo Lima formou-se em direito, nasceu em Portugal, a partir de 1911 dedicou-se ao ensino integral e ao anarquismo. Dirigiu a Escola Oficina No. 1, em Lisboa. Ainda no espírito da Reforma Capanema é baixado o Decreto-lei 6.141, de 28 de dezembro, regulamentando o ensino comercial.

- É criado em Recife, por Felipe Tiago Gomes, a Campanha do Ginásio Pobre - CGP, núcleo inicial da futura Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC.
- A Consolidação das Leis do Trabalho exige que sejam implantadas creches nas empresas para filhos de funcionários. É fundada a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Passa a vigorar a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. Mussolini é deposto na Itália.

1944 – Falecimento de Max Netlau (1865-1944). Escreveu mais de vinte obras sobre anarquismo e os anarquistas e centenas de artigos em jornais e revistas. Começa a ser publicada a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, órgão de divulgação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP.

1945 – Falecimento de Maria Lacera de Moura (1887 – 1945) professora, jornalista, escritora, conferencista e anarquista. Autora de mais de uma dezena de livros de combate e de doutrina libertária. Foi uma importante feminista brasileira, seu primeiro livro data de 1918. O biólogo suíço Jean Piaget visita o Brasil a convite da UNESCO. O Partido Comunista Brasileiro - PCB é legalizado. O Presidente Getúlio Vargas é deposto por um movimento militar, vindo a assumir a Presidência da República em caráter interino, o ministro do Supremo Tribunal José Linhares. O marechal Eurico Gaspar Dutra

<p>é eleito o novo Presidente da República, pelo Partido Social Democrático - PSD, concorrendo contra o brigadeiro Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional -UDN e contra Iedo Fiúza do Partido Comunista Brasileiro -PCB.</p>
<p>1947 – Falecimento de Florentino de Carvalho. Florentino de Carvalho espanhol (1879 1947) nasceu em Camponeses província de Oviedo na Espanha, era professor e anarquista. Seu verdadeiro nome era Raimundo Primitivo Soares. Estudou em colégio de Padres e foi cabo da Polícia Militar em São Paulo. Ingressou no movimento anarquista através da leitura de “A Conquista do Pão” de Kropotkin. Foi professor nas escolas modernas de São Paulo, defendeu a educação racionalista.</p>
<p>1948 - Congresso anarquista do Brasil, São Paulo, Nossa Chácara 17 a 19 de 1948.</p>
<p>1953 - Encontro anarquista da Urca 9 a 11 fev ereiro de 1953. Falecimento de Gigi Damiani (1876-1953). Italiano, veio para o Brasil com Giovani Rossi, fundador d Colônia Cecília no Paraná, em 1890.</p>
<p>1957 – Falecimento de José Oiticica (1882 – 1957), advogado, médico, professor, escritor, jornalista, filósofo, musicista, anarquista desde 1912. Foi perseguido e preso diversas vezes. Era conferencista, escreveu obras sobre anarquismo, divulgadas através da imprensa operária e libertária.</p>
<p>1959 - Congresso anarquista do Brasil Nossa Chácara, São Paulo, 26 a 29 março de 1959.</p>
<p>1962 - Encontro anarquista na Nossa Chácara, São Paulo, 20 a 22 abril 1962.</p>
<p>1963 - Décimo encontro, Nossa Chácara, 15 a 17 novembro de 1963.</p>
<p>1964 - Maio de 1964 – Nossa Chácara, tomada de posição sobre os rumos da ditadura. 1964 a 1984 Ditadura Militar no Brasil.</p>
<p>1965 – Falecimento de João Penteado e outros companheiros anarquistas como João Perdigão Gutierrez.</p>

1968 – Falecimento de Edgard Leuenroth (1881-1968). Tipógrafo, jornalista, arquivista, editor e redator de jornais libertários e anticlericais, publicou “Anarquismo- Roteiro de Libertação Social”. Era amigo e companheiro de João Penteado no movimento libertário em São Paulo. Falecimento de Herbert Read (1893-1968), poeta e professor, crítico de literatura e arte, filósofo, político, educador e anarquista.

1969 – Falecimento de Pedro Catallo (1901-1969) operário, autodidata, amigo de João Penteado o qual o chamava de Pedrinho Catallo. Torna-se anarquista em 1921, após assistir um discurso de Ricardo Cipolla e Antonio Dominguez na União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas. Ambos foram assassinados pouco tempo depois.

1970 – Falecimento de João Perdigão Gutierrez (1895-1970), companheiro de militantes anarquistas como João Penteado, Edgard Leuenroth, Adelino de Pinho, Rodolfo Felipe entre outros.

REFERÊNCIAS

Livros:

ACCIOLY, Doris & MARRACH, Sonia Alem. (Organizadoras). *Maurício Tragtenberg. Uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo. Editora UNESP, 2001.

ANGELIDES, Sophia. *Carta e Literatura. Correspondência entre Tchêkhov e Górkí*. Edusp. São Paulo, 2001.

ANTUNES, Ricardo. *Classe Operária, sindicatos e partido no Brasil – da revolução de 30 até Aliança Nacional Libertadora*. São Paulo: Cortez e Ensaio, 1988.

AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista – Uma Questão de Identidade (1927-1937)*. Coleção Teses e Monografias. Vol. 3. Imprensa Oficial do Estado. SP. 2002.

AVELINO, Nildo. *Ética e Antologia das Existências*. Achiamé. Rio de Janeiro, 2004.

BANDEIRA, Moniz Et alia. *O Ano Vermelho. (a revolução russa e seus reflexos no Brasil)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich.

- *A Instrução Integral*. São Paulo: Imaginário, 2003.

- *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.

BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires, Contrapunto, 1990.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República. De 1889 a 1930*. Alfa-Ômega, São Paulo, 1997.

BLANQUEL, Eduardo. *Ricardo Flores Magón y La Revolución Mexicana, y otros ensayos históricos*. El Colégio Del México. s/d.

BEIGUELMAN, Paula. *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo: Global, 1977.

BERTONHA, João Fábio. *Sob a Sombra de Mussolini. Os Italianos de São Paulo e a Luta Contra o Fascismo, 1919 – 1945*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

BETTIOL, Leopoldo. *Ferrer como Educador*. Rio Grande do Sul: Biblioteca Sociedade Pró-Ensino Racionalista, 1912.

BOOKCHIN, Murray. [et. Al]. *O Bairro, a comuna, a cidade... Espaços libertários!* Editora Imaginário. São Paulo, 2003.

BURKE, Peter. *O Testemunho das Imagens, Iconografia e Iconologia e Poder e Protesto*. In BURKE, PETER. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. BAURU, SP. EDUSC, 2004, PP. 11-24, PP 43-56 e PP. 73-98.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil - A Experiência da Escola Moderna em São Paulo*, FEUSP: 2004.

CALSAVARA, Tatiana da Silva e KENEZ, Kátia Cristina. *O Anarquista como Inimigo Social*. In: Nilo Odália; João Ricardo de Castro Caldeira. (Org.). *História do Estado de São Paulo: A Formação da Unidade Paulista*. 1 ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado/Arquivo Público do Estado, 2010, v. 2, p. 135-152.

CANDEIAS, Antonio. *Educar de Outra Forma. A Escola Oficina No. 1 de Lisboa. 1905-1930*. 2 Volumes. Porto, 1992. Tese de Doutorado.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- *Teresina e seus amigos*. Editora Paz e Terra, 1996.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. FAPESP. Ateliê Editorial. São Paulo, 2002.
- & KOSSOI, Boris. (Orgs.) *A Imprensa Confiscada Pelo DEOPS. 1924-1954*. Imprensa Oficial. São Paulo, 2003.

CARONE, Edgar. *O PCB. 1922 a 1943*. DIFEL. Vol. 1. São Paulo, 1982.
- *Classes Sociais e Movimento Operário*. Editora Ática. São Paulo, 1989.

CATALO, Pedro. *Subsídios para a história do movimento social no Brasil*. In: Revista Verve, de abril de 2007. No. 11. São Paulo – Nu-Sol.

CARVALHO, Florentino de. - *Da escravidão à Liberdade: A derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. Porto Alegre: Renascença, 1927.
- *Guerra Civil de 1932 em São Paulo*. 1932.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A Escola e a República*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1989.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário (O movimento operário nos anos de 1917 a 1921)*. Campinas. Pontes/Unicamp. 1988.

COELHO, Plínio Augusto. (Org.) *História do Anarquismo*. Editora Imaginário. São Paulo, 2008.

CODELLO, Francesco. *A Boa Educação. Experiências Libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*. Volume 1. A Teoria. Editora Imaginário, São Paulo, 2007.

DIAS, Carlos. *Contra a Perpetuidade do Erro e da Mentira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Educação Nova, 1922.

DIAS, Everardo. *A Ação da Mulher na Revolução Social*. São Paulo: [s.n], 1922.

DECCA, Edgar Salvadori de. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DEL ROIO, José Luiz. *1º de Maio: cem anos de luta, 1886-1986*. São Paulo: Global, 1986.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920)*. São Paulo, DIFEL: 1986.

FAURE, Sebastien. *La Ruche*. Niterói: Antonio Canelas, 1919.

FERRER GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna. Póstuma Explicación y alcance de la enseñanza racionalista*. Tusquets Editor. Barcelona, 1978.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa operária no Brasil. 1881-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FORTUNATO, Marinice da Silva. *Uma experiência educacional de auto-gestão: A Escola Moderna No. 1 na sua Gênese*. São Paulo, PUC, 1992. Dissertação de Mestrado.

FOUCAULT, Michel.

_____. *A Arqueologia do Saber*. Forense universitária. 5ª. ed. 1997.

_____. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Coleção Dita & Escritos (org.). Manoel Barros da Motta, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *História da Sexualidade vol. 1: Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Microfísica do Poder*. Ed. 15. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Editora Contexto. São Paulo, 1998.

GALLO, Silvio. *Pedagogia do Risco: Experiências Anarquistas em Educação*. Papirus Editora. Campinas, São Paulo, 1995.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. Edusp, São Paulo, 1997.

GATTAI, Zélia.

- *Anarquistas Graças a Deus*. Nova Fronteira. s/d. 10ª edição.

- *Um Chapéu para Viagem*. Record, Rio de Janeiro, 1982.

GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A Capital Paulista nos Cartões Postais e Álbuns de Lembranças*. Solaris Edições Culturais, São Paulo, 2000.

GRAVE, Jean. *A Sociedade Futura*. Coimbra: Biblioteca 1º de Maio, 1891.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação e Movimento Operário*. Cortez Ed. 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. FGV, Rio de Janeiro, 2004.

HEAFORD, Willian. *A Escola Moderna de Barcelona*. Lisboa: Guimarães Editores, 1910.

HARDMAN, Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão*. Terceira Edição, Revista e Ampliada. Editora UNESP. São Paulo, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- *Mundos do Trabalho. Novos Estudos Sobre História Operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

J. M. Raynaud et Guy Ambauves. *L' Education Libertaire*. Spartacus/ Rene Lefeuve Paris s/d

KOSELLECK, Reinhart, *História dos conceitos e história social*. In R. Koselleck *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto/ ED. PUC-RIO, 2006, PP. 97-118.

KROPOTKINE, Pedro. *A Conquista do Pão*. Prefácio de Elisée Reclus. Guimarães & C. Editores, Lisboa, 1975.

LE GOFF, J. 1994. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas, SP: UNICAMP.
Nunes, Clarice. 1996. *Anais do Seminário "Pedagogia da imagem, imagem na Pedagogia"*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Departamento de Fundamento Pedagógico.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – Roteiro de libertação social*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963.

LIMA, Adolfo. *O Ensino de História*. Lisboa, 1914.

- *Educação Social*, in Educação. No. 14. Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.

- *Educação e Ensino – Educação Integral*. Lisboa. Guimarães e Cia. Editores. 1914.

LIPIANSKY, Edmond Marc. *A Pedagogia Libertária*. Editora Imaginário. São Paulo, 2007.

LITVAK, Lili. *Musa Libertária: arte, literatura y vida cultural Del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

LOPES, Telê Ancona. *A biblioteca de Mario de Andrade: seara e celeiro da criação*. In Zular, Roberto. Org. *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras/FAPESP, 2002. P. 45-72.

LUIZETTO, Flávio.

_____. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *O Movimento Anarquista em São Paulo: A Experiência da Escola Moderna No. 1 (1912-1919)*. In. Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Ago/1986.

_____. *Cultura e Educação Libertária no Brasil no Início do Século XX*. In. Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Set/1982.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 1990.

MATTE, Cecília Hanna. *Tempos Modernos na Escola. Os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. EDUSC/COMPED/INEP. 2002.

MONTEIRO, A. Reis. *História da Educação. Uma Perspectiva*. Porto Editora. Porto, 2005.

MORAES, Marcos Antonio de. *Correspondência – Mario de Andrade & Manuel Bandeira*. Edusp, IEB, São Paulo, 2001.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *A Socialização da Força de Trabalho: Instrução Popular e Qualificação Profissional no Estado de São Paulo – 1873 a 1934*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1990.

_____. *O Ideário Republicano e a Educação: Uma Contribuição à História das Instituições*. 1.ed. Campinas: Mercado das Letras. V. 1. 246p.

MORIYÓN, F. G. (Org.) *Educação Libertária*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.

MOTTA, Benjamin. *Razão contra a Fé*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1933.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, 1982.

- *Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo*. In: Mary Del Priore. (Org.). *História da Criança no Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 1991, v. , p. 112-128.

MOURA, Maria Lacerda de.

_____. *Em torno da Educação*. São Paulo: Teixeira, 1918.

_____. *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*. São Paulo: Editorial, Paulista, 1934.

MUELLER, Helena Isabel. *Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista: Colônia Cecília*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, 239 pp.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2001.

NOA, Francisco José Cuevas. *Anarquismo y Educación – La propuesta sociopolítica de la pedagogia libertaria*. Cuadernos Libertários 11. Fundación Anselmo Lorenzo. Madrid, 2003

NOVOA, Antonio (Org.). *Sobre a educação nova: cartas de Adolfo Lima á Álvaro Viana de Lemos (1923 - 1941) / Antonio Nóvoa, Antonio Candeias, Manuel Henrique Figueiras*. Lisboa. s/d.

ODÁLIA, Nilo e CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (Orgs). *História do Estado de São Paulo/ A Formação da Unidade Paulista*. Vol. 2 República. Editora Unesp e Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 2010.

OITICICA, José. *Ação Direta*. Germinal. Rio de Janeiro, 1970

_____. *A doutrina anarquista ao alcance de todos. Econômica editorial*. São Paulo, 1983.

PARRA, Lucia Silva. *Combates pela Liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)*. São Paulo, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

PASSETI, Edson & AUGUSTO, Acácio. *Anarquismo e Educação*. Coleção Temas e Educação. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2008.

PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910*. (Retrato de uma época). Carrenho Editorial, São Paulo, 2003.

PENTEADO, João. *Digressão Histórica através da vida e Jaú e de seus pré-homens pelo I Centenário de sua Fundação*. São Paulo, 1953.

- *A Doutrina Libertária e seus Adversários*. Texto de João Penteado, datilografado, localizado na UEIM, UFSCar.

PERES, Fernando. *Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites*. São Paulo, 1890-1940. São Paulo. 2010. Tese de Doutorado/FEUSP.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e Trabalho no Brasil (dos anos vinte a 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

PINHO, Adelino de. *Quem não trabalha não come*. São Paulo: Centro Editor Juventude do Futuro, 1920.

PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo. Vol.3. A cidade na primeira metade do Século XX*. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

PRADO, Antonio Arnoni. (Org.) *Libertários no Brasil. Memórias, Lutas, Cultura*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

RABELLO, Belkiss. *As Cartilhas e os Livros de Leitura de Lev. N. Tolstoi*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, São Paulo, 2009.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930*. 3^a edição, Paz e Terra, 1997.

RECLUS, Elisée. *A Evolução, a Revolução e o ideal anarquista*. Editora Imaginário, São Paulo, 2002.

RODRIGUES, Edgard

- *Os Libertários – Idéias e Experiências Anarquistas*. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

- *ABC do Anarquismo*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1976.

- *Nacionalismo e Cultura Social. 1913-1922*. Laemmert – Rio de Janeiro.

- *Novos Rumos. História do Movimento Operário e das lutas sociais no Brasil – 1922/1946*. Mundo Livre.

- *Alvorada Operária*. Ed. Mundo Livre. 1979.

- *Pequeno dicionário de idéias libertárias*. CC&P Editores Ltda. Rio de Janeiro, 1999.

- *Os Companheiros – 3*. Editora Insular, Florianópolis, 1997.

- *O Anarquismo – Na Escola, no Teatro, na Poesia*. Ed. Achimé. Rio de Janeiro, 1992.

- *Lembranças Incompletas*. Editora Opúsculo Libertário. Rio de Janeiro: 2007.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori. Uma Aventura Anarquista*. FAPESP. Annablume, São Paulo. 2002.

SAFÓN, Ramón. *O Racionalismo combatente – Francisco Ferrer y Guardia*. São Paulo, Editora Imaginário, 2003.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Ed Imaginário. Achiamé. SP 2002.

SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O Apóstolo da Revolução Mexicana*. Achiamé. Rio de Janeiro. s/d.

SANTOS, Luciana Elisa dos. L. S. *A trajetória Anarquista do educador João Penteado: leituras sobre educação, cultura e sociedade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação – USP, São Paulo, 2009.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá [et al.]. *Educação Libertária. Textos de um Seminário*. Rio de Janeiro. Achimé: Rio de Janeiro/Florianópolis: Movimento-Centro de Cultura e Autoformação, 1996.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista em São Paulo. 1930-1945*. Mestrado em História. UNICAMP, Campinas, 2005.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. EDUSP, São Paulo. s/d.

SOLA, Pere. *Làs Escuelas Racionalistas en Cataluña*. Tusquets Editor. Barcelona, 1978.

STIRNER, Max. *O Falso Princípio da Nossa Educação*. Editora Imaginário. São Paulo, 2001.

STEINER, George. Ceux qui brûlent lês livres. In Ceux qui brûlent lês livres. Trad. De Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: L'Herne, 2008. P. 7-21

THONAR, Jorge. *O que querem os anarquistas*, 2ª edição. Primeira Publicação do grupo Anarquista Jerminal. Brasil. Rio de Janeiro, 1918.

THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de classe*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979.

- A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. 3. Vols.

TOLSTOI, Liev. *Contos da Nova Cartilha*. Primeiro Livro de Leitura. Ateliê Editorial, São Paulo, 2005.

- *La escuela de Yasnaia Poliana*. s/d. (localizado na biblioteca do Professor Penteado)

TOMASSI, Tina. *Breviário ndel pensamiento educativo libertário*. Ediciones Madre tierra Colombia, 1988.

TRATENBERG, Maurício

- *Kropotkin. Textos escolhidos*. (Org.) Porto Alegre. Editora L&PM., São Paulo, 1987.

- *A importância da Literatura para o homem de cultura universitária, qualquer que seja sua especialização*. In Revista de História. No. 44 out-dez 1960. Publicação trimestral ano XI. FFCL USP.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Modernismo e Música brasileira*. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2000.

VARGAS, M. Teresa & LIMA, M. Alves. *Teatro Operário em São Paulo*. São Paulo, IDART, 1977.

VASCO, Neno. *Concepção Anarquista de Sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

VIANA, Luiz Werneck. *Liberalismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes &. (Orgs.) *Educação Não-Formal: Cenários da Criação*. Campinas, SP. Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

VARES, Luiz Pilla. *O Anarquismo: promessas de liberdade*. Porto Alegre, Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.

VENTURA, Tereza. *Nem Barbárie, Nem Civilização!* São Paulo, Annablume, 2006.

WEILL, Simone. *A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WOODCOCK, George.

- *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Ed. LPM, São Paulo, 1986.

- *Anarquismo – Uma História das Idéias e Movimentos Libertários*. LPM. s/d.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado [et al.]. *História da Educação – A Escola no Brasil*. São Paulo, FTD, Coleção Aprender/Ensinar. 1994.

Periódicos:¹⁶⁸

- Boletim da Escola Moderna. São Paulo. (1918-1919)
- A Lanterna. São Paulo. (1911 a 1916 e 1933 a 1935)
- A Plebe. São Paulo. (1917 a 1949 e 1932 a 1935)
- O Início (várias fases da escola)
- O Trabalhador Graphico (1920 a 1960)
- Boletín de La Liga de Educación Racionalista – Argentina. 1915.
- O Internacional – 1922 a 1925.
- O Dealbar. 1965 a 1966.

Siglas:

JP – João Penteado

CME – Centro de Memória da Educação (FEUSP) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

¹⁶⁸ Foram também utilizados recortes do acervo de João Penteado.

UEIM – Unidade Especial de Informação e Memória. (Da Universidade Federal de São Carlos)

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)

CEDEM – UNESP – Centro de Documentação e Memória. (Onde está localizado o Arquivo de Astrojildo Pereira)

CCS – Centro de Cultura Social

Acervos Consultados:

- 1) Arquivo João Penteado – Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- 2) Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP.
- 3) Unidade Especial de Informação e Memória – UFSCar.
- 4) Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.
- 5) Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP.
- 6) Biblioteca da Faculdade de Educação – UNICAMP (Biblioteca de Maurício Tragtenberg).
- 7) Biblioteca da Faculdade de Educação – USP
- 8) Torre do Tombo – Universidade de Lisboa.
- 9) Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

Sites:

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb08.htm#crono>

<http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/Cronologia%20do%20Anarquismo.htm>

<http://www.laic.org/cas/index.php>

<http://cartoliste.ficcdl.info/spip.php?mot42&lang=fr>

<http://militants-anarchistes.info/spip.php?article1624&lang=fr>

<http://cpdoc.fgv.br/>

http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/

<http://www.ueim.ufscar.br/>

<http://www.cedem.unesp.br/>

file:///C:/Users/Tatiana/Downloads/19_TD_01_P.pdf

http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53624?mode=full&submit_simple=Mostrar+registro+em+formato+completo

<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/08cuberoentrevista.htm>